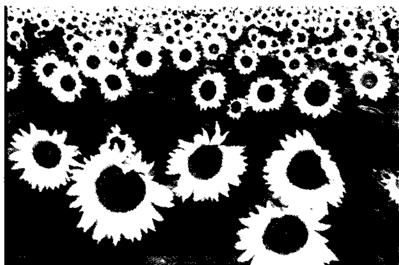
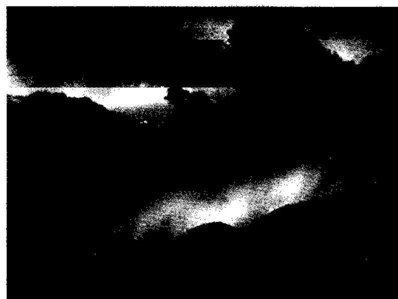
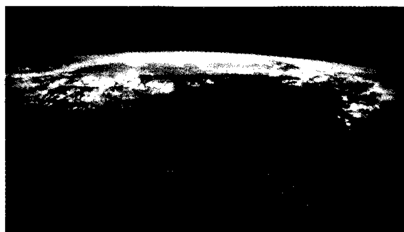
John MacArthur



A luta pela verdade sobre
o princípio do Universo









CRIAÇÃO OU EVOLUÇÃO

Criação ou evolução © 2004 Editora Cultura Cristã. Originalmente publicado em inglês com o título *The Battle for the Beginning,* Copyright © 2001 by John MacArthur, Jr. pela W Publishing, uma divisão da Thomas Nelson, Inc., 501 Nelson Place, P.O.Box 141000, Nashville, TN, 37214-1000, USA. Todos os direitos são reservados.

1ª edição em português — 2004
3.000 exemplares

Tradução
Lucia Kerr Joia

Revisão e coordenação de produção
Madalena Torres

Editoração e capa
Lela Design

Publicação autorizada pelo Conselho Editorial:
Cláudio Marra (*Presidente*), Alex Barbosa Vieira, André Luís Ramos, Mauro Fernando Meister, Otávio Henrique de Souza, Ricardo Agreste, Sebastião Bueno Olinto, Valdeci da Silva Santos

MacArthur Jr., John
N116c Criação ou Evolução: a luta pela verdade sobre o princípio do universo / John MacArthur Jr.; tradução Lucia Kerr Joia — São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
208 p.; 16 x 23 cm.

ISBN 85-7622-025-3

1. Criacionismo 2. Apologética 3.Vida cristã I.Joia, Lúcia Kerr
II. Título CDD - 21. ed. - 231.7652



EDITORA CULTURA CRISTÃ
Rua Miguel Teles Júnior, 394 – Cambuci
01540-040 – São Paulo – SP – Brasil
C.Postal 15.136 – São Paulo – SP – 01599-970
Fone (0**11) 3207-7099 – Fax (0**11) 3209-1255
www.cep.org.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Para Bill Zimmer, fiel presbítero da Grace Community Church e amigo leal, cuja contínua devoção ao livro de Gênesis e cuja defesa de sua interpretação literal têm sido um grande exemplo para mim.

SUMÁRIO

Agradecimentos

Durante mais de três décadas de ministério na Grace Community Church, tive o privilégio de apresentar sermões expositivos quase todos os domingos. Pregava sistematicamente sobre um livro da Bíblia nos domingos, pela manhã, e sobre um outro livro diferente, nos domingos, à noite. Isto resultou em milhares de mensagens sobre as quais tenho as extensas notas originais, assim como as fitas gravadas. É a partir deste conjunto de material que todos os meus livros são elaborados. O número de livros que já escrevi nunca poderia ser produzido sem essa longa e cuidadosa preparação e esse ministério de pregação.

. Seria impossível para mim publicar tantos livros, se não fosse a bondade de Deus em me proporcionar alguns editores excepcionais que trabalham neste material – principalmente Phil Johnson, que por anos tem empregado seu notável talento estilístico nos livros mais importantes, como este. Este livro, como muitos outros, é o produto da amizade e parceria que existe entre nós.

Outros que também ajudaram nos diversos estágios do processo editorial foram Mary Hollingsworth e Rhonda Hogan da W Publishing Group, e Gary Knussman da equipe da Grace To You. Gostaria também de fazer um agradecimento especial ao meu querido amigo e companheiro Pastor Lance Quinn, que ajudou na revisão das páginas finais.

Introdução

Graças à teoria da evolução, o naturalismo é atualmente a religião dominante da sociedade moderna. Há menos de um século e meio, Charles Darwin popularizou o credo desta religião secular com seu livro *A Origem das Espécies*. Embora a maioria das teorias de Darwin sobre os mecanismos de evolução tenha sido descartada há bastante tempo, a própria doutrina da evolução conseguiu atingir o *status* de um fundamental artigo de fé na mente moderna do povo. O Naturalismo agora substituiu o Cristianismo como a principal religião do mundo ocidental, e a evolução se tornou seu dogma principal.

Naturalismo é a visão de que cada lei e cada força operante no universo é natural, e não moral, nem espiritual, nem sobrenatural. O naturalismo é inerentemente antiteísta, rejeitando o próprio conceito de um Deus pessoal. Muitos pressupõem que o naturalismo, portanto, não tem nada a ver com religião. De fato, é comum a interpretação errônea que afirma que o naturalismo incorpora a própria essência da objetividade científica. Os próprios naturalistas gostam de descrever seu sistema como uma filosofia que se opõe a todas as visões de mundo baseadas na fé, pretendendo que seja algo cientificamente e intelectualmente superior, justamente devido a seu suposto caráter não-religioso.

Não é bem assim. *Religião* é exatamente a palavra exata para descrever o naturalismo. Toda sua filosofia está construída sobre uma premissa baseada na fé. Sua pressuposição básica – a rejeição de tudo que é sobrenatural – requer um enorme pulo de fé. E quase todas as teorias que a sustentam devem ser aceitas também pela fé.[1]

Consideremos o dogma da evolução, por exemplo. A noção de que os processos naturais de evolução podem ser responsáveis pela origem de todas as espécies vivas nunca foi nem nunca será estabelecida como um fato. Nem é "científico" sob qualquer sentido verdadeiro da palavra. A ciência lida com o que pode ser observado e reproduzido por experimentação. A origem da vida não pode

ser observada nem reproduzida por experimentação. Por definição, então, a verdadeira ciência não pode nos fornecer nenhuma informação, qualquer que seja, sobre de onde viemos e ou como chegamos até aqui. A crença na teoria da evolução é simplesmente uma questão de fé. E a crença dogmática em qualquer teoria naturalista não é mais "científica" do que qualquer outro tipo de fé religiosa.

O naturalismo moderno é geralmente divulgado com um zelo missionário que possui fortes insinuações religiosas. O conhecido símbolo do peixe, que muitos cristãos colocam em seus carros, agora tem um equivalente naturalista: um peixe com pés com a palavra *Darwin* inscrita dentro. A *Internet* se tornou o campo missionário mais movimentado do naturalismo, no qual evangelistas da causa tentam agressivamente libertar das trevas almas que ainda estão apegadas a seus pressupostos teístas. A julgar pelo conteúdo de parte do material que tenho lido com o intento de persuadir os adeptos do naturalismo, os naturalistas geralmente se dedicam à sua fé com uma paixão devota que rivaliza ou excede facilmente o fanatismo de qualquer zelote religioso radical. O naturalismo é claramente uma religião como qualquer outra sob o ponto de vista teísta.

A questão é comprovada mais tarde quando se examinam as crenças destes naturalistas que alegam estar menos amarrados a crenças religiosas. Vejamos, por exemplo, o caso de Carl Sagan, provavelmente a celebridade científica mais conhecida das últimas décadas. Renomado astrônomo e figura constante na mídia, Sagan foi publicamente antagônico ao teísmo bíblico. Mas ele se tornou no principal televangelista da religião do naturalismo. Ele pregava uma visão de mundo que era baseada inteiramente em premissas naturalistas. Fundamentando tudo que ensinava estava a firme convicção de que tudo no universo tinha uma causa natural e uma explicação natural. Esta crença – uma questão de fé, não uma observação verdadeiramente científica – dirigiu e moldou cada uma de suas teorias sobre o universo.

Sagan examinou a vastidão e a complexidade do universo e concluiu – como estava destinado a fazer, devido a seu ponto de partida – que não há nada maior do que o próprio universo. Então, ele se apropriou de atributos divinos como infinitude, eternidade e onipotência, e emprestou-as ao próprio universo.

"O cosmo é tudo o que existe, sempre existiu e sempre existirá" é a máxima clássica de Sagan, sempre repetida em cada episódio de seu popular seriado de televisão, Cosmos. A própria declaração é nitidamente um princípio de fé, e não uma conclusão científica. (Nem o próprio Sagan, nem todos os cientistas do mundo juntos poderiam analisar "tudo o que existe, sempre existiu e sempre existirá" através de um método científico.) O *slogan* de Sagan é perfeitamente ilustrativo de como o moderno naturalismo confunde dogma religioso com ciência verdadeira.

A religião de Sagan, na verdade, era um tipo de panteísmo naturalista, e seu lema resume isto perfeitamente. Ele deificou o universo e tudo nele existente – insistindo que o próprio cosmo é o que foi, e o que será (cf. Ap 4.8). Depois de analisar suficientemente o cosmo para ver a evidência do infinito poder e majestade do Criador, ele imputou esta onipotência e glória à própria criação – precisamente o erro que o apóstolo Paulo descreve em Romanos 1.20-22.

> ... os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são por isso indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos.

Exatamente como os idólatras descritos por Paulo, Sagan colocou a criação no lugar devido ao Criador.

Carl Sagan olhou para o universo, viu sua grandeza e concluiu que nada poderia ser maior. Seus pressupostos religiosos forçaram-no a negar que o universo era o resultado de um projeto inteligente. Na verdade, como naturalista devoto, ele tinha que negar totalmente que ele fora criado. Logo, ele viu o universo como eterno e infinito, de modo que naturalmente tenha tomado o lugar de Deus em seu pensamento.

O caráter religioso da filosofia que moldou a visão de mundo de Sagan é evidente na maior parte do que ele escreveu e disse. Seu romance *Contato* (que posteriormente se transformou em filme, em 1997) está repleto de metáforas e imagens religiosas. É sobre a descoberta de vida extraterrestre, o que aconteceu em dezembro de 1999, na aurora de um novo milênio, quando o mundo está cheio de expectativas messiânicas e temores apocalípticos. Na imaginação de Sagan, a descoberta de vida inteligente em algum lugar do universo se torna a "revelação" que dá fundamento para a fusão da ciência com a religião numa visão de mundo que espelha perfeitamente o próprio sistema de crença de Sagan – com o cosmo como Deus e os cientistas como seu novo sacerdócio.

A religião de Sagan incluía a crença de que a raça humana não é nada especial. Devido à incompreensível vastidão do universo e à impessoalidade de tudo isto, como seria possível que a humanidade fosse importante? Sagan concluiu que nossa raça não é nem um pouco importante. Em dezembro de 1996, menos de três semanas antes da morte de Sagan, ele foi entrevistado por Ted

Koppel em *Nightline*. Sagan sabia que estava morrendo, e Koppel lhe perguntou: "Dr. Sagan, você teria algumas pérolas de sabedoria que gostaria de oferecer à raça humana?"

Ele respondeu:

> Nós vivemos num grande amontoado de rocha e metal que cerca uma estrela comum que é uma entre 400 bilhões de outras estrelas que formam a Via Láctea, que é uma entre bilhões de outras galáxias, que formam o universo, que pode ser um entre um grande número – talvez um número infinito – de outros universos. Esta é uma perspectiva da vida humana e de nossa cultura sobre a qual vale a pena meditar.[2]

Em um livro publicado próximo ao fim de sua vida, Sagan escreveu: "Nosso planeta é um pontinho solitário na grande escuridão cósmica que o envolve. Em nossa obscuridade, em toda esta vastidão, não há nenhuma pista de que a ajuda virá de algum lugar para nos salvar de nós próprios."[3]

Embora Sagan tenha tentado firmemente manter uma aparência de otimismo em relação a esta amarga conclusão, sua religião leva para onde todo naturalismo leva inevitavelmente: para um senso de total insignificância e desesperança. Segundo sua visão de mundo, a humanidade ocupa um ínfima posição – um pontinho azul pálido no vasto mar de galáxias. Até onde sabemos, não somos conhecidos pelo resto do universo, não devemos prestar contas a ninguém, somos insignificantes e irrelevantes diante de um cosmo tão amplo. É presunção falar de ajuda externa ou de redenção para a raça humana. Nenhuma ajuda está próxima a chegar. Seria bom se nós conseguíssemos, de alguma forma, resolver alguns de nossos problemas, mas, mesmo que consigamos ou não, seremos, no fim das contas, um pedaço esquecido da banalidade cósmica. Esta, disse Sagan, é a perspectiva na qual vale a pena meditar.

Tudo isto ressalta a aridez espiritual do naturalismo. A religião dos naturalistas elimina toda responsabilidade moral e ética e, no final das contas, rejeita qualquer esperança para a humanidade. Se o cosmo impessoal é tudo que existe, sempre existiu e sempre existirá, então a moralidade acaba sendo discutível. Se não há um Criador pessoal para o qual a humanidade deva prestar contas e se a sobrevivência do mais apto é a lei que governa o universo, todos os princípios morais que regulam normalmente a consciência humana se tornam sem fundamento – e possivelmente, até mesmo prejudiciais à sobrevivência de nossas espécies.

Realmente, a ascensão do naturalismo tem significado uma catástrofe moral para a sociedade. As ideologias mais nocivas dos séculos 19 e 20 foram

todas fundamentadas no darwinismo. Um dos primeiros defensores de Darwin, Thomas Huxley, proferiu uma conferência em 1893 na qual argumentou que a evolução e a ética são incompatíveis. Escreveu que "a prática do que é eticamente melhor – o que chamamos de bondade ou virtude – envolve um modo de conduta que, em todos os detalhes, se opõe ao que leva ao sucesso na luta cósmica pela existência."[4]

Os filósofos que incorporaram as idéias de Darwin foram rápidos em perceber a visão de Huxley, elaborando novas filosofias que armaram o palco para a amoralidade e o genocídio que caracterizaram bastante o século 20.

Karl Marx, por exemplo, seguiu Darwin, consciente de si mesmo, na elaboração de suas teorias econômicas e sociais. Ele dedicou um exemplar de seu livro *Das Kapital* [O capital] a Darwin, com os dizeres "de um devoto admirador". Ele se referiu ao livro de Darwin *A Origem das Espécies* como "um livro que contém o fundamento da história natural para nossa consideração."[5]

A filosofia de Herbert Spencer do "Darwinismo Social" [Filosofia Social] aplicou as doutrinas da evolução e da sobrevivência do mais apto às sociedades humanas. Spencer argumentou que se a própria natureza determinou que o mais apto sobrevivesse e o mais fraco perecesse, esta regra deveria reger também a sociedade. As distinções de classe e de raça simplesmente refletem o modo da natureza. Logo não há nenhuma razão moral transcendente para ser solidário com a luta das classes menos privilegiadas. No final das contas, faz parte do processo natural evolucionista, e a sociedade, na verdade, se aperfeiçoará se reconhecer a superioridade das classes dominantes e encorajar sua ascendência. O racismo de escritores como Ernst Haeckel (que acreditava que as raças africanas eram incapazes de ter uma cultura e um desenvolvimento mental superior) também se originou do darwinismo.

Toda a filosofia de Friedrich Nietzsche estava fundamentada na doutrina do evolucionismo. Nietzsche era amargamente hostil à religião, em especial, ao Cristianismo. A moralidade cristã representava a essência de tudo que Nietzsche odiava; ele acreditava que os ensinamentos cristãos exaltavam a fraqueza humana e eram prejudiciais ao desenvolvimento da raça humana. Ele debochou dos valores morais cristãos como a humildade, a misericórdia, a modéstia, a mansidão, a compaixão pelos mais fracos e a ajuda ao próximo. Ele acreditava que tais ideais tinham propagado a fraqueza na sociedade. Nietzsche considerava dois tipos de pessoas: a classe dos "senhores", uma minoria dominante, iluminada; e a dos "escravos", como ovelhas que seguem o rebanho e são facilmente conduzidas. E concluiu que a única esperança para os homens seria quando a classe dos senhores evoluísse para uma raça de "super-homens" (*Übermenschen*),

livre de costumes sociais e religiosos, que tomaria o poder e levaria a humanidade ao próximo estágio de sua evolução.

Não é surpreendente que a filosofia de Nietzsche tenha sido o fundamento do movimento nazista na Alemanha. O que é surpreendente é que no limiar do século 21, a reputação de Nietzsche tenha sido reabilitada por porta-vozes da filosofia, e seus escritos agora estejam novamente em moda no mundo acadêmico. Realmente, sua filosofia – ou algo parecido com isto – é aquilo para o qual o naturalismo deve inevitavelmente se voltar.

Todas estas filosofias são baseadas em noções que são diametralmente opostas à visão bíblica da natureza do homem, porque todas começam por adotar a visão darwinista da origem da humanidade. Estão fundamentadas nas teorias anticristãs sobre as origens do homem e do cosmo e, portanto, não é de se espantar que tenham se oposto aos princípios bíblicos em todos os níveis.

O simples fato da questão é que todos os frutos filosóficos do darwinismo têm sido negativos, ignóbeis e destrutivos para qualquer construção da sociedade. Nenhuma das principais revoluções do século 20 encabeçadas por filosofias pós-darwinistas jamais melhorou ou enobreceu qualquer sociedade. Ao invés disso, o principal legado político e social do pensamento darwinista é um grande espectro de tirania perversa com o comunismo inspirado por Marx de um lado e o fascismo inspirado por Nietzsche de outro. A catástrofe moral que tem desfigurado a moderna sociedade ocidental está diretamente vinculada ao darwinismo e à rejeição dos capítulos iniciais de Gênesis.

Neste momento da História, mesmo que grande parte da sociedade moderna esteja inteiramente envolvida com a visão de mundo evolucionista e naturalista, nossa sociedade ainda se beneficia da memória coletiva de uma visão de mundo bíblica. As pessoas, em geral, ainda acreditam que a vida humana é especial. Ainda carregam recordações de uma moralidade bíblica, como a noção de que o amor é a maior virtude (1Co 13.13), a ajuda ao próximo é melhor do que a luta pela dominação pessoal (Mt 20.25-27), e a humildade e submissão são superiores à arrogância e à rebelião (1Pe 5.5). Mas não importa em que nível a sociedade secular ainda preserva estas virtudes, isto acontece sem qualquer fundamento filosófico. Após rejeitar o Deus revelado nas Escrituras, o pensamento moderno, ao invés disso, adotou o materialismo naturalista puro, sem ter nenhum fundamento para se manter fiel a qualquer padrão ético, nenhuma razão para distinguir "virtude" de "vício", e nenhuma justificativa para considerar a vida humana mais valiosa do que qualquer outra forma de vida. A sociedade moderna já abandonou seu fundamento moral.

À medida que o homem entra no século 21, uma perspectiva ainda mais assustadora deixa-se entrever. Atualmente, até mesmo a Igreja parece estar

perdendo a vontade de defender o que as Escrituras ensinam sobre as origens do homem. Muitas de nossas igrejas estão intimidadas ou constrangidas demais em afirmar a verdade literal do relato bíblico da criação. Estão confusas por um coro de sonoras vozes autoritárias que insistem que é possível – e mesmo pragmaticamente necessário – conciliar as Escrituras com as últimas teorias dos naturalistas.

Naturalmente, os teólogos liberais há muito já adotaram a evolução teísta. Nunca relutaram em negar a verdade literal das Escrituras sob qualquer questão. A nova tendência também tem influenciado alguns evangélicos que defendem que é possível harmonizar Gênesis 1-3 com as teorias do naturalismo moderno sem violentar qualquer doutrina essencial do Cristianismo. Fazem declarações evangélicas de fé. Ensinam em instituições evangélicas. Insistem que acreditam que a Bíblia é infalível e inquestionável. Mas estão querendo reinterpretar Gênesis para acomodar a teoria evolucionista. Expressam perturbação e surpresa se alguém questionar a abordagem que fazem das Escrituras. E algumas vezes utilizam o mesmo tipo de ridicularização e intimidação que religiosos liberais e ateus céticos sempre tiveram em relação aos crentes. “Fala sério, você não pensa que o universo tem menos que um bilhão de anos, pensa?”

O resultado é que nas últimas duas décadas, um grande número de evangélicos têm demonstrado surpreendente presteza em fazer uma abordagem completamente não-evangélica ao interpretar os capítulos iniciais de Gênesis. Cada vez mais adotam o ponto de vista conhecido como “criacionismo da Terra-antiga”, que mistura alguns princípios do criacionismo bíblico com teorias naturalistas e evolucionistas, procurando conciliar as duas visões de mundo opostas. E a fim de conseguir isto, os criacionistas da Terra antiga terminaram por modificar ao invés de interpretar honestamente o relato bíblico da criação.

Muitos cientistas que professam o Cristianismo estão entre aqueles que seguiram o caminho do revisionismo – muitos deles sem ter conhecimento algum de interpretação bíblica. Mas eles estão apresentando uma reinterpretação básica de Gênesis 1-3 feita especificamente para acomodar as atuais tendências da teoria naturalista. Na concepção deles, os seis dias da criação em Gênesis 1 são longas eras, a ordem cronológica da criação é flexível e a maioria dos detalhes sobre a criação que aparecem nas Escrituras podem ser invalidados como figuras de estilo simbólicas ou poéticas.

Muitos que deveriam saber mais – pastores e líderes cristãos que defendem regularmente a fé contra falsos ensinamentos – têm sido tentados a desistir da luta em defesa dos capítulos de abertura de Gênesis. Um pastor evangélico recentemente me abordou depois que preguei. Ele estava confuso e apreensivo por causa de diversos livros que tinha lido – todos escritos por autores ditos

evangélicos – embora todos argumentassem que a Terra tinha bilhões de anos. Estes autores consideram a maioria das teorias evolucionistas como fatos científicos inquestionáveis. E, em alguns casos, eles se utilizam de credenciais científicas ou acadêmicas que intimidam o leitor a pensar que suas opiniões resultam de um conhecimento apurado superior, ao invés das hipóteses naturalistas que impuseram ao texto bíblico. Este pastor me perguntou se eu achava possível que os três primeiros capítulos de Gênesis pudessem realmente ser uma série de recursos literários – uma saga poética que desse um significado "espiritual" do que realmente ocorreu através de bilhões de anos de evolução.

Respondi sem justificar: "Não, não acredito". Estou convencido de que Gênesis 1–3 deve ser considerado como aparece – como a história da criação divinamente revelada. Nada a respeito do texto de Gênesis sugere que o relato bíblico da criação seja meramente simbólico, poético, alegórico ou mítico. O principal argumento da passagem simplesmente não pode se conciliar com a noção de que a criação aconteceu por meio de processos naturais evolucionistas durante longos períodos de tempo. E não acredito que o tratamento fiel do texto bíblico, com auxílio de qualquer princípio aceitável de hermenêutica, possa de alguma forma conciliar estes capítulos com a teoria da evolução ou quaisquer outras teorias alegadamente científicas sobre a origem do universo.

Além disso, similarmente ao caos filosófico e moral que decorre do naturalismo, todos os tipos de confusão teológica ocorrem quando rejeitamos ou comprometemos a verdade literal do relato bíblico da criação e da queda de Adão.

Imagino, naturalmente, que alguns criacionistas da Terra-antiga realmente aceitam a criação literal de Adão e afirmam que Adão era uma figura histórica. Mas esta decisão de aceitar a criação de Adão como literal envolve uma alteração hermenêutica arbitrária de Gênesis 1.26,27 e depois também de Gênesis 2.7. Se tudo acerca destes versículos é considerado alegoricamente ou simbolicamente, é injustificável considerá-los num sentido literal e histórico. Portanto, o método de interpretação dos criacionistas da Terra antiga para interpretar o texto de Gênesis, na verdade, aniquila a historicidade de Adão. Depois de decidir considerar o próprio relato da criação como mito ou alegoria, eles não têm fundamento para insistir (subitamente e arbitrariamente, ao que parece) que a criação de Adão é uma história literal. A crença num Adão histórico é simplesmente inconsistente com sua própria exegese do resto do texto.

Mas é uma incoerência vital se alguém afirmar uma tese da Terra-antiga e continuar sendo evangélico. Porque se Adão não era literalmente o ancestral de toda a raça humana, então a explicação da Bíblia sobre como o pecado entrou no mundo não faz sentido. E mais ainda, se não caímos com Adão, não podemos ser redimidos em Cristo, porque a posição de Cristo como a cabeça

da raça redimida é exatamente paralela à posição de Adão como a cabeça da raça decaída: "Porque assim como em Adão todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo" (1Co 15.22). "Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida. Porque, como pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores, assim também por meio da obediência de um só muitos se tornarão justos" (Rm 5.18,19). "Pois assim está escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente. O último Adão, porém, é espírito vivificante"(1Co 15.45; cf. 1Tm 2.13,14; Jd 14).

Assim, num sentido importante, tudo que as Escrituras dizem sobre nossa salvação por intermédio de Jesus Cristo depende da verdade literal ensinada em Gênesis 1–3 sobre a criação e queda de Adão. Não há passagem das Escrituras mais fundamental.

O que os criacionistas da Terra-antiga (incluindo, num nível mais amplo, mesmo os evangélicos) estão fazendo com Gênesis 1–3 é exatamente o que os religiosos liberais sempre fizeram com toda a Escritura – espiritualizar e reinterpretar o texto alegoricamente para fazê-lo significar o que quisessem que ele significasse. Este é um modo perigoso de manipular as Escrituras. E envolve um acordo arriscado e desnecessário com as pressuposições religiosas do naturalismo – sem falar da grave desonra para com Deus.

Os evangélicos que aceitam a interpretação da Terra-antiga de Gênesis adotaram uma hermenêutica que é hostil ao elevado princípio das Escrituras. Estão trazendo para os capítulos iniciais das Escrituras um método de interpretação bíblica que está inerentemente baseado em pressupostos antievangélicos. Aqueles que adotam esta abordagem já embarcaram num processo que invariavelmente destrói a fé. As igrejas e universidades que aceitam este ponto de vista não permanecerão evangélicas por muito tempo.

Uma idéia bastante aceita por muitos defensores da Terra-antiga é conhecida como a "hipótese do modelo". Esta é a crença de que os "dias" da criação não são nem mesmo eras distintas, mas estágios que se sobrepõem em um longo processo evolucionista. Segundo este modo de pensar, os seis dias descritos em Gênesis 1 não apresentam uma cronologia de qualquer tipo, pelo contrário, é um "modelo" metafórico por meio do qual o processo criativo é descrito para nossas mentes humanas finitas.

Este ponto de vista foi aparentemente apresentado primeiro pelos teólogos liberais alemães no século 19, mas tem sido adotado e divulgado nos últimos anos por alguns líderes evangélicos, mais precisamente pelo Dr. Meredith G. Kline do *Westminster Theological Seminary*.

A hipótese do modelo começa com a idéia de que os "dias" da criação em Gênesis 1 são expressões simbólicas que não tem nada a ver com tempo. Os defensores do modelo observam o paralelismo óbvio entre o primeiro e o quarto dia (a criação da luz e a colocação de luzeiros no firmamento), entre o segundo e o quinto dia (a separação entre o firmamento e as águas e a criação dos animais marinhos e das aves para habitar nos mares e nos céus), e entre o terceiro e o sexto dia (o surgimento da porção seca, a terra, e a criação dos animais terrestres), e sugerem que tal paralelismo é uma prova de que a estrutura do capítulo é meramente poética. Então, segundo esta teoria, a seqüência da criação pode ser essencialmente desconsiderada, como se uma forma literária nesta passagem anulasse seu sentido literal.

Naturalmente, os defensores deste ponto de vista aceitam a moderna teoria científica de que a formação da Terra exigiu alguns bilhões de anos. Alegam que o relato bíblico não é nada mais do que um modelo metafórico que deveria se sobrepor à nossa compreensão científica da criação. A linguagem e os detalhes de Gênesis 1 não são importantes, dizem eles; a única verdade que esta passagem pretende nos ensinar é que a mão da divina providencia guiou o processo de evolução. O relato da criação de Gênesis é então reduzido a um artifício literário – uma metáfora ampliada que não deve ser aceita literalmente.

Mas se o Senhor quis nos ensinar que a criação aconteceu em seis dias literalmente, como poderia ele ter declarado isto de uma forma tão clara como está em Gênesis? A duração dos dias é definida por períodos de dia e noite que são regidos, depois do quarto dia, pelo sol e pela lua. A própria semana define o modelo do trabalho e do descanso do homem. Os dias são marcados pela passagem da manhã e da noite. Como isto não significaria a progressão cronológica da obra criadora de Deus?

O problema com a hipótese do modelo é que ela emprega um método destrutivo de interpretação. Se o significado evidente de Gênesis 1 pode ser suprimido e a linguagem considerada como nada mais do que um artifício literário, por que não fazermos o mesmo com Gênesis 3? Na verdade, muitos teólogos liberais realmente insistem que a conversa da serpente no capítulo 3 representa uma fábula ou uma metáfora e portanto, rejeitam esta passagem como literal e o registro histórico de como o homem caiu em pecado. Afinal, onde termina e onde começa a História? Depois do dilúvio? Depois da Torre de Babel? E por que ali? Por que não considerar todos os milagres da Bíblia como artifícios literários? Por que a própria ressurreição não deveria ser considerada como uma mera alegoria? Nas palavras de E. J. Young, "Se a hipótese do modelo fosse aplicada às narrativas do nascimento virginal, da ressurreição ou de Romanos 5.12, ela poderia efetivamente servir para minimizar a importância do conteúdo destas passagens como agora faz com o conteúdo do primeiro capítulo de Gênesis."[6]

Young aponta a falácia da hipótese do modelo:

> A questão deve ser levantada: "Se uma visão não-cronológica dos dias for admitida, qual o objetivo de mencionar seis dias?" Porque, uma vez que rejeitamos a seqüência cronológica que Gênesis oferece, somos levados ao ponto onde podemos realmente dizer muito pouco sobre o conteúdo de Gênesis 1. É impossível aceitar que existem dois trios de dias, cada um paralelo ao outro. O quarto dia... fala de como Deus colocou luzeiros no firmamento. O firmamento, entretanto, tinha sido feito no segundo dia. Se o primeiro e o quarto dias são dois aspectos da mesma coisa, então o segundo dia também (o que fala do firmamento) deve preceder o primeiro e o quarto. Se permitirmos este procedimento, sem dar atenção à gramática em seu conjunto, por que não deveríamos ser coerentes e uniformizar todos os outros quatro dias com o primeiro versículo de Gênesis? Não há restrição contra este procedimento, uma vez que deixamos de lado a linguagem clara do texto. Com toda seriedade devemos perguntar: Podemos acreditar que o primeiro capítulo de Gênesis pretende ensinar que este segundo dia precedeu o primeiro e quarto dias? Fazer esta pergunta é respondê-la.[7]

O fato simples, ou melhor, o fato óbvio é que ninguém jamais pensaria que o período de tempo da criação fosse outra coisa senão uma semana normal de sete dias, a partir da leitura da Bíblia e de sua própria interpretação. O quarto mandamento não tem sentido algum isolado da compreensão de que os dias da obra criadora de Deus funcionam paralelamente à semana normal de trabalho do homem.

A hipótese do modelo é o resultado direto de se transformar a moderna teoria científica na diretriz hermenêutica com a qual se interpreta as Escrituras. O pressuposto básico que está por trás da hipótese do modelo é a noção de que a ciência fala com mais autoridade sobre as origens e a idade da Terra do que o faz a Bíblia. Aqueles que aceitam este ponto de vista, na verdade, colocaram a ciência com autoridade acima das Escrituras. Estão permitindo que hipóteses científicas – meras opiniões do homem que não tem qualquer autoridade divina – sejam a regra hermenêutica através da qual as Escrituras são interpretadas.

Na há garantia para isso. A opinião de cientistas modernos não é uma hermenêutica válida para interpretar Gênesis (ou qualquer outra porção das Escrituras). A Escritura é inspirada por Deus (2Tm 3.16) – verdade inspirada por Deus. "Nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito

Santo" (2Pe 1.21). Jesus resumiu esta questão de forma perfeita quando disse: "a tua palavra é a verdade" (Jo 17.17). A Bíblia é a suprema verdade e, portanto, é o padrão pelo qual a teoria científica deveria ser avaliada, e não vice-versa.

E a Bíblia sempre fala com absoluta autoridade. É tão inquestionável quando nos instrui quanto quando nos ordena. É tão verdadeira quando conta o futuro como quando recorda o passado. Embora não seja um livro de estudo sobre ciências, sempre que se depara diante de dados científicos, fala com a mesma autoridade com que apresenta preceitos morais. Embora muitos tenham tentado colocar a ciência contra as Escrituras, a ciência nunca conseguiu invalidar um só *jota* ou *til* da Bíblia, e nunca conseguirá.

Portanto, é um grave erro imaginar que os cientistas modernos podem falar com mais autoridade do que as Escrituras a respeito das origens. A Bíblia é o relato do próprio testemunho de Deus sobre o que aconteceu no começo. Quando se trata da origem do universo, tudo que a ciência pode oferecer é conjectura. A ciência não tem provado nada que negue o registro de Gênesis. Na verdade, o registro de Gênesis responde os mistérios da ciência.

Um padrão claro para interpretar Gênesis nos é dado no Novo Testamento. Se a linguagem do início do livro de Gênesis devesse ser interpretada de modo figurado, deveríamos esperar que Gênesis fosse assim interpretado no Novo Testamento. Afinal de contas, o Novo Testamento é a própria Escritura inspirada, por isso é o comentário do próprio Criador sobre o registro de Gênesis.

O que encontramos no Novo Testamento? Em toda referência do Novo Testamento ao Gênesis, os eventos registrados por Moisés são considerados como eventos históricos. Especialmente, os primeiros três capítulos de Gênesis são considerados coerentemente como um registro literal de eventos históricos. O Novo Testamento afirma, por exemplo, a criação de Adão à imagem e semelhança de Deus (Tg 3.9).

Paulo escreveu a Timóteo: "... primeiro, foi formado Adão, depois, Eva. E Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão" (1Tm 2.13,14). Em 1 Coríntios 11.8,9, ele escreve: "... o homem não foi feito da mulher, e sim a mulher, do homem. Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, e sim a mulher, por causa do homem".

A apresentação de Paulo da doutrina do pecado original em Romanos 5.12-20 depende do Adão histórico e da interpretação literal do relato em Gênesis sobre como ele caiu. Além disso, tudo que Paulo tem a dizer sobre a doutrina de justificação pela fé depende disso. "Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo" (1Co 15.22). Evidentemente, Paulo considerava a criação e a queda de Adão como História, não alegoria. O próprio Jesus se referiu à criação de Adão e Eva como um

evento histórico (Mc 10.6). Questionar a historicidade destes eventos é destruir a própria essência da doutrina cristã.

Além disso, se a própria Escritura trata a criação e queda de Adão como eventos históricos, não há motivo para considerar o resto do relato da criação como artifício literário ou alegórico. Em nenhum lugar em toda a Bíblia nenhum desses eventos é considerado como meramente simbólico.

Na verdade, quando o Novo Testamento se refere à criação (Mc 13.19; Jo 1.3; At 4.24; 14.15; 2Co 4.6; Cl 1.16; Hb 1.2, 10; Ap 4.11; 10.6; 14.7), sempre se refere ao passado, um evento realizado – uma obra imediata de Deus, não um processo de evolução ainda em andamento. A prometida Nova Criação, um tema usual no Antigo e Novo Testamentos, é descrita como uma criação imediata também – não um processo ao longo de muitas eras (Is 65.17). Na verdade, o modelo para a Nova Criação é a criação original (cf. Rm 8.21; Ap 21.1, 5).

Hebreus 11.3 chega a nos fazer crer na criação pela obra divina como a própria essência da fé: "Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem". A criação *ex nihilo* (do nada) é o ensinamento claro e coerente da Bíblia.

A evolução foi introduzida como uma alternativa atéia à visão bíblica da criação. Segundo a evolução, o homem criou Deus, e não vice-versa. E como temos visto, o principal objetivo dos evolucionistas é eliminar a fé em Deus e junto com isto também acabar com a responsabilidade moral.

A intuição sugere uma série de questões para a mente humana quando contemplamos nossa origem. Quem está no controle do universo? Existe Alguém que seja soberano – um Legislador? Existe um Juiz universal? Existe um padrão moral transcendente mediante o qual se deva viver? Existe Alguém a quem devamos prestar conta? Existirá uma avaliação final sobre como vivemos nossas vidas? Existirá algum juízo final?

Estas são muitas das questões que a evolução pretendeu evitar.

A evolução foi concebida para afastar Deus da Bíblia – não porque os evolucionistas realmente acreditavam que era desnecessário um Criador para explicar como tudo começou, mas porque eles não queriam o Deus das Escrituras como seu juiz. Marvin L. Lubenow escreve:

> O verdadeiro objeto da questão no debate criação/evolução não é a existência de Deus. Pensar na evolução como um ponto essencialmente ateu é não compreender a singularidade da evolução. A evolução não foi formulada como um ataque geral ao teísmo. Foi concebida como um ataque específico contra o Deus da Bíblia, e

> o Deus da Bíblia está claramente revelado na doutrina da criação. Obviamente, se alguém é um ateu, seria normal que também seja um evolucionista. Mas a evolução é conveniente tanto ao teísmo quanto ao ateísmo. Um evolucionista é perfeitamente livre para escolher qualquer deus que desejar, contanto que não seja o Deus da Bíblia. Os deuses permitidos pela evolução são particulares, subjetivos e artificiais. Não incomodam ninguém e não fazem exigências éticas absolutas. Entretanto o Deus da Bíblia é o Criador, o Sustentador, o Salvador e o Juiz. Todos lhe devem prestar contas. Ele tem objetivos que conflitam com os de homens pecadores. Para o homem, ter sido criado à imagem e semelhança de Deus é muito impressionante. Mas Deus ser criado à imagem do homem é muito cômodo.[8]

Para simplificar, a evolução foi concebida a fim de eliminar o Deus do Gênesis e com isso excluir o Legislador e destruir a inviolabilidade de sua lei. A evolução é simplesmente o método mais recente que nossa raça decaída preparou para suprimir nosso conhecimento inato e testemunho bíblico de que há um Deus e de que lhe devemos prestar contas (cf. Rm 1.28). Ao aceitar a evolução, a sociedade moderna pretende eliminar a moralidade, a responsabilidade e a culpa. A sociedade adotou a evolução com tanto entusiasmo porque as pessoas imaginam que isto elimina o Juiz e as deixa livres para fazer o que quiserem sem culpa nem conseqüências.

A mentira evolucionista é tão marcadamente contrária à verdade cristã que poderia parecer impensável para os cristãos evangélicos se envolverem com a ciência evolucionista em qualquer grau. Porém, durante o século passado, os evolucionistas obtiveram um sucesso notável em conseguir que os evangélicos fizessem algumas concessões. Surpreendentemente, muito evangélicos modernos – talvez fosse melhor dizer "muitas pessoas que hoje se dizem evangélicas" – já foram convencidos de que o relato de Gênesis sobre a criação não é um registro histórico verdadeiro. Portanto, elas não apenas se renderam à doutrina evolucionista no seu ponto de partida, mas também aceitaram o ponto de vista que desmoraliza a autoridade das Escrituras em seu ponto de partida.

Os chamados evolucionistas teístas que tentaram combinar as teorias humanistas da ciência moderna com o teísmo bíblico podem alegar que estão fazendo isto porque amam a Deus, mas a verdade é que eles amam a Deus um pouco, e suas reputações acadêmicas, muito. Ao desmoralizar a historicidade de Gênesis, estão desmoralizando a própria fé. Dê à doutrina evolucionista o trono, tendo a Bíblia a seu serviço, e teremos a fundação de um desastre espiritual.

A Escritura, não a ciência, é a prova definitiva de toda a verdade. E quanto mais longe os evangélicos estiverem desta certeza, menos evangélicos e mais humanistas se tornarão.

As Escrituras nos advertem quanto ao falso "saber" (1Tm 6.20) – especialmente o chamado saber "científico" que se opõe à verdade das Escrituras. Quando o que tem sido propalado como "ciência" se torna em nada mais que uma visão de mundo baseada na fé hostil à verdade das Escrituras, nossa missão de estar alerta é bem maior. E quando os pressupostos naturalistas e ateus estão sendo agressivamente difundidos como se fossem fatos científicos estabelecidos, os cristãos devem expor estas mentiras pelo que elas são e se opor a todas elas mais fortemente. O abandono da visão bíblica sobre a criação já tem gerado muito fruto nocivo na sociedade moderna. Agora não é hora da igreja mudar de idéia nem de ceder quanto a estas questões. Enfraquecer nosso compromisso com a visão bíblica sobre a criação daria início a uma cadeia de desastrosas ramificações morais, espirituais e teológicas na igreja que irão agravar fortemente o terrível caos moral que já iniciou o desfecho da sociedade secular.

Com isto em mente, me propus a fazer um estudo cuidadoso de Gênesis há alguns anos atrás. Embora a parte principal de meu ministério tenha sido devotada a uma exposição versículo por versículo de todo o Novo Testamento, recentemente me voltei para o Antigo Testamento e comecei a pregar uma série sobre Gênesis em nossa igreja. Este livro é fruto de minha pesquisa e do ensinamento de Gênesis 1–3. Encontramos ali o fundamento de toda doutrina essencial à fé cristã. E quanto mais cuidadosamente tenho estudado os capítulos inicias das Escrituras, mais tenho visto que são a base essencial de tudo que acreditamos como cristãos.

Infelizmente, é a base que tem sido sistematicamente atacada pelas diversas instituições que deveriam defendê-la mais fortemente. Cada vez mais, instituições educacionais cristãs, apologistas e teólogos estão abandonando a fé na verdade literal de Gênesis 1–3. Eu me lembro de ter lido um estudo, há alguns anos atrás, que revelava que em uma das principais associações cristãs credenciadas da América, cujo quadro de membros se orgulhava de possuir muitas universidades e seminários evangélicos, apenas cinco ou seis escolas permaneciam firmemente contrárias à visão criacionista da Terra-antiga. O restante está aberto à reinterpretação de Gênesis 1–3 que acomoda as teorias evolucionistas. Grande parte de conhecidos mestres e apologistas da Bíblia encara toda questão como algo discutível, e alguns chegam a argumentar agressivamente que uma abordagem literal de Gênesis é prejudicial à credibilidade do Cristianismo. Já desistiram da luta – ou pior, se juntaram para atacar o criacionismo bíblico.

Sou grato àqueles que ainda estão resistindo fielmente a estes modismos como *Answers in Genesis*, *Creation Research Society* e o *Institute for Creation Research*. Estas organizações e outras mais como elas abrangem muitos cientistas especialistas que desafiam as premissas dos evolucionistas com bases técnicas e científicas. Demonstram claramente que a competência científica não é incompatível com a Gênesis na verdade literal das Escrituras – e que A Luta pelas Origens é, no final das contas, uma luta entre dois tipos de fé mutuamente exclusivas – a fé nas Escrituras contra a fé nas hipóteses antiteístas. Não é realmente uma luta entre a ciência e a Bíblia.

Meu objetivo neste livro é examinar o que as Escrituras ensinam sobre a criação. Embora esteja convencido de que a Bíblia possui integridade científica, na maior parte, pretendo deixar a defesa científica do criacionismo para aqueles que têm mais conhecimento da ciência. Meu objetivo principal é examinar o que as Escrituras ensinam sobre a origem do universo e a queda do homem no pecado e mostrar por que isto é incompatível com as crenças naturalistas e as teorias evolucionistas.

Como cristãos, acreditamos que a Bíblia é a verdade revelada a nós por Deus, que é o verdadeiro Criador do universo. Esta crença é o fundamento básico de todo Cristianismo genuíno. É completamente incompatível com os pressupostos especulativos dos naturalistas.

Nas Escrituras, o próprio Criador nos revelou tudo que é essencial para a vida e a santidade. E isto começa com o relato sobre a criação. Se o relato bíblico da criação é de algum modo indigno de confiança, o resto das Escrituras está baseado num alicerce fraco.

Porém o alicerce não é fraco. Quanto mais compreendo o que Deus nos revelou sobre nossa origem, mais vejo claramente que o alicerce é sólido. Concordo com aqueles que dizem que está na hora do povo de Deus dar uma nova olhada no relato bíblico da criação. Mas discordo daqueles que pensam que isto exige algum tipo de concessão às teorias efêmeras do naturalismo. Apenas um olhar honesto nas Escrituras, com sólidos princípios de hermenêutica, irá resultar no correto entendimento da criação e da queda de nossa raça.

A Bíblia apresenta um relato claro e irrefutável da origem do cosmo e da humanidade. Não há absolutamente razão para uma mente inteligente se negar a aceitá-lo como um relato literal da origem de nosso universo. Embora o relato bíblico divirja em muitos pontos com as hipóteses naturalistas e evolucionistas, não conflita com nenhum fato científico. Na verdade, todos os dados geológicos, astronômicos e científicos podem ser facilmente conciliados com o relato bíblico. O conflito não é entre a ciência e as Escrituras, mas entre a fé confiante do biblicista e o ceticismo obstinado do naturalista.

Para muitos, tendo sido doutrinados nas escolas onde a linha entre a hipótese e o fato é sistemática e deliberadamente obscurecida, isto pode parecer ingênuo e inexperiente, mas, no entanto, é um fato. Novamente, a ciência nunca invalidou uma só palavra das Escrituras, e nunca irá fazê-lo. Por outro lado, a teoria evolucionista sempre esteve em conflito com as Escrituras e sempre estará. Mas a noção de que o universo evoluiu com uma série de processos naturais permanece uma hipótese sem provas e não comprovada, portanto não é uma "ciência". Não há nenhuma prova de que o universo evoluiu naturalmente. A evolução é simplesmente uma teoria – e questionável, em constante mudança. Finalmente, se for aceita completamente, a teoria da evolução precisa ser admitida com fé absoluta.

Como é muito melhor fundamentar nossa fé no alicerce firme da Palavra de Deus! Não há base de saber igual nem superior às Escrituras. Diferentemente da teoria científica, a Palavra de Deus é imutável para sempre. Diferentemente das opiniões do homem, sua verdade é revelada pelo próprio Criador! Não está, como muitos supõem, em desacordo com a ciência. A verdadeira ciência tem sempre afirmado o ensinamento das Escrituras. A arqueologia, por exemplo, tem demonstrado a veracidade do registro bíblico de tempos em tempos. Sempre onde o registro histórico das Escrituras pode ser examinado, provado ou rejeitado por provas arqueológicas, ou por provas confiáveis, documentais independentes, o registro bíblico sempre tem sido comprovado. Não há qualquer razão válida para que se duvide ou não se acredite no relato bíblico da criação, e certamente não há necessidade de alterar o relato bíblico para tentar ajustá-lo às últimas novidades da teoria evolucionista.

Portanto minha abordagem neste livro será simplesmente examinar o que o texto bíblico ensina sobre a criação. Meu objetivo não é escrever uma polêmica contra o atual pensamento evolucionista. Não pretendo entrar em argumentações científicas profundas relacionadas à origem do universo. Onde o fato científico fizer interseção com o registro bíblico, irei salientar isto. Mas minha meta principal é examinar o que a Bíblia ensina sobre a origem do universo e mais adiante analisar as ramificações morais, espirituais e eternas do criacionismo bíblico e ver como isto se relaciona com as pessoas do mundo atual.

Sou grato a diversos autores que trataram deste assunto antes e cujos trabalhos foram muito úteis na elaboração de meus próprios pensamentos sobre estas questões. Dentre eles, estão principalmente Douglas F. Kelly,[9] John Ankerberg e John Weldon[10] Phillip E. Johnson,[11] Henry Morris[12] e Ken Ham.[13]

Repito, uma compreensão bíblica da criação e queda do homem estabelece o fundamento necessário para a visão de mundo cristã. Tudo que a Bíblia ensina sobre pecado e redenção parte do princípio da verdade literal dos

primeiros três capítulos de Gênesis. Se hesitarmos de algum modo a respeito da verdade desta passagem, atacamos as próprias bases de nossa fé.

Se Gênesis 1–3 não nos fala a verdade, por que deveríamos acreditar em tudo mais da Bíblia? Sem uma compreensão correta de nossa origem, não temos uma maneira de compreender qualquer coisa sobre nossa existência espiritual. Não podemos saber nosso objetivo e não podemos ter certeza de nosso destino. Além disso, se Deus não é o Criador, então talvez ele não seja o Redentor também. Se não podemos acreditar nos capítulos iniciais das Escrituras, como poderemos ter certeza de qualquer coisa que ela nos diz?

Portanto, muita coisa depende de uma compreensão correta destes capítulos iniciais de Gênesis. Estes capítulos são freqüentemente manipulados por pessoas cujo objetivo real não é compreender o que o texto realmente ensina, mas ajustá-lo para que se adapte à teoria científica. Sua abordagem é totalmente errônea. Uma vez que a criação não pode ser observada nem repetida em um laboratório, a ciência não é um lugar confiável para se procurar respostas sobre a origem e queda da humanidade. Finalmente, a única fonte de verdade confiável sobre nossa origem é o que foi revelado pelo próprio Criador. O que significa que o texto bíblico deveria ser nosso ponto de partida.

Estou convencido de que a correta interpretação de Gênesis 1–3 é a única que acontece naturalmente a partir de uma leitura honesta do texto. Ele nos ensina que o universo é relativamente jovem, embora com uma aparência de idade e maturidade, e que tudo na criação foi realizado literalmente no espaço de seis dias.

Para aqueles que irão inevitavelmente reclamar que esta visão é crédula e banal, minha resposta é que é certamente superior à noção irracional de que um universo ordenado e incompreensivelmente complexo brotou acidentalmente do nada e se transformou por acaso na maravilha que é.

As Escrituras oferecem as únicas explicações precisas, encontradas em qualquer lugar, sobre como nossa raça surgiu, de onde nosso senso moral se originou, por que parece que não conseguimos fazer aquilo que nossa própria consciência nos diz ser certo, e como podemos ser redimidos desta situação sem esperança alguma.

A Escritura não é simplesmente o que há de melhor dentre as possíveis explicações. Ela é a Palavra de Deus. E minha oração é que você, à medida que estudamos juntos os capítulos iniciais da Bíblia, creia naquilo que Deus disse.

Capítulo 1

CRIAÇÃO: ACREDITE OU NÃO

Gênesis 1.1

É difícil imaginar qualquer coisa mais absurda do que a fórmula naturalista para a origem do universo: *Ninguém vezes nada é igual a tudo*. Não há Criador, não há projeto nem objetivo. Tudo que vemos surgiu simplesmente e evoluiu por mero acaso do vazio total.

Pergunte ao típico naturalista no que ele acredita a respeito do início de todas as coisas, e é provável que ouça algo sobre a teoria do *big-bang* – a noção de que o universo é produto de uma imensa explosão. Como se um início totalmente violento e caótico pudesse resultar em toda a sinergia e ordem que observamos no cosmo ao redor de nós. Mas qual foi o catalisador que motivou este *big-bang* em primeiro lugar? (E o que, por sua vez, foi o catalisador anterior?) Algo incrivelmente grande teve de detonar a primeira explosão. Onde este "algo" se originou? Um *big-bang* surgido do nada simplesmente não poderia ter sido o início de todas as coisas.

Seria eterno o universo material, como alguns alegam? E se for, por que não se extinguiu? E o que provocou o seu início? Qual é a fonte de energia que o alimenta? Por que a entropia não o fez degenerar para um estado de inércia e caos, ao invés de (como os evolucionistas supõem) aparentemente se desenvolver num sistema mais ordenado e altamente sofisticado, à medida que o *big-bang* se expande?

O vasto conjunto de problemas insuperáveis para o naturalista começa no nível mais inferior. Qual foi a primeira causa que originou todo o resto? De onde veio a matéria? De onde veio a energia? O que conserva todas as coisas juntas e mantém tudo em funcionamento? Como poderiam a vida, a autoconsciência e a racionalidade evoluir de uma matéria inanimada, inorgânica? Quem projetou os inúmeros organismos mais complexos e interdependentes e os sofisticados sistemas que observamos? De onde a inteligência se originou? Devemos pensar no universo como um imenso sistema em constante movimento

com algum tipo de "inteligência" impessoal ligado a ele? Ou, finalmente, existe um criador pessoal, inteligente que criou tudo e colocou tudo em movimento?

Estas são questões metafísicas vitais que precisam ser respondidas se quisermos compreender o significado e valor da própria vida. O naturalismo filosófico, devido a seus pressupostos materialistas e anti-sobrenaturais, é totalmente incapaz de oferecer quaisquer respostas a estas questões. Na verdade, o principal dogma fundamental do naturalismo é que tudo acontece por processos naturais; nada é sobrenatural e, portanto, não pode existir um Criador pessoal. Isto significa que não pode haver um projeto nem um objetivo para nada. O naturalismo, então, não pode oferecer nenhuma base filosófica para acreditar que a vida humana é particularmente valiosa ou, de algum modo, significativa.

Pelo contrário, o naturalista, se for fiel a seus princípios, deve concluir que a humanidade é um acidente bizarro sem nenhum propósito nem importância alguma real. O naturalismo, portanto, é uma fórmula para a futilidade e insignificância que apaga a imagem de Deus da auto-imagem coletiva de nossa raça e deprecia o valor da vida humana, questionando a dignidade humana e subvertendo a moralidade.

A EVOLUÇÃO É DEGRADANTE PARA A HUMANIDADE

A tendência da sociedade moderna comprova este argumento. Estamos testemunhando o abandono de padrões morais e a perda do sentido de objetivo da humanidade. Crimes desenfreados, vício em drogas, perversão sexual, crescente aumento da taxa de suicídios e a epidemia de abortos são sintomas de que a vida humana está sendo sistematicamente desvalorizada e de que um senso total de futilidade está assolando a sociedade. Estas tendências estão diretamente vinculadas à ascensão da teoria evolucionista.

E por que não? Se a evolução é verdade, o homem é apenas uma das muitas espécies que evoluíram de ancestrais comuns. Não somos melhores do que os animais e não devemos pensar que somos. Se evoluímos da matéria bruta, por que deveríamos considerar o que é espiritual? Na verdade, se tudo evoluiu da matéria, nada "espiritual" é real. Nós mesmos não somos melhores nem diferentes de quaisquer outras espécies vivas. Não somos nada mais do que protoplasma à espera de nos tornarmos adubo.

Na verdade, isto é precisamente o raciocínio atrás do movimento moderno a favor dos direitos dos animais, um movimento cuja razão de ser é a total degradação da raça humana. Naturalmente, todos os defensores radicais dos direitos dos animais são evolucionistas. Seu sistema de crença é derivado inevitavelmente da teoria evolucionista.

A organização PETA, *People for the Ethical Treatment of Animals* [Movimento pelo tratamento ético dos animais], é muito conhecida por sua posição de que os direitos dos animais são iguais (ou até mais importantes) aos direitos humanos. Sustentam que matar qualquer animal para comer é o equivalente moral do assassinato, comer carne é virtualmente canibalismo, e o homem é uma espécie tirana, prejudicial ao meio ambiente.

A PETA é contra a manutenção de animais de estimação e "animais de companhia" – inclusive os cães que servem de guias para os cegos. Uma declaração em 1988, distribuída pela organização, afirmava: "Como John Bryant escreveu em seu livro *Fettered Kingdoms* [animais acorrentados] são como escravos, mesmo se forem escravos bem mantidos".

Ingrid Newkirk, uma controvertida fundadora da PETA, diz: "Não há base racional para dizer que a raça humana tem direitos especiais... Um rato é um porco, que é um cachorro, que é um menino".[1] Newkirk disse a um repórter do *Washington Post* que as atrocidades da Alemanha nazista empalidecem ante a morte de animais para consumo: "Seis milhões de judeus morreram em campos de concentração, mas seis bilhões de frangos morreram este ano em abatedouros".[2]

Obviamente, a Sra. Newkirk está mais indignada com a morte de frangos destinadas à alimentação do que com o massacre em larga escala de seres humanos. Temos a impressão de que ela não acha que extermínio da humanidade seja necessariamente uma coisa indesejável. Na verdade, ela e outros defensores dos direitos dos animais geralmente parecem incontestáveis misantropos. Ela disse a um repórter: "Não tenho qualquer reverência pela vida, apenas pelas entidades. Eu preferiria ver um espaço em branco onde eu estou. Pode parecer uma nova loucura, mas pelo menos não estaria prejudicando ninguém".[3]

A edição de verão da revista *Wild Earth* [Terra selvagem], uma revista que promove o ambientalismo radical, incluiu um manifesto a favor da extinção da raça humana, escrito sob o pseudônimo de "*Les U. Knight.*" O artigo dizia: "Se você, voluntariamente, não pensou muito sobre a extinção humana antes, a idéia de um mundo sem pessoas nele pode parecer estranha. Mas, se isso ocorresse, creio que você deve concordar que a extinção do *homo sapiens* significaria a sobrevivência de milhões, se não bilhões, de espécies que habitam a Terra... A eliminação gradual da raça humana irá resolver todos os problemas na terra, sociais e ambientais".[4]

Isto é pior do que simplesmente insano, irracional, imoral ou humilhante, isto é *funesto*.

Mas existe até mesmo uma organização chamada *The Church of Euthanasia* [A igreja da eutanásia]. A sua página na *Internet* defende o suicídio,

o aborto, o canibalismo e a sodomia como principais formas de diminuir a população humana. Embora a página na *Internet* contenha elementos de paródia deliberadamente dispostos para abalar valores, as pessoas por detrás disso são extremamente sérias quando se opõem à continuação da raça humana.[5] Elas incluem instruções detalhadas para cometer suicídio. O único mandamento que os membros da igreja devem obedecer é "Não procriarás". Ao deliberadamente fazer com que suas idéias pareçam extremamente ultrajantes, receberam extensa cobertura em programas de entrevistas e noticiários sensacionalistas. Aproveitam-se de tal publicidade para recrutar novos membros para sua causa. A-pesar da mensagem chocante, sem dúvida, têm conseguido persuadir numerosas pessoas de que a única espécie na Terra que tem de ser extinta é o homem. O *site* na *Internet* se gaba de que milhares de pessoas pagaram a taxa de dez dólares para se tornarem membros da organização.

Este tipo de loucura se baseia na crença de que o homem é simplesmente o produto da evolução – um mero animal sem objetivo, propósito e nenhuma semelhança com o Criador. Afinal de contas, se chegamos onde estamos pelo processo natural evolucionista, a noção de que nossa raça reflete a imagem de Deus não tem qualquer validade. Em última análise, não temos mais dignidade que uma ameba. E *certamente* não temos autorização do Todo-poderoso para dominar o resto da criação.

E se o ser humano não é nada mais que um animal em processo de evolução, quem pode argumentar contra o movimento a favor dos direitos dos animais? Até mesmo a posição mais radical deste movimento em prol dos direitos dos animais é justificada dentro da visão de mundo naturalista e evolucionista. Se realmente evoluímos de animais, somos de fato animais. E se a evolução está correta, o fato de que o homem evoluiu para uma inteligência superior é um completo acidente. Se as mutações aleatórias tivessem ocorrido diferentemente, os macacos estariam correndo pelo planeta e os humanos deveriam estar no zoológico. Que direito temos de exercitar o domínio sobre outras espécies que ainda não tiveram oportunidade de evoluir para um estágio mais avançado?

Realmente, se o homem é meramente um produto de processos evolucionistas, logo ele não é nada mais do que um subproduto acidental de milhares de mutações genéticas aleatórias. É apenas mais um animal que evoluiu da ameba, e provavelmente não é nem mesmo a forma de vida mais superior que irá eventualmente evoluir. Ora, o que há de especial nele? Onde está o seu significado? Onde está sua dignidade? Onde está seu valor? Qual é seu objetivo? Obviamente ele não tem nenhum.[6]

É apenas uma questão de tempo antes que a sociedade, impregnada de crença naturalista, adote completamente tal idéia e se livre de toda limitação

moral e espiritual. Se você duvidar disto, observe um pouco a licenciosidade televisiva da geração *MTV/Jerry Springer*.

A EVOLUÇÃO É HOSTIL À RAZÃO

A evolução é tão irracional quanto amoral. No lugar de Deus como Criador, o evolucionista colocou – a sorte, o imprevisto, a casualidade, o acidental, a coincidência, os eventos aleatórios e a sorte irracional. O acaso é o motor que muitos evolucionistas acreditam dirigir o processo evolucionista.

O naturalismo ensina essencialmente que ao longo do tempo e a partir do caos total, a matéria evoluiu para tudo o que vemos hoje por mero acaso. E isto tudo aconteceu sem nenhum planejamento especial. Com o tempo necessário e eventos aleatórios suficientes, o evolucionista diz "*tudo* é possível". E a evolução de nosso mundo com todos seus intrincados ecossistemas e complexos organismos é portanto simplesmente o resultado acidental de um número muito grande de acidentes da natureza indiscriminados, mas extremamente fortuitos. Tudo é do jeito que é simplesmente por força da sorte. E esta sorte tem sido elevada ao papel de Criador.

John Ankerberg e John Weldon ressaltam que a matéria, o tempo e a sorte constituem a santa trindade dos evolucionistas. Na verdade, estas três coisas são tudo que é eterno e onipotente no plano evolucionista: matéria, tempo e acaso. Juntos formam o cosmo como o conhecemos. E usurparam Deus na mente evolucionista. Ankerberg e Weldon citam Jacques Monod, vencedor do prêmio Nobel em 1965 por seu trabalho em bioquímica. Em seu livro *Chance and Necessity* [O acaso e a necessidade], Monod escreveu: "[O homem] está sozinho na imensidão indiferente do universo, do qual emergiu por acaso... *Apenas* o acaso está na origem de cada novidade, de toda criação na biosfera. O mero acaso, absolutamente livre, mas irracional, [está] na própria raiz do estupendo edifício da evolução".[7]

Obviamente, isso é muito diferente de ser criado à imagem de Deus. É também absolutamente irracional. A idéia evolucionista não só despe o homem de sua dignidade e valor, mas também elimina a base de sua racionalidade. Se tudo acontece por acaso, então, em último caso, nada pode ter um objetivo ou significado real. E é difícil pensar em qualquer ponto de partida filosófico que seja mais irracional do que isso.

Mas uma reflexão momentânea revelará que o acaso simplesmente não pode ser a causa de qualquer coisa (muito menos a causa de tudo). O acaso não é uma força. O único sentido correto da palavra *acaso* está relacionado à probabilidade matemática. Se você tirar cara ou coroa inúmeras vezes, o qüociente

de probabilidade matemática sugere que a moeda irá cair com coroa virada para cima cerca de cinqüenta vezes em cem. Deste modo, dizemos que quando você tira cara ou coroa, há uma probabilidade meio a meio de que saia coroa.

Mas o "acaso" não é uma força que pode na verdade virar a moeda. O acaso não é uma inteligência que elabora o modelo de probabilidades matemáticas. O acaso não determina nada. A probabilidade matemática é apenas uma forma de medir o que realmente acontece.

Entretanto, na linguagem evolucionista e naturalista, "acaso" se torna algo que determina o que acontece na ausência de qualquer outra causa ou projeto. Vejamos novamente a observação de Jacques Monod: "Acaso... é a fonte de cada novidade, de toda criação". Na verdade, os naturalistas atribuíram ao *acaso* a capacidade de causar e determinar o que ocorre. E este é um conceito irracional.

Não há eventos sem causa. Todo efeito é determinado por alguma causa. Mesmo a virada de uma moeda não pode acontecer simplesmente sem uma causa definida. E o bom senso nos diz que quando a moeda cai cara ou coroa, também foi determinada por *algo*. Um número de fatores (inclusive a quantidade exata de força com a qual a moeda foi jogada e a distância entre a qual a moeda deve cair antes de chegar ao chão) determina o número de revoluções e voltas que irá fazer antes de cair de um lado ou de outro. Embora seja impossível para nós controlar precisamente as forças que determinem como a moeda irá cair, estas forças, e não o "acaso", determinam se será cara ou coroa. O que pode parecer totalmente aleatório e indeterminado para nós, apesar de tudo, é definitivamente determinado por *alguma coisa*.[8] Isto não é causado por mero acaso, porque o acaso simplesmente não existe como uma força ou uma causa. O acaso é nada.

O destino era uma deusa no panteão grego. Os evolucionistas têm endeusado o acaso de modo semelhante. Têm utilizado o mito do acaso e o transformaram em responsável por tudo que acontece. O acaso se transformou numa força de energia causal, de modo que *nada* é a causa de *tudo*. O que poderia ser mais irracional do que isso? Toda realidade se transforma no caos absoluto. Então, tudo se torna irracional e incoerente.

O conceito absoluto apresenta tantos problemas oriundos de perspectivas racionais e filosóficas que dificilmente alguém saberia por onde começar. Mas vamos começar do começo. De onde a matéria surgiu em primeiro lugar? O naturalista teria de dizer que toda matéria é eterna, ou que tudo apareceu por acaso do nada. A última opção é literalmente irracional.

Mas imagine que o naturalista opte por acreditar que a matéria é eterna. Surge uma questão óbvia: O que causou o primeiro evento que originalmente

colocou o processo evolucionista em andamento? A única resposta encontrada pelo naturalista é que o acaso fez isto acontecer. Ela literalmente surgiu do nada. Nada nem ninguém a provocaram. Isto também é literalmente irracional.

Assim, a fim de evitar *este* dilema, alguns naturalistas partem do princípio de que uma cadeia infinita de eventos aleatórios opera no universo material. E acabam com um universo material infinito, mas em constante mudança, governado por uma cadeia sem fim de eventos puramente aleatórios – todos culminam com um magnífico projeto sem criador, e tudo acontece sem qualquer causa básica. No final do dia, ainda é irracional. Eliminam-se o objetivo, o destino e o significado de tudo no universo. E então, não resta nenhum fundamento para algo racional.

Em outras palavras, *niilismo* – uma crença de que nada tem sentido algum, nenhuma lógica e nenhuma razão – é a única filosofia que funciona com o naturalismo. O próprio universo é incoerente e irracional. A razão foi destituída pelo mero acaso.

E esta perspectiva do acaso é o oposto da razão. A lógica do bom-senso sugere que todo relógio tem um relojoeiro. Todo edifício tem um construtor. Toda estrutura tem um arquiteto. Todo sistema tem um plano. Todo plano tem um criador. E toda criação tem um objetivo. Vemos o universo, infinitamente mais complexo que qualquer relógio, e infinitamente maior que qualquer estrutura feita pelo homem, e é natural que se conclua que Alguém infinitamente mais poderoso e infinitamente inteligente o criou. "Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas" (Rm 1.20, NIV).

Mas os naturalistas olham para o universo e, apesar de todas as complexas maravilhas que encerra, concluem que ninguém o fez. Derivou-se do acaso. Aconteceu por acidente. Isto não é lógico. É absurdo.

Abandone a lógica e você ficará com o absurdo puro. De muitas formas a deificação naturalista do acaso é pior do que todos os diversos mitos de outras falsas religiões, porque apaga todo sentido e senso de tudo. Mas, novamente, a religião pura de uma grande variedade pagã, está exigindo um pulo de fé espiritualmente importante no abismo da completa irracionalidade. É a antiga religião dos néscios (Sl 14.1) – mas numa moderna roupagem "científica".

O que levaria alguém a adotar tal sistema? Por que alguém optaria por uma visão de mundo que elimina tudo que é racional? Isto se reduz ao absoluto amor ao pecado. As pessoas querem ficar confortáveis em seu pecado, e não há modo de fazer isso sem que se elimine Deus. Livre-se de Deus e você irá apagar todo o medo das conseqüências do pecado. Assim, embora a irracionalidade

absoluta seja, no final das contas, a única alternativa viável para o Deus das Escrituras, muitas pessoas optaram pela irracionalidade apenas para que possam viver livres da culpa e sem vergonha de seu próprio pecado. É simples assim.

Ou há um Deus que criou o universo e governa soberanamente sua criação, ou tudo foi causado por acaso total. As duas idéias são mutuamente exclusivas. Se Deus governa, não há lugar para o acaso. Transforme o acaso na causa do universo e terá efetivamente se livrado de Deus.

Na verdade, se o acaso existir como uma força determinativa ou como uma causa, mesmo em sua forma mais frágil, Deus terá sido destronado. A soberania de Deus e o acaso são inerentemente incompatíveis. Se o acaso causar ou determinar *qualquer coisa*, Deus não é verdadeiramente Deus.

Mas, novamente, o acaso não é uma força. O acaso não pode fazer nada acontecer. O acaso não é nada. Ele simplesmente não existe. Logo, não tem poder para fazer nada. Não pode ser a causa de nenhum efeito. É uma tolice imaginária. É contrário a toda lei da ciência, todo princípio de lógica e toda intuição de puro bom senso. Mesmo os princípios mais elementares de termodinâmica, física e biologia sugerem que o acaso simplesmente não pode ser a força determinativa que introduziu a ordem e a interdependência que vemos em nosso universo – muito menos a diversidade de vida que encontramos em nosso planeta. Finalmente, o acaso simplesmente não pode ser o responsável pela origem da vida e da inteligência.

Um dos princípios mais antigos da filosofia racional é *ex nihilo nihil fit*. De nada, nada vem. E o acaso é nada. O naturalismo é um suicídio racional.

Quando cientistas atribuem poder instrumental ao acaso, deixaram o domínio da razão, deixaram a esfera da ciência. Voltaram a tirar coelhos da cartola. Voltaram-se para a fantasia. Introduza a idéia de acaso, e toda investigação científica acabará se tornando caótica e absurda. Isto é precisamente por que a evolução não merece ser considerada uma verdadeira ciência; não é nada mais que uma religião irracional – a religião daqueles que querem pecar sem culpa.

Certa vez, alguém avaliou que o número de fatores genéticos aleatórios envolvidos na evolução de uma solitária a partir de uma ameba seria comparável a colocar um macaco numa sala com uma máquina de escrever e permitir que ele batesse nas teclas aleatoriamente até que acidentalmente produzisse um solilóquio de Hamlet perfeitamente escrito, pontuado e batido. E as chances de se conseguir todas as mutações necessárias, para que uma estrela do mar evolua de uma criatura unicelular, são comparáveis a se pedir que cem pessoas cegas façam dez movimentos aleatórios com cinco cubos de Rubik (ou cubo mágico), e conseguir que resolvam perfeitamente os cinco cubos no final do

processo. As probabilidades de que *todas* as formas de vida da Terra tenham evoluído de uma única célula são, em uma só palavra, impossíveis.

Entretanto, o absurdo do naturalista passa completamente incólume atualmente nas universidades. Sintonize a televisão no *Discovery Channel* ou pegue um exemplar da revista *National Geographic*, e provavelmente você estará exposto à suposição de que o acaso existe como uma força – como se o mero acaso espontaneamente gerasse tudo no universo.

Um laureado do prêmio Nobel, o professor de Harvard, George Wald, reconheceu o total absurdo disto. Refletindo sob o enorme conjunto de fatores reais e hipotéticos que teriam de surgir espontaneamente, de repente, a fim de que a matéria animada evoluísse até mesmo da mais primitiva forma de vida unicelular, ele escreveu: "Precisamos apenas contemplar a magnitude desta tarefa para aceitar que a geração espontânea de um organismo vivo é impossível". Depois, acrescentou: "Todavia, aqui estamos – como resultado, acredito, da geração espontânea".[9] Como Wald acreditou que esta impossibilidade aconteceu? Ele respondeu: "Na verdade, o tempo é o herói da história. O tempo com o qual temos de lidar tem cerca de dois bilhões de anos. O que consideramos como impossível, baseado na experiência humana, não tem sentido aqui. Com tanto tempo, o "impossível" se torna possível, o possível, provável, e o provável, praticamente certo. É preciso apenas esperar: o próprio tempo realiza milagres".[10] Com tempo suficiente, o que era impossível se torna "praticamente certo". Isto tem um sentido totalmente duplo. E ilustra perfeitamente a fé cega que sustenta a religião naturalista.

Não há explicação viável do universo sem Deus. Maravilhas imensas e complexas não poderiam existir sem um Criador. Existe apenas uma explicação possível para isto tudo, e é o poder criativo de um Deus onisciente. Ele criou e sustenta o universo, e lhe dá significado. E sem ele, não há basicamente nenhum sentido em nada. Sem ele, somos deixados com apenas a noção de que tudo surgiu do nada sem uma causa e sem qualquer razão. Sem ele, estamos presos à absurda fórmula do evolucionista: Nada vezes ninguém é igual a tudo.

A EVOLUÇÃO É ANTITÉTICA À VERDADE QUE DEUS REVELOU

Em oposição a isso, o atual registro da criação encontra-se em Gênesis 1.1: "No princípio, criou Deus os céus e a terra". Seria difícil dar uma resposta mais simples ou mais direta que esta à grande questão cósmica.

As palavras de Gênesis 1.1 são precisas e concisas, de forma tal que o homem não poderia simplesmente imaginar. Elas explicam tudo que a evolução

não *consegue* explicar. O filósofo evolucionista Herbert Spencer, um dos primeiros e mais entusiastas defensores de Darwin, indicou cinco "idéias científicas básicas": tempo, força, ação, espaço e matéria.[11] Estas são as categorias que (segundo Spencer) abrangem tudo que é suscetível de análise científica. Esta taxinomia simples, acredita Spencer, limita tudo que existe verdadeiramente no universo. *Tudo* que pode ser conhecido ou observado pela ciência se ajusta em uma destas categorias, declarou Spencer, e pode se dizer que nada "existe" verdadeiramente fora disto.

A visão de mundo materialista de Spencer está diretamente evidente pelo fato de que estas categorias não deixam lugar para nada espiritual. Porém, deixam de lado por um momento o fato especialmente claro que alguma coisa tão óbvia como a inteligência e a emoção humana não se ajustam bem em qualquer das categorias de Spencer.[12] Uma reflexão momentânea revelará que os princípios evolucionistas *ainda* não conseguem explicar a origem real de *qualquer uma* das categorias de Spencer. O evolucionista precisa praticamente adotar a premissa da eternidade do tempo, da força, da ação, do espaço e da matéria (ou pelo menos uma destas)[13] – e depois prosseguir daí para criar uma teoria sobre como as coisas se desenvolveram a partir de um estado originalmente caótico.

Mas Gênesis 1.1 oferece explicações para todas as categorias de Spencer. "No princípio" – o *tempo*. "Criou" – a *ação*. "Deus" – a *força*.[14] "Os céus" – o *espaço*. "E a terra" – a *matéria*. No primeiro versículo da Bíblia Deus traçou claramente o que nenhum cientista nem filósofo haviam detalhado até o século 19. Além disso, o que a evolução ainda não pode explicar – a verdadeira origem de tudo que a ciência pode observar – a Bíblia explica em algumas sucintas palavras no primeiro versículo de Gênesis.

Henry Morris escreve sobre o caráter único da abordagem bíblica sobre a criação:

> Gênesis 1.1 é único em toda literatura, ciência e filosofia. Qualquer outro sistema de cosmogonia, seja nos mitos religiosos antigos ou nos modernos modelos científicos, começa com a energia ou matéria eterna sob alguma forma, a partir da qual outros seres, supostamente, se derivaram gradualmente por algum processo. Apenas o livro de Gênesis tenta explicar a origem essencial da matéria, do espaço e do tempo, e, no que se refere à criação, o faz de maneira única e singular.[15]

E assim neste primeiro versículo das Escrituras, cada leitor se defronta com uma escolha simples: Ou se acredita que Deus *realmente* criou os céus e a

terra, ou se acredita que ele *não criou*. Se ele não criou, ele não existe mesmo, nada tem qualquer propósito e nada faz sentido algum. Se, por outro lado, há uma inteligência criativa – se há um Deus – então, a criação é compreensível. É possível. É plausível. É racional.

Finalmente, estas são as opções com que todo leitor de Gênesis se defronta. Ou o imenso conjunto de organismos complexos e a inteligência que observamos refletem a sabedoria e o poder de um Criador pessoal (e especificamente, o Deus que se revelou nas Escrituras), ou todas estas maravilhas, de alguma forma, evoluíram espontaneamente da matéria inanimada, e não se pode tirar sentido real de nada.

Mesmo entre os melhores cientistas que deixaram sua marca no mundo científico, aqueles que pensam corretamente e fazem confissões sinceras sobre as origens irão admitir que deve haver uma inteligência criativa (O próprio Einstein acreditava firmemente que uma inteligência cósmica *deveria* ter criado o universo, embora como muitos outros hoje que aceitam a noção de criação inteligente, ele evitava a conclusão óbvia de que se há uma "Inteligência Cósmica" poderosa a ponto de planejar e criar o universo, esta "Inteligência" é por definição Senhor e Deus sobre tudo). E embora as comunidades científicas e acadêmicas geralmente tentem impiedosamente silenciar tais opiniões, há, no entanto, muitos homens íntegros na comunidade científica que aceitam o Deus das Escrituras e o relato bíblico da criação.[16]

Deus *realmente* criou os céus e a Terra. E há apenas um documento que alega, com credibilidade, ser o registro divinamente revelado da criação: o livro de Gênesis. A não ser que tenhamos um Criador que nos tenha deixado sem nenhuma informação a respeito de onde viemos e de nosso propósito, o texto de Gênesis 1 – 2 apoia todos os prováveis propósitos incontestáveis como a única descrição da criação divinamente revelada. Em outras palavras, se há um Deus que criou os céus e a terra, e se ele revelou à humanidade qualquer relato sobre esta criação, Gênesis é este relato. Se o Deus das Escrituras não criou os céus e a terra, então não temos respostas verdadeiras para nada que seja realmente importante. Tudo se reduz a estas duas simples opções.

Então, se acreditamos no relato de Gênesis ou não, isto faz toda a diferença. Douglas F. Kelly, professor de teologia sistemática no *Reformed Theological Seminary*, escreveu sobre este assunto com grande discernimento. Ele diz: "Essencialmente, a humanidade tem apenas duas escolhas. Ou evoluímos da lama e isto pode ser explicado apenas num sentido materialista, significando que somos feitos de nada além da matéria, ou fomos feitos segundo um modelo celestial".[17]

Ele está certo. Estas são basicamente as únicas duas opções. Ou podemos acreditar no que Gênesis afirma, ou não. Se Gênesis 1.1 é verdade, então o

universo e tudo que nele há foram criados por um Deus amável e pessoal e seus propósitos estão claramente revelados nas Escrituras. Além disto, se o relato de Gênesis é verdadeiro, então carregamos a marca de Deus e somos amados por ele – e *porque* somos feitos à sua imagem, os seres humanos têm uma dignidade, um valor e uma responsabilidade que transcende os de todas as outras criaturas. E mais, se Gênesis é verdadeiro, então não só temos as próprias respostas de Deus às questões sobre por que estamos aqui e como chegamos aqui, mas também temos a promessa de salvação de nosso pecado.

Entretanto, se Gênesis não é verdadeiro, não temos uma resposta confiável para nada. Elimine Gênesis e a autoridade de toda a Bíblia está fatalmente comprometida. Isto significaria fundamentalmente que o Deus da Bíblia simplesmente não existe. E se algum tipo de Deus-Criador realmente existe, ele evidentemente não se importa com sua criação a ponto de fazer alguma revelação sobre si, seus planos para a criação ou sua vontade para suas criaturas.

Há, naturalmente, alguns relatos extrabíblicos da criação em escritos sagrados dos pagãos. Mas são todos míticos, irreais e sem sentido. Aqueles que imaginam que tais divindades existem teriam de concluir que elas não nos deixaram sem esperança, sem quaisquer princípios claros segundo os quais pudéssemos viver, sem qualquer responsabilidade, sem quaisquer respostas para nossas mais elementares questões, e (mais preocupante de tudo) sem qualquer explicação nem solução para o dilema do mal.

Então, se Gênesis é falso, podemos também supor que não existe nenhum Deus. Isto é exatamente o pressuposto que está por detrás da moderna teoria evolucionista. Se é verdadeiro, significa que a matéria impessoal é a realidade definitiva. A personalidade e a inteligência humana são simplesmente acidentes insignificantes produzidos aleatoriamente pelo processo natural da evolução. Não temos nenhuma responsabilidade moral diante de qualquer Ser supremo. Toda moralidade – sem dúvida, a própria verdade – é fundamentalmente relativa. De fato, a verdade, a mentira, a bondade e a maldade são noções meramente teóricas sem nenhum sentido real. Nada realmente importa na vasta imensidão de um universo infinito, impessoal.

Então, se Gênesis é falso, o niilismo é a melhor opção imediata. A irracionalidade total se torna a única escolha "racional".

Obviamente, a ramificação de nossas idéias sobre estas coisas é imensa. Nosso ponto de vista sobre a criação é o ponto de partida necessário para nossa visão de mundo completa. Na verdade, a questão é tão importante que Francis Schaeffer contou certa vez que, se tivesse apenas uma hora para gastar com um descrente, gastaria os primeiro 55 minutos falando sobre a criação e o que significa para a humanidade carregar a imagem de Deus – e depois, ele utilizaria os últimos cinco minutos para explicar o caminho da salvação.[18]

O ponto de partida para o Cristianismo não é Mateus 1.1, mas Gênesis 1.1. Não se pode tratar Gênesis 1 como uma fábula nem com uma mera saga poética sem implicações graves em relação ao resto das Escrituras. O relato da criação é onde Deus começa seu relato da História. É impossível alterar o início sem provocar um impacto no resto da História – sem falar então do fim. Se Gênesis 1 não é exato, então não há um modo de se estar certo de que o resto das Escrituras diz a verdade. Se o ponto de partida está errado, então a própria Bíblia está construída sobre uma fundação de mentira.

Em outras palavras, se você rejeitar o relato da criação em Gênesis, você não tem base para acreditar na Bíblia em seu todo. Se você duvida ou procura justificativas para o relato de seis dias da criação, como controla o ceticismo? Você começa com Gênesis 3, que explica a origem do pecado, e acredita em tudo do capítulo 3 em diante? Ou talvez só você começa depois de algum tempo, no capítulo 6, porque o dilúvio é invariavelmente questionado pelos cientistas também. Ou talvez você ache que a Torre de Babel é muito difícil de se conciliar com a teoria dos lingüistas sobre como surgiram e evoluíram as línguas. Ou talvez você comece considerando a Bíblia como história literal no início da vida de Abraão. Mas quando você chegar nas pragas de Moisés contra o Egito, você irá negá-las também? E o que dizer dos milagres do Novo Testamento? Existe alguma razão para considerar qualquer dos elementos sobrenaturais da história bíblica como algo mais do que simbolismo poético?

Afinal, a noção de que o universo tem bilhões de anos se baseia em pressupostos naturalistas que (se realmente acreditarmos nisto) rejeitariam todos os milagres. Se ficarmos preocupados em parecer "pouco científicos" aos olhos dos naturalistas, vamos ter de rejeitar muito mais do que Gênesis 1 – 3.

Uma vez que o racionalismo se instala e você começa a adaptar a Palavra de Deus para que se ajuste às teorias científicas baseadas nas crenças naturalistas, o processo não tem fim. Se você tem dúvidas quanto à historicidade do relato da criação, você está a caminho do saduceísmo total – o ceticismo e a descrença absoluta em relação a todos os elementos sobrenaturais das Escrituras. Por que devemos duvidar do sentido literal de Gênesis 1 – 3, a não ser que também estejamos preparados para negar que Eliseu tenha feito um machado flutuar ou que Pedro tenha andado sobre as águas ou que Jesus tenha ressuscitado Lázaro dentre os mortos? E o que dizer do maior de todos os milagres – a ressurreição de Cristo? Se vamos moldar as Escrituras para ajustá-la às crenças dos cientistas naturalistas, por que parar afinal? Por que um milagre é mais difícil de aceitar do que outro?

E em que iremos acreditar sobre o final da História como está previsto nas Escrituras? Toda a história redentora termina, segundo 2 Pedro 3.10-12,

quando o Senhor desfaz o universo. Os elementos se desfarão abrasados, e tudo que existe no reino material será dissolvido no nível atômico, em algum tipo de fusão nuclear inaudita e inimaginável. Além do mais, segundo Apocalipse 21.1-5, Deus irá criar imediatamente um novo céu e uma nova terra (cf. Is 65.17). Nós realmente acreditamos nisso, ou irá levar muitos bilhões de anos do processo evolutivo para surgir um novo céu e uma nova terra? Se realmente acreditamos que ele pode destruir *este* universo num átimo de segundo e imediatamente criar um outro totalmente novo, qual o problema em acreditar primeiramente no relato de Gênesis sobre a criação em seis dias? Se ele pode fazer isto no final dos tempos, por que é tão difícil acreditar no relato bíblico sobre o que aconteceu no início?

Então, a questão sobre o modo como interpretamos o relato da criação, se como um fato ou uma ficção, tem enormes implicações sobre nossa fé. Estas implicações se tornarão até mesmo mais claras à medida que chegamos ao texto sobre o relato bíblico da queda de Adão. Mas o lugar para se fazer uma demarcação firme está aqui em Gênesis 1.1.

E não há uma supersimplificação. Francamente, acreditar num Deus criativo que fez tudo é a única explicação racional possível para o universo e para a própria vida. É também a única base para acreditar que temos qualquer propósito ou destino.

Capítulo 2

COMO ACONTECEU A CRIAÇÃO?

No princípio, criou Deus os céus e a terra.
Gênesis 1.1

As Escrituras ensinam claramente que Deus criou o universo a partir do *nada*. Ele ordenou que existisse por meio de sua palavra. Na realidade, uma das características marcantes do relato da criação no Gênesis é o destaque repetido na criação divina pelo *fiat*[1] – significando que um simples decreto de Deus trouxe à existência a coisa criada. É uma das máximas fundamentais da fé verdadeira: "Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir *das coisas que não aparecem*" (Hb 11.3, grifo nosso).

A evolução ensina exatamente o contrário. A evolução transforma o evento da criação em um processo que levou bilhões de anos e que ainda não está completo. Os evolucionistas vão além e insistem que nem a vida em si nem qualquer das diversas espécies de criaturas vivas vieram a existir criadas a partir do nada, mas que surgiram do que era antes matéria inanimada e depois de formas de vida preexistentes por meio de uma série de lentas modificações e mutações genéticas que levaram uns vinte bilhões de anos (ou mais) – e que tudo ainda está evoluindo. A comunidade científica moderna exigiu e praticamente conseguiu aceitação universal desses princípios básicos da teoria da evolução.

É claro que, como observamos no capítulo anterior, o tempo é o herói de todas as teorias dos evolucionistas. Se o universo não tiver bilhões e bilhões de anos, podemos descartar a teoria evolucionista logo de início. Por outro lado, se aceitarmos a teoria dos evolucionistas de que o universo existiu por inúmeras eras, temos de adaptar nossa interpretação das Escrituras para acomodar uma Terra-antiga e, portanto, capitular a um dos dogmas mais essenciais da evolução. Infelizmente, muitos líderes cristãos têm defendido a última abordagem.

A FORMA DA TERRA TEVE ORIGEM NA CONSTÂNCIA OU NA CATÁSTROFE?

A hipótese de que a Terra tem bilhões de anos tem suas raízes no princípio extrabíblico de que o que está acontecendo agora é apenas o que sempre aconteceu. A idéia é conhecida como uniformitarianismo. É a teoria segundo a qual os fenômenos naturais e geológicos são, em sua maioria, resultado de forças que têm estado em ação de forma contínua, uniforme, sem interrupção, durante bilhões e bilhões de anos. Os uniformitarianistas consideram que as forças em ação na natureza são essencialmente fixas e constantes. Cientistas adeptos dessa visão explicam quase todos os fenômenos geológicos em termos de processos que ainda estão acontecendo. O uniformitarianista, por exemplo, enxerga estratos sedimentares rochosos e considera que os sedimentos que os formaram são resultantes do depósito lento e natural de partículas na água por alguns milhões de anos. Um uniformitarianista observa o *Grand Canyon* e presume que o fluxo natural do Rio Colorado esculpiu aquela fenda imensa durante muitas eras com uma corrente estável (embora constantemente decrescente).

O uniformitarianismo foi proposto pela primeira vez por volta do início do século 19 por dois geólogos britânicos, James Hutton e seu discípulo mais conhecido, Charles Lyell. O trabalho de Lyell, *Princípios de Geologia*, é uma rejeição explícita das explicações com base na criação e no dilúvio para formulações geológicas. Lyell insistiu que todas as características da geologia da Terra têm que ser explicadas por processos naturais, e não sobrenaturais. Considerava todas as explicações bíblicas ou sobrenaturais como sendo inerentemente não-científicas e, portanto, falsas. Em outras palavras, ele começa com a suposição de que as Escrituras em si são inverídicas. E sua obra essencialmente canonizava o naturalismo ateísta como a base de suas pesquisas "científicas".

Como observamos anteriormente, o naturalismo é, em si, uma crença religiosa. A convicção de que nada acontece de forma sobrenatural é um princípio de fé, não um fato que possa ser comprovado com nenhum meio científico. De fato, uma rejeição *a priori* de tudo que seja sobrenatural envolve um salto gigantesco e irracional de fé. Assim, as hipóteses de naturalismo ateísta não são, na verdade, nem mais nem menos científicas do que as crenças do Cristianismo bíblico. Essa obviedade parece ter escapado a Lyell e a muitos de seus seguidores.

No entanto, a teoria uniformitarianista de Lyell teve enorme influência sobre outros cientistas de sua época (Darwin chegou a levar uma cópia do tratado de Lyell quando embarcou no *Beagle* em 1831). E, desde a primeira publicação do trabalho de Lyell até os dias de hoje, a hipótese de que a Terra tem milhões de anos tem dominado a ciência ao longo dos séculos. A própria

teoria da evolução era previsível e resultado quase que imediato da hipótese uniformitarianista de Lyell.

Obviamente, os cientistas modernos expandiram suas estimativas da idade da Terra muito além do que o próprio Lyell sequer imaginara. Mas a teoria básica do uniformitarianismo apareceu pela primeira vez a partir do antibíblico sistema de crenças de Lyell.

O oposto do uniformitarianismo é o catastrofismo, a visão de que modificações geológicas dramáticas aconteceram de repente, em eventos violentos ou incomuns. Um catastrofista que analise as formações rochosas ou *canyons* imensos muito provavelmente – e de forma mais acurada – irá interpretá-los como resultado de uma grande inundação. Obviamente, isso gera um período de tempo muito menor para o desenvolvimento das características geológicas da Terra (Uma inundação repentina, por exemplo, pode produzir uma grossa camada de sedimentos em apenas algumas horas. Isso significa que uma espessa camada de rocha sedimentar, que um uniformitarianista poderia supor que tivesse levado milhões de anos para se formar pode na verdade ser resultado de uma única inundação relâmpago.). O catastrofismo, portanto, impõe um desafio essencial ao calendário evolucionista, eliminando os vários bilhões de anos exigidos para fazer funcionar a hipótese evolucionista. E por isso é rejeitada logo de cara pela maioria dos evolucionistas.

Mas um momento de reflexão revelará que é impossível explicar o registro fóssil por qualquer sistema uniformitarianista. Para que uma criatura se fossilize (ao invés de apodrecer e virar pó – Jó 34.15), é preciso que seja enterrada imediatamente sob grande massa de sedimentos. Senão por um dilúvio catastrófico em uma escala distinta de qualquer outro observado em anos recentes, como explicar a existência de leitos fósseis imensos (como o campo fóssil de Karoo na África, que se pensa ter 800 bilhões de fósseis vertebrados)? A sedimentação natural durante várias eras não consegue explicar como tantos fósseis vieram se concentrar em um único lugar. E todos os continentes pouco habitados contêm vastos campos fósseis onde bilhões de espécies fossilizadas são encontrados em grandes concentrações, como se todas as criaturas tivessem sido destruídas e enterradas juntas por uma inundação maciça. Fósseis de criaturas marinhas são achados até mesmo em muitas das maiores montanhas do mundo. Como é que os uniformitarianistas explicam esses fenômenos? Só de uma maneira: aumentando constantemente suas estimativas da idade da Terra.

As Escrituras condenam o uniformitarianismo expressamente em 2 Pedro 3.4. Pedro profetizou que essa visão errônea seria adotada nos últimos dias por escarnecedores – homens que perseguem sua própria luxúria – que imaginam que "todas as coisas permanecem como eram desde o princípio da criação". O

apóstolo Pedro segue escrevendo: " Porque, deliberadamente, esquecem que, de longo tempo, houve céus bem como terra, a qual surgiu da água e através da água pela palavra de Deus, pela qual veio a perecer o mundo daquele tempo, afogado em água" (vs. 5,6).

Em outras palavras, o ensinamento simples das Escrituras é o de que a história deste mundo não foi uma de processos geológicos e naturais uniformes desde o início. Mas, de acordo com a Bíblia, houve pelo menos dois eventos cataclísmicos: a própria criação e uma inundação mundial catastrófica na época de Noé. Esses dois explicariam de forma suficiente praticamente todas as características geológicas e hidrológicas do planeta Terra como o conhecemos.[2]

De fato, forças catastróficas de grandes proporções são as únicas explicações realmente plausíveis para algumas características geológicas. Perto do lugar em que moro existe uma área conhecida como Vasquez Rocks. Parece uma paisagem lunar amarrotada (e é um lugar conhecido de filmes de ficção científica, pois é utilizado freqüentemente como cenário de cenas que mostram planetas exóticos). Suas principais características são cacos recortados de camadas rochosas, quebrados em pontas afiadas que sobem de dentro do chão a grandes alturas. Qualquer força que tenha colocado essas rochas apoiadas nas pontas foi obviamente repentina e violenta, e não lenta e gradual. Toda a região é cheia de evidências semelhantes de catástrofe. Não muito longe dali, fica a Falha de San Andreas. Lá, onde a estrada foi aberta nas encostas das montanhas, os viajantes podem observar camadas de rochas violentamente retorcidas. Essas características são evidência clara de forças extraordinárias que deram forma à topografia no sul da Califórnia – excedendo em muito a força de qualquer terremoto já registrado. Esses fenômenos são o que poderíamos esperar, admitindo-se a historicidade do relato bíblico. Está nas Escrituras, por exemplo, que, quando o dilúvio começou, "romperam-se todas as fontes do grande abismo" (Gn 7.11). Sem dúvida, o dilúvio veio acompanhado de atividade vulcânica, movimentos geológicos maciços e da acomodação das placas tectônicas terrestres. Uma catástrofe desse tipo explicaria não só camadas de rocha retorcidas para o alto, mas também explicaria facilmente porque tantas das cadeias de montanhas da Terra dão evidência de ter estado sob o mar em alguma época. Os uniformitarianistas não conseguem concordar com nenhuma explicação realista para características desse tipo.

Uma inundação total também explicaria a formação do *Grand Canyon*. Na verdade, seria uma explicação melhor do que qualquer hipótese uniformitarianista de como veio a existir. As características do próprio *canyon* (gargantas extremamente profundas com planaltos planos nas bordas) sugerem que ele se formou mediante rápida erosão. Uma formação impressionantemente

semelhante é o *Providence Canyon*, perto de Lumpkin, na Geórgia – um *canyon* espetacular que cobre mais de 4 km. No início do século 19, toda a área era composta de terras planas cultiváveis. Na metade do século, os fazendeiros tinham desmatado toda a área, arrancando as raízes das árvores, deixando a região suscetível à erosão. Em 1846, chuvas torrenciais começaram a formar pequenas valas e fendas. Essas se expandiam cada vez mais a cada chuva. Por volta de 1940, as cidades e os prédios próximos precisaram se mudar para acomodar o *canyon* em crescimento. Hoje ele possui dezesseis escarpas, algumas com mais de 1.500 metros de extensão. Em alguns pontos, a distância entre o fundo do *canyon* e a borda é semelhante a de um edifício de quinze andares. Hoje é uma área de lazer, cheia de árvores e vida selvagem, muitas vezes chamada de *Georgia's Little Grand Canyon* [Pequeno Grande Canyon da Geórgia]. Suas características não são diferentes das dos *canyons* que os geólogos afirmam que levaram bilhões de anos para se formar.[3]

Douglas F. Kelly escreveu:

> A hipótese uniformitarianista de que seriam necessários milhões de anos de trabalho geológico (extrapolando a partir dos processos atuais, lentos e naturais) para explicar estruturas como a do *Grand Canyon*, nos Estados Unidos, por exemplo, é colocada em questão seriamente pela explosão do *Mount St. Helens*, no estado de Washington, em 18 de maio de 1980. Uma energia intensa, equivalente a vinte milhões de toneladas de TNT destruiu 400 m2 de floresta em seis minutos, mudando a face da montanha e cavando profundidades de terra e rocha, deixando formações não muito diferentes daquelas do *Grand Canyon*. Estudos recentes do fenômeno do *Mount St. Helens* indicam que, se tentassem datar essas estruturas (que foram formadas em 1980) com base na teoria uniformitarianista, inevitavelmente seriam necessários milhões de anos de formação.[4]

Os cristãos que reinterpretam o texto bíblico para tentar acomodar as hipóteses uniformitarianistas da Terra-antiga o fazem desnecessariamente. Imaginar que a Terra se formou em um processo natural durante bilhões de anos por meio da uma evolução lenta e constante é negar a própria essência do que as Escrituras nos ensinam sobre a criação da Terra. Significa rejeitar o relato claro do próprio Deus, de que criou a Terra e tudo que nela vive em seis dias.

O QUE VEIO PRIMEIRO: O OVO OU A GALINHA?

Um fato bastante óbvio ignorado por muitos é o fato de que o universo estava maduro quando foi criado. Deus criou o mundo com a *aparência* de já existir há algum tempo. Quando criou as árvores e os animais, por exemplo, criou-os como organismos adultos, completamente desenvolvidos. De acordo com o relato bíblico, ele não criou apenas sementes e células. Sem dúvida, Deus não plantou uma célula única programada para transformar-se em uma diversidade de criaturas. Deus criou árvores com frutas maduras (Gn 1.11). Ele não criou simplesmente um ovo. Criou frangos e galinhas já desenvolvidas (Portanto, Gênesis 1.21 responde claramente o famoso enigma.). Criou Adão plenamente desenvolvido e completamente capaz de se casar e procriar.

Será que Adão tinha umbigo? Vale a pena observar que alguns criacionistas modernos, incluindo Ken Ham (por cujo trabalho tenho o maior respeito), acreditam que a resposta seja não, porque o umbigo é uma cicatriz do cordão umbilical, e um ser criado – não gerado – não teria por que ter essa cicatriz.[5]

A questão sobre o fato de Adão ter ou não umbigo pode soar fútil, mas na Idade Média e no Renascimento isso era um tema de debate freqüente. Artistas que pintaram Adão e Eva no Éden se deparavam com um dilema teológico: nossos primeiros ancestrais deveriam ser retratados com umbigo ou não? Não foram poucos os artistas que resolveram o problema pintando folhas bastante grandes para cobrir até a região do umbigo. Mas em seu famoso quadro que é a peça central do teto da Capela Sistina, Michelangelo deu a Adão um umbigo impressionante. E foi duramente criticado por isso por alguns dos teólogos mais severos de seu tempo.

Mas seria tão extremo assim pensar que Deus pudesse ter criado Adão com umbigo? Afinal de contas, o umbigo é uma parte integrante da anatomia humana. A estrutura de nossos músculos abdominais é projetada para acomodar um umbigo. Não consigo pensar em nenhuma razão necessária, teológica ou bíblica, para que Adão e Eva não tivessem umbigos. Nossos patriarcas pareciam adultos normais em todos os aspectos. Provavelmente tinham calos para proteger as solas de seus pés como todos os adultos e seus dentes eram regulares, como se fossem utilizados normalmente, e não afiados, como se nunca tivessem sido utilizados.

É claro que toda a questão envolvendo o fato de Adão e Eva terem ou não umbigos (ou calos, ou dentes regulares) é meramente especulativa. As Escrituras simplesmente não se referem ao assunto. Portanto, embora o assunto ainda seja intrigante, não há necessidade de reviver um debate tão trivial com intensidade medieval.

Continua o fato, no entanto, de que Adão tinham muitas características associadas à maturidade. Ele não foi criado como embrião nem como bebê. Ele era um homem completamente crescido. Não há motivo para duvidar que tivesse essas características normais de adultos; com certeza tinha músculos desenvolvidos; e sabemos que foi criado com conhecimentos suficientes para cuidar do jardim, dar nome aos animais, e falar com Deus. Sem nenhuma história de crescimento, experiência ou passado, ainda assim ele era um homem adulto e maduro.

Suponha que um cientista moderno pudesse viajar no tempo e chegar ao Éden momentos antes da criação de Adão. Se examinasse Adão, veria características de um adulto. Se conversasse com ele, falaria com um homem com conhecimentos de adulto e capacidade de comunicação plena. Mas se interpretasse que essas evidências fossem prova conclusiva de que Adão tinha mais de uma hora de vida, estaria simplesmente errado. Quando lidamos com coisas criadas *ex nihilo*, as evidências de maturidade ou sinais de idade não constituem prova de antigüidade.

E se esse mesmo cientista viajante do tempo fizesse um estudo botânico de um carvalho recém-criado? Ele notaria o tamanho da árvore, seus frutos, e provavelmente concluiria que a árvore tinha muitos anos. E se ele cortasse uma das árvores para analisar seus anéis de crescimento? Encontraria os anéis de crescimento, indicando que a árvore estava lá por muitos anos? Por que não? Esses anéis de xilema e floema não são apenas sinais da idade da árvore, mas também fazem parte do sistema vascular da árvore. São essenciais à força de uma árvore grande com esse tamanho também. Mas se nosso cientista imaginário concluísse, com base nos anéis da árvore, que ela tinha noventa anos de idade, estaria errado novamente. Todo o jardim foi criado adulto e maduro, plenamente funcional, e, portanto, aparentando ter idade.

O jardim era povoado por criaturas que tinham toda a aparência de idade. No sétimo dia, quando Deus descansou de seu trabalho, tudo estava maduro e era plenamente funcional. As águias que voavam pareciam ter trinta anos de idade, mas tinham menos de uma semana. Os elefantes pastando por ali comiam muito e pareciam ter cinqüenta anos, mas tinham apenas um dia. As montanhas, os rios, e outros acidentes geográficos também pareciam estar lá por muito tempo. Sem dúvida, havia cachoeiras, vales e outros acidentes geográficos que os geólogos garantiriam que tinham sido formados ao longo de várias eras de erosão provocadas pelo vento e por chuvas, erupções vulcânicas e terremotos. Mas o fato é que foram todos feitos em um único dia. E quando Adão olhou para o céu e viu aquela imensidão com milhões de estrelas, estava vendo a luz de milhões de anos-luz de distância – muito embora essas estrelas estivessem lá havia menos de quatro dias. A própria luz do Sol foi parte da criação divina (Gn 1.3.

Veja no capítulo 5 uma discussão sobre como a luz de estrelas distantes pode se tornar visível na Terra em um instante apenas).

Todas esses sinais de idade e maturidade fazem parte de cada milagre da criação. Quando Jesus transformou a água em vinho, por exemplo, ele passou por cima do processo de fermentação e maturação. Ele fez vinho a partir da água instantaneamente, e aqueles que provaram do vinho afirmaram que era o melhor vinho de todos (Jo 2.10) – e isso significava que o vinho já estava bem fermentado e envelhecido, muito embora fosse uma criação instantânea. Quando multiplicou os pães e os peixes, criou pães e peixes já cozidos e prontos para comer.

Certamente esperamos que as pessoas que rejeitam a Escritura sagrada e desprezam a Deus aceitem a noção de que o universo já existia havia milhares, milhões de anos. Por razões óbvias, querem eliminar qualquer explicação sobrenatural para a origem da humanidade. Não querem ter uma lei de obrigações morais nem um juiz todo-poderoso ao qual devem prestar contas. Por isso, é claro, adotam as teorias naturalistas da evolução e de uma Terra-antiga com grande entusiasmo.

Mas é chocante e perturbador ver como a idéia de que a Terra tem bilhões de anos começou a dominar até mesmo a comunidade evangélica cristã. Recentemente, alguns líderes teológicos evangélicos, comentaristas bíblicos e apologistas começaram a argumentar que é necessário ir além do significado simplista do relato da criação no Gênesis e tentar adaptar nosso entendimento da criação o mais próximo das teorias atualmente em vigor na ciência. Se insistirmos literalmente na criação em seis dias e em uma idade jovem para o universo, alegam eles, sacrificaremos nossa credibilidade acadêmica e enfraqueceremos nosso testemunho junto àqueles que foram ensinados na teoria da evolução.

DEVEMOS AVALIAR A ESCRITURA SAGRADA PELA CIÊNCIA, OU VICE-VERSA?

A figura evangélica mais destacada nos esforços para harmonizar o Gênesis com as teorias científicas vigentes talvez seja Hugh Ross, um ex-astrofísico que agora atua como apologista e defensor do criacionismo da terra-antiga em tempo integral (o Dr. Ross usa o termo "criacionismo progressivo" para descrever suas opiniões).

Em seu favor, ele afirma sem reservas a autoridade absoluta e a ausência de erro da Escritura Sagrada. Aceita o testemunho bíblico de que Deus criou cada espécie de criatura vivente individualmente. Não acredita que as formas inferiores de vida evoluíram para formas mais evoluídas, ou que o homem evoluiu de outra espécie animal. Na verdade, encara Adão e Eva como figuras históricas,

literalmente os pais de toda a raça humana. Em todas essas formas, as opiniões defendidas por Hugh Ross são bem superiores às dos evolucionistas teístas ou outros crentes professos que permeiam a teoria evolucionista e concluem que os primeiros capítulos do Gênesis são meramente um mito ou um erro. Diferentemente deles, Hugh Ross é evangélico. A declaração doutrinária de seu ministério anuncia uma declaração direta de convicções evangélicas básicas. Seus livros são endossados pelo "Quem é Quem" dos líderes evangélicos.

Então qual é o problema? Simplesmente: Hugh Ross abraçou teorias selecionadas da cosmologia do *big bang*, que ele acredita ser um fato inquestionável – inclusive a noção de que o universo e a Terra têm bilhões de anos – e emprega essas teorias como lentes pelas quais devemos interpretar a Escritura Sagrada. Com efeito, ele torna a Escritura subserviente à ciência – e ele o faz sem separar cuidadosamente o fato científico da teoria científica.

Hugh Ross está convencido de que as teorias cientificas modernas podem nos oferecer uma compreensão superior dos fatos básicos relacionados à origem do universo. Todos os livros de Ross, portanto, argumentam, com efeito, que as descobertas são necessárias para interpretar o significado real da Bíblia. De acordo com Ross, a nossa geração – graças às teorias evolucionistas do *big bang* – pode hoje entender o real significado das narrativas bíblicas da criação de uma forma que nenhuma geração antes conseguiu. Com efeito, ele acredita que a opinião científica moderna sobre a idade e a origem do universo seja essencial para explicar por que as Escrituras almejam nos ensinar que a criação foi um processo que levou bilhões de anos, não apenas uma semana, para ser concluída. E isso significa que todas as gerações passadas, de Moisés até o final do século 20, não tinham a menor idéia do real significado de Gênesis.

Obviamente, o próprio Ross não aceita *todas* as reivindicações dos evolucionistas. Mas se suas opiniões estiverem corretas, devemos tentar separar o que é fato do que é teoria na ciência moderna, e utilizar os *fatos* da ciência como diretrizes para interpretação do relato bíblico da criação. Essa abordagem, insiste ele, gera uma compreensão do Gênesis que se harmoniza completamente com a crença moderna da cosmologia, segundo a qual o universo tem algo em torno de vinte bilhões de anos.

Infelizmente, o próprio Ross parece utilizar um método completamente arbitrário para determinar quais são as doutrinas da ciência moderna que devem ser encaradas como fatos e quais delas são apenas teoria.

Por exemplo, a própria teoria do *big bang* ainda é altamente controversa, mesmo entre os colegas astrônomos de Ross. É só a última na fila de "explicações científicas" de como o universo veio a existir. A cosmologia do *big bang* em si está em constante mutação (por exemplo, os cientistas já acreditaram

que todo o universo emergiu quando uma massa inimaginavelmente enorme de matéria explodiu, mas a teoria atualmente em vigor é a de que toda a matéria do universo emergiu de uma partícula que era infinitesimalmente pequena). Ainda assim, apesar de toda a incerteza em torno do *big bang*, Hugh Ross a considera um fato "inquestionavelmente estabelecido",[6] e insiste que ela traz luz necessária sobre o significado real da Escrituras.

Ross também defende um esquema de eras paleontológicas longas que ele acredita se harmonizar perfeitamente com os seis dias da Escritura Sagrada. De forma a manter sua opinião, ele se vê obrigado a ignorar ou desprezar algumas dificuldades óbvias de maneira bem fácil. Por exemplo, as plantas aparecem no terceiro dia do relato bíblico, mas o Sol, essencial à sobrevivência dessas plantas, não aparece até o quarto dia. E os insetos não são criados até o sexto dia, o que seria milhões de anos após o surgimento das plantas, se a visão de Ross quanto aos "dias" estiver correta. É claro que a seqüência paleontológica que Ross propõe não é, de forma alguma, aceita universalmente pelos cientistas; ela é apenas uma das muitas teorias conhecidas.[7] Mas Ross a trata como fato definitivo e deixa que ela determine toda a compreensão dos seis dias da criação da Bíblia.

Ross trata muitas teorias tão questionáveis quanto essa como fatos indubitáveis. Ele acredita, por exemplo, que a ciência provou de maneira irrefutável que o Dilúvio de Noé não pode ter sido na verdade o tipo de inundação mundial que uma leitura literal de Gênesis 7.19-24 indica claramente ter sido. Ele parece acreditar que a ciência estabeleceu com absoluta certeza a existência de hominídeos pré-adamitas – criaturas sub-humanas que se pareciam perfeitamente com o homem. Ele declara, na verdade, que "hominídeos bípedes, de cérebro grande, que utilizavam ferramentas, perambulavam pela Terra pelo menos por um milhão de anos"[8] – eras antes do que ele acredita ser a época em que Adão surgiu em cena. E, de forma a explicar de que maneira espécies como essas surgiram e desapareceram antes da criação de Adão, Ross insiste ainda que o mundo era cheio de derramamento de sangue, decadência, morte e violência – mesmo antes da queda de Adão e da maldição de Gênesis 3.14-19.

Ao ler os livros de Ross, fica-se completamente perdido quando se tenta descobrir que idéias científicas modernas são fatos e quais são meras teorias. Ele cita constantemente "as últimas descobertas das pesquisas", "estudos recentes", "estimativas atuais", "novos dados" – como se estivesse citando exemplos de fatos bem estabelecidos e universalmente aceitos. A tendência do Dr. Ross de tratar teorias questionáveis como se fossem fatos irrefutáveis é bem documentada.[9] Não se pode fugir à conclusão de que seu próprio julgamento arbitrário é o padrão principal pelo qual ele determina quais idéias científicas são fatos estabelecidos e quais são mera teoria.

Mas a questão de uma doutrina científica ser fato verdadeiro ou simples teoria não é do tipo que possa ser deixada de lado, se deseja aceitar as idéias do Dr. Ross, porque todo seu sistema é construído sobre a premissa de que as Escrituras e a ciência têm a mesma confiabilidade.

De acordo com o Dr. Ross, *a revelação geral* (a manifestação da glória divina que está evidente na criação) é tão essencial e tão confiável quanto a *revelação especial* (a verdade que Deus revelou nas Escrituras). Na verdade, Ross ficaria perfeitamente feliz se pudesse garantir um espaço para a ciência no cânon. "A revelação de Deus não está limitada exclusivamente às palavras da Bíblia", diz ele. "*Os fatos da natureza podem ser comparados a um sexagésimo sétimo livro da Bíblia*".[10]

Ross parece tentar se esquivar das implicações dessa declaração, mas não consegue:

> Alguns leitores podem temer que eu esteja inferindo que a revelação de Deus na natureza está de alguma forma em pé de igualdade com sua revelação por intermédio das palavras da Bíblia. Permita-me afirmar simplesmente que a verdade, por definição, é o conjunto de informações que está perfeitamente livre de contradição e erro. Assim como é absurdo falar de algum ente mais perfeito do que outro, da mesma forma uma revelação da verdade de Deus não pode ser considerada inferior ou superior à outra.[11]

Em outras palavras, Ross acredita claramente que "a revelação de Deus na natureza está ... em pé de igualdade com sua revelação por intermédio das palavras da Bíblia". Não se pode tirar outra conclusão sensata a partir de suas palavras. Se os fatos da natureza podem também ser escritos e reunidos na Bíblia como um "sexagésimo sétimo livro", então não há razão para subjugar a ciência às Escrituras, tanto quanto o inverso.

Afinal de contas, se a voz da natureza realmente *fala* com a mesma clareza e autoridade que as palavras inspiradas das Escrituras, quem pode discordar da abordagem de Ross?

A REVELACÃO GERAL É IGUAL A REVELACÃO ESPECIAL?

Mas qual a extensão e a qualidade da verdade revelada por Deus na natureza? Hugh Ross parece acreditar que a revelação geral é bastante e suficiente para nos dizer tudo que precisamos saber sobre Deus e sobre a criação. "Deus revela-se fielmente pela 'voz' da natureza tanto quanto pelas palavras inspiradas

das Escrituras", escreveu Ross.[12] Mas e a verdade do evangelho? Pode alguém distingui-la observando apenas a natureza e o cosmo, separadamente das Escrituras? Ross parece sugerir que sim, e em sua defesa cita Colossenses 1.23, onde nos é dito que o evangelho "foi pregado a toda criatura debaixo do céu".[13] Dessa forma, Ross sugere que a natureza, como as Escrituras, é uma revelação *suficiente*, capaz de esclarecer as pessoas rumo à salvação e de prepará-las fortemente para toda boa obra (cf. 2Tm 3.15-17).

Ross alega que a visão evangélica clássica da criação literalmente em seis dias e de uma terra jovem tem raízes em uma "teologia de revelação simples" incorreta, que ele define como "a crença de que a Bíblia é a única fonte confiável da verdade".[14] Ele se refere à sua própria visão como uma "teologia de revelação dupla" – e, em sua defesa, enumera uma lista de referências bíblicas que estabelecem a doutrina da revelação geral, em especial Salmos 19.1-4 e Romanos 1.19,20.

A leitura da abordagem que Ross dá à questão pode dar a impressão de que os criacionistas que defendem uma terra jovem negam a revelação geral como um todo. Mas a realidade é que *todos* os teólogos evangélicos reconhecem o lugar legítimo da revelação geral. Nas passagens citadas por Ross, a Escritura afirma claramente que "Os céus proclamam a glória de Deus" (Sl 19.1). A revelação de Deus e de sua glória na natureza é evidente o bastante para que ninguém "tenha desculpa" para rejeitar a palavra de Deus (Rm 1.19,20). A passagem em Romanos 1 diz também que a evidência da criação revela a todos alguns "atributos invisíveis" de Deus, ou seja, "seu eterno poder e divindade".

Mas essas passagens não ensinam o que o Dr. Ross alega que ensinam. Certamente não põem em grau de igualdade a natureza e as Escrituras. Na verdade, o próprio Jesus desbancou expressamente a noção de que a natureza e as Escrituras fossem formas equivalentes de revelação quando disse: "Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão" (Mt 24.35; cf. Mc 13.31).

Além disso, nada nas Escrituras sugere que *tudo* que precisamos saber sobre Deus nos seja revelado na natureza. Ao contrário, o ponto principal de Salmos 19 é sublinhar a necessidade, a suficiência absoluta e a predominância da revelação *especial* – as Escrituras. A natureza simplesmente exibe a glória de Deus em um testemunho mudo que declara a sua majestade, seu poder, sua divindade e sua existência a todos – e deixa-os sem desculpas se ignoram ou rejeitam o Deus da Bíblia. Em outras palavras, a revelação natural é suficiente para condenar os pecadores, mas não para salvá-los. A Bíblia, por outro lado, é perfeita, fiel, reta, pura, límpida e verdadeira (vs. 7-9). Diferentemente da revelação geral disponível na natureza, a verdade das Escrituras restaura a alma, dá sabedoria aos símplices, ilumina os olhos e permanece para sempre

(vs. 7-9). Dessa forma, o salmo sublinha claramente a *superioridade* das Escrituras. Seu significado é que a revelação de Deus na natureza não tem o poder, a duração, a confiabilidade, a clareza ou a autoridade das Escrituras. A Bíblia é uma revelação *suficiente*; a natureza, não. As Escrituras são claras e completas; a natureza, não. As Escrituras, portanto, nos falam com mais autoridade do que a natureza e devem ser utilizadas para embasar a opinião científica, e não o contrário.

Ao contrário da natureza, a Bíblia é transparente; seu significado é claro e de fácil entendimento. É claro que não é toda a Bíblia que tem essa clareza. Algumas partes são notoriamente difíceis de se entender (2Pe 3.16), e mesmo a passagem mais simples das Escrituras deve ser interpretada corretamente de maneira a produzir seu significado real. Mas a clareza e a inteligibilidade das Escrituras são muito superiores às da natureza. E, portanto, a Bíblia é a regra com que devemos medir a ciência, muito mais do que a abordagem inversa.

Hugh Ross dá muito destaque ao valor da revelação geral. Ele erra ao traçar paralelos de igualdade entre a revelação geral e a revelação especial – como se tudo que as Escrituras dizem sobre sua própria confiabilidade e suficiência também fosse verdade no caso da natureza. Pior ainda, sua visão dos "fatos da natureza" é enquadrada por hipóteses científicas atuais sobre a idade e a origem do universo. Então, Ross deve estar sugerindo, na realidade, que as teorias dos evolucionistas (ou pelo menos algumas delas) devem ter a mesma consideração que a revelação bíblica. Na prática, no entanto, tanto ele como outros criacionistas progressistas ensejaram às teorias científicas uma confiabilidade *superior*, pois empregam essas teorias como regras segundo as quais devemos interpretar as declarações da Bíblia. A teoria científica atual tornou-se portanto um filtro de leitura pelo qual os criacionistas progressistas explicam e interpretam as Escrituras. Eles fizeram a ciência interpretar as Escrituras de uma maneira que não oferece a menor certeza. Na verdade, simplesmente tomaram emprestado algumas idéias da moderna teoria científica e importaram esses pensamentos para dentro do texto da Escritura Sagrada. A linguagem real do texto é, portanto, obscura ou orientada em favor de uma idéia não-bíblica que se impôs sobre o texto bíblico. Um método desses naturalmente acaba por gerar uma interpretação que é totalmente desconexa e, muitas vezes, totalmente contrária às verdadeiras palavras das Escrituras. E, francamente, somente dessa maneira poderia alguém ler o testemunho bíblico e concluir que o universo tem bilhões de anos.

O UNIVERSO É ANTIGO OU JOVEM?

De fato, é praticamente impossível começar com uma leitura direta do Gênesis e chegar à conclusão de que o universo tem mais do que alguns milhares de anos.

Considere-se a idade da raça humana, por exemplo. Hugh Ross acredita, com base no registro fóssil, que a criação de Adão deve ter ocorrido até uns cinqüenta mil anos atrás.[15] Mas o Gênesis tem uma genealogia detalhada que traça o desenvolvimento da raça humana de Adão a Abraão e mais além. Essa genealogia inclui uma cronologia com as idades exatas de indivíduos quando suas proles nasceram. O arcebispo James Ussher fez uma análise cuidadosa das genealogias no século 17 e concluiu que a data da criação de Adão foi 4004 a.C. Alguns acadêmicos sugeriram que deve ter havido intervalos na genealogia, em que uma ou duas gerações tenham sido puladas e o nome de um neto ou bisneto tenha sido substituído pelo de um filho. Esses intervalos podem ser demonstrados em algumas genealogias bíblicas (Em Mateus 1.8, por exemplo, o evangelista pula três gerações de Jorão a Uzias, aparentemente para manter uma certa simetria na genealogia.). Nenhum desses intervalos pode ser provado nas genealogias detalhadas em Gênesis 5 e 11. Mas mesmo que haja esses intervalos, é inconcebível que a data da criação de Adão pudesse se situar mais do que dez mil anos atrás. Conforme Henry Morris escreveu: "Visto de fora, pareceria impossível inserir intervalos ou pulos que totalizassem mais do que cinco mil anos sem tornar o registro totalmente absurdo e irrelevante. Como conseqüência, a Bíblia não confirmará uma data para a criação do homem antes de 10.000 a.C."[16]

E quanto à noção de que os "dias" da criação foram longas eras? Vamos examinar essa questão mais de perto nos capítulos que virão, mas agora é suficiente destacar que nada no contexto imediato sugere que esses capítulos iniciais do Gênesis devem ser interpretados de forma figurada. Jesus tratou o relato bíblico da criação como história (Mt 19.4), da mesma forma que os apóstolos Paulo (2Co 4.6) e Pedro (2Pe 3.5). O relato é apresentado simplesmente como história. De fato, a única razão para interpretar os seis dias do Gênesis como eras é para harmonizar o Gênesis com as teorias científicas recentes. Edward J. Young observou:

> O que surpreende imediatamente [quanto a essa abordagem] é o desprezo que ela mostra pela Bíblia. Sempre que a "ciência" e a Bíblia entram em conflito, é sempre a Bíblia que, de uma maneira ou de outra, tem que ceder. Não nos dizem que a "ciência" deve corrigir

> suas respostas à luz das Escrituras. É sempre o contrário. Ainda assim, é realmente chocante, pois as respostas que os cientistas vêm fornecendo têm mudado com o passar dos anos. As respostas "confiáveis" dos cientistas pré-copérnicos não são mais aceitáveis; nem, nesse caso específico, muitas das visões de vinte e cinco anos atrás.[17]

Mas a ordem da criação descarta a possibilidade de que os "dias" de Gênesis 1 tenham sido, de fato, longas eras. Por exemplo, a vida vegetal foi criada no terceiro dia, inclusive as flores e as árvores de frutos (1.12). Mas os pássaros não apareceram até o quinto dia (v. 21) e as criaturas terrestres – inclusive os insetos (v. 24) – não foram criados até o sexto dia. Como todo jardineiro sabe, existe uma simbiose necessária entre a maioria das plantas que dão flores e o reino dos insetos que, em última análise, elimina a existência de um sem o outro. Todas essas formas diferentes e interdependentes de vida não poderiam ter evoluído simultaneamente; tampouco poderiam as plantas com flores ter sido criadas milhares de anos antes dos insetos e dos pássaros.

As Escrituras nos dizem que *todas* essas criaturas foram feitas em uma semana. A vida não apareceu lenta e gradualmente sobre a Terra, em diferentes graus de complexidade, durante muitas eras. Isso é o que a evolução ensina. A Bíblia destaca a criação *ex nihilo* de todas as coisas do universo. Foi tudo criado em um período muito curto, apesar de sua incrível imensidão e complexidade.

A mente impregnada da ciência moderna e de seu preconceito contra o sobrenatural luta para compreender como tanta coisa pôde ocorrer em tão pouco tempo. Mas não há razão para que um cristão duvide que Deus poderia criar tudo, tudo pronto e amadurecido, em um nanosegundo, se assim o quisesse. Não existe, *com toda certeza*, nenhuma razão para um cristão se negar a acreditar que Deus criou tudo em seis dias. Afinal de contas, isso é o que uma leitura direta das Escrituras nos ensina claramente.

No entanto, sem dúvida, Hugh Ross pensa que a perfeição e a complexidade da criação é um argumento contra uma Terra jovem. Depois de relacionar diversas "provas" científicas de que o universo tem bilhões de anos, ele escreveu:

> Uma consideração adicional a partir de uma perspectiva completamente diferente envolve a natureza da criatividade em si. Observe um escultor, pintor ou poeta de qualidade, um artesão de qualquer tipo. Observe o trabalho exaustivo, mas gratificante, que é depositado sobre cada peça que projeta. Examine a criação sob qualquer dimensão, desde uma galáxia gigante até o interior de um átomo, de uma baleia a uma ameba. O esplendor de cada item, sua

beleza em forma e em função, não nos indica uma produção em massa instantânea, mas, ao contrário, uma produção com atenção ao detalhe, com cuidado e prazer infinitos."[18]

Os argumentos parecem sugerir que Deus não poderia, de forma nenhuma, ter criado um universo tão complexo em apenas seis dias. Todavia, o ponto central de Gênesis 1 – 2 é que a força criativa de Deus, assim como o próprio universo, é incompreensível para a mente humana. Com seu poder e sabedoria infinitos, Deus não precisou de tempo para o projeto ou para o aperfeiçoamento de suas criaturas. Simplesmente ditou a palavra e fez do nada tudo que vemos e conhecemos. E as Escrituras dizem que fez isso em seis dias.

Não há absolutamente nada no texto de Gênesis 1.1–2.3 que fale de evolução ou longas eras geológicas no processo de criação. O texto em si é na verdade uma negação direta de todos os princípios evolucionistas. A evolução teísta, as teorias de bilhões de anos de idade e o "criacionismo progressivo" são todos refutados se simplesmente olharmos as declarações de Gênesis como elas são. Somente com a negação de expressões-chave ou a interpretação de forma não-literal é que o cristão pode enxergar qualquer grau de evolução ou "criação progressiva" no relato do Gênesis.

Conseqüentemente, é uma tarefa muito difícil a qualquer comentarista ou exegeta a de impor teorias de uma Terra-antiga no relato bíblico da criação. Para tal, devem começar obscurecendo o sentido histórico evidente da passagem, reorientando-o, ao contrário, para recursos literários como a alegoria, o mito, a lenda ou expressões poéticas.

E, ao fazer isso, estão tentando fazer com que a Palavra de Deus se curve de joelhos a um naturalismo ateu e a suas teorias sempre mutantes. Devemos, ao contrário, permitir que a imutável e confiável Palavra de Deus forme nosso entendimento e deixar a ciência se curvar às Escrituras.

O Dr. Ross continua a ser um cristão que acredita na historicidade de Adão e Eva precisamente porque, em algum ponto, decidiu aceitar a verdade revelada das Escrituras *ao invés* das teorias da ciência moderna. Seria muito melhor reconhecer a superioridade das Escrituras logo de início e fazer dela a fonte confiável pela qual toda a ciência seja avaliada. Essa é o princípio histórico de *Sola Scriptura*. Os cristãos que aceitam a autoridade da Escritura sobre a da ciência não terão vergonha quando todos os fatos verdadeiros vierem à luz. Lembremos que o próprio Cristo disse: "Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão" (Mt 24.35). A Palavra de Deus permanece inalterada depois de milhares de anos, enquanto as teorias da ciência secular mudam dramaticamente a cada nova geração.

O céu e a terra passarão. Como mencionamos no capítulo anterior, um dia o universo vai se dissolver tão rápido como veio a existir (2Pe 3.10-12), apenas para ser imediatamente substituído por um novo céu e uma nova terra (Ap 21.1-5). E o relato bíblico da primeira criação será plenamente justificado.

Capítulo 3

A LUZ NO PRIMEIRO DIA

A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas. Disse Deus: Haja luz; e houve luz. E viu Deus que a luz era boa; e fez separação entre a luz e as trevas. Chamou Deus à luz Dia e às trevas, Noite. Houve tarde e manhã, o primeiro dia.

Gênesis 1.2-5

O primeiro dia da criação define e delimita o que a Bíblia quer significar com a palavra *dia* em todo contexto do primeiro capítulo de Gênesis. Aqueles que acreditam que os dias da criação foram longas eras, invariavelmente, dão valor exagerado ao fato de que o Sol só foi criado no quarto dia, e baseado nisso, argumentam que os dias poderiam não ser solares, com 24 horas. A palavra *dia*, mencionam eles, é utilizada em outros lugares nas Escrituras para se referir a um longo ou indeterminado período de tempo. Por exemplo, "o dia do SENHOR" é uma expressão usada em toda a Bíblia para significar uma era escatológica em que Deus derrama sua ira sobre a Terra. Além disso, 2 Pedro 3.8 diz: "para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia." Então, o criacionista da Terra-antiga argumenta que os dias da criação podem muito bem ter sido longas eras que correspondem aproximadamente às modernas teorias geológicas sobre os períodos Pré-cambriano, Paleolítico, Mesolítico, Terciário e Quaternário.

O problema com este ponto de vista é que nada na passagem sugere que os dias foram longas eras. Os dias são definidos em Gênesis 1.5: "Chamou Deus à luz Dia e às trevas, Noite. Houve tarde e manhã, o primeiro dia." Noite e dia, tarde e manhã são formas definidas pelas fases rítmicas da luz e das trevas desde o início. A mesma expressão "Houve tarde e manhã, o .... dia" é empregada para cada um dos seis dias da criação (vs. 5,8,13,19,23,31), ressaltando o fato de que os dias eram os mesmos e de que tinham limites claramente definidos.

A única variação de luz e trevas definida em qualquer lugar deste contexto é o ciclo dia-noite que (depois do quarto dia) é governado pelo Sol e pela Lua (v.18). Não há razão para acreditar que o ritmo fosse grandemente alterado no quarto dia. Isto significa que a duração de "tarde e manhã" no primeiro dia da criação foi o mesmo que tarde e manhã de qualquer dia solar.

De dato, a palavra *dia* é algumas vezes usada de maneira figurada nas Escrituras para falar de um período indeterminado de tempo ("...o dia da vossa alegria" – Nm10.10). Mas através das Escrituras sempre que a palavra é modificada em um número ("... e ressucitou ao terceiro dia" – 1Co 15.4), a referência, claramente, é sobre um dia solar normal.

Nada nas Escrituras admite a idéia de que a criação foi qualquer outra coisa além de dias de 24 horas, literalmente. Apenas influências extrabíblicas – como as teorias da ciência moderna, as idéias do alto criticismo e outros ataques contra a historicidade das Escrituras – levariam alguém a interpretar os dias de Gênesis como longas eras. Na verdade, os criacionistas da Terra-antiga subjugaram as Escrituras a certas teorias atualmente bastante aceitas na cosmologia do *big bang*. As teorias cosmológicas se impuseram nas Escrituras como uma rede interpretativa e permitiram redefinir o tamanho dos dias da criação. Esta abordagem não é evangélica, e como faz concessões à autoridade das Escrituras no início, irá inevitavelmente afastar as pessoas de uma compreensão evangélica delas, por mais que os defensores deste ponto de vista tentem apoiar tenazmente a doutrina evangélica. Adaptar nossa compreensão das Escrituras à teoria secular e científica é desmoralizar a autoridade bíblica.

Hugh Ross e outros criacionistas da Terra-antiga respondem a esse argumento apontando que Agostinho e alguns outros pais da Igreja interpretaram os dias da criação de forma não-literal. Ross declara: "Não se pode dizer que seu ponto de vista bíblico se formou de modo a se adaptar à opinião secular".[1]

Com efeito, Agostinho realmente fez um julgamento não-literal dos seis dias da criação. Ele escreveu: "Que tipo de dias foram estes, é extremamente difícil, ou talvez impossível para nós imaginar, quanto mais dizer!"[2]

Mas o que Ross *não* disse para seus leitores é que Agostinho e aqueles que compartilhavam de sua opinião estavam argumentando que Deus criou o universo inteiro instantaneamente, em menos de um nanosegundo – de fato, completamente fora da esfera do tempo. Em vez de concordar com Ross e a ciência moderna sobre a criação ao longo de bilhões de anos, Agostinho e outros que tinham as mesmas idéias foram para a direção oposta e reduziram o tempo da criação para um simples instante. Eles assim o fizeram porque tinham sido influenciados pela filosofia grega a acreditar que um Deus, que transcende o tempo e o espaço, não poderia criar na esfera do tempo. Então, reduziram os

seis dias a um único momento. Agostinho escreveu: "Com certeza, o mundo foi feito, não no tempo apropriado, mas simultaneamente com o tempo."[3] Isto foi precisamente o que o estudo de Agostinho das obras de filósofos seculares tinha lhe ensinado. Em outras palavras, sua opinião sobre esta questão era, no fim das contas, uma acomodação à opinião secular (E estas opiniões realmente enfraqueceram o compromisso da igreja inicial em relação à autoridade das Escrituras).

Entretanto Agostinho combateu a noção de uma Terra-antiga tão vigorosamente quanto qualquer crítico evangélico moderno da teoria da Terra-antiga. Ele incluiu um capítulo inteiro em *Cidade de Deus*, chamado "Sobre a mentira da história que atribui muitos milhares de anos ao passado do mundo". Sua crítica em relação àqueles que acreditavam que a Terra é antiga era direta: "Eles dizem o que pensam, não o que sabem. Estão enganados também por esses documentos totalmente falsos que professam dar à História muitos milhares de anos, embora ao se avaliar pelos escritos antigos, descobrimos que menos de seis mil anos já se passaram."[4]

Realmente, nada nas Escrituras levaria alguém a pensar que o mundo tem bilhões de anos ou que os dias da criação foram longas eras. Ao invés disso, ao definir os dias da criação segundo o ciclo de luz que separa o dia da noite, a Bíblia declara muito explicitamente que os dias da criação eram iguais em extensão aos dias solares normais. E parte da maravilha da criação é a facilidade e a velocidade com que Deus formou algo tão inimaginavelmente vasto, complexo, intrincado e belo. A ênfase não está, como sugere Hugh Ross, "no tempo e na atenção para o detalhe."[5] Ao contrário, o que o relato bíblico pretende enfatizar é a majestade e o poder infinito do Todo-poderoso que fez tudo isso, em tão pouco tempo, com nada mais que sua Palavra.

O criacionismo da Terra-antiga diminui a ênfase bíblica sobre a criação pelo divino *fiat*, montando um cenário no qual Deus conserta a criação durante longas eras até que o mundo estivesse finalmente pronto para ser habitado por humanos feitos à sua imagem. Isto é exatamente o contrário do que Gênesis ensina.

Não se deve sugerir, como Agostinho o fez, que tudo foi criado num instante. Segundo as Escrituras, há uma progressão na obra criadora de Deus. Ele fez isto durante seis dias e descansou no sétimo. Não porque precisasse de muito tempo para criar, e certamente também não porque precisasse descansar. Mas através disso, forneceu um modelo para o ciclo do trabalho e descanso que julgou adequado para que o homem seguisse. Isto estabeleceu a medida de uma semana, que até hoje se reflete no calendário segundo o qual o mundo inteiro mede o tempo. Iremos examinar isto mais detalhadamente quando tratarmos do sétimo dia.

E ele soberanamente escolheu dedicar cada dia a um aspecto específico da criação. O primeiro dia viu a criação do tempo, da matéria e da luz.

A criação do tempo está implícita pelas palavras "No princípio". No princípio de quê? Do próprio tempo. Antes disso, não havia medida de tempo e nenhuma passagem de tempo. O próprio Deus existia em toda sua perfeição, fora do tempo e numa esfera em que não podemos nem mesmo imaginar. Nossas idéias sobre a eternidade são limitadas, porque tudo que conhecemos está sujeito à passagem do tempo.

Muito tem sido escrito sobre a eternidade de Deus. É um conceito profundo e difícil, e não me proponho a tratá-lo em grande profundidade, exceto para afirmar que a Bíblia assim o ensina. É a mesma coisa sobre a qual Pedro falou em 2 Pedro 3.8 quando escreveu: "para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia" (Este versículo, a propósito, não tem nada a ver com a extensão dos dias da criação. Pedro estava afirmando a eternidade de Deus; Gênesis indica claramente que a criação aconteceu no tempo determinado.). Deus não está limitado ao bater do relógio. Ele pode realizar em um nanosegundo tanto quanto pode realizar em um quatrilhão de anos. Tudo é a mesma coisa para ele. Ele sabe os detalhes do futuro com a mesma certeza que conhece o passado. A Bíblia enfatiza a eternidade de Deus ao se referir a ele como "Senhor Deus, o Todo-poderoso, aquele que era, que é e que há de vir"(Ap 4.8). O próprio Deus diz: "Eu sou o Alfa e o Ômega, ... aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-poderoso."(1.8) Mesmo a eternidade e por conseguinte a perpetuidade de Cristo é sugerida por Hebreus 13.8: "Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre".

Mas, junto com o universo, Deus criou o tempo. Isto, acredito eu, é a própria idéia que as palavras "No princípio", em Gênesis 1.1, querem ensinar. Com à primeira atividade criativa de Deus, o tempo emergiu da eternidade.

E a matéria emergiu do que é imaterial, do nada, em um instante, o universo – com todo espaço e matéria – foi feito por decreto de Deus. É impossível dizer que forma a matéria tomou, mas observe que as estrelas e os planetas não foram criados até o quarto dia. O universo – pelo menos sua energia e massa – começou a existir com alguma forma, embora as estrelas luzentes e os planetas ainda não tivessem forma. Que forma era não foi esclarecida nem explicada em detalhes. Mas gosto da paráfrase de Gênesis 1.1 proposta por Henry Morris: "O transcendente, onipotente Deus criou o universo espaço-massa-tempo".[6] Sabemos a partir do versículo 2 que a Terra era sem forma, árida, estava envolta em trevas, água e algum tipo de névoa. Sem dúvida, uma aridez semelhante caracterizou todo o universo. Mas neste primeiro instante da criação, o "universo espaço-massa-tempo" começou a existir.

Diferentemente disso, o primeiro dia é digno de nota por uma coisa: a luz. De todas as criações de Deus, a coisa que revela mais claramente e que mais se aproxima de sua glória é a luz. É por isso que ele mesmo é chamado de "Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança" (Tg 1.17). Em outras palavras, toda verdadeira luz espiritual emana dele. Não importa como ele muda, ele não espalha sombra, nem sempre esteve nas sombras, porque ele é a pura luz, "e não há nele treva nenhuma" (1Jo 1.5). Como o Sol, porém mais perfeitamente do que o Sol, ele irradia luz sem mácula alguma de quaisquer sombras. "... com ele mora a luz" (Dn 2.22), e ele "habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver" (1Tm 6.16). A luz criada representa sua glória melhor do que qualquer outro aspecto da criação. Como ele, ela ilumina e torna tudo conhecido. Sem luz, toda criação permaneceria fria e escura. Então, foi com a combinação da luz que o primeiro dia foi criado.

Vejamos aqui o relato bíblico da atividade de Deus no primeiro dia da criação:

> No princípio, criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas. Disse Deus: Haja luz; e houve luz. E viu Deus que a luz era boa; e fez separação entre a luz e as trevas. Chamou Deus à luz Dia e às trevas, Noite. Houve tarde e manhã, o primeiro dia (Gn 1.1-5).

O versículo 1 é uma declaração geral. O resto de Gênesis 1 revela a seqüência da obra criadora de Deus.

O PLANETA ÁRIDO

À medida que o primeiro dia emerge da eternidade, encontramos a Terra árida e em trevas. No versículo 2, utilizam-se três frases para descrever o estado original da Terra. Estava "sem forma e vazia", "havia trevas sobre a face do abismo" e "o Espírito de Deus pairava por sobre as águas". Estas três expressões descrevem o estado da Terra no amanhecer do primeiro dia.

A construção da frase em hebraico que abre o versículo 2 é significativa. O sujeito vem antes do verbo, como se quisesse enfatizar algo notável sobre ele. Poderia ser traduzida como "em relação à Terra, ela estava sem forma e vazia". Aqui está um novo planeta, o foco fundamental do propósito criador de Deus, e ele estava sem forma e vazio. A expressão hebraica é *tohu wa bohu*. *Tohu* significa um lugar desolado, deserto. *Bohu* significa vazio. A Terra era um lugar vazio completamente deserto.

A mesma expressão é utilizada em Jeremias 4.23. Ali, Jeremias está lamentando a maldição de Israel. Ele diz no versículo 19: "Ah! Meu coração! Meu coração! Eu me contorço em dores. Oh! As paredes do meu coração! Meu coração se agita! Não posso calar-me". Por quê? Porque a trombeta anunciando o julgamento de Israel por Deus já tinha tocado. "Golpe sobre golpe se anuncia, pois a terra toda já está destruída" (v. 20). E ele toma emprestado a mesma palavra de Gênesis 1.2: "Olhei para a terra, e ei-la sem forma [*tohu*] e vazia [*bohu*]; para os céus, e não tinham luz" (v.23). É como ele descreve a condição de Judá sob a destruição devastadora que lhe foi imposta pelo julgamento de Deus. O que fora uma terra frutífera se transformara em deserto (v.26). Era um local devastado, destruído sem quaisquer habitantes. Perdera sua beleza anterior. Não tinha forma alguma. Não tinha qualquer beleza. Tinha voltado ao estado de aridez que lembrava Jeremias o estado da Terra no princípio, antes que a obra criadora de Deus a tivesse transformado em algo belo.

Isaías tomou emprestado a mesma expressão. Ao profetizar a destruição que iria vir no dia da vingança do Senhor contra os gentios, ele diz que sua terra se tornaria em desolação: "Estender-se-á sobre ela o cordel de destruição [*tohu*] e o prumo de ruína [*bohu*]" (Is 34.11). Isto retrata Deus como o arquiteto do julgamento, utilizando um cordel de *tohu*, que é mantido esticado pelo peso do *bohu*.

Então, estas palavras falam do vazio da destruição. Descrevem a Terra como um lugar desprovido de forma e de habitantes – um lugar árido e sem vida. Sugere que a própria forma da Terra estava inacabada e vazia. O material bruto estava todo ali, mas ainda não lhe tinha sido dado forma. As características da Terra como nós a conhecemos não eram diferenciadas nem separadas, eram desorganizadas e inabitadas.

Alguns têm sugerido que um intervalo indeterminado de muitos bilhões de anos se esconde entre os versículos 1 e 2. Esta teoria, conhecida como a *gap theory* [teoria do intervalo] foi antes bastante aceita, e está caracterizada de forma destacada na *Bíblia de Referência de Scofield*. Segundo a teoria do intervalo, Deus criou uma Terra totalmente funcional no versículo 1. Essa Terra antiga aparentemente retratava um conjunto completo de vida animal e vegetal, incluindo peixes e mamíferos, várias espécies de dinossauros agora extintos e outras criaturas que conhecemos apenas a partir de registro de fósseis.

Os defensores da teoria do intervalo sugerem que este versículo 2 deveria ser traduzido como "A terra se tornou sem forma e vazia". Especulam que como resultado da queda de Satanás, ou por qualquer outra razão, a Terra pré-histórica se tornara um deserto devido a uma enorme calamidade (Isto pressupõe, naturalmente, que a queda de Satanás ou algum outro mal ocorrera em algum tempo no intervalo entre Gênesis 1.1 e 1.2). Depois, segundo esta concepção,

Deus criou todas as formas de vida que agora vemos e então refez a Terra no paraíso em seis dias de recriação.

Como outras teorias da Terra-antiga, a teoria do intervalo pretende explicar o registro de fósseis e harmonizar o relato bíblico com as modernas teorias científicas sobre a Terra com muitos bilhões de anos.

Muitos dos que aceitam a teoria do intervalo sugerem que o Sol não foi *criado* no quarto dia, simplesmente se tornara visível naquele dia por causa da clarificação da atmosfera da Terra ou da extinção de nuvens de vapor que a envolviam. Além disso, a teoria do intervalo tem uma vantagem sobre muitas concepções da Terra-antiga: ela permite uma interpretação literal simples dos dias da criação de Gênesis 1.

Mas a teoria é aceita por poucos hoje em dia, porque os problemas teológicos e bíblicos que ela propõe são enormes. Por exemplo, em Gênesis 1.31, *depois* que Deus completou toda sua criação, ele achou que "era muito bom" – o que não seria uma descrição adequada se o mal já tivesse entrado no universo. Além disso, se o registro de fósseis fosse explicado por um intervalo no espaço vazio entre Gênesis 1.1 e 1.2, isto significa que morte, doença, sofrimento e calamidade eram comuns muitas eras antes da queda de Adão. Todavia a Bíblia diz que o pecado de Adão foi o evento que introduziu a morte e a calamidade na criação de Deus. "... a morte veio por um homem" (1Co 15.21), "Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte" (Rm 5.12). A teoria do intervalo também contradiz diretamente Êxodo 20.11: "porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou".

O significado verdadeiro do texto parece ser o de que a aridez descrita no versículo 2 é simplesmente o estado original do universo nas 24 horas que se seguiram imediatamente à criação inicial. Não é um estado de desolação no qual a Terra *caiu*, é como o universo apareceu, antes que Deus terminasse sua obra criadora. O quadro que ele invoca lembra o desejo de um oleiro de moldar um belo vasilhame e depois enchê-lo para ser utilizado. Ele primeiramente pega um pedaço de argila disforme e a coloca na roda para moldá-la e ajustá-la conforme seu propósito. De modo semelhante, Deus começou com material bruto. Primeiro, ele criou uma massa básica de elementos que continha tudo que era necessário para fazer um lugar para a vida que iria criar mais tarde. E então, usando esta massa de elementos, ele a moldou cuidadosamente e a transformou numa obra acabada perfeita. Ele tinha planejado desde o princípio. Então, além das formas de vida que criara, sua obra durante esses seis primeiros dias é comparável à obra acabada do oleiro. Foi principalmente um processo de perfeição que ele havia criado no princípio.

Segundo as Escrituras, tudo começou em completas trevas. O universo não só era árido e totalmente inabitado, estava também imerso em treva absoluta e total. Deus ainda não tinha criado a luz. O versículo 2 diz: "havia trevas sobre a face do abismo".

A palavra *abismo* na Bíblia é uma expressão utilizada para o mar (cf. Is 51.10). E a frase em Gênesis 1.2 é seguida por um paralelismo: "o Espírito de Deus pairava por sobre as águas". Isto sugere que a superfície da Terra *era* água. Era um vasto oceano – o abismo – um oceano global, primordial que cobria o planeta inteiro. E estava todo envolto na escuridão de uma treva universal.

A água, tão vital para o alimento da vida que estava para vir, já era a característica mais importante da Terra. Este estado original aquoso da Terra é relatado no Salmo 104.5,6: "Lançaste os fundamentos da terra, para que ela não vacile em tempo nenhum. Tomaste o abismo por vestuário e a cobriste; as águas ficaram acima das montanhas".

Quem poderia entender com o que uma Terra aquosa, sem forma, vazia e totalmente desprovida de luz poderia se parecer? Mas não permaneceu neste estado de aridez e escuridão por muito tempo. Num piscar de olhos, Deus começou a trabalhar modelando o material que criou.

O ESPÍRITO QUE PAIRA

Olhe novamente para o final da frase no versículo 2: "o Espírito de Deus pairava por sobre as águas." Lembre-se, a Terra era uma massa de matéria sem vida, disforme, primitiva, suspensa no espaço, coberta por água e envolta em trevas. E o Espírito de Deus estava pairando sobre sua superfície. O Espírito de Deus a envolvia, a rodeava e a protegia. Ele era o Agente criador que supervisionaria a formação de algo sem forma e o preenchimento do vazio.

A palavra hebraica para "pairar" é uma palavra interessante que evoca a imagem de uma galinha chocando seus pintinhos. A palavra indica superintendência, cuidado divino e supervisão. A mesma palavra hebraica aparece mais duas vezes no Antigo Testamento – uma vez em Deuteronômio 32.11, com a imagem de uma águia pairando sobre seu ninho; e uma vez em Jeremias 23.9, quando foi traduzida por "estremecer" – ao descrever os ossos do profeta que tremem pelo choque diante da palavra do Senhor. A palavra implica movimento, e Henry Morris então sugeriu que a frase final de Gênesis 1.2 pudesse ser traduzida como "O Espírito do Senhor vibrou sobre a face das águas" – significando a transmissão de energia do Criador para a criação, e identificando o Santo Espírito como o "Primeiro Propulsor" que coloca toda a criação em movimento.[7]

Em seu livro *Creation and Change* [Criação e mudança] Douglas F. Kelly escreve:

> Esta "presença protetora" do Espírito de Deus sobre as águas é um detalhe fundamental no relato da criação, não é algo secundário. Demonstra claramente a cosmovisão bíblica de um Deus cuja mão e cuja presença direta nunca estão afastadas dos elementos e do funcionamento da ordem material. Isto... é a antítese direta de qualquer tipo de deísmo filosófico ou dualismo teológico, ambos supõem uma imensa lacuna entre o Deus vivo e o espaço, o tempo e o cosmos. O deísmo retrata uma divindade remota que reluta e é incapaz de intervir imediatamente no reino natural. Esta suposição explica muito da resistência contemporânea e tradicional ao ensino bíblico da criação, à realidade dos milagres, à encarnação de Cristo e à prece intercessória. Deve-se lembrar que o vácuo deístico entre Deus e o mundo é meramente uma pressuposição filosófica, um axioma da religião naturalista, aparentemente, não um fato científico.[8]

Em outras palavras, isto acentua a atividade direta de Deus em todos os aspectos da criação. Ele não criou um mecanismo para evolução e deixou o universo se desenvolver sozinho até chegar ao amadurecimento. Ele estava direta e pessoalmente envolvido em cada aspecto da criação. Cada pedaço dela – da menor partícula subatômica à maior galáxia – demonstra a obra de suas mãos. É a obra de seus dedos (Sl 8.3).

E mesmo assim, observe também que à medida que o relato de Gênesis se desenrola, praticamente cada aspecto da criação é o efeito imediato da obra de Deus. Ele diz simplesmente: "Haja luz" – e houve luz (1.3). Ele disse: "Produza a terra seres viventes, conforme a sua espécie... E assim se fez" (v. 24). Ele realiza tudo isto instantaneamente com seu decreto soberano. A sua palavra é tão poderosa que ele fala, e imediatamente é feito. Apenas no caso de Adão, é descrito um processo criativo: "formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida" (2.7).

Tudo isto nos fala de uma criação imediata, instantânea por divino decreto. Não há necessidade de períodos de tempo referentes a épocas para permitir que a natureza dê forma e modele a face da Terra. A Bíblia diz que todo o trabalho de dar forma ao que era sem forma e de preencher o que estava vazio é obra direta do próprio Deus. Ele o faz simplesmente dando uma ordem. Então sua soberania absoluta é enfatizada em seu próprio ato de criação.

Todavia, ao mesmo tempo, o grande envolvimento com a formação do mundo é retratado pela imagem do Espírito Santo, que paira sobre a face das

águas, protegendo a recente criação e depois supervisionando seu processo de maturação com o cuidado atencioso de uma galinha guardando um ninho de pintinhos.

Esta imagem também denota um foco particular neste planeta. Deste ponto em diante, o relato de toda criação é contado a partir da perspectiva de um observador na Terra. É a perspectiva do próprio Espírito Santo. Este planeta é o centro do propósito criador de Deus. É o paraíso. Ele criou um lugar para criaturas que fez à sua própria imagem – o auge de sua obra criadora.

E o fato de que apenas a Terra, de todos os planetas conhecidos, se agite com vida, está diretamente relacionado à atividade do Espírito Santo descrita em Gênesis 1.2. A Bíblia inteira testifica que o Espírito de Deus é a fonte de toda vida e criação. "Pelo seu sopro aclara os céus" (Jó 26.13). Jó testificou: "O Espírito de Deus me fez, e o sopro do Todo-poderoso me dá vida" (Jó 33.4). "Os céus por sua palavra se fizeram, e, pelo sopro de sua boca, o exército deles" (Sl 33.6). A palavra traduzida "sopro" é a mesma que a palavra em hebraico para "espírito". O salmista Davi comentou o papel do Espírito Santo na formação de todas as criaturas: " Envias o teu Espírito, eles são criados" (Sl 104.30).

A Bíblia também ensina que o Espírito de Deus é essencial para manter a vida. Ele cobre e alimenta sua criação. "Pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos" (At 17.28). "Na sua mão está a alma de todo ser vivente e o espírito de todo o gênero humano" (Jó 12.10).

A LUZ QUE ILUMINA

Depois da criação do universo material, a característica mais importante do primeiro dia é a criação da luz. "Disse Deus: Haja luz; e houve luz" (v. 3). A ciência não pode compreender a luz, muito menos explicar como surgiu. Este versículo simplesmente diz que foi criado graças a uma ordem de Deus. Aquele que é a luz que não foi criada trouxe à existência a luz criada. Aquele que mora na luz inacessível iluminou sua criação com algo brilhante que nos fala de sua glória.

Que forma esta luz tomou não está claro. Não está declarado se era meramente um brilho etéreo ou uma luz que emanava de um lugar específico. As luzes atuais, como o Sol, a Lua e as estrelas, só foram criadas no quarto dia. Eram permanentes condutoras de luz. Mas a própria luz, a realidade da luz, foi criada no primeiro dia. E imediatamente separou-se o dia da noite.

Douglas F. Kelly escreve:

> A manifestação da existência da luz criada é a primeira de uma série de três separações feitas pelo Criador que eram fundamentais

> para transformar o caos em cosmos. No primeiro dia a luz separou o dia e a noite, no segundo dia o "firmamento" separa as águas sobre o firmamento da Terra, constituindo uma atmosfera ou um "espaço respirável"; no terceiro dia, as águas abaixo dos céus se ajuntaram nos mares, e então foram separadas da terra seca. Estas três separações mostram a mão poderosa de Deus moldando e organizando a massa aquosa e escura na direção de um belo jardim, um lugar agradável e adequado para plantas, animais e homens.[9]

A imagem que isto sugere é a de alguém que vem para arrumar coisas num quarto escuro, e antes de fazer qualquer outra coisa, acende a luz.

Mas isto envolveu mais do que a separação entre a luz e a escuridão. A criação da luz também inaugurou a medida do tempo por períodos de dia e noite. Os intervalos regulares de luz começaram a ser intercalados com intervalos de escuridão. E no versículo 5 temos: "Chamou Deus à luz Dia e às trevas, Noite. Houve tarde e manhã, o primeiro dia". Então começou o ritmo de dias e noites. Talvez a Terra já estivesse em rotação no seu eixo, com a luz iluminando um lado e a escuridão cobrindo o outro.

Várias sugestões foram feitas sobre o que esta luz poderia ser. Poderia ter sido uma massa de matéria brilhante que mais tarde formou o Sol? Ou (como parece ser mais provável) poderia ter sido uma luz separada da matéria, um brilho etéreo temporário que Deus ordenara que iluminasse sua criação até que as luzes permanentes fossem estabelecidas? A natureza desta luz não foi descrita. Simplesmente sabemos que esta luz existiu porque Deus ordenou que assim fosse. E não deveria ser difícil, para nós, acreditar que aquele cuja glória foi descrita como pura luz pudesse ordenar que a luz aparecesse mesmo antes que houvesse quaisquer estrelas ou sol para incorporar esta luz.

O que é a luz? Mesmo os melhores físicos lutam para explicá-la. Ela possui características de partículas e de ondas. Fótons de luz agem como partículas, como pequenos pontos de poeira, exceto que não têm volume. A energia de um fóton se concentra num espaço finito, existente em determinado momento num local específico, apesar de se movimentar numa velocidade definida e mensurável. E é por isso que falamos de "velocidade" da luz. Mas a luz também possui as características da onda que não é uma entidade finita. A onda, diferentemente da partícula, existe num espaço que não é finito, tem uma freqüência variável: pode ser ilustrada matematicamente como uma curva senóide que não tem começo nem fim. O movimento da onda, diferentemente do movimento da partícula, envolve a transferência de energia de ponto a ponto sem a transferência da matéria. Uma onda de luz é essencialmente a deformação de campos

elétricos e magnéticos. Para complicar mais a questão, as ondas de luz podem agir como partículas, e fótons semelhantes a partículas podem agir como ondas.

A luz é uma forma de energia. É essencialmente uma radiação eletromagnética, incluindo qualquer freqüência de radiação de ondas longas, ondas de rádio, microondas e ondas infravermelhas de um lado, até ultravioleta, raio X e radiação gama de outro. No meio está a luz visível, inclusive todo o arco-íris de cores. As diferentes cores são simplesmente comprimentos de onda variáveis de luz no espectro. A luz branca – o que normalmente achamos quando ouvimos a palavra *luz* – não é uma cor pura; é a combinação de todas as cores num espectro visível.

A aparência de tudo que vemos é um resultado de como as ondas de luz refletem dos objetos. Mas a extensão de diferentes ondas de luz é infinita e inclui bem mais do que está visível a nossos olhos. Quando você ouve o rádio, por exemplo, está ouvindo um sinal que é transmitido com a tecnologia que utiliza as propriedades da luz. As múltiplas freqüências nos permitem sintonizar nossos rádios em diversas estações, que vão de freqüências de ondas curtas, que viajam longas distâncias, a freqüências de ondas longas (FM) que são mais localizadas.

Mesmo alguns dos espectros de luz que são invisíveis para o olho humano têm propriedades que tornam outros tipos de visão possíveis. Raios infravermelhos, por exemplo, não são visíveis para a vista do olho humano normal, mas produzem iluminação suficiente para permitir que se tirem fotografias detalhadas no escuro. A ciência moderna possibilitou instrumentos de visão noturna utilizando a luz que é normalmente invisível ao olho humano.

Descrever todas as maravilhas da luz forneceria um amplo material para um conjunto inteiro de livros. Você provavelmente fez testes com refração de luz utilizando espelhos e prismas. Os prismas separam as cores da luz porque à medida que a luz passa através dos prismas a sua direção se curva. Ondas de cores diferentes, se movendo em diferentes velocidades, saem do prisma separado num espectro visível. As lentes de óculos refratam a luz de um modo tão preciso que corrigem as deficiências da vista com problemas. As lentes côncavas espalham os raios de luz separadamente; as convexas agrupam os raios de luz mais perto. Esta capacidade das lentes de manipular a luz permite que oftalmologistas receitem óculos para corrigir nossa visão com um alto grau de precisão.

Cabos finos de material de fibra ótica utilizam propriedades refletoras da luz para levar pequenos pulsos de luz através de longas distâncias literalmente na velocidade da luz com precisão exata. Estes pulsos – basicamente são sinais brilhantes que se acendem e apagam rapidamente – permitem que modernos cabos submarinos transmitam ligações telefônicas digitais, imagens de vídeo e

outras formas de dados de continente para continente literalmente na velocidade da luz. Tudo isto é possível graças às maravilhosas propriedades da luz.

As ondas de luz, diferentemente das ondas de som e das ondas de choque, podem viajar através do vácuo. É por isto que podemos ver as estrelas à noite. Se você pegar um sino e guardá-lo dentro de um recipiente de plástico, depois retirar o ar do recipiente para quase criar um vácuo, você ainda poderá ver o sino, mas não conseguirá ouvi-lo badalar – porque as ondas de som não podem viajar através do vácuo.

Todavia, surpreendentemente, a luz não pode ser vista pelo olho humano a não ser quando interage com a matéria. Um feixe de luz brilhando no céu à noite seria invisível se não houvesse pequenas partículas no ar que o refletissem. Um clarão de luz aceso no espaço distante irá irradiar um feixe de luz que é completamente invisível, a menos que vá de encontro a um objeto.

Nada, conhecido por nós no universo, se movimenta mais rapidamente do que a velocidade da luz. A luz percorre, no vácuo, 300.000 km por segundo. Por mais rápido que você esteja se movimentando, a velocidade da luz parece ser a mesma velocidade, como se você não estivesse se movimentando (Em outras palavras, o fato de se movimentar em direção a uma fonte de luz, mesmo num alto índice de velocidade, não irá acelerar a velocidade na qual a luz parece percorrer em sua direção, e o fato de se afastar da luz não irá diminuir seu aparente movimento. Nada mais no universo tem esta propriedade.).

Segundo as teorias da Física aceitas atualmente, se um objeto ou uma pessoa fossem capazes de viajar no espaço numa velocidade próxima da luz, o tempo e a distância seriam reduzidos para eles em comparação ao que um observador imóvel na Terra pudesse sentir. Assim, um viajante que fizesse uma viagem de ida e volta a uma estrela distante quase à velocidade da luz iria voltar para descobrir que se passou mais tempo na Terra do que em sua espaçonave. Seu relógio e mesmo sua aparência iriam refletir esta diferença. Se ele tivesse um irmão gêmeo, o viajante estaria mais jovem do que seu irmão. Quanto mais longe e mais depressa ele viajar, mais acentuado será o efeito. Se ele viajou na distância de um ano-luz, o "ano" necessário para ele viajar tão longe é apenas um ano da perspectiva de um observador imóvel. Para o próprio viajante, teria se passado bem menos do que um ano. Assim, viajar quase na velocidade da luz provocaria uma confusão em nossa percepção de tempo.

Talvez nada na Física seja mais fascinante nem mais misterioso do que a luz. A luz é a única fonte de energia e calor mais importante na Terra. Sem a luz, a vida na Terra seria impossível. Realmente todos os mecanismos terrestres dos quais dependemos para transferência de energia derivam basicamente da luz. O vento, o ciclo das águas e as ondas do oceano cessariam se a Terra ti-

vesse permanecido na completa escuridão por muito tempo. A Terra iria rapidamente se tornar fria e toda vida acabaria. É por isto que a luz era o ponto de partida fundamental no processo da criação.

A Bíblia diz: "E viu Deus que a luz era boa" (Gn 1.4). "Era bom" se torna um refrão que aparece em todo relato bíblico da criação. Esta declaração ressalta a origem divina e a perfeição de tudo que estava criado. A criação era boa porque Deus é bom. Tudo que ele criou era bom. Ele disse que a luz era boa porque era um reflexo de si mesmo. Ele é o modelo e a definição de tudo que é bom. Douglas F. Kelly resume belamente este ponto com uma citação de Novaciano, um teólogo do terceiro século:

> O que você diria que seria digno dele? Ele é mais sublime do que toda sublimidade, mais elevado do que qualquer altura, mais profundo que toda profundidade, mais claro que toda luz, mais brilhante que todo brilho, mais esplêndido que todo esplendor, mais forte que toda força, mais poderoso que todo poder, mais belo que toda beleza, mais verdadeiro que toda verdade, mais duradouro que toda durabilidade, maior que toda majestade, mais poderoso que todo poder, mais rico que toda riqueza, mais sábio que toda sabedoria, mais generoso que toda generosidade, melhor que toda bondade, mais justo que toda justiça, mais misericordioso que toda misericórdia. Todo tipo de virtude é necessariamente menor do que ele que é o Deus e a fonte de tudo.[10]

E a própria criação, em seu estado original, era um reflexo da bondade de Deus. Nenhum aspecto da criação resume isto mais claramente do que a criação da luz. É o brilho puro, a energia incomensurável, algo bastante necessário para que o vazio sem forma começasse a tomar a forma de um paraíso de pura bondade.

A energia permeia o cosmos. Se você tirar uma caixa com um espaço completamente vazio – um vácuo total, sem moléculas de matéria nele – , depois congelá-la até zero grau de modo que mesmo a radiação lhe fosse tirada, ainda haveria algo neste espaço: energia em maciças proporções.

Isto é conhecido como "energia ponto zero". Ela preenche mesmo o "vazio" do espaço. Muitos cientistas hoje acreditam que um volume de espaço vazio menor do que uma xícara de café contém energia suficiente para evaporar todos os oceanos do mundo. De onde vem essa energia? A ciência não tem explicação para isto. Claramente, é parte da criação de Deus. Ou era inerente na criação original da matéria e do espaço, ou é um aspecto do que aconteceu no momento em que Deus disse: "Haja luz".

Mas nunca foi plano de Deus como Criador que houvesse luz visível perpétua sem trevas. Então ele "fez separação entre a luz e as trevas" (v.4). Tanto a luz quanto as trevas seguiram seu plano criador. Ele "chamou à luz Dia e às trevas, Noite" (v.5). E assim foi, e assim tem sido sempre. O mesmo ciclo constante de luz e trevas, dia e noite, tem definido o caráter desta Terra desde o primeiro dia.

O versículo 5 conclui a descrição bíblica do primeiro dia: "Houve tarde e manhã, o primeiro dia".

Foi um espetacular primeiro dia. Só no caso de alguém pensar que este foi um longo processo evolucionista, o versículo 5 diz enfaticamente: "Houve tarde e manhã, o primeiro dia". Esta é uma tradução literal da ordem da palavra hebraica. Ela não descreve um processo que durou um bilhão de anos, descreve um dia – um ciclo de luz e escuridão – tarde e manhã.

E então a obra da criação está a caminho.

Capítulo 4

QUANDO ELE DEMARCOU OS FUNDAMENTOS DA TERRA

E disse Deus: Haja firmamento no meio das águas e separação entre águas e águas. Fez, pois, Deus o firmamento e separação entre as águas debaixo do firmamento e as águas sobre o firmamento. E assim se fez. E chamou Deus ao firmamento Céus. Houve tarde e manhã, o segundo dia. Disse também Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num só lugar, e apareça a porção seca. E assim se fez. À porção seca chamou Deus Terra e ao ajuntamento das águas, Mares. E viu Deus que isso era bom. E disse: Produza a terra relva, ervas que dêem semente e árvores frutíferas que dêem fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nele, sobre a terra. E assim se fez. A terra, pois, produziu relva, ervas que davam semente segundo a sua espécie e árvores que davam fruto, cuja semente estava nele, conforme a sua espécie. E viu Deus que isso era bom. Houve tarde e manhã, o terceiro dia.

Gênesis 1.6-13

Em Provérbios 8, a voz da sabedoria fala. Esta personificação da sabedoria é considerada por muitos comentaristas como uma das clássicas referências no Antigo Testamento ao Deus Filho, a segunda pessoa da trindade. Ele declara sua própria eternalidade:

O SENHOR me possuía no início de sua obra,
antes de suas obras mais antigas.
Desde a eternidade fui estabelecida,
desde o princípio, antes do começo da terra.
Antes de haver abismos, eu nasci, e antes ainda de haver fontes carregadas de águas.

Antes que os montes fossem firmados,
antes de haver outeiros, eu nasci.
Ainda ele não tinha feito a terra, nem as amplidões,
nem sequer o princípio do pó do mundo.
Quando ele preparava os céus, aí estava eu;
quando traçava o horizonte sobre a face do abismo;
quando firmava as nuvens de cima;
quando estabelecia as fontes do abismo;
quando fixava ao mar o seu limite,
para que as águas não traspassassem os seus limites;
quando compunha os fundamentos da terra;
então, eu estava com ele
e era seu arquiteto, dia após dia,
eu era as suas delícias,
folgando perante ele em todo o tempo (Pv 8.22-30).

Os versículos 22-26 descrevem a existência de Cristo com o Pai na eternidade. Mas o início do versículo 27, descreve-se a criação com palavras que estão em perfeito paralelismo com o relato de Gênesis: "Quando ele preparava os céus, aí estava eu; quando traçava o horizonte sobre a face do abismo."

A frase "quando traçava o horizonte sobre a face do abismo" no versículo 27 parece se referir ao firmamento que foi criado no segundo dia da criação, estabelecendo as águas celestes acima e o mar abaixo, com uma atmosfera respirável separando os dois. O versículo 28 então descreve como o Criador determinou os limites do mar, à medida que a terra seca emergiu das águas que originalmente cobriam toda a Terra. Isto ocorreu no terceiro dia. Segundo esta passagem de Provérbios, o livro da Sabedoria, aquele que não é outro senão o divino Verbo, estava com ele [Deus, o Pai] e era seu arquiteto (v.30). Isto se harmoniza perfeitamente com o testemunho de João 1.1-3, que declara que o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus, "e, sem ele, nada do que foi feito se fez".

Estes três primeiros dias da criação foram fundamentais. Cada dia é marcado por uma importante divisão que ocorre. No primeiro dia, como vimos no capítulo anterior, a luz foi separada das trevas. No segundo dia, o firmamento dividiu as águas debaixo do firmamento e as águas sobre o firmamento. E no terceiro dia, a terra seca foi separada do mar.

Tudo isto foi necessário para tornar a Terra habitável. Estes foram os primeiros passos fundamentais em direção à criação do cosmos em meio ao caos descrito no versículo 2.

Os segundo e terceiro dias da criação testemunharam mudanças monumentais à medida que o vazio sem forma foi ganhando seu aspecto acabado.

O SEGUNDO DIA: O FIRMAMENTO

Quando o segundo dia amanheceu, a Terra ainda estava coberta com água. Provavelmente tinha a aparência de um caldeirão fervente de lama, sem terra seca e sem atmosfera respirável. Toda sua superfície era uma sopa líquida de elementos, predominantemente água, situada numa forma esférica e pairando sobre nada no espaço (cf. Jó 26.7).

"E disse Deus: Haja firmamento no meio das águas e separação entre águas e águas. Fez, pois, Deus o firmamento e separação entre as águas debaixo do firmamento e as águas sobre o firmamento. E assim se fez" (Gn 1.6,7).

Observe novamente que Deus realizou sua obra simplesmente falando. Ele ordenou que as águas se separassem, e colocou uma extensão, ou um "firmamento" entre a água que permaneceu na Terra e a água que se ergueu acima da extensão.

A palavra "firmamento" é a palavra hebraica *raqiya*. Ela fala de algo que foi estendido. É derivada de um verbo que significa "espalhar uma cobertura". Uma forma verbal da mesma palavra utilizada, por exemplo em Êxodo 39.3, para falar do ouro batido transformado em lâminas delgadas. O ouro, quando batido, se toma plano facilmente e se espalha numa lâmina, e foi assim que as lâminas de ouro foram feitas para revestir a arca e outros ornamentos no templo.

Então, a imagem de Gênesis 1:6 é a de uma vasta extensão, de uma camada protetora que cobre a Terra e divide as águas abaixo (o mar de água que cobriu a Terra) das águas sobre o firmamento (que poderia se referir às águas atmosféricas, nuvens e vapor de água; ou poderia descrever algum tipo de cobertura de gelo em cristais ou de vapor de água que envolveram o mundo antediluviano). Ou seja, a extensão no meio – o firmamento – inclui a atmosfera respirável da Terra.

Deus chamou esta extensão de céu (v.8). Parece se referir, antes de tudo, ao céu imediatamente sobre nós – o céu atmosférico. Mas a palavra *firmamento* é também algumas vezes utilizada para significar o céu estelar acima da atmosfera terrestre, como no versículo 14. Em 2 Coríntios 12, quando Paulo fala de ser "arrebatado até o terceiro céu", ele está se referindo à atmosfera terrestre como o primeiro céu, ao espaço além da atmosfera terrestre como o segundo céu, e o céu onde Deus habita como o terceiro céu. O firmamento descrito aqui – a cobertura que dividiu as águas debaixo das águas de cima – é

o primeiro céu. Segundo Gênesis 1.1, os céus do espaço distante já tinham sido criados. Então o firmamento descrito nos versos 7,8 é a atmosfera terrestre.

Aparentemente, no início não havia atmosfera na Terra, mas no segundo dia, Deus ordenou que houvesse. Ele separou um pouco de água da Terra e colocou em cima, e fez o firmamento de gases respiráveis entre as águas acima e as águas abaixo dele. E à medida que o firmamento se formou, as águas sobre o firmamento, sob a forma de uma cobertura de névoa ou vapor, surgiram no céu, semelhantes a uma abóbada transparente ou a uma cúpula invisível, emergindo da superfície da Terra. Um efeito similar pode ser visto às vezes quando o tempo muda. A formação do firmamento parecia uma cúpula de vidro, que se erguia acima da superfície da Terra.

O relato de Moisés é notável pela ausência de quaisquer características mitológicas. Todos os outros relatos literários antigos sobre a origem da Terra incluem lendas fantásticas sobre deuses e monstros marinhos, batalhas cósmicas que supostamente explicariam o surgimento da atmosfera terrestre e a formação da terra e do mar. Os babilônios, por exemplo, disseram que a Terra e o céu foram separados quando o deus Marduque derrotou Tiamat, a deusa do oceano, e cortou seu corpo em dois. Metade de seu corpo se tornou a Terra, e a outra metade se tornou o céu.

O relato bíblico é totalmente diferente. O que a Bíblia diz é inteiramente razoável. Deus dividiu as águas e algumas delas se elevaram para a atmosfera superior. As águas restantes ainda envolveram a Terra. E no meio havia uma extensão, o firmamento, que é chamado de céu. Repetindo, esse firmamento era simplesmente a atmosfera terrestre respirável.

O versículo 6 lembra a ordem que fez isto acontecer: "E disse Deus: Haja firmamento no meio das águas e separação entre águas e águas." O versículo 7 reitera o processo a fim de mostrar precisamente que aquilo que ele ordenou foi o que aconteceu: "Fez, pois, Deus o firmamento e separação entre as águas debaixo do firmamento e as águas sobre o firmamento. E *assim se fez*" (ênfase nossa).

Observe que isto está expressamente descrito como um ato criador, realizado por ordem de Deus. Não foi um processo natural que ocorreu espontaneamente ao longo de demorados processos naturais. Imaginar que isto aconteceu dessa forma é esquecer o ponto principal que esta passagem está ensinando. No segundo dia, Deus ainda estava utilizando seu poder criador em proporções que estão bem acima de nossa capacidade de compreensão. Não há necessidade de qualquer explicação científica nem naturalista sobre como isto ocorreu. Deus *fez* o firmamento (v.7).

O verbo hebraico traduzido por "fez" neste versículo é *asah*. É diferente de *bara*, o verbo utilizado para "criou" no versículo 1. E por causa da diferença destas palavras, algumas pessoas têm argumentado que o versículo 7 não descreve um ato de criação, mas, ao invés disso, um ato providencial que utilizou processos naturais para formar o firmamento. Mas as palavras em hebraico são sinônimas. São até utilizadas num sentido paralelo em Gênesis 2.3: "E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra que, como Criador, [*bara*] fizera [*asah*]".

O contexto torna claro que *asah* no versículo 7 descreve um ato de criação do tipo *fiat*, porque o versículo 6 descreve a ordem de Deus para que o firmamento fosse criado. Também está claramente relacionado à criação de algo que nunca existiu antes.

Uma das questões mais difíceis levantadas por esta passagem é a questão que se refere a "as águas sobre o firmamento". Alguns criacionistas, inclusive Henry Morris, acreditam que isto era uma cobertura protetora que permaneceu no lugar até a época do dilúvio de Noé. Aqueles que aceitam este ponto de vista sugerem que as águas sobre o firmamento eram um vapor transparente ou uma camada de moléculas de água na faixa externa da atmosfera que mantém numa espécie de estufa ambiental. Isto pode explicar por que, antes do dilúvio, era comum que os homens vivessem mais de novecentos anos. Segundo esta hipótese, a cúpula de água protegia as pessoas dos raios mais prejudiciais do Sol, regulavam o clima numa temperatura perfeita e proporcionavam outros benefícios que aumentavam a longevidade na Terra. Mas no dilúvio, segundo essa teoria, a cúpula caiu e contribuiu para que o dilúvio inundasse a Terra.

Outros cientistas, entretanto, inclusive alguns que aceitam a concepção bíblica da criação, acreditam que a teoria da cúpula provoca mais problemas do que respostas. Isto é uma questão para cientistas, não exegetas, discutirem, porque a Bíblia não ensina explicitamente que esta cúpula existiu. "As águas sobre o firmamento" não se referem necessariamente a uma cúpula de água, podem se referir ao vapor de água que flui continuamente da superfície terrestre. Tudo no texto de Gênesis 1.6,7 diz que havia uma divisão tal que uma porção de água apareceu sobre o firmamento e o resto ficou na superfície da Terra. Francamente, tanto poderia descrever uma cúpula de água ao redor da Terra, que não está mais lá, como poderia se referir ao vapor d'água como aquele que paira sobre o firmamento mesmo hoje em dia. Estou inclinado a pensar que ele descreve uma condição atmosférica única que existia antes do dilúvio, porque a Bíblia diz que antes do dilúvio não havia chuva (Gn 2.5), e no dilúvio, as janelas dos céus se abriram e as águas sobre o firmamento contribuíram para o dilúvio que varreu toda vida sobre a Terra, com exceção das criaturas que Noé levou para a arca (Gn 7.11,12).

Mas o firmamento era a atmosfera respirável, ou o céu. A palavra *firmamento* é utilizada em toda a Bíblia com esse significado (Gn 1.20; Dn 12.3).

"E chamou Deus ao firmamento Céus" (v.8). Porque o firmamento constitui os céus visíveis, a Bíblia diz que as estrelas estavam "no firmamento dos céus" (Gn 1.14,15,17), assim como nós dizemos atualmente que as estrelas estão "no céu".

O Salmo 104.2 celebra a obra do segundo dia com termos pitorescos: "Tu estendes o céu como uma cortina." O salmista continua empregando imagens simbólicas de um construtor para descrever como Deus sustenta no lugar as águas dos céus: "... pões nas águas o vigamento da tua morada, tomas as nuvens por teu carro e voas nas asas do vento". Assim o salmista enaltece a sabedoria de Deus que está revelada na obra do segundo dia.

Observe que o segundo dia é o único dia no qual Deus não faz nenhum comentário explícito sobre sua obra, como "e viu Deus que isso era bom" (cf. Gn 1.4,10,12,18,21,25). Certamente essa é uma omissão significativa. Não significa que a obra do segundo dia *não* foi boa. Mas parece sugerir indiretamente que a obra do segundo dia era uma etapa incompleta em direção à criação da Terra habitável. O estágio da criação que começou no segundo dia só se completou no terceiro dia, quando a terra seca emergiu da água e a Terra se tornou adequada para os seres viventes. Neste ponto, o mundo tinha sido finalmente moldado para ser habitado, e então Deus pronunciou seu veredicto que "isso era bom" (v.10).

Mas o versículo 8 assinala o fim do segundo dia antes que esse veredicto seja pronunciado explicitamente: "e foi a tarde e a manhã: o dia segundo."

O TERCEIRO DIA: O MAR E A TERRA SECA

No amanhecer do terceiro dia, a Terra ainda era inabitada, inabitável e não tinha a sua forma final. Toda superfície ainda estava coberta com água. Mas no final do terceiro dia, além da terra seca, também havia vegetação.

Muitos que negam a criação em seis dias, literalmente, alegam que mudanças tão rápidas não eram possíveis. Obviamente, a Terra, que estava submersa sob o mar pela manhã, não poderia estar seca suficientemente para agüentar o plantio de vegetações à noite. E as enormes mudanças globais tectônicas que seriam necessárias para fazer com que continentes inteiros aparecessem do mar iriam parecer muito pouco prováveis no *mesmo* período de 24 horas em que a vida vegetal surgiu.

Isto poderia parecer um poderoso e persuasivo argumento, se fôssemos falar sobre um processo natural. Mas a Bíblia está descrevendo a obra criadora

de Deus, para quem todas as coisas são possíveis (Mt 19.26). Poderiam argumentar também que a multiplicação instantânea dos pães e peixes seria impossível porque, afinal de contas, leva-se tempo para chocar o ovo, amadurecer e ser pescado, cozido e preparado de modo a ser comido. Se as leis da natureza estabelecerem limites sobre o poder criativo de Deus, devemos também rejeitar todos os milagres. Mas as leis da natureza não estabelecem limite sobre o que Deus faz (Gn 18.14; Jr 32.27). E por esta razão, nossa compreensão da ciência nunca deveria prevalecer, caso consideremos a Palavra de Deus literalmente ou não.

Apesar de tudo, é interessante e irônico que físicos leigos, que tentam explicar a origem da Terra mediante princípios puramente científicos, se deparem com dilema semelhante. Cientistas que aceitam a teoria do *big bang* têm de explicar como um universo repleto de matéria apareceu do nada em um instante. Segundo um artigo do *Los Angeles Times*:

> Freqüentemente, o *big bang* está parecendo mais sobrenatural. Cerca de vinte anos atrás, o falecido Carl Sagan bem disse que a ciência de *big bang* mostraria realmente que o universo foi criado sem qualquer criador. Desde então, o cenário tem mudado bastante, razão pela qual, nos anos anteriores à sua morte em 1996, Sagan começou a defender estudos de ciência e religião.
>
> O principal desenvolvimento contemporâneo no pensamento *big bang* é a teoria chamada "expansão cósmica" que sustenta o universo inteiro pipocou de um ponto sem conteúdo nem dimensão e se expandiu imediatamente para o tamanho cosmológico. Atualmente sendo ensinada em Stanford, no Massachusetts Institute of Technology, e em outras escolas, esta explicação do início do universo possui assombrosa similaridade com a noção tradicional teológica da criação *ex nihilo*, "do nada".[1]

O artigo continua citando "um dos principais astrônomos do mundo, Allan Sandage do Observatories of the Carnegie Institution em Pasadena, Califómia, que recentemente propôs que o *big bang* só poderia ser compreendido como um *milagre*, no qual alguma força superior deve ter tido alguma participação".

Em última análise, nenhuma teoria sobre a origem do universo é sustentável sem um Criador onipotente e onisciente. Acrescentar muitos bilhões de anos à dimensão temporal não resolve o problema, apenas o posterga no tempo. No final das contas, apenas um milagre pode justificar a existência do universo.

Como cristãos, acreditamos na capacidade ilimitada de fazer milagres de nosso onipotente Criador. Assim não é exigir demais de nossa fé quando lemos

que a terra seca e as plantas emergiram do mar num momento do dia graças ao comando de nosso soberano Deus. Por que deveríamos ler e achar que era irracional? Por que deveríamos reinterpretar as claras declarações das Escrituras e tentar transformá-las num processo evolucionista de longas eras? Por que não podemos simplesmente aceitar Deus em sua palavra?

A Bíblia descreve o terceiro dia:

> Disse também Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num só lugar, e apareça a porção seca. E assim se fez. À porção seca chamou Deus Terra e ao ajuntamento das águas, Mares. E viu Deus que isso era muito bom. E disse: Produza a terra relva, ervas que dêem semente e árvores frutíferas que dêem fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nele, sobre a terra. E assim se fez. A terra, pois, produziu relva, ervas que davam fruto, cuja semente estava nele, conforme a sua espécie. E viu Deus que isso era bom. Houve tarde e manhã, o terceiro dia (Gn 1.9-13).

A descrição deste dia começa com as mesmas palavras que encontramos no início do relato de cada dia: "E disse Deus... (vs. 3,6,11,14,20,24). A repetição da frase enfatiza que tudo surgiu do nada. Deus simplesmente ordena que passem a existir.

E aqui está a terceira divisão fundamental. Lembre-se, no primeiro dia Deus dividiu a luz das trevas. No segundo dia ele dividiu as águas de baixo das águas de cima. Agora, no terceiro dia, ele dividiu a terra do mar.

Depois que o firmamento foi criado, a Terra ainda estava completamente envolta em água. Certamente, sob a água havia matéria sólida, mas ainda estava escondida sob a "face do abismo" (v.2) – sob a superfície de um oceano global.

Observe a ordem criadora de Deus: "Disse também Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num só lugar, e apareça a porção seca" (v.9). A Septuaginta (uma antiga tradução grega do Antigo Testamento) utiliza a palavra *sunagogen*, a mesma palavra de onde se derivou *sinagoga*, que significa "um lugar de reunião". Então, as águas que envolviam a Terra se reuniram num só lugar, e ao mesmo tempo a terra começou a aparecer. A terra ficou imediatamente seca também, porque assim Deus o ordenara. "E assim se fez" (v.9).

Isto pode descrever a formação de um continente imenso, porque as águas estavam reunidas "num só lugar". De fato, muitos geólogos acham que os continentes atuais apresentam provas de que se separaram de uma única massa. Esta separação do continente pode ter ocorrido durante o dilúvio, quando "todas as fontes do grande abismo se romperam" (Gn 7.11). Ou esta criação inicial pode ter causado inúmeros continentes, porque no versículo 10, Deus

chama as águas reunidas de "mares" – um termo no plural, que sugere que embora as águas tivessem sido reunidas "num só lugar", elas estavam contidas em diversas bacias diferentes, mas interligadas, do modo como vemos hoje em dia.

De qualquer modo, a terra emergiu pela primeira vez da água. O cataclismo que provocou isto ao comando de Deus é praticamente inconcebível. De repente, a rocha e a terra, ainda em sua condição sem forma e escondidas nas profundezas do mar global, começou a se mover para a superfície da Terra. Como a terra irrompeu das profundezas, a água se deslocou, indo se reunir em um só lugar – um imenso oceano que continha numerosos "mares", mas que agora estavam separados da terra. Talvez tenham ocorrido reações químicas durante os grandes movimentos tectônicos, de modo que minerais, rocha e solo fértil, se formaram imediatamente do primeiro oceano. Mas observe que o que emergiu não era nem lama, nem lodo, mas "terra seca" (vs. 9,10), que já estava totalmente pronta para sustentar a vida das plantas. Foi um ato de criação emocionante.

É o testemunho claro das Escrituras de que Deus fez isto acontecer de uma só vez. Jó 38 confirma o fato. Aqui o Senhor está falando com Jó – e está claro que o Senhor não é um evolucionista. Ele lembra que a criatura não está em posição de questionar o Criador:

> Cinge, pois, os lombos como homem, pois eu te perguntarei, e tu me farás saber. Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? Dize-mo, se tens entendimento. Quem lhe pôs as medidas, se é que o sabes? Ou quem estendeu sobre ela o cordel? Sobre que estão fundadas as suas bases ou quem lhe assentou a pedra angular, quando as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus? (vs. 3-7)

Depois, o Senhor descreve o que ele fez no terceiro dia da criação:

> Ou quem encerrou o mar com portas, quando irrompeu da madre; quando eu lhe pus as nuvens por vestidura e a escuridão por fraldas? Quando eu lhe tracei limites, e lhe pus ferrolhos e portas, e disse: até aqui virás e não mais adiante, e aqui se quebrará o orgulho das tuas ondas? (vs. 8-11)

O salmista descreve a mesma coisa no Salmo 104.5-9:

> Lançaste os fundamentos da terra, para que ela não vacile em tempo nenhum.

> Tomaste o abismo por vestuário e a cobriste; as águas ficaram acima das montanhas; à tua repreensão, fugiram, à voz do teu trovão, bateram em retirada. Elevaram-se os montes, desceram os vales, até ao lugar que lhes havias preparado. Puseste às águas divisa que não ultrapassarão, para que não tornem a cobrir a terra.

Tudo isso, junto com o trecho de Provérbios 8, citado no início do capítulo, afirma que a água cobriu toda a Terra desde o princípio e por um ato direto de criação soberana, Deus separou a terra do mar. A Bíblia faz um relato coerente de como a terra surgiu do mar e como seus limites foram estabelecidos. A ação sempre é atribuída a Deus diretamente. Ele fez isto assim como está descrito em Gênesis 1.9,10. Não há razão para tentar explicar em termos naturais. Foi um milagre da criação moldado pelo *fiat* divino.

Assim como fizera no primeiro e segundo dia, Deus deu nome ao que fez: "E chamou Deus à porção seca terra; e ao ajuntamento das águas chamou mares" (v.10). Agora há terra, mar e céu – um ecossistema tripartite, agora pronto para a vida. Então a Bíblia cita o que havia sido omitido no relato do segundo dia: "E viu Deus que isso era bom" (v.10). Existia a Terra, essencialmente como a conhecemos, exceto pelo fato de que era totalmente desprovida de vida. Tudo que era necessário para o sustento da vida estava lá, mas a vida ainda não tinha sido criada.

O FINAL DO TERCEIRO DIA: A VIDA VEGETAL

"E disse: Produza a terra relva, ervas que dêem semente e, árvores frutíferas que dêem fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nele, sobre a terra. E assim se fez" (v.11). Observe novamente que esta vida vegetal apareceu porque Deus assim o ordenou. Ele ordena que passe a existir. Não foi um derivado acidental de alguma reação química. Não foi o resultado de longos processos evolutivos naturais. Foi o resultado imediato de sua ordem soberana.

Desta forma, isto representa uma das etapas de criação que a evolução simplesmente não consegue explicar com qualquer teoria racional: a geração da vida a partir do que é inanimado. Como destacou Michael Behe, escritor e bioquímico, a evolução só consegue lidar com "sistemas que já estão funcionando". Por definição, o que não funciona, simplesmente não pode "evoluir". Portanto, é impossível que a matéria inanimada produza sistemas biológicos por "evolução". Antes que ocorra qualquer evolução, algum tipo de organismo vivo deveria ter sido produzido de uma vez só. Nas palavras de Behe, mesmo num modelo evolucionista, o sistema biológico original não poderia ter sido pro-

duzido gradualmente. "Deveria ter aparecido como uma unidade integrada, de uma só tacada, para que a seleção natural pudesse ter algo com que se ocupar."[2] Então, a evolução falha completamente ao tentar explicar como a vida surgiu.

Mas aqui nós vemos precisamente como isto aconteceu. Deus falou: "E disse: Produza a terra relva, ervas que dêem semente, as árvores frutíferas que dêem fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nele sobre a terra. *E assim se fez*" (v. 11, grifo nosso). Vegetação de toda espécie apareceu instantaneamente à sua palavra. Utilizam-se três palavras do hebraico. A primeira, *deshe*, foi traduzida por "erva verde", mas é um termo geral para vegetação. As outras duas palavras, *'eseb* e *'ets*, se referem a plantas herbáceas e árvores, respectivamente.

Tanto a erva como a planta dão semente, cada uma "segundo a sua espécie". Deus as fez capazes e prontas para reprodução. Ele criou a vegetação totalmente formada e madura, com semente, pronta para ser dispersa.

Uma das grandes maravilhas da criação é o modo como funciona a dispersão de sementes. Deus estabeleceu uma variedade surpreendente de formas como as sementes podem ser levadas de um lugar para outro. Algumas sementes são leves, macias e moldadas de modo aerodinâmico, podendo ser levadas pelo vento. Outras são levadas pelos pássaros e animais – ao se aderirem ao pelo de animal ou ao serem comidas e depois depositadas nas suas fezes. Existem centenas de maneiras criativas pelas quais as sementes são dispersas. Apenas este aspecto da criação revela que uma mente maravilhosa e criativa planejou e deu forma a tudo que vemos.

Observe que Deus criou as plantas, não apenas as sementes. Ele as fez maduras, já totalmente enraizadas e desenvolvidas, já carregando fruto e semente, já se multiplicando.

A semente encontrada na vegetação foi pré-programada com DNA e informação genética para garantir que cada planta se reproduzisse "segundo a sua espécie" (vs. 11,12). Esta mesma frase é repetida dez vezes no primeiro capítulo de Gênesis. A palavra hebraica para "espécie"[3] é *min*, e equivale aproximadamente à palavra "espécie"[4] (Entretanto os sistemas de classificação elaborados pelo homem que utilizam termos como *gênero* e *espécie*[5] podem induzir ao erro e não estar necessariamente em harmonia com a dimensão bíblica do que constitui uma "espécie".[6]). Porém, este não é um termo técnico. Simplesmente designa uma categoria de organismos semelhantes capazes de procriar um com o outro.

O fato de que as criaturas se reproduzem de acordo com sua própria espécie[7] é uma regra fundamental da genética. Cada organismo possui uma estrutura de DNA única, com genes e cromossomos que determinam todas as

suas características. O cruzamento cuidadoso pode ressaltar ou minimizar certas características dentro de genótipos, mas nenhuma quantidade de polinização cruzada pode fazer com que uma forma de vida totalmente nova surja das espécies que já existem. E são estabelecidos limites dentro dos quais as espécies podem realizar polinização cruzada. Tentar fazer o cruzamento de um carvalho com um fungo não produziria nenhum resultado, muito menos uma espécie totalmente nova.

Absolutamente nada nesta parte das Escrituras – e com relação a esta questão, nada em qualquer lugar das Escrituras – sugere que qualquer espécie vivente evoluiu de outra espécie. A linguagem clara do texto significa que cada "espécie" foi diretamente criada *ex nihilo*.

Na verdade, é certo dizer que esta frase crucial, "segundo a sua espécie", refuta claramente a própria essência do pensamento evolucionista. Ela desacredita a noção de que toda vida descende de uma fonte comum e estabelece uma limitação no nível de diferença entre qualquer criatura e sua descendência. As plantas não podem produzir nada além de outras plantas com características herdadas de semelhantes. As árvores podem produzir apenas árvores similares. Semelhantemente, os animais podem reproduzir apenas outros animais de sua própria espécie. A prole pode ter algumas características levemente diferentes de seus antepassados, mas estas características serão, entretanto, herdadas do conjunto genético dos pais. O cruzamento entre raças não consegue produzir novas espécies. Sobretudo, a vida vegetal não consegue produzir vida animal. Não há nenhum processo conhecido pelo qual uma planta, ou qualquer combinação de plantas, desprovida de faculdades superiores de uma vida inteligente, possa produzir uma prole animal. As plantas se reproduzem segundo sua própria espécie. Estes são princípios fundamentais da genética e eles contradizem a base inteira da teoria evolucionista (Iremos falar mais a respeito disso no capítulo 6, quando examinarmos o quinto dia da criação.).

A semente é parte do organismo que torna a reprodução possível. A semente polinizada contém um mapa genético completo para a reprodução da planta. Suas características referentes a uma planta adulta já estão programadas no código genético da semente desde o momento em que a semente é polinizada, e é isto que determina que cada organismo produzirá "segundo a sua espécie".

Henry Morris escreve:

> Deveria também ser mencionado que a formação de plantas, mesmo nas mais complexas formas como árvores frutíferas, ocorreu antes da criação de qualquer vida animal. Isto, certamente, é bem lógico, mas se contradiz de maneira direta com o sistema evolu-

> cionista aceito, que tem animais marinhos, invertebrados e vertebrados, que evoluíram centenas de milhões de anos antes da evolução das árvores frutíferas e outras plantas. Além disso, muitas plantas precisam ser polinizadas por insetos, mas os insetos só foram feitos no sexto dia da criação, o que se opõe à possibilidade de que os dias da criação poderiam ser longas eras. A idéia da evolução teísta é contrária ao relato bíblico da criação em praticamente cada passagem.[8]

Em linguagem clara e simples, o que Gênesis 1.11,12 descreve é a origem de toda a vida vegetal. Temos uma explicação para a criação de todas as espécies de plantas. Este texto apresenta os meios que Deus criou para assegurar a continuidade e a estabilidade do que fez. Não há nada ali que permita acreditar que quaisquer novas espécies surgiram graças a algum processo evolucionista. Não há nada que exija uma longa era em vez de um dia de 24 horas. Tudo é perfeitamente compreensível se considerarmos simplesmente o sentido literal.

Isto também nos revela a mão onisciente de um Criador inteligente. Resolve o grande enigma que a evolução não consegue explicar: Como um plano e uma funcionalidade tão complexos podem ser criados no universo. Toda esta maravilhosa complexidade – desde os gases cuidadosamente equilibrados em nossa atmosfera aos incríveis recursos de reprodução das plantas – é uma evidência clara de um projeto inteligente. Reflete a bondade e a sabedoria de Deus. Ela nos leva a procurá-lo onde ele tem se revelado mais claramente – no texto das Escrituras. Qualquer um que olhe para a criação sem reconhecer a inteligência infinita por detrás dela é deliberadamente cego.

O próprio Deus olhou e viu que era bom (v.12). E depois o terceiro dia termina com a fórmula padrão: "Houve tarde e manhã, o terceiro dia" (v.13). Novamente, uma tradução literal do hebraico é "Tarde, manhã – o terceiro dia". Nada na linguagem sugere que é figurativa. Morris escreve:

> As palavras "tarde" (do hebraico *ereb*) e "manhã" (do hebraico *boqer*) ocorrem mais de cem vezes no Antigo Testamento e sempre têm o sentido literal – ou seja, o término do período diário de luz e do período diário de escuridão, respectivamente. De modo semelhante, a ocorrência de "dia" modificado por um numeral ("terceiro dia") é uma construção que ocorre mais do que cem vezes só no Pentateuco, sempre com sentido literal. Embora possa desafiar nossas mentes a visualizar as terras e os mares, e todas as plantas, que foram formados em um dia, literalmente, isto é

> exatamente o que a Bíblia diz! Não provamos nada se questionarmos o poder de Deus para fazer tal coisa ou sua veracidade em nos contar o que fez.[9]

De todos os dias de Gênesis 1, o terceiro dia ocasionou as mudanças mais importantes no aspecto da Terra. No início do dia, a face do planeta estava coberta com água e provavelmente tinha a aparência de um caldeirão de lama. No final do dia, era um paraíso de terras recobertas de verde, decoradas com todas as cores de diversas flores e árvores, colocadas no meio de um oceano azul espetacular. Não é de se admirar que Deus viu que isso era bom. Isso era bom – um ambiente perfeito para viver, um paraíso para a criatura que Deus planejou fazer à sua própria imagem.

Capítulo 5

LUZEIROS NOS CÉUS

Disse também Deus: Haja luzeiros no firmamento dos céus, para fazerem separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais, para estações, para dias e anos. E sejam para luzeiros no firmamento dos céus, para alumiar a terra. E assim se fez. Fez Deus os dois grandes luzeiros: o maior para governar o dia, e o menor para governar a noite; e fez também as estrelas. E os colocou no firmamento dos céus para alumiarem a terra, para governarem o dia e a noite e fazerem separação entre a luz e as trevas. E viu Deus que isso era bom. Houve tarde e manhã, o quarto dia.

Gênesis 1.14-19

A ciência naturalista tem sempre lutado para explicar todas as estrelas e planetas que existem no universo. Como pode tanta coisa ter evoluído do nada? Como as estrelas se espalharam através de tão vasto espaço? Por que existe tamanha diversidade entre eles? O que acendeu as estrelas e de onde vieram os planetas?

Gênesis 1 dá uma resposta simples: Deus criou todos eles. Ele ordenou a existência deles. A vastidão, a complexidade, a beleza e a quantidade deles, tudo revela a glória e sabedoria de um Criador Todo-poderoso. E eles nos fazem lembrar como é maravilhoso um Criador tão grande ter derramado sua graça em favor da raça humana. Afinal, sob a perspectiva de tamanho, nosso mundo todo constitui somente uma fração infinitesimal na vastidão de tudo que ele criou.

Davi celebrou este fato no Salmo 8.3,4:

Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos,
e a lua e as estrelas que estabeleceste,
que é o homem, que dele te lembres?
E o filho do homem, que o visites?

À medida que Davi contemplou um universo indescritivelmente grande, percebeu que só poderia ser obra do dedo de Deus. Mesmo que o universo seja grande, Deus é infinitamente maior. E a raça humana não é nada em comparação a ele.

No entanto, o propósito de Deus na criação sempre teve a raça humana no centro. Somente nós, de todas as suas criaturas, somos feitos à sua imagem. Toda a criação relatada em Gênesis 1 é contada de uma perspectiva terrena, sublinhando a centralidade deste pequeno planeta no propósito criativo de Deus.

Mesmo a criação das estrelas é relatada sob uma perspectiva terrena, de tal forma que o Sol e a Lua aparecem como dois grandes luzeiros, enquanto as vastas galáxias de estrelas aparecem como luminares menores, sendo mencionados quase como uma nota de rodapé no verso 16: "também as estrelas".

Eis o relato bíblico completo do quarto dia:

> "Disse também Deus: Haja luzeiros no firmamento dos céus, para fazerem separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais, para estações, para dias e anos. E sejam para luzeiros no firmamento dos céus, para alumiar a terra. E assim se fez. Fez Deus os dois grandes luzeiros: o maior para governar o dia, e o menor para governar a noite; e fez também as estrelas. E os colocou no firmamento dos céus para alumiarem a terra, para governarem o dia e a noite e fazerem separação entre a luz e as trevas. E viu Deus que isso era bom. Houve tarde e manhã, o quarto dia"(Gn 1.14-19).

Conforme chegamos no quarto dia, entramos numa segunda fase da obra da criação de Deus. Note a correlação existente do primeiro ao o terceiro dia e do quarto ao sexto dia. Os primeiro e quarto, segundo e quinto, e terceiro e sexto dias apresentam paralelos inequívocos. Uma comparação entre as duas fases pode ser assim observada:

Fase 1	**Fase 2**
Dia 1: luz	Dia 4: luzeiros
Dia 2: o firmamento e as águas	Dia 5: aves e peixes
Dia 3: terra seca	Dia 6: criaturas da terra

Tudo que foi criado a partir do quarto dia é uma obra completa, já que Deus preenche e povoa aquilo que foi uma vez vazio e sem forma. E a primeira coisa que deve ser preenchida é a vasta imensidão dos céus.

Como temos visto desde o início e veremos por toda a semana da criação, Deus realiza sua obra de criação com o *fiat*. "Disse também Deus: Haja luzeiros no firmamento" (v.14). Não há processo nem passagem de tempo; aquilo que ele cria, surge instantaneamente somente mediante a sua palavra. É por isso que teorias que acrescentam bilhões de anos à idade da Terra não fazem nada para promover a compreensão bíblica. A criação não é um processo que Deus iniciou; é algo que Deus *completou*. Ele literalmente ordenou a sua existência. Nas palavras do salmista:

> "Os céus por sua *palavra* se fizeram, e, pelo sopro de sua *boca*, o exército deles. Ele ajunta em montão as águas do mar; e em reservatório encerra as grandes vagas. Tema ao SENHOR toda a terra, temam-no todos os habitantes do mundo. Pois ele *falou*, e tudo se fez; ele *ordenou*, e tudo passou a existir" (Sl 33.6-9, grifo nosso).

Em outras palavras, o que Deus fez não evoluiu. Ele ordenou e tudo passou a existir e funcionar total e completamente.

Todo o "arsenal" dos céus – incluindo a Lua, o Sol e as estrelas, e as galáxias incontáveis – estava completo e funcionando totalmente no dia que Deus criou. Ainda funciona como ele determinou, com uma complexidade impressionante.

Da nossa perspectiva, parece que as estrelas estão fixas no lugar. Elas não estão. Percorrem vastas distâncias em velocidades incríveis. Mas por serem tão grandes as distâncias, vistas da Terra, as estrelas parecem estar no mesmo lugar o tempo todo. Marinheiros, por milhares de anos puderam estabelecer seu curso pelas estrelas porque elas não *pareciam* estar se movendo.

Mas *estão* se movendo. Mesmo o Sol tem um circuito (Sl 19.6) e todo o sistema solar se move com ele, em órbita constante ao redor do centro de nossa galáxia, a Via Láctea. Astrônomos, com o uso de rádio-telescópios, recentemente calcularam que a Terra levaria cerca de 226 milhões de anos para completar uma órbita completa do centro galáctico. Este é exatamente o caminho determinado por Deus para a Terra percorrer e tudo começou num momento, quando ele criou todas as estrelas e colocou-as em movimento com uma única palavra.

Como vimos no primeiro dia, Deus já tinha criado a luz e separado a luz da escuridão. De onde vinha aquela luz original e que forma tinha? Nós não sabemos a razão pela qual a Bíblia não nos revela isto. Mas de uma perspectiva terrena parece ter havido um paralelo exato com a luz do Sol, separando o

dia da noite com um ritmo que continuou após o quarto dia, e depois foi medido, sob uma perspectiva terrena, pelo nascer e pôr do Sol.

A luz original assemelhava-se a qualquer luz difusa e sem forma. Pode ter sido uma simples mostra da glória, tal qual a luz que brilhará na nova Jerusalém descrita em Apocalipse 21.23: "A cidade não precisa nem do Sol, nem da Lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada". De qualquer forma, a fonte era muito claramente Deus, o Pai das Luzes e aquele que nos dá toda boa dádiva e todo dom perfeito (Tg 1.17).

No quarto dia Deus criou o Sol e a Lua para serem luzeiros celestes permanentes. A fonte e o criador da luz ainda era Deus, mas dali em diante existiriam corpos luminosos que brilhariam perpetuamente e iluminariam a Terra em intervalos apropriados e estações. Deus decretou: "Haja luzeiros no firmamento dos céus, para fazerem separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais, para estações, para dias e anos. E sejam para luzeiros no firmamento dos céus, para alumiar a terra. E assim se fez" (Gn 1.14,15). E como sempre acontece quando Deus ordena de forma definitiva, "houve".

As estrelas e corpos celestes são um aspecto da criação incrivelmente complexo e maravilhoso. Vejamos algumas das razões pelas quais Deus os criou.

SEPARAÇÃO

Primeiramente, as estrelas e os corpos celestes foram colocados nos céus para separar o dia da noite. O próprio Deus já tinha separado a luz das trevas no primeiro dia, e ele já havia chamado a luz de Dia e a as trevas de Noite (v. 5). A introdução do Sol e das estrelas no quarto dia não altera a definição nem sugere uma mudança no ritmo ou duração dos dias. Melhor que isso, o Sol e a Lua são colocados como marcadores permanentes "para fazerem separação entre o dia e a noite" (v.14).

O que tinha sido um feixe sem forma de luz difusa e sobrenatural foi substituído por um universo cheio de corpos luminosos. A alternação entre dia e noite continuou, mas agora os corpos celestes proviam os variados graus de luminosidade.

Havia duas "grandes luzes" – uma grandiosa luz (o Sol) para controlar o dia, e uma luz menor (a Lua) para controlar a noite. Estes dois grandes luzeiros celestiais foram posicionados acima da Terra para iluminar e governar a passagem do dia e da noite.

A linguagem é pitoresca: "para governar o dia... para governar a noite." Não devemos pensar que isto significa qualquer coisa semelhante à idéia pagã

de que os corpos celestes eram divindades. Ressaltamos novamente que não há tais aspectos alegóricos ou mitológicos em qualquer parte do relato de Gênesis. Embora se fale do Sol "para governar" o dia e a Lua para "governar" a noite, a imagem não é de forma alguma como aquela da antiga Babilônia ou dos relatos sumérios sobre a criação, onde a Lua e o Sol eram personificados e feitos deuses ou seres divinos – divindades que supostamente governavam os detalhes da vida na Terra. O relato bíblico não tem nada em comum com tais noções pagãs.

Na verdade, todos esses mitos são expressamente excluídos pelo Antigo Testamento (Dt 4.19). Ao contrário, fala-se de como os corpos celestes governam nossos dias, noites, meses e anos – e assim controlam nossos padrões de vida. Os corpos celestes nos são apresentados como objetos criados, sem qualquer traço de personalidade ou armadilhas de uma entidade divina. Eles governam apenas num sentido figurado. Em outras palavras, a sua luz ilumina a Terra e governa a passagem do dia para noite.

O Sol, obviamente, *irradia* luz enquanto a Lua simplesmente *reflete* luz. Mas de uma perspectiva terrena, ambos são fontes de luz. O relato de Gênesis não tem o objetivo de dar uma explicação científica sobre como a Lua ilumina. Simplesmente revela que o propósito divino para a Lua foi fornecer claridade à noite e este propósito é perfeitamente preenchido através da luz refletida por ela.

O Sol e a Lua são corpos celestes fascinantes. O Sol é uma imensa bola de chamas. Seu diâmetro mede cerca de 1.400.000 km, o que é cerca de 109 vezes o diâmetro da Terra. Seu volume é 1,3 milhões de vezes maior que o da Terra, significando que se o Sol fosse oco, necessitaria mais de um milhão de objetos do tamanho da Terra para enchê-lo. Se o Sol fosse do tamanho de uma bola de boliche, a Terra seria comparada a uma semente de papoula. A maioria dos cientistas acredita que o Sol é composto de 70% de hidrogênio, 28% de hélio, 1,5% de carbono, nitrogênio e oxigênio, e menos de 0,5% de outros elementos. A temperatura da superfície do Sol é estimada em cerca de 5 mil graus *Celsius*, e os cientistas acreditam que a temperatura no centro do Sol é de 15 milhões de graus *Celsius*.

A propósito, vale a pena fazer uma pausa e observar que muitos cientistas acreditam que a Terra e os planetas de nosso sistema solar uma vez já fizeram parte do Sol e de alguma forma se desprenderam e foram colocados em órbita por alguma explosão do Sol, ou ainda que foram formados por alguma colisão do Sol com um outro corpo celeste. Se isso foi verdade, podemos esperar que Terra, Marte, Vênus e Mercúrio tenham elementos semelhantes em sua composição, todos similares e derivados do Sol. Mas eles não têm. O Sol é composto de 98% de hidrogênio e hélio. Mas menos de 1 % dos elementos no planeta é hidrogênio e hélio. Além disso, os próprios planetas são todos diferen-

tes, único em sua composição. A aparência dos próprios planetas confirma isso. Cada um é distinto, com seu traçado singular e aparência peculiar.

Além disso, Vênus, Urano e Plutão giram em direção oposta, diferentemente do resto dos planetas. As luas dos vários planetas têm órbitas em diferentes direções e em rotas diferentes, comparadas ao eixo polar dos planetas. Toda essa diversidade é a impressão digital do Criador.

Entre as estrelas, o Sol é apenas uma estrela de tamanho pequeno a médio. Os astrônomos o classificam como um anão amarelo. Em comparação a outras, muitas estrelas, conhecidas como supergigantes, são mil vezes maiores que o nosso Sol. Uma dessas supergigantes que podemos observar é Betelgeuse. Seu tamanho varia porque ela parece pulsar. Às vezes, é pelo menos seiscentas vezes maior que o nosso Sol.

A distância da Terra ao Sol é de cerca de 150 milhões de quilômetros. A essa distância, a luz leva cerca de oito minutos e meio para viajar do Sol à Terra. Portanto, a luz que você vê ao primeiro raio de luz às 6 horas, no nascer do Sol, é uma luz que partiu do Sol quando era cerca de 5h51 no local onde você estava na Terra.

O brilho do Sol permanece razoavelmente constante, mas ocasionalmente ocorrem erupções em sua superfície. Pontos escuros, conhecidos como manchas do Sol, também aparecem algumas vezes e parecem girar com a sua superfície. Essas variações não são visíveis a olho nu, mas podem causar mudanças climáticas drásticas e tempestades elétricas na Terra, assim como condições tempestuosas no espaço. As chamas solares são as maiores explosões conhecidas no sistema solar. Uma única chama de tamanho médio é equivalente a alguns milhares de bombas de hidrogênio de 100 megatons. A energia enviada por tais explosões pode destruir os sistemas de energia da Terra. Em 1989, uma usina de energia canadense foi prejudicada pela energia de uma chama solar e deixou milhões de clientes sem energia por várias horas.[1]

Mesmo assim, o Sol mantém um impressionante equilíbrio de luz e energia que é perfeito para sustentar a vida na Terra. Se o brilho ou a temperatura do Sol fosse aumentado ou diminuído em apenas alguns pontos percentuais, a vida como a conhecemos na Terra logo acabaria.

A Lua também é um imenso corpo. Seu diâmetro é mais que um quarto da Terra e é maior que o planeta Plutão. Sua temperatura na superfície varia tremendamente comparada à da Terra. Dependendo se há luz do Sol ou escuridão, a temperatura da superfície da Lua pode ser tão quente quanto 100° C ou tão fria quanto –118° C.

A Lua gira em torno da Terra como um satélite à distância, em uma órbita elíptica que varia de 345.000 km em seu ponto mais próximo da Terra

(perigeu) a 405.000 km em seu ponto mais distante (apogeu). A Lua completa uma órbita completa ao redor da Terra a cada 27,3 dias, viajando uma distância de quase 2.400.000 km a cada mês.

É sempre o mesmo lado da Lua que está de frente para a Terra e, portanto, se você estiver de pé na Lua, a Terra estará sempre no mesmo lugar no céu. As fases lunares que vemos da Terra são causadas pela posição do Sol em relação à Lua. A Lua aparece cheia quando seu lado que fica de frente para a Terra também está de frente para o Sol. Conforme a posição do Sol muda o alinhamento com a Terra, a porção da Lua que aparece na sombra aumenta.

Na Lua realmente não há atmosfera, portanto não há difusão da luz refletida na superfície lunar. De pé na Lua, o céu parece preto, mesmo quando o dia está claro e brilhante. E, vendo a Lua através de um telescópio, suas características, traços podem ser vistos da Terra com uma clareza impressionante.

A Lua, como o Sol, ajuda a manter o perfeito equilíbrio do meio ambiente sustentável da vida na Terra. As marés dos oceanos são causadas pela força gravitacional da Lua. As marés altas se alinham com a Lua nos dois lados da Terra. A Terra se projeta ligeiramente tanto em direção à Lua quanto em oposição a ela, e isto afeta o nível da água dos oceanos. Conforme a Terra gira em seu eixo, aquelas saliências se movem. Por isso, há duas marés altas e duas marés baixas a cada dia. O tamanho das marés varia dependendo de quão perto a Lua está da Terra e onde se alinha com o Sol (A gravidade do Sol também tem um efeito nos movimentos das marés.). Essas marés são vitais para o equilíbrio dos ecossistemas.

Os cientistas têm proposto uma série de teorias sobre como a Lua pode ter sido formada por processo natural. Alguns sugerem que tenha se desprendido da Terra ou sido violentamente separada dela por uma colisão com um corpo grande como o planeta Marte. Alguns acreditam que foi formada em outro lugar do sistema solar e capturada pela força gravitacional da Terra. Outros acreditam que foi formada juntamente com a Terra, como um tipo de planeta gêmeo. Cada uma dessas explicações apresenta problemas maiores. Por exemplo, três minerais foram descobertos na Lua e são desconhecidos na Terra, questionando a teoria de que a Lua e a Terra foram, algum dia, um único corpo. A dinâmica de como a Lua poderia ter se rompido e escapado à força gravitacional da Terra também é impossível de se explicar por qualquer modelo conhecido. Por esta razão, não há consenso real entre os cientistas e os evolucionistas sobre a questão de como a Lua "evoluiu".

A explicação bíblica evita todas essas dificuldades: Deus simplesmente criou a Lua e colocou-a em sua órbita ao redor da Terra. Ele fez isso no quarto dia da semana da criação.

REGULAMENTO

As Escrituras fornecem uma segunda razão para Deus ter criado o Sol, a Lua e as estrelas. Esses corpos celestes não apenas marcariam a passagem dos dias e das noites, mas também seriam uma sinalização permanente: "E sejam eles para sinais, para estações, para dias e anos"(Gn 1.14).

A palavra em hebraico para "sinais" é *oth* , que significa farol ou sinal. Sugere que os corpos celestes foram colocados em seus lugares para servir como sinais aos habitantes da Terra. E eram sinais de quê? Alguns sugerem que poderiam se referir aos sinais de navegação. De fato, como foi mencionado antes, as estrelas foram usadas como sinais de navegação. Marinheiros que não usavam nada além das estrelas traçaram seus cursos nos mares abertos durante milhares de anos.

Outros podem imaginar que isto significa que as estrelas foram criadas para sinais astrológicos ou como presságio de fatos importantes que estavam por acontecer. Foi através de uma estrela, por exemplo, que Deus guiou os magos até o nenê Jesus em Mateus 2. Mas a astrologia é uma prática oculta pagã e todas essas formas de prever o futuro são estritamente proibidas nas Escrituras (Dt 18.10-12; Is 7.12-14).

Um ponto de vista popular surpreendente é o de que o evangelho é revelado através dos signos do zodíaco. O zodíaco *poderia* ser interpretado por uma miríade de formas (como uma comparação de dois horóscopos quaisquer nos mostrará). Alguns têm sugerido que ele nos dá um relato do evangelho de maneira pitoresca. Virgem é supostamente a Virgem Mãe, a serpente é ostensivamente Satanás e algumas das constelações parecem descrever Cristo em vários estágios de humilhação e triunfo. E.W. Bullinger escreveu um livro inteiro intitulado *The Witness of the Stars* [O testemunho das estrelas] em 1893, que esquematiza o evangelho por intermédio dos signos do zodíaco. Este ponto de vista foi reavivado recentemente e promovido por D. James Kennedy e Chuck Missler. Alguns até mesmo sugeriram que o zodíaco é uma testemunha extrabíblica do evangelho, através do qual multidões a quem a Bíblia nunca foi pregada podem encontrar a Cristo. O problema com este ponto de vista é que ele é baseado em nada além de pura imaginação. Uma coisa é certa: O zodíaco nunca comunicou o evangelho de uma forma mais sensata àqueles mais preocupados com ele. E não há nenhum registro de credibilidade de alguém que tenha descoberto a mensagem do evangelho através das estrelas.

Mas o contexto de Gênesis 1 deixa claro que tipo de "sinais" as estrelas seriam. Eram marcadores para indicar o tempo e as estações: "e sejam eles para sinais, para estações, para dias e anos" (v.14). E dessa forma eles go-

vernam nossas vidas. Estabelecem nossos calendários. Determinam o tamanho de um ano. Dividem o ano em estações. E marcam a passagem de nossos dias e noites.

Neste sentido, todo pulso de vida humana é governado e regulado pelos corpos celestes. O Sol determina nossos dias. A Lua determina os meses. E as estrelas, o Sol e a Lua, todos determinam nossas estações e anos. Todo nosso calendário é, portanto, determinado pelas estrelas, e até mesmo os padrões climáticos de cada estação são determinados pelo Sol e pela Lua. Como a Terra é inclinada em seu eixo, os raios do Sol atingem diferentes partes dela em ângulos diferentes durante todo o ano. Isso produz as estações que são essenciais para o rejuvenescimento da vida, o crescimento da colheita e o florescimento da Terra. Tudo está em perfeito equilíbrio e coopera para abençoar a humanidade com uma variedade de climas e tipos climáticos. A perfeição com a qual esses corpos operam é uma das grandes provas de que foram concebidos por um Criador sábio e gracioso.

A duração de nossos dias e até mesmo os nossos padrões de sono são estabelecidos em perfeita harmonia com o tempo que a Terra leva para dar uma volta completa de rotação. Mesmo a sua precisa inclinação em seu eixo é vital para manter as estações. Imagine como a vida seria diferente se repentinamente a Terra começasse a girar a um terço da velocidade atual. Os dias seriam três vezes mais longos. Nós seríamos forçados a escalonar nossas horas de sono, de forma que às vezes dormiríamos durante a luz do Sol e ficaríamos acordados durante longas horas de escuridão. A variação entre as temperaturas do dia e da noite seria tremendamente alterada. Todo ritmo de nossas vidas seria modificado.

Mas toda a vida na Terra é perfeitamente adequada a um dia de 24 horas e, de acordo com as Escrituras, isso ocorre porque o mesmo criador que fez todos os seres vivos também determinou e fixou a duração de nossos dias.

A História nos fala de Charles Boyle, o quarto Conde de Orrery, um cristão devoto e pensador brilhante que era fascinado com as descobertas de Kepler e Newton sobre o movimento dos planetas e a complexa concepção do universo. Boyle contratou um relojoeiro para criar um modelo mecânico do sistema solar que funcionasse para demonstrar o movimento dos planetas em torno do Sol (Tal modelo é chamado de *orrery*, segundo o seu criador.). Boyle estava mostrando o modelo a um cientista ateu que ficou muito impressionado com o modelo do mecanismo. O ateu disse: "Este é um modelo muito impressionante. Quem fez para você?"

"Ninguém fez", replicou Boyle com um sorriso forçado. "Ele simplesmente aconteceu."

A questão estava clara. Ninguém realmente acredita que uma criação tão complexa seja o produto do acaso. Ele reflete o trabalho de uma mente inteligente, um mestre na criação, que coloca as coisas em seus devidos lugares e faz com que entrem em movimento. Na verdade, há um princípio na filosofia conhecido como o Teorema de Orrery que diz que se o modelo de qualquer sistema na natureza requer um projeto inteligente, o próprio sistema natural deve ter requerido pelo menos muito inteligência no projeto original.

Uma vez que as estrelas e os planetas e suas funções são infinitamente maiores e mais complexas que qualquer modelo mecânico, eles devem ter sido concebidos por uma mente infinitamente superior. As Escrituras simplesmente dizem que são o produto da mente de Deus. Francamente, é preciso um ceticismo absurdo para concluir qualquer outra coisa.

Deus criou o Sol, a Lua e as estrelas com especificações precisas, e como temos visto, eles governam nossa vida no sentido que determinam a duração dos dias, meses e anos; determinam as estações no ano e marcam cada faceta de nossos relógios e calendários. Os corpos celestes determinam quando comemos, trabalhamos e dormimos. E tudo isso foi estabelecido e colocado em movimento com perfeição no quarto dia da criação.

Pense nisso: A rotação da Terra sobre seu eixo é o que determina um dia de 24 horas. As órbitas da Lua ao redor da Terra determinam nossos meses. E as revoluções da Terra ao redor do Sol determinam nossos anos. Curiosamente, não há nada nos corpos celestes que determine uma semana. No entanto, em todo o universo a humanidade conta o calendário por semanas. De onde isso se origina? Da semana da criação de Gênesis 1. Foi este o período de tempo no qual Deus criou o universo e, desde então, tem governado a forma pela qual a humanidade marca o tempo.

Dias e anos são respectivamente as medidas mais curtas e mais longas definidas e fixadas pelo movimento dos corpos celestes. E, conforme está escrito em Gênesis 1.14, até mesmo a estrutura das estações está fixada pela Lua, pelo Sol e pelas estrelas que Deus criou no quarto dia.

ILUMINAÇÃO

A terceira razão, e talvez a mais óbvia, para os corpos celestes existirem é prover luz permanente para iluminar a Terra. Gênesis 1.15 menciona este propósito: "E sejam para luzeiros no firmamento dos céus, para alumiar a terra".

Deus disse, "e assim se fez". Esta mesma frase familiar aparece novamente em conexão com a atividade de criação de Deus no quarto dia. Esta é uma frase técnica e significa que foi criado algo permanente. Tornou-se uma

condição fixa, estabelecida. Novamente, isto milita contra a idéia de criacionismo progressivo. A condição das estrelas e planetas não foi algo que ocorreu por qualquer processo evolucionista. Deus falou e passou a existir. Ele determinou isto. Estava determinado. Foi estabelecido. Nas palavras do Salmo 33.9: "Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir".

Qualquer que tenha sido o meio pelo qual Deus previamente havia iluminado a Terra – se era uma fonte de luz sobrenatural, uma luz difusa e sem forma ou uma energia latente da criação inicial – agora isso não era mais necessário. Dali para frente, o Sol forneceria luz à Terra permanentemente durante o dia, e a Lua e as estrelas iluminariam a noite.

A partir do quarto dia, a luz do Sol tornou-se a fonte principal de luz e energia na Terra. Algumas estrelas fornecem energia na forma de Raio X e sinais de rádio, mas devido à sua proximidade com a Terra e devido à natureza da luz que irradiam, o Sol supera o brilho de todas elas. Ele emite sua energia de radiação num amplo espectro de comprimentos de ondas; quanto mais curto for o comprimento da onda, mais alta será a freqüência e maior a energia. Mas a maior parte da energia do Sol chega até nós na forma de luz visível (Você se lembrará de nossa discussão sobre as maravilhas da luz no Capítulo 3.).

Dentro do espectro de luz visível, a luz violeta está no fim da alta energia e a luz vermelha está no fim da energia baixa. E mesmo estes raios de luz invisíveis fornecem energia. Fótons de luz ultravioleta, por exemplo, são os que causam a queimadura em nossa pele se ficamos expostos ao Sol por muito tempo. E do lado oposto do espectro, os raios infravermelhos podem ser sentidos na forma de calor, muito embora a luz infravermelha irradie menos energia que os fótons na região visível.

Quase todos os segmentos do espectro de luz são essenciais para o sustento da vida na Terra. Os raios ultravioletas são vitais para a fotossíntese – o processo através do qual as plantas e até mesmo algumas bactérias utilizam a energia para produzir açúcar, carboidratos e outros nutrientes a partir do dióxido de carbono. No processo, liberam oxigênio. Isto significa que a vegetação da Terra funciona como "pulmões" para o planeta, retirando o dióxido de carbono emitido por outras criaturas vivas e convertendo-o de volta em nutrientes e oxigênio. Novamente, uma concepção incrivelmente inteligente é revelada na forma como o meio ambiente funciona. Tudo isto é possível devido à luz emitida pelo Sol.

Como o Sol gera sua luz sem que rapidamente queime? Até bem recentemente, a teoria científica quase que universalmente aceita era a de que a energia do Sol é produzida quando o hidrogênio é convertido em hélio através de fusão nuclear no núcleo do Sol. Mas isto já não é mais claro. A fusão nuclear

produz partículas subatômicas chamadas neutrinos que viajam à velocidade da luz, mesmo através de objetos sólidos (Neutrinos podem até viajar através do ferro sólido à velocidade da luz, da mesma forma que a luz viaja através do espaço vazio). Se o hidrogênio estivesse sendo convertido em hélio pelo Sol, produziria neutrinos a uma taxa previsível e aqueles neutrinos seriam mensuráveis na Terra. Na década de 60, um cientista chamado Raymond Davis começou a realizar um experimento concebido para medir os neutrinos que estavam sendo emitidos pelo Sol. Coletou os neutrinos num enorme tanque cheio com 380.000 litros de fluído de limpeza (percloroetileno, que é principalmente cloro), localizado na Homestake Gold Mine, em Dakota do Sul. Quando os neutrinos passam pelo cloro, produzem um isótopo radioativo de argônio. Medindo o argônio produzido no fluído de limpeza, Davis foi capaz de medir os neutrinos liberados pelo Sol. Mas as medidas revelaram apenas um terço do número de neutrinos que se esperava, de acordo com os modelos que os cientistas estavam usando. Agora, novamente a questão sobre como o Sol gera luz está sendo debatida pelos cientistas. É ainda um outro exemplo de como as teorias científicas estão em fluxo constante – em contraste com as Escrituras, que nunca mudam.

Voltemos novamente para Gênesis 1.16: “Fez Deus os dois grandes luzeiros: o maior para governar o dia, e o menor para governar a noite; e fez também as estrelas”. Novamente nos é dada uma afirmação inequívoca da criação divina. Isto não foi um processo prolongado. Deus *criou* a luz e as estrelas. De acordo com o salmista no Salmo 8.3, elas são “obras dos teus dedos (de Deus)”. E embora isto seja reconhecidamente uma expressão antropomórfica, ela sustenta o fato de que isto foi um ato direto da criação de Deus. Não se fala em lenta formação através de processos naturais e evolucionistas. É uma criação instantânea.

Observe a frase final de Gênesis 1.16: “E fez também as estrelas”. A economia de palavras é desconcertante. Tanta coisa se poderia dizer sobre o vasto sistema estelar que preenche o imenso universo. Os cientistas sabem relativamente pouco sobre as estrelas, mas seria o suficiente para preencher vários volumes. Há incontáveis estrelas no universo, cada uma é única e cada uma delas é digna de admiração. Algumas são estrelas binárias – sistemas de duas estrelas no qual ambas estão em órbita uma com a outra. Outros luzeiros nos céus que aparecem como estrelas para nós são, na verdade, nebulosas – grupos de estrelas encobertas, como nuvens. Muitas são indescritivelmente grandes. Considere o fato de que o nosso próprio Sol é mais que um milhão de vezes maior que a Terra em volume. Entretanto, alguns astrônomos têm observado nebulosas que são mais que um milhão de vezes maiores e mais brilhantes que o nosso Sol. Cada estrela nos céus é diferente de todas as outras.

São como impressões digitais e flocos de neve, revelam a vasta diversidade refletida na sabedoria criativa de Deus.

A estrela mais próxima de nosso sistema solar é Alfa Centauro. Na verdade, é um sistema estelar triplo, com uma estrela semelhante ao nosso Sol e duas estrelas vermelhas menores próximas. O centro deste sistema estelar está a 4,35 anos-luz de distância e a menor das três estrelas, Alfa Centauro C (também conhecida *Proxima Centauri*) define a borda externa do sistema, apenas 4,22 anos-luz de nós. Isso significa que quando observadores da Terra olham para Alfa Centauro no céu, à noite, estão vendo luz que deixou o sistema estelar há aproximadamente quatro anos e meio. E esta é a estrela *mais próxima* visível no céu à noite. A maioria das estrelas está infinitamente mais distante do que aquela.

Isto levanta uma questão: Se o universo não tem mais que dez mil anos, como a maioria dos criacionistas da Terra-jovem acredita, e como eu acredito que a Bíblia ensina claramente, como podemos ver uma luz que teoricamente teria levado milhões de anos para nos alcançar? Esta é uma questão razoável, e eu acredito que há uma resposta razoável para ela. Parece claro que quando Deus criou as estrelas, porque ele as criou para que iluminassem a Terra e fossem sinais de nossas estações, ele também capacitou a luz de forma sobrenatural para atravessar aquela vasta extensão do espaço imediatamente. Se ele é capaz de conceber um universo tão complexo e imenso, certamente também é capaz de fazer com que a luz atravesse a vasta imensidão do espaço de acordo com seu propósito. Não pense que a luz das estrelas é meramente uma ilusão ou um engano. As Escrituras indicam que as estrelas do espaço são verdadeiras e o que nós estamos vendo é, na verdade, a luz proveniente das estrelas, e não uma ilusão. Portanto, parece que no momento da criação das estrelas, Deus acelerou a luz de tal forma que alcançasse a Terra em um instante.

Lembre que, de acordo com a teoria da relatividade geral de Einstein , o tempo não é uma constante. Alguns criacionistas que são treinados em Física acreditam que é teoricamente possível uma dilatação do tempo para permitir que a luz viaje através destas vastas distâncias instantaneamente.[2] Apesar de tudo, como vimos no capítulo anterior, mesmos os muitos cientistas que aceitam a cosmologia do *big bang* atualmente acreditam que o próprio universo explodiu do nada para suas imensas proporções num "milagre" instantâneo.[3]

Novamente a ciência pode apenas tentar explicar esses mistérios por meio de teorias que sempre mudam. Mas o testemunho das Escrituras permanece firme e imutável: No quarto dia, "... fez também as estrelas".

Em Gênesis 1.18 repete-se o veredicto de Deus, já familiar para nós. "E viu Deus que isso era bom." Tudo funcionou precisamente da forma que plane-

jara. Era bom. Não havia defeito. Não há espaço para evolução, porque tudo que foi criado já era bom, exatamente como Deus fez.

"Houve tarde e manhã, o quarto dia" (v.19). Neste dia, pela primeira vez, tarde e manhã foram marcadas pela luz da Lua e pela luz do Sol, respectivamente. O ritmo da manhã e da tarde continuou como era no princípio, mas agora era governado, como tem sido desde então, pelo poente e pelo nascer do Sol. A semana da criação agora já havia passado da metade. E a glória e o esplendor de Deus já estavam sendo revelados em tudo aquilo que havia criado. Como escreveu o salmista, "Ó SENHOR, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome! Pois expuseste nos céus a tua majestade" (Sl 8.1).

Afinal, este foi o propósito supremo de Deus na criação: Manifestar a sua glória. Essa glória é revelada de forma maravilhosa na imensidão dos céus. É perfeitamente refletida no vasto leque de estrelas e planetas que Deus criou no quarto dia. Quando contemplamos os céus e consideramos aquelas estrelas, nossos corações devem ser tocados como o do salmista que louva ao Senhor pela glória de sua criação. E devemos recusar qualquer sugestão de que essas coisas tenham surgido por causas acidentais ou processos naturais.

C.S.Lewis escreveu:

> Se o sistema solar surgiu por uma colisão acidental, então o surgimento da vida orgânica neste planeta também foi um acidente e toda a evolução do homem também foi um acidente. Se isso ocorreu, então todos os nossos pensamentos atuais são acidentes – o derivado acidental do movimento dos átomos. E isto serve para os pensamentos dos materialistas e astrônomos assim como para qualquer outra pessoa. Mas se os pensamentos deles são derivados meramente acidentais, porque deveríamos acreditar que são verdadeiros? Não vejo razão para acreditar que um acidente seja capaz de me dar um relato correto de todos os outros acidentes.[4]

Em outro lugar, Lewis escreveu:

> Cada pensamento particular não tem valor se for o resultado de causas irracionais. Obviamente, então, todo o processo do pensamento humano, que chamamos de Razão, também não tem valor se for o resultado de causas irracionais. Então, cada teoria do universo que torna a mente humana um resultado de causas irracionais é inadmissível, porque seria uma prova de que não existem tais coisas como prova. O que é um contra-senso. Mas o naturalismo, como é aceito comumente, é precisamente uma teoria deste tipo.[5]

A única explicação razoável para as estrelas e nosso sistema solar é o que lemos nas Escrituras: "E os colocou no firmamento dos céus" (Gn 1.17). A Bíblia diz que uma compreensão disto está realmente inerente em cada coração humano: "Porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou" (Rm 1.19).

"Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas"(v. 20). E é por isto que deve ser a coisa mais natural do mundo observar a extensão dos céus e repetir o que o salmista escreveu: "Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos" (Sl 19.1).

Capítulo 6

ENXAMES DE SERES VIVENTES

> *Disse também Deus: Povoem-se as águas de enxames de seres viventes; e voem as aves sobre a terra, sob o firmamento dos céus. Criou, pois, Deus os grandes animais marinhos e todos os seres viventes que rastejam, os quais povoavam as águas, segundo as suas espécies; e todas as aves, segundo as suas espécies. E viu Deus que isso era bom. E Deus os abençoou, dizendo: Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei as águas dos mares; e, na terra, se multipliquem as aves. Houve tarde e manhã, o quinto dia.*
>
> Gênesis 1.20-23

No quinto dia da criação, o ambiente da Terra e o reino dos céus estavam completos, e dali em diante a obra criadora de Deus consistia basicamente em encher a Terra com seres viventes.

As Escrituras fazem uma clara distinção entre a vida animal e vegetal. Não se referem às árvores nem às plantas em lugar algum como "seres viventes" ou "almas vivas". Essas denominações são reservadas aos animais, insetos, pássaros, peixes e aos humanos – em resumo – a seres que se mexem e que têm um sistema nervoso central. As plantas, é claro, são organismos biológicos – criaturas vivas nesse sentido. Têm estruturas genéticas, sistemas biológicos e a capacidade de se reproduzirem segundo sua própria espécie. Mas não têm vida consciente, e por isso não se referem às plantas e às árvores como "criaturas vivas" ou "almas vivas" no sentido em que as Escrituras utilizam essas expressões.

O quinto dia marca, portanto, a aparição dos primeiros *seres viventes* sobre a Terra:

> Disse também Deus: Povoem-se as águas de enxames de seres viventes; e voem as aves sobre a terra, sob o firmamento dos céus. Criou, pois, Deus os grandes animais marinhos e todos os

> seres viventes que rastejam, os quais povoavam as águas, segundo as suas espécies; e todas as aves, segundo as suas espécies. E viu Deus que isso era bom. E Deus os abençoou, dizendo: Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei as águas dos mares; e, na terra, se multipliquem as aves. Houve tarde e manhã, o quinto dia (Gn 1.20-23).

Aqui Deus povoa os mares e os céus. Lembre-se de que esse dia é um tipo de contrapartida ao segundo, em que se dividiu o mar do céu – a hidrosfera da atmosfera – pela criação do firmamento. Agora a hidrosfera e a atmosfera são povoadas com um "enxame de seres viventes" (v. 20).

Mais uma vez, como sempre, o meio de criação é um decreto de Deus. "Disse Também Deus" (v.20). Quando Deus cria Adão no sexto dia, ele o faz formando-o a partir do pó da terra. Se a evolução estivesse correta, poderíamos esperar que Deus criasse os animais marinhos a partir de alguma forma preexistente de vida – plantas ou algas. Mas o que as Escrituras dizem é que ele mandou que existisse toda uma gama de criaturas marinhas imediatamente, do nada. "Grandes animais marinhos", inclusive baleias, inúmeras arraias, tubarões brancos e lulas gigantes, como "todos os seres viventes que rastejam, os quais povoavam as águas" (v.21).

Existe uma redundância proposital na expressão hebraica, uma figura literária chamada *paranomasia*, na qual, para se dar ênfase, formas diferentes da mesma palavra são repetidas. Uma versão mais literal seria "que as águas abundem com enxames de seres". Uma expressão semelhante é utilizada no versículo 11, que poderia ser traduzida literalmente como "que a terra germine com vegetação".[1] As duas expressões ("germinar" e "enxame") são contrastantes, e a ênfase que se dá aqui é a de movimento – especificamente a animação de criaturas viventes que podem se mexer e migrar por vontade própria, em contraste com a vida vegetal, que é essencialmente estática.

E instantaneamente os mares começaram a ficar cheios de seres viventes por toda a parte. Acredito que isso inclui também os seres de água doce, que também teriam começado a viver ao comando do Senhor.

No versículo 21, a palavra hebraica na expressão "todos os seres *viventes*" é *nephesh*, a mesma palavra traduzida como "alma", em Gênesis 2.7: "Então, formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente". *Nephesh* significa literalmente "os que respiram". Refere-se à vida anímica, vida com essência, em oposição à vida meramente orgânica das plantas. E é utilizada em Gênesis 1.21 pela primeiríssima vez. Então, novamente, esses foram os primeiros "seres viventes" no sentido bíblico do termo.

Essa é uma etapa notável do processo da criação, tão profunda quanto à criação de todo um universo de corpos celestes no quarto dia. A amplidão e a complexidade das formas de vida que Deus criou provavelmente rivalizam com aquelas das estrelas. Inclui tudo, desde as menores amebas e animais microscópicos até as "grandes baleias" mencionadas na versão King James.

CRIAÇÃO

Reparem que o versículo 21 diz explicitamente que Deus os *criou*. O verbo em hebraico é *bara*, que sempre se refere à criação direta. Elimina explicitamente a possibilidade de que essas criaturas tenham evoluído em algum processo ao longo do tempo. Juntamente com a descrição de como Deus ordenou sua existência por meio de uma ordem, exige que entendamos a origem dessas criaturas como um ato de criação resultante de uma ordem, e não um processo evolutivo.

Existe uma ênfase clara e específica quanto à extensa variedade de criaturas que Deus criou. "Grandes animais marinhos" foram criados, assim como "todos os seres viventes que rastejam" (v. 21). O que se descreve aqui é uma antítese da noção de que Deus simplesmente criou organismos que se desenvolveram por processos naturais em outros mais complexos. A descrição explicitamente inclui plâncton e peixes, enguias e baleias, e provavelmente lontras marinhas assim como dinossauros marinhos. Ele ordenou que existissem de uma só vez, todos no mesmo dia – na verdade, todos no mesmo instante. Todos foram criados em enxames enormes, que preencheram os mares. Não existe outra forma razoável de se interpretar o texto sem pôr em dúvida seriamente a verdade do relato do Gênesis.

O versículo 20 diz a mesma coisa sobre os pássaros: "e voem as aves sobre a terra, sob o firmamento dos céus". E o versículo 21 descreve como isso aconteceu: "Criou, pois, Deus ... todas as aves, segundo as suas espécies". Ele não semeou simplesmente o processo com algumas formas de vida simples que mais tarde se modificaram e se transformaram em outras mais complexas. Ele criou inúmeras espécies, cada uma "segundo a sua espécie".

E notem que os pássaros foram criados com a capacidade de voar. Não foi uma técnica adquirida ao longo de nenhum processo evolutivo. Eles foram criados para isso.

Assim Deus povoou os mares e povoou os céus.

Recentemente ouvi uma palestra gravada de um professor de ciências em uma das universidades de maior prestígio no sul da Califómia. Ele descrevia como acreditava que tenha ocorrido o processo evolutivo. Ele estava convencido

de que a capacidade de nadar e a capacidade de se transportar sobre a terra são características adquiridas. Assegurava a seus alunos que todas essas capacidades foram resultado do instinto natural cotidiano de autopreservação de cada espécie (ele não especulou quanto à origem desse instinto, mas foi dogmático ao declarar que foi esse o mecanismo que possibilitou a evolução).

Ele imagina que as primeiras formas de vida vieram a existir quando criaturas unicelulares passaram por mutações por puro acidente e viraram formas de vida mais complexas. Descobriram que podiam se sustentar consumindo as formas de vida mais simples e desenvolveram meios de se movimentar para que pudessem se alimentar.

Logo, começaram a se comer umas às outras. Por um processo de mutação acidental que levou alguns bilhões de anos, alguns desses microorganismos se transformaram em criaturas maiores e mais complexas que eventualmente aprenderam a respirar e a se movimentar em terra firme para escapar de seus predadores.

Ele ilustrou a Terra nesse momento como sendo habitada por uma variedade primitiva de répteis e seres menores e mais simples que rastejavam aos quais ele se referia como "serpentes" e "insetos". As serpentes começaram a comer os insetos, e os insetos, sabendo que enfrentariam o risco de extinção, buscaram formas criativas de se afastar das serpentes. Alguns dos insetos desenvolveram asas e a capacidade de voar. Outros se enterraram no chão. Aí as serpentes começaram a morrer por falta de comida, e, para preservar a espécie, algumas desenvolveram pernas e inventaram outras formas para subir em árvores e cavar a terra para poderem ter acesso aos insetos.

Finalmente, disse ele, as serpentes desenvolveram ossos ocos e pés e corpos. Algumas delas desenvolveram asas e a capacidade de voar para que pudessem apanhar mais insetos. E, em processos semelhantes, assegurou a seus alunos, desenvolveram-se grandes famílias de aves e mamíferos e de outras formas de vida animal. É tudo muito simples, dizia ele. As criaturas que não desenvolveram meios de sobrevivência morreram. Tudo isso aconteceu segundo a sobrevivência do mais capaz.

Essa é, obviamente, a idéia fundamental do evolucionismo. Em comparação com o relato bíblico, ela é fantasiosa, absurda e geneticamente impossível. Mas é a concepção que domina as teorias científicas modernas sobre as origens. Podemos ouvir palestras semelhantes praticamente em todas as principais universidades do mundo.

Por que alguém consideraria uma teoria tão absurda como essa mais crível do que o relato bíblico da criação? Em última análise, só há uma razão: a humanidade perdida odeia o Deus da Bíblia, e a complexidade e a sabedoria vistas na criação são o único e maior obstáculo a uma visão de mundo ateísta.

Considere a diversidade de maravilhas na criação da vida marinha. Vejamos o peixe arqueiro, por exemplo. O peixe arqueiro vive em água doce e em estuários oceânicos, principalmente no sudoeste da Ásia. Eles têm a capacidade única de cuspir jatos de água sobre insetos que repousam em folhas e galhos sobre as águas. Seu palato superior tem ranhuras, de forma que quando sua língua é pressionada contra o céu da boca, forma um tubo. Ao fechar suas guelras, pode expelir um forte jato d'água com precisão espantosa. Ao fazer isso, derruba o inseto na água, onde este se torna presa fácil. Sua mira tem precisão num raio de cinco metros, e o peixe arqueiro tem uma visão telescópica que lhe permite julgar as distâncias com precisão excepcional. Possui, inclusive, uma capacidade instintiva de compensar a refração causada pela superfície da água. O peixe arqueiro também tem forma e cor que lhe dá uma camuflagem natural que o torna praticamente invisível para quem está fora d'água.

Como seria possível ao peixe arqueiro desenvolver semelhante habilidade? Um instinto de sobrevivência poderia tê-lo feito evoluir dessa forma? Certamente que não. O peixe arqueiro pode se alimentar como os outros peixes, e freqüentemente o faz. Poderia perfeitamente sobreviver sem suas extraordinárias façanhas de pontaria. Parece que eles caçam insetos apenas por esporte.

Outra criatura interessante é o cavalo marinho. Ele é um tipo de peixe, mas diferente de qualquer outro. Sua cabeça em forma de cavalo é perpendicular ao corpo, o que lhe dá a aparência da qual vem seu nome. Apesar de sua aparência, não tem pescoço e não pode mover a cabeça. Suas escamas são fundidas em uma espécie de armadura óssea que o toma pouco apetitoso a seus predadores. Suas mandíbulas são fixas e não têm dentes, por isso se alimenta de pequenos camarões que suga. Ele nada verticalmente e pode utilizar a cauda para se agarrar às algas de forma a evitar ser arrastado por correntes. Mais surpreendente, ele se reproduz mediante uma incomum inversão de papéis. A fêmea na verdade deposita seus ovos em uma bolsa em forma de útero no macho – e a gestação, portanto, acontece no corpo do macho. Quando os ovos "chocam", ele tem o trabalho de parto e dá à luz cavalos marinhos vivos. O macho, em seguida, alimenta os filhotes da mesma forma que a maioria das fêmeas de outras espécies. Como explicar essas características espantosas? Não há evidências de nenhuma espécie intermediária entre os cavalos marinhos e outros peixes. Isso se deve ao fato de eles não terem evoluído de outras espécies; são parte única da criação original de Deus.

Existem ainda os paguros. Diferentemente de outros caranguejos, o paguro não tem uma casca externa própria. Seu abdômen é mole, e seria presa fácil para seus predadores se não tivesse como se proteger. Por isso, ele toma emprestado a concha velha de vários outros gastrópodes. Ele sempre usa conchas

vazias e nunca mata seus ocupantes. E migra de uma concha para outra à medida que cresce e não cabe mais em sua "casa". O corpo do caranguejo se torce naturalmente para caber perfeitamente na concha hospedeira. As pernas do caranguejo são perfeitamente ajustadas a esse *habitat*. Ele utiliza apenas as duas pernas imediatamente atrás das garras para andar. As outras pernas se agarram à concha emprestada. A garra direita, maior do que a esquerda, serve de porta para fechar a abertura da casca quando o caranguejo se recolhe. Esse caranguejo tem uma relação de simbiose com as anêmonas. As anêmonas têm células urticantes que repelem a maioria das outras criaturas, mas o caranguejo forma uma parceria com elas e as carrega sobre sua casca, e elas se mudam para outra concha juntamente com o caranguejo quando ele se muda. A anêmona se alimenta dos restos das refeições do caranguejo, e ele fica protegido de seus predadores pela anêmona.

Será que os caranguejos poderiam ter desenvolvido essas características? Certamente que não. A perda de sua própria casca protetora seria contrária ao princípio evolutivo da sobrevivência do mais forte. E a evolução de um corpo tão perfeitamente adaptado à carapaça emprestada de outra criatura é impossível de se explicar com princípios evolucionistas. O paguro é, simplesmente, mais evidência de um criador inteligente.[2]

O pepino-do-mar é outra espécie surpreendente. É uma criatura marinha sem espinha dorsal, como uma lesma, com cinco pés em forma de tubos ao longo do corpo, como os gomos de uma bola de futebol americano. Tem a boca em uma das extremidades cercada de tentáculos. O pepino-do-mar se alimenta quando pára em uma corrente que possa lhe trazer um suplemento constante de plâncton, pequenos camarões e outras partículas orgânicas. Ele estende seus tentáculos para recolher a comida e então enfia os tentáculos dentro da boca, um de cada vez, sugando a comida. Um tipo de peixe particular conhecido como peixe-agulha se abriga durante o dia dentro do pepino-do-mar, onde se alimenta dos órgãos internos do hospedeiro. O pepino-do-mar não sofre danos com isso, pois pode regenerar seus próprios órgãos. À noite, o peixe-agulha sobe pelo canal alimentar do pepino-do-mar e emerge para complementar sua dieta com pequenos crustáceos.

O pepino-do-mar tem um mecanismo de defesa espantoso. Quando atacado, expele seus próprios órgãos. O predador normalmente se satisfaz com esse banquete, e o pepino-do-mar simplesmente regenera um novo conjunto de órgãos. Outro mecanismo de defesa é uma substância pegajosa que ele pode secretar. Se essa substância por acaso grudar nos seus cabelos, você não poderá retirá-la a não ser cortando os cabelos. Essa substância é tão pegajosa que pode ser até utilizada para fechar ferimentos.

Pode tudo isso ser produto de um acaso da evolução? Certamente que não. É mais uma prova de que um criador onisciente criou todas essas criaturas.

Poderíamos escolher praticamente qualquer criatura marinha e recitar uma lista de maravilhas semelhantes da criação . Pensem na surpreendente inteligência instintiva das baleias e dos golfinhos. Os oceanos estão cheios de uma variedade enorme de criaturas, incluindo estrelas do mar, águas-vivas, enguias elétricas, grandes tubarões brancos, lulas, polvos, mariscos e crustáceos de todo tipo. Existem inúmeros microorganismos, plâncton, camarões e outras criaturas minúsculas. Existem inclusive alguns peixes espantosos que vivem em profundidades onde antes se pensou ser impossível haver vida. Tudo isso foi criado em um instante quando Deus ordenou, no quinto dia.

Gênesis 1.21 contém uma frase desconcertante: "Grandes animais marinhos". A versão New American Standard Bible utiliza a expressão "grandes monstros marinhos". O termo em hebraico é *tannin*, que pode se referir a qualquer criatura grande, ou pode querer dizer "dragão" ou "serpente marinha". A referência a um tipo específico de criatura parece significativa. Porque se destacar os *tannin*? Talvez se encontre a resposta no fato de que a mitologia antiga egípcia e mesopotâmica era repleta de contos fantásticos sobre monstros marinhos. Eram considerados deuses, e os antigos pagãos temiam essas divindades sob a forma de criaturas marinhas, como se fossem a incorporação do mal. Esses mitos eram comuns à época em que Moisés escreveu esse relato. Portanto, aqui o texto bíblico afirma simplesmente que Deus criou até mesmo as maiores e mais monstruosas criaturas das profundezas. Não são deuses que se devem temer; eles são seres criados como qualquer forma de vida que Deus criou. E o texto bíblico realça esse fato, desmascarando todos os mitos pagãos sobre eles.

Deus também criou "todas as aves, segundo as suas espécies" (v.21). Novamente, falamos da criação imediata de todas as variedades de criaturas voadoras. Mais claro impossível, o texto bíblico declara que todas foram criadas por ordem do Senhor; nenhuma espécie evoluiu de nenhuma outra.

A diversidade de aves e pássaros é tão notável e tão imponente como qualquer outra faceta da criação. A variedade fabulosa de cores e contrastes registrada entre os pássaros é fato bem conhecido, mesmo pelo mais eventual observador. Revela tão claramente quanto qualquer outro aspecto de nosso mundo o amor do criador pela beleza e pela diversidade.

Já vimos maravilhosos flamingos rosa, papagaios de cores radiantes, pavões de espessa plumagem, garças de pernas longas, faisões com caudas espetacularmente compridas e cacatuas com penas enfeitadas. Todas as aves, de águias e falcões a beija-flores e pombas, revelam uma originalidade criativa de

uma riqueza surpreendente. A vida que povoa nossos céus é tão plena de maravilhas quanto a vida que preenche nossos mares.

Tomemos o exemplo do pelicano. A envergadura de alguns pelicanos pode atingir até dois metros. Possui um bico longo com uma bolsa expansível que pode guardar até três vezes mais comida do que seu próprio estômago. Engole sua comida inteira, e pode ser divertido assistir um pelicano engolir o conteúdo da bolsa cheia com um pescoço tão fino. Incrível quanto possa parecer, essas grandes aves mergulham atrás de comida de alturas de quase vinte metros. Com sua forma esquisita e seu pescoço comprido, um mergulho desses parece muito perigoso e, ainda assim, os pelicanos são exímios pescadores. Sua bolsa tem um desenho que funciona como uma rede na água, retendo a comida ao mesmo tempo em que deixa passar a água. Seriam esses pássaros magníficos um produto do acaso, ou eles refletem a sabedoria de um Criador? A resposta é óbvia.

O albatroz é outra ave surpreendente. Com envergadura de mais de três metros, é a maior de todas as aves existentes. Um albatroz adulto pode voar mais de 1.500 km em um único dia. Ele fica voando a maior parte do tempo, e só aterrissa na água ou em barcos para descansar. Consegue realizar essas grandes façanhas de vôo ao planar grandes distâncias com suas enormes asas totalmente estendidas. Utiliza as correntes de ar para ganhar altitude, sem bater as asas durante longos períodos. Um albatroz jovem poderia dar a volta ao mundo até sete vezes antes de tocar o chão. A única vez em que um albatroz desce ao solo é quando procria na região Antártica, pode ficar sem fazer isso por até três anos e põe apenas um ovo a cada vez. O albatroz pode beber água salgada do mar, e o sal em excesso é excretado por orifícios nasais. Alguns deles vivem até oitenta anos. Tais características espantosas poderiam ter se desenvolvido por algum processo natural conhecido? Dificilmente. O evolucionismo não tem como explicar características tão notáveis – em especial em uma espécie que é tão mal-sucedida na procriação. O albatroz é uma criatura única que só poderia ter sido imaginada por um Criador onisciente.

O pica-pau de penacho vermelho tem quatro dedos nas patas que lhe permitem segurar-se firmemente nos troncos das árvores. Utiliza seu bico longo e afiado para fazer furos em pinheiros altos e constrói seu ninho em buracos escavados em árvores vivas. Um único pássaro pode passar três anos escavando um ninho. O principal predador do pica-pau é a cobra rateira. As cobras rateiras sobem em árvores, por isso, como proteção, o pica-pau faz furos menores abaixo e acima de seu ninho. Desses buracos menores, escorre uma resina pelo tronco das árvores, quando a cobra entra em contato com essa resina, suas escamas ficam pegajosas, e a serpente não consegue mais subir na árvore. Para manter o fluxo da resina, o pica-pau tem que cuidar dos buracos de resina

diariamente. A presença da ave é útil à árvore, e não danosa, pois ele se alimenta de insetos e cupins, que destroem as árvores.

Um pica-pau pode bicar uma árvore até quinhentas vezes por minuto, atingindo a madeira com uma força tremenda. O bico da ave bate na madeira a uma velocidade de aproximadamente 20 km/h, o que é mais do que se alguém batesse com a cabeça contra uma árvore correndo o mais rápido possível. Imaginem fazer isso quinhentas vezes por minuto! Mas a cabeça do pica-pau tem em sua estrutura um sistema de absorção de impacto que protege o cérebro. Uma criatura tão maravilhosa só poderia ser resultado de um projeto inteligente.

Nos mamíferos e praticamente em todos os outros animais, o macho detém cromossomos XY e as fêmeas carregam cromossomos XX. Dessa forma, na maioria das espécies, é o macho que determina o sexo da cria. Mas com os pássaros (assim como com as borboletas e mariposas), a situação é inversa, então são as aves fêmeas que têm o cromossomo XY e os machos têm a configuração XX.

A migração de pássaros é outro exemplo espantoso da sabedoria infinita do Criador. Muitas aves viajam distâncias enormes todos os anos com precisão extraordinária. As andorinhas-do-mar-ártico são recordistas em distância quando se fala em migração. Viajam do pólo norte ao pólo sul e voltam o mesmo percurso todos os anos. A maioria das aves que migra longas distâncias voa preferencialmente à noite. Fazem isso porque as estrelas são uma de suas principais ferramentas de navegação. Estudos demonstraram que mesmo aves criadas totalmente fora do ambiente externo podem orientar-se adequadamente na primeira vez que vêem as estrelas. Testes feitos em planetários mostram que as aves sabem em que direção voar, mesmo sob um céu artificial, se as estrelas forem posicionadas adequadamente. Mas quando o alinhamento das estrelas no planetário é desorganizado, os pássaros também se confundem.

Como os pássaros adquiriram essas habilidades? Eles não as adquiriram, de forma nenhuma. São capacidades congênitas, desenhadas nos pássaros por um Criador inteligente. Outros instintos das aves, como o conhecimento sobre a construção de tantos tipos diferentes de ninhos tão bem projetados, também revelam a sabedoria do Criador.

Todos os aspectos da criação estão repletos de maravilhas igualmente surpreendentes. Como tudo isso poderia ser assim, se tudo tivesse acontecido meramente ao acaso? A resposta clara é que não poderia. A criação ocorreu exatamente como as Escrituras nos dizem.

“E viu Deus que isso era bom” (v.21). Sua bondade está refletida em sua obra. Mesmo em nossa condição de perdição, podemos ver sua bondade quando observamos o cuidado e o esmero com que projetou tudo que fez. Todas as

maravilhosas criaturas marinhas, dos pepinos-do-mar às baleias gigantes – e todos os pássaros que voam pelos céus, do simples estorninho até a mais magnífica águia – demonstram sua bondade infinita. Ele fez todas essas criaturas maravilhosas para seu próprio prazer e continua a supervisionar cada detalhe de sua criação com uma providência soberana e amorosa. Jesus disse que nem mesmo um pardal cai em terra, sem o consentimento do Pai (Mt 10.29).

PROCRIAÇÃO

Todos os organismos vivos têm três propriedades espantosas. Primeiramente, são *auto-sustentáveis*, o que significa que têm meios com que sustentar sua própria vida – conseguem alimentar-se, respirar em sua atmosfera (até os peixes dentro da água) e defender-se de predadores ou de outras ameaças a seu *habitat*. Todos têm maneiras particulares de fazer isso que são perfeitamente adequadas ao seu meio. Em segundo lugar, são *auto-regeneráveis*. Quando se ferem, têm meios de se curar. Quando fatigados, podem recuperar sua força descansando. E, finalmente, são *autoprocriadores*. Têm em si meios pelos quais podem se reproduzir e assim gerar mais organismos de sua própria espécie. Essas três capacidades são características inerentes à própria vida.

E esse fato é um forte argumento a favor de um criador inteligente. Imaginem a dificuldade de se criar uma máquina que seja auto-sustentável, auto-regenerável e autoprocriadora. Atualmente, tal tipo de máquina só existe na teoria. São chamadas "máquinas de Von Neumann", em homenagem ao matemático e cientista húngaro John Von Neumann, que viveu na primeira metade do século 20. Von Neumann teorizou que deve ser possível criar uma máquina que se sustente e se repare e se reproduza. Pesquisas modernas com inteligência artificial ainda se baseiam muito na obra de Von Neumann e os computadores modernos são inspirados em suas idéias inovadoras. Mas a Ciência ainda não foi capaz de desenvolver uma máquina verdadeiramente auto-sustentável, auto-regenerável e autoprocriadora. A dificuldade e a complexidade de se criar algo com essas habilidades ainda está fora do alcance da ciência moderna.

Não obstante, é notável que cada célula viva tenha todas essas capacidades. Se isso não é prova incontestável de um criador inteligente, o que poderá ser?

Deus embutiu em sua criação meios para que cada espécie pudesse procriar. Não apenas no nível de células individuais, mas também em uma escala muito mais ampla, todas as espécies vivas têm a capacidade de procriar e a forma em que as diversas espécies procriam são tão distintas quanto as próprias formas de vida.

Gênesis 1.22 diz: "E Deus os abençoou, dizendo: Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei as águas dos mares; e, na terra, se multipliquem as aves". A menção da procriação nesse contexto destrói a noção de que a linguagem bíblica é um relato meramente simbólico de como as coisas evoluíram. As Escrituras nos ensinam expressamente que Deus terminou sua criação de todas as criaturas do mar e de todos os pássaros *antes* de dar a ordem para que se reproduzissem. Se o evolucionismo estivesse correto, significaria que a reprodução dos animais já devia estar acontecendo por bilhões de anos antes que pudessem surgir tantas espécies de aves e criaturas marinhas. Se o texto de Gênesis 1 fosse meramente um discurso simbólico para descrever como a vida evoluiu na Terra, esse versículo seria inteiramente desnecessário.

A mensagem da qual não se pode fugir nessa passagem é a de que Deus criou todas as variedades de aves e criaturas marinhas com suas características exclusivas em seus lugares, com toda a diversidade de espécies já estabelecida e com a capacidade de se reproduzirem "segundo as suas espécies" (v. 21). Aqueles que imaginam que todas essas espécies diferentes surgiram por evolução a partir de uma origem comum estão simplesmente rejeitando o significado claro do texto.

Observe a expressão "segundo as suas espécies" que aparece duas vezes no versículo 21, duas vezes no versículo 24, três no versículo 25 e uma vez nos versículos 11 e 12. Ela é utilizada toda vez que se menciona a procriação no Gênesis. Destaca exatamente a verdade que o evolucionismo nega: Que quando seres vivos se reproduzem, só podem gerar criaturas semelhantes a si mesmos. Macacos não dão à luz humanos.

Multidões no meio político e acadêmico hoje em dia desprezam esse fato como um mero dogma religioso. Lutam para que isso não seja mais ensinado nas escolas. Apesar disso, não se trata simplesmente de um dogma religioso; é o que aprendemos a partir de cada princípio da genética. A ciência nunca observou e nunca observará a evolução de uma espécie para uma nova forma de vida. Isso é uma impossibilidade genética.

Todos os seres humanos têm um código genético complexo, armazenado em seu DNA – abreviatura de ácido desoxirribonucléico – que determina suas características fundamentais. O código no DNA é como se fosse um programa de computador. O DNA contém a informação que permite ao organismo se reproduzir, se preservar e se reparar. A estrutura genética de cada organismo vivo limita esse organismo ao que ele realmente é – nada mais nada menos. Não há informação genética que possa permitir a um organismo se transformar em algo que ele não é.

A genética é uma ciência relativamente moderna. Na verdade, o pai dos estudos genéticos foi um contemporâneo de Darwin de nome Gregor Mendel.

Daí Darwin desconhecer completamente tudo que a genética moderna nos ensina sobre a reprodução entre as espécies.

O geneticista Dr. Lane P. Lester escreveu o seguinte:

> Na metade do século 19, alguns cientistas acreditavam que as variações causadas pelo ambiente pudessem ser herdadas. Charles Darwin aceitou essa falácia e, sem dúvida, isso facilitou que acreditasse que uma criatura pudesse se transformar em outra. Dessa forma, explicou a origem do pescoço comprido da girafa parcialmente como sendo efeitos herdados da utilização maior dessa parte do corpo. Em épocas de escassez de comida, argumentava Darwin, as girafas esticavam seus pescoços para alcançar as folhas altas, resultando, supostamente, na transmissão de seus longos pescoços para os filhotes.[3]

A genética moderna refuta ferozmente essa hipótese. O pescoço longo da girafa é determinado por seu código genético. Não existe, simplesmente, nenhum mecanismo que permita que os animais desenvolvam um pescoço mais comprido como resposta a mudanças ambientais. De forma semelhante, os criadores cortaram as caudas de filhotes da raça *cocker spaniel* no momento de seu nascimento durante décadas. Essa prática nunca resultará em filhotes que já nasçam sem cauda. A informação que determina o comprimento do pescoço da girafa ou da cauda de um *cocker spaniel* é parte da constituição genética do animal, e uma modificação no código genético precisaria de alguma forma de mutação, o que em princípios naturalistas só poderia ocorrer por puro acidente.

Ainda assim, esse é o cenário que os evolucionistas normalmente aceitam. De acordo com a teoria evolucionista atual, as milhões de espécies existentes no mundo hoje se adaptaram ao meio mediante uma série de mutações genéticas aleatórias e acidentais. Os evolucionistas acreditam que o longo pescoço da girafa, assim como a capacidade do pepino-do-mar de gerar novos órgãos, a capacidade do pelicano de mergulhar de mais de vinte metros de altura, a cabeça que absorve o choque do pica-pau, o hábito do paguro de morar nas cascas abandonadas de outros animais, tudo é acaso fortuito. Multiplique isso por incontáveis milhões de outras espécies biológicas que são perfeitamente adaptadas a seus meios, e se começa a ter uma idéia da imensa fé, ou melhor, da ingenuidade, que é necessária para se acreditar no evolucionismo.

Quanto mais a ciência descobre sobre genética, maior o problema que ela representa para a tese do evolucionismo. Consideremos alguns fatos da genética.

As informações genéticas são carregadas pelo DNA, uma substância encontrada no núcleo de toda célula viva. Uma molécula de DNA – a maior molécula que a ciência conhece – consiste de duas longas fitas torcidas em uma hélice dupla, unidas por pontes de hidrogênio. Se pudéssemos destorcer e esticar o DNA de uma célula humana, teria mais de 1,5 m e apenas cerca de um bilionésimo de milímetro de largura. Consiste de um colar de unidades chamadas nucleotídeos, e os nucleotídeos das duas fitas são dispostos em pares ao longo de cada cadeia. Cada nucleotídeo é composto de um grupo fosfato, de um açúcar (desoxirribose) e de uma substância conhecida como base. Existem quatro tipos possíveis de base: *adenina* (A), *timina* (T), *citosina* (C) e *guanina* (G). Um nucleotídeo com adenina estará sempre ligado com outro contendo guanina. A ligação química mantém as bases unidas.

Os genes são seções curtas da cadeia de DNA. O número de genes no genoma humano é incerto. Alguns cientistas estimam que possa haver até 120 mil, e estimativas modestas giram em torno de trinta e cinco mil. Mas cada gene engloba cerca de três mil nucleotídeos. A seqüência de nucleotídeos compõe um tipo de código (os cientistas que tentam decifrar o código associam cada um deles com as letras de cada uma das quatro bases – A, T, C e G). Esse código contém toda a informação necessária de cada tipo humano. É um código impressionante, pois há mais de três bilhões de nucleotídeos em cada molécula de DNA humano. A quantidade de informação detalhada que uma estrutura tão pequena pode conter é notável – igual à de várias grandes bibliotecas.

O número e o arranjo de nucleotídeos é único em cada espécie viva. Isso quer dizer que cada organismo vivo foi programado de forma diferente, e o programa genético é o que determina a aparência, a composição, o tamanho e a função não só das criaturas como também de cada órgão e mesmo de cada célula individual que faz parte do organismo maior.

De onde veio essa informação genética? Certamente que não veio do nada. Deveria ser óbvio para todos que não caiu em seu lugar apenas por acidente ou por pura sorte.

E o que dizer das mutações? Sabemos que os genes às vezes experimentam mutações. Ocorrem mudanças na estrutura do DNA que podem causar mudanças na aparência das criaturas. Seria possível que uma série de mutações aleatórias explicassem como uma espécie evolui para se tornar outra?

Certamente que não. As mutações podem alterar ou destruir as informações existentes no código genético de um organismo, mas não podem acrescentar novas informações. As mutações são erros genéticos. Elas podem causar uma forma de evolução, conhecida como *microevolução* em que as características de uma espécie são ligeiramente modificadas. Raças diferentes de cães

e famílias diferentes de cavalos são produtos de microevoluções. Mas os erros genéticos não podem explicar a *macroevolução*, o processo teórico segundo o qual se formaria uma espécie totalmente nova. Se por um lado é fácil entender como uma espécie de inseto pode perder as asas e a capacidade de voar mediante mutações genéticas, por outro lado, não existe processo genético que se conheça capaz de explicar como uma espécie de criaturas não aladas possa desenvolver algo tão complexo quanto asas e aerodinâmica.

Os cientistas vêm fazendo experiências com moscas-das-frutas há mais de um século. Desde 1910, quando se observou a primeira mutação, já registraram quase três mil mutações aleatórias. De acordo com o Dr. Lester, "todas as mutações são inócuas ou danosas; nenhuma delas produziu uma mosca-das-frutas mais capaz".[4]

Informações genéticas que dessem a uma espécie novas habilidades complexas, como asas para voar ou guelras para se respirar sob as águas, seriam complexas demais para serem explicadas simplesmente por mutação aleatória. Essas informações teriam que vir de algum lugar. O falecido Dr. A. E. Wilder Smith, químico britânico que defendia ardentemente o criacionismo bíblico, escreveu:

> Se um tipo primitivo de ameba fosse se desenvolver e virar um primata, essa célula primitiva teria que reunir todo o tipo de informações holísticas novas sobre como fazer rins, fígados, corações com quatro câmaras, cérebro e cerebelo etc. Isso porque a síntese desses sistemas entrópicos reduzidos, como, por exemplo, o cérebro humano, requer toda a gama de informações holísticas reais e consistentes que nem a ameba intacta nem o material do qual a ameba é feita contém. De forma semelhante, a matéria inorgânica terá que se juntar em incontáveis fragmentos de informação antes que possa sintetizar uma ameba.
>
> Assumindo que a forma de vida primeva original era um tipo de ameba, onde ela conseguiu os fragmentos quase infinitos de informação holística que precisariam ser guardados em seu sistema de armazenamento e recuperação de informações de DNA? Para transformar o tipo de célula da ameba em uma de mamífero, de um primata ou de um polvo, ou de uma abelha, são necessárias novas e maiores informações holísticas. Nem o tipo de célula da ameba primitiva, nem a matéria inorgânica da qual ela é feita contém essa informação holística altamente especializada que é necessária para transformar a suposta ameba em, digamos, um macaco antropóide.

> Seria legítimo supor que tais quantidades imensas de informação surgiriam espontaneamente do vento, isto é, por puro acaso?[5]

Essas informações codificadas, na forma em que são encontradas na estrutura genética de todos os seres vivos não surgem ao acaso. Não são produzidas a partir do nada. Existe uma origem, e essa origem tem que ser um criador inteligente.

Ruídos aleatórios nunca poderiam produzir uma cantata de Bach. Letras aleatórias flutuando em uma sopa de letrinhas nunca soletrariam um capítulo de Moby Dick. Quando ouvimos a música, sabemos que houve um compositor, quando lemos textos coerentes, sabemos que houve um autor. De que outras formas esse princípio poderia se aplicar às detalhadas informações contidas no DNA de cada ser vivo?

Cientistas nesse exato momento estão ouvindo as ondas de rádio aleatórias que bombardeiam constantemente a Terra, vindas do espaço sideral. O projeto *The Search for Extra-Terrestrial Intelligence* (SETI) tem vasculhado os céus há anos, tentando ouvir alguma coisa, qualquer coisa que indicasse a existência de vida inteligente em outros planetas. Tudo que conseguem escutar é ruído aleatório. Se escutassem um padrão de qualquer tipo nesse ruído – um código que pudesse significar qualquer informação – seria a manchete de todos os jornais do país. Seria considerada a prova de existência de vida inteligente fora desse planeta.

E, ainda assim, milhares de cientistas da comunidade acadêmica que estudaram o código genético e se maravilharam com a eficiência complexa com que regula o desenvolvimento de cada ser vivo, rejeitam violentamente o argumento de que o código de DNA ofereça qualquer evidência de um criador inteligente. Por quê? Porque a crença no evolucionismo é uma opção espiritual, e não racional, que fizeram. São cegamente devotados ao acaso porque não querem ser moralmente relacionados a um Criador pessoal e sagrado.

Cientistas honestos teriam que admitir que toda a vida foi criada por uma mente imensamente inteligente. Quanto mais a ciência examina a vida, mais complexa ela se torna. O cérebro humano é muito mais complexo do que o ônibus espacial da NASA. O cérebro, sozinho, tem mais de seis milhões de partes funcionais. Ninguém poderia imaginar que o ônibus espacial se desenvolvesse sozinho, do nada. Por que deveríamos ter uma opinião dessas quanto à vida?

Estou convencido de que as Escrituras nos dão um relato verdadeiro e confiável de como a Terra foi criada. Desde sua primeira aparição no quinto dia, uma rica diversidade de seres vivos se reproduziu "segundo as suas espécies". Deus programou nela todas as características que precisaram para enfrentar o

meio, e desde então tem sido assim. A microevolução, as mutações genéticas e outros processos podem acrescentar alguma coisa à diversidade mediante a produção de famílias variadas e diferentes raças da mesma espécie, mas as diferenças fundamentais entre as criaturas foram todas programadas na criação por um criador onisciente, que achou sua obra boa.

Em Gênesis 1.23, temos a continuação da contagem dos dias da criação segundo a fórmula conhecida: "Houve tarde e manhã, o quinto dia".

Faltava mais um dia da criação antes que Deus pudesse descansar. O sexto dia seria o mais notável de todos.

Capítulo 7

ANIMAIS DOMÉSTICOS, RÉPTEIS E ANIMAIS SELVÁTICOS

Disse também Deus: Produza a terra seres viventes, conforme a sua espécie: animais domésticos, répteis e animais selváticos, segundo a sua espécie. E assim se fez. E fez Deus os animais selváticos, segundo a sua espécie, e os animais domésticos, conforme a sua espécie, e todos os répteis da terra, conforme a sua espécie. E viu Deus que isso era bom.

Gênesis 1.24,25

Quando começou o sexto dia, Deus deu seu toque final no lugar que criara para o homem. No quinto dia, ele encheu o mar e as estrelas com vida, e agora fez a mesma coisa com a terra seca:

> Disse também Deus: Produza a terra seres viventes, conforme a sua espécie: animais domésticos, répteis e animais selváticos, segundo a sua espécie. E assim se fez. E fez Deus os animais selváticos, segundo a sua espécie, e os animais domésticos, conforme a sua espécie, e todos os répteis da terra, conforme a sua espécie. E viu Deus que isso era bom (Gn 1.24,25).

O modo de criação é o mesmo do dia anterior: "Disse também Deus ..." (v. 24), "E fez Deus ..."(v. 25). Estas duas expressões constituem um paralelismo no hebraico. Ou seja, são expressões equivalentes, que se explicam e assim fundamentam a clareza inquestionável do relato bíblico. A obra criadora de Deus foi instantânea, executada por nada mais, nada menos do que sua ordem criadora. Simplesmente ordenou que as coisas aparecessem – "e assim se fez" (v. 24). O que ele ordenara estava imediatamente completo, definido e principalmente no lugar como se sempre estivesse estado lá.

Como observamos anteriormente, o sexto dia corresponde ao terceiro dia da criação, do mesmo modo que o quarto e o quinto dia correspondem ao primeiro e segundo dias respectivamente. No primeiro dia Deus criou a luz; no quarto dia, ele criou os luzeiros. No segundo dia, separou o mar do céu; no quinto dia, encheu o mar e o céu de vida. No terceiro dia, fez a terra seca aparecer. E agora, no sexto dia, enche a Terra com seres viventes.

No amanhecer do sexto dia, temos a introdução de todos os tipos de animais terrestres: "animais domésticos, répteis e animais selváticos, segundo a sua espécie" (v. 24). Isto inclui toda espécie de criatura terrestre, desde insetos e vermes até elefantes e girafas.

Novamente, o relato bíblico torna inquestionavelmente claro que estas criaturas não evoluíram de formas de vida inferiores, da vida marinha, nem dos pássaros. Todos foram criados de uma só vez. E para ressaltar isso, a Bíblia nomeia três categorias que Deus criou: "animais domésticos, répteis e animais selváticos". Todos foram feitos simultaneamente, um não evoluiu do outro.

A divisão em três grupos é muito simples. Os biólogos modernos classificam espécies biológicas em uma hierarquia de categorias chamada sistema lineano. Cada criatura é classificada por reino, disposição, classe, ordem, família, gênero e espécie. Mas as três categorias bíblicas não têm a intenção de oferecer uma taxinomia técnica desta espécie. É uma forma simples e rápida de designar todas as criaturas terrestres.

A palavra hebraica traduzida por "animais domésticos" é uma palavra que fala de animais domésticos e animais que são capazes de serem domesticados. Ovelhas, bodes e bois poderiam com certeza ser incluídos nesta categoria. "Os répteis" [na tradução inglesa NKJV, foi utilizada a expressão *creeping things*, que significa "criaturas que rastejam". N. T.] incluem répteis, insetos, e talvez até pequenos mamíferos com pernas curtas, como esquilos e roedores. E os "animais selváticos" incluiriam todos os outros tipos de animais. Todas estas três categorias foram feitas no mesmo dia, pelo mesmo *fiat* criador. O fato de que as categorias são nomeadas novamente em uma ordem diferente no versículo 25 ressalta este ponto.

No versículo 24, Deus diz: "*Produza a terra* seres viventes, conforme a sua espécie" (grifo nosso). Esta é uma expressão interessante. Não sugere indiretamente quaisquer forças criadoras na Terra, nem qualquer poder capaz de gerar vida. Certamente não está sugerindo que estas formas de vida evoluíram da matéria inanimada. Mas nos lembra que estas criaturas que Deus fez são compostas dos mesmos elementos da terra. Gênesis 2.19 afirma isto, ao dizer que Deus formou os seres viventes "da terra". Quando morrem, os seus corpos se decompõem e voltam para a terra. Como podemos ver no capítulo 8, isto é

verdade também em relação aos seres humanos. Adão foi formado do pó da terra. E quando morremos, nossos corpos voltam ao pó (Gn 3.19). Tudo isto revela a infinita sabedoria do Criador.

Observe que os versículos 24 e 25 repetem a frase "segundo sua espécie" cinco vezes. A frase aparece num total de dez vezes em Gênesis 1, enfatizando repetidamente as limitações que Deus colocou na variação das espécies. Como vimos nos capítulos anteriores, o código genético construído em cada forma de vida mantém as características dos diversos tipos e espécies. Ele elimina a geração espontânea e a macroevolução. Aqui tanto as Escrituras quanto a ciência concordam na oposição à doutrina evolucionista.

Como vimos com a criação das estrelas, das criaturas marinhas e dos pássaros, a variedade que Deus criou é surpreendente. É um mundo repleto de maravilhas que anunciam a sabedoria de um criador Todo-poderoso.

ANIMAIS DOMÉSTICOS

Se olharmos para cada categoria individualmente, começaremos com "animais domésticos". Tomemos inicialmente como exemplo os bovinos, que são criaturas notáveis. Seu sistema digestivo é uma grande maravilha do plano de criação. As vacas (como a maioria dos ruminantes) possuem quatro estômagos. Na verdade, talvez seja mais exato dizer que seu estômago é um órgão complexo dividido em quatro cavidades. Quando uma vaca come grama ou feno, a fibra parcialmente ruminada passa para a primeira cavidade do estômago da vaca, chamada *rúmen*. Ali fermenta por um a dois dias. A presença de bactérias auxiliares no rúmen causa a fermentação, que começa o processo de quebra da celulose, transformando-a em simples açúcares. Esta primeira cavidade do estômago da vaca é enorme – pode conter o equivalente a 220 litros.

Mas quando a vaca bebe água (normalmente de 100 a 220 litros por dia), a maior parte deste líquido contorna o rúmen e vai direto para a segunda cavidade, o *retículo*, onde é misturado com enzimas digestivas e outras bactérias de fermentação. Ao mesmo tempo, a ação peristáltica (movimento muscular da cavidade estomacal) enrola a forragem em pequenas bolas, na primeira cavidade, e as bolas parcialmente fermentadas são então levadas para a segunda cavidade, onde são imersas com líquido saturado de enzima.

Posteriormente, quando a vaca tiver tempo de ruminar, irá regurgitar estas bolas de fibra empapadas da segunda cavidade estomacal e mastigá-las mais minuciosamente antes de engoli-las novamente. Isto é o que a Bíblia diz quando indica a vaca dentre um destes animais que rumina (Lv 11.3). Uma

vaca normal gasta quase seis horas por dia comendo e cerca de oito horas por dia ruminando.

A ruminação, depois de bastante mastigação, é engolida novamente e, desta vez, num estado quase líquido, passa diretamente para a segunda cavidade. A constituição da segunda cavidade permite que o material ruminado seja filtrado. Pequenas partículas conseguem passar para a terceira cavidade. As partículas maiores que permanecem na segunda cavidade são regurgitadas novamente para serem mastigadas mais ainda.

A terceira cavidade se chama *omaso*. Ali, o líquido excessivo é reabsorvido no sistema da vaca e, completamente mastigado, é compactado enquanto sua composição química é quebrada mais ainda pelo processo digestivo.

O alimento completamente refinado passa então da terceira cavidade para a quarta, chamada *abomaso*. Esta cavidade funciona de modo semelhante ao estômago de outros mamíferos. Secreta forte ácido e enzimas digestivas, completando o processo digestivo. A partir dali, os nutrientes passam para o sistema sangüíneo da vaca, sustentando a vaca e fornecendo nutrientes vitais para a produção de leite.

Esta notável constituição permite que a vaca tenha uma refeição nutritiva com uma simples caixa de feno, algo que é impossível para os mamíferos que não possuem estômagos com diversas cavidades capazes de digerir a celulose.

É um esquema maravilhosamente eficiente, converter a celulose, o que não conseguimos digerir, em comestíveis – leite, creme, manteiga, queijo e uma longa lista de lacticínios. A vaca produz em média quase cinco mil litros de leite por ano. Uma vaca pode fornecer leite para quase sessenta pessoas. As vacas comem muito, e uma vaca também produzirá até dez toneladas de estrume por ano, devolvendo às pastagens nutrientes vitais. Em algumas culturas, o estrume é até mesmo utilizado como um combustível eficaz para cozinhar alimentos.

Os bovinos têm sentidos olfativos e auditivos muitíssimo apurados. Uma vaca pode sentir um cheiro à uma distância de até oito quilômetros. Seu casco fendido em dois os permite galopar longas distâncias, mesmo em terreno pantanoso. Adaptam-se a quase todo ambiente e se desenvolvem tanto no frio do Canadá, quanto no calor da Flórida.

São úteis e vivem muito. Quase toda parte da vaca pode ser utilizada para alimento, inclusive os ossos e patas, que podem ser fervidos para se extrair colágeno e dele fazer gelatina. Da pele obtém-se um couro durável.

A vaca parece ter sido especialmente feita para atender às necessidades da humanidade. Inteiramente domesticada e de fácil reprodução, pode viver em quase todos os lugares em que as pessoas vivem. Pode se alimentar de uma imensa variedade de plantas silvestres e por isso sua alimentação e manutenção é relativamente barata. É uma dádiva graciosa de Deus para a humanidade.

Outro animal que parece ter sido especialmente criado para ter utilidade absoluta para o homem é a ovelha. As ovelhas são também ruminantes como os bovinos e possuem estômagos com quatro cavidades semelhantes. Mas podem se alimentar alegremente de plantas que outros animais não tocariam.

Muitas raças de ovelhas não se alimentam bem no deserto. São criaturas passivas, tímidas, que se assustam facilmente e se mostram indefesas diante de inúmeros predadores. Diferentemente de muitos animais, a ovelha parece não ter um senso instintivo de direção e se perde facilmente. Por isso, detestam ficar sozinhas e naturalmente se agrupam. Seus cordeiros são criaturas delicadas, e no deserto o nível de sobrevivência é baixo. É por isso que rebanhos de ovelhas sempre se desenvolvem melhor quando são cuidados por um pastor. Estão entre os mais dependentes de todos os animais.

A falta de instinto e autodefesa não são as únicas desvantagens que as ovelhas sofrem no deserto. Sua lã grossa e rica em lanolina é um ímã para a sujeira. A lama acumulada não se transforma em pó e se desprende, como acontece com muitos animais. Então, a lã da ovelha se tornará perigosamente pesada e cerrada se o animal não for mantido limpo. Especificamente, a lã nas extremidades precisa ser mantida tosquiada bem rente a fim de evitar que se torne um lugar de procriação de vermes e insetos daninhos. A expectativa normal de vida de uma ovelha é cerca de apenas oito anos.

Todavia as ovelhas são procriadoras robustas e fornecem muita coisa valiosa para a vida humana. Sua lã fornece roupa eficaz tanto para o tempo quente quanto para o tempo frio. É respirável, resistente ao fogo e quente mesmo molhada – superior em muitos aspectos a todos os outros tecidos.

Criam-se as ovelhas também por causa de sua carne e de seu leite. Têm uma participação importante na civilização desde o início do registro da História. Nos tempos modernos, desempenharam papel crucial na pesquisa médica. Certamente, um dos principais objetivos do Criador ao criar estes gentis animais foi o benefício para a raça humana.

Os camelos também podem ser incluídos no grupo de animais classificados pelas Escrituras como "domésticos". Estas criaturas robustas também são conhecidas principalmente por sua utilidade para a humanidade. Embora tenham sido consideradas imundas para a alimentação, sob a direção de Moisés (Lv 11.4), são valiosos instrumentos de trabalho, criados e mantidos em cativeiro por causa de sua utilidade para o homem. Os dromedários – os camelos árabes com um corcova mencionados nas Escrituras – não são encontrados no deserto hoje em dia, a não ser na Austrália e na Ásia Central, onde alguns rebanhos selvagens se formaram de camelos originalmente importados como animais domésticos de carga.

Os camelos são trabalhadores impressionantes, capazes de carregar grandes cargas de milhares de quilos ou mais no deserto onde a água é escassa. São capazes de fazer isto devido à sua habilidade de absorver e reter grandes quantidades de água. Como os bovinos e as ovelhas, os camelos são ruminantes, mas diferentemente de outros ruminantes, possuem apenas três cavidades no estômago. A segunda cavidade pode conter grandes quantidades de água. Permite que um camelo beba aproximadamente 114 litros de água em dez minutos. Tanta água poderia matar alguns animais, mas pode ser absorvido lentamente na corrente sangüínea do camelo porque as células sangüíneas do camelo são capazes de crescer mais do que três vezes o tamanho normal. Os camelos conseguem, portanto, andar dias sem beber nada. Eles são conhecidos por sobreviver mais do que duas semanas e meia no deserto escaldante sem beber nenhuma água. O sistema de reciclagem interna de água do camelo é tão eficaz que chega mesmo a absorver grande parte da água de suas próprias fezes. Assim o estrume de camelo pode ser queimado como combustível imediatamente quando são eliminadas. A urina de camelo também é condensada para se ajustar a climas extremamente desérticos, algumas vezes se tornando viscosa e contendo uma quantidade de sal duas vezes maior do que a água do mar.

Porém, com todas estas surpreendentes habilidades de reter os fluídos do corpo, os camelos conseguem resistir aos efeitos da desidratação melhor do que quaisquer outras espécies. Podem perder até 40% do peso total do corpo e ainda assim sobreviver, porque seu sistema se adapta naturalmente às mudanças na viscosidade do sangue.

A corcova do camelo, que não é como muitos pensam um órgão para armazenar água, é uma grande massa de gordura que age como reserva de alimentos, permitindo que o camelo viva por dias nas condições desérticas mais extremas. A corcova também isola o camelo do calor e de outros efeitos das radiações solares. A temperatura do corpo do camelo pode se ajustar ao meio ambiente, permitindo que suporte o calor do dia, e depois dissipe o calor ao longo das noites mais frias.

Onde o camelo conseguiu estas características surpreendentes? A resposta está evidente nas Escrituras. Deus fez estes animais maravilhosos, assim como fez outras espécies de animais domésticos e criaturas capazes de serem domesticadas. E seu principal objetivo parece ser o de prestar serviço ao homem.

RÉPTEIS

Entre os "répteis" citados em Gênesis 1.24,25 estão incluídos incontáveis formas de insetos, vermes, aracnídeos, répteis, pequenos mamíferos e outras

criaturas admiráveis. Por viver debaixo da maldição do pecado, tendemos a pensar em muitas dessas criaturas como pragas repulsivas, mas todas foram criadas com um propósito bom e revelam a diversidade da criação, da sabedoria e da glória de Deus tão claramente como vemos sua majestade nas estrelas. O reino dos répteis é um mundo de maravilhas, assim como qualquer outro aspecto da criação.

Tomemos como exemplo o besouro-bombardeiro. Este notável inseto é encontrado principalmente nos desertos do Novo México. Foi criado com um raro mecanismo de defesa que é impossível de ser explicado pela teoria evolucionista. O besouro produz duas substâncias químicas em compartimentos separados no abdome. As duas substâncias, hidroquinona e peróxido de hidrogênio, são nocivas e potencialmente explosivas quando combinadas. Quando atacado, o besouro libera as substâncias químicas através de um jato na extremidade de seu abdome. Enzimas catalíticas num pequeno compartimento de reação bem dentro da válvula de expulsão provocam uma reação química, e precisamente no momento certo, o besouro mira seu projétil abdominal e libera a mistura explosiva na cara de seu predador. Os elementos químicos combinados atingem instantaneamente a temperatura de água fervente, criando tanta surpresa e obstáculo que desencorajam a maioria dos predadores. O besouro pode fazer até cinco disparos numa sucessão rápida, e instintivamente ele sabe como determinar o tempo da explosão, de modo que ocorra momentos após a expulsão das substâncias químicas, nunca no compartimento de reação onde destruiria o besouro. Como o besouro sabe fazer isto? Poderia um sistema tão complexo ter possivelmente evoluído através de algum processo evolucionista natural? Observe o que todo o sistema defensivo do besouro-bombardeiro exige: o besouro deve ser capaz de produzir somente as substâncias químicas certas, mantê-las em compartimentos separados e juntá-las na hora exata com as enzimas catalíticas necessárias. Deve também ter os recursos e a habilidade necessária para combinar os explosivos, mirar a mistura com precisão e disparar com exatidão antes do momento da explosão. É razoável pensar que uma criatura, fruto de evolução, poderia desenvolver tal sistema, com tantas partes interdependentes, graças a um processo de mudanças genéticas individuais e aleatórias? A resposta é clara. O besouro-bombardeiro é o produto de um projeto inteligente.

Outra criatura excepcional é a formiga. Salomão escreveu: "Vai ter com a formiga, ó preguiçoso, considera os seus caminhos e sê sábio. Não tendo ela chefe, nem oficial, nem comandante, no estio, prepara o seu pão, na sega, ajunta o seu mantimento" (Pv 6.6-8). Salomão estava certo. A formiga é uma das trabalhadoras mais esforçadas do reino animal. Em muitos casos, elas são capazes de carregar mais do que cinqüenta vezes do seu próprio peso. Proporcionalmente,

também têm cérebros maiores do que quase todos os outros animais. Trabalham cooperativamente sem qualquer tipo de supervisor. A duração de sua vida (45 dias em algumas espécies) é verdadeiramente um trabalho sem fim – constróem seus ninhos, fazem provisão de alimentos, abrem caminhos, removem obstáculos e em outras circunstâncias mantêm trilhas, carregam comida para a rainha de volta ao ninho. A vida de uma formiga não é fácil. Mas elas são resistentes. Podem sobreviver debaixo d'água, em alguns casos, por dias. Podem sobreviver congeladas e resistem a altas temperaturas. Adaptam-se rapidamente a mudanças no meio ambiente e no clima.

A extensa variedade de espécies de formiga é fenomenal. Aproximadamente dez mil espécies diferentes de formigas foram catalogadas, e a maioria dos entomologistas acredita que há mais outros milhares de espécies que ainda não foram estudadas. A maior espécie de formiga não cresce além de três centímetros, a menor tem menos de dez milímetros. E apesar disso, as formigas provavelmente formam mais de 10% da biomassa total da Terra (isto significa que as formigas são responsáveis por mais de 1/10 do tecido vivo do mundo, por volume total). Especialistas acreditam que todas as formigas do mundo juntas pesariam mais do que todos as pessoas do mundo.

As formigas vivem em colônias e são incapazes de sobreviver sozinhas. Uma colônia de formigas é um tipo de organismo colossal, cada formiga individualmente contribui para o bem-estar de toda a colônia. Há uma hierarquia intrincada e bem definida em cada colônia de formigas. No centro da colônia está a rainha – uma única rainha em algumas espécies, várias rainhas em outras. A rainha bota de dois a três mil ovos por dia. As formigas operárias são fêmeas estéreis e constituem o maior número de formigas em qualquer colônia. A formiga macho existe basicamente para se acasalar com a rainha, deixa o ninho e morre logo após o acasalamento. Se a rainha morre, toda a colônia morre logo em seguida.

Depois que uma colônia está estabelecida e pronta para gerar novas colônias, a rainha coloca ovos especiais que se desenvolvem em machos e formigas rainhas jovens. Depois que atingem a fase adulta, as rainhas jovens e os machos saem juntos em bando e se acasalam durante a revoada. Um vôo nupcial fornece para a rainha a semente do macho necessária para fertilizar cada ovo que irá botar. Depois, ela voa para estabelecer uma nova colônia – geralmente sozinha (Em algumas espécies, entretanto, várias pequenas operárias se penduram em suas pernas com suas poderosas mandíbulas, e viajam com ela para ajudá-la a formar uma nova colônia.).

Depois deste vôo inicial, a rainha perde suas asas e nunca voará novamente. Prepara um ninho e sela a entrada. Em muitas espécies, permanecerá

no ninho pelo resto de sua vida. Até que as operárias saiam do ovo e comecem a trazer alimento, elas vivem da própria gordura de seu corpo, consumindo até a musculatura agora inútil que fazia suas asas funcionarem. Toda a sua vida a partir deste ponto consistirá em botar ovos (As rainhas têm uma duração de vida muito mais longa do que as formigas operárias, vivendo cerca de dez a vinte anos.). Assim ela povoa uma colônia inteira, botando centenas de milhares de ovos durante toda sua vida. A fim de manter esta prodigiosa produção, é necessário que tenha enormes quantidades de comida, trazida pelas formigas operárias.

Algumas espécies de formiga praticamente atacam outras colônias, trazem as pupas [Estágio entre a larva e o inseto adulto.] de outras formigas para seus próprios ninhos e as criam como escravas. As formigas amazonas, por exemplo, não conseguem sobreviver sem escravas. A forma de suas mandíbulas não permite que cavem seus próprios ninhos ou se alimentem. Então, elas usam outras espécies de formigas como escravas.

Outras espécies de formigas cultivam fungo em seus ninhos, fertilizam jardins subterrâneos com folhas e outros materiais orgânicos e depois colhem o fungo para alimento. Um tipo de cultivadoras de fungo são chamadas de formigas-cortadeiras ou saúvas. Utilizam suas mandíbulas afiadas para cortar grande quantidade de pedaços de folhas e as carregam em longas filas únicas até o subterrâneo de seus ninhos, onde mastigam as folhas e utilizam a polpa como meio de cultivar um fungo comestível. Exércitos de formigas saúvas são conhecidos por arruinar as folhas de um bosque inteiro de frutas em uma única noite.

As formigas-argentinas vivem da secreção adocicada produzida pelos afídeos[pulgões]. Chegam a "ordenhar" os afídeos apertando-os até que os afídeos liberem a secreção. Em contrapartida, as formigas defendem os afídeos dos predadores. No inverno, as formigas-argentinas armazenam os ovos dos afídeos em seus ninhos e quando saem do ovo, as formigas levam os jovens afídeos para as plantas. Algumas formigas mantêm permanentes "rebanhos" de afídeos em seus ninhos subterrâneos, onde os afídeos se alimentam de raízes enquanto as formigas colhem a secreção. Uma rainha desta espécie carregará um ovo de afídeo entre suas mandíbulas quando voar para começar uma nova colônia.

Quem ensinou a estas formigas técnicas de cultura tão eficazes? Evidentemente que foi Deus. Ele criou uma variedade tão abundante de formigas para inúmeros propósitos que acabam sendo benéficas para toda a Terra. As formigas desenvolvem uma função vital na manutenção do solo da Terra, arejando e fertilizando-o, polinizando muitas plantas e desempenhando inúmeros serviços de limpeza ecológica. As formigas são tão importantes para o bem-estar da Terra que se todas as formigas morressem, o efeito seria catastrófico. Todos os ecossistemas iriam rapidamente sofrer um colapso.

Na verdade, as formigas e as plantas são tão dependentes totalmente umas das outras que uma não poderia ter evoluído antes da outra. Esta é mais uma prova de que cinco simples dias transcorreram literalmente desde o início da criação. Se fossem longas eras, ao invés de dias curtos, as plantas criadas no terceiro dia teriam perecido bem antes da chegada das formigas no terceiro dia. Elas deveriam ter sido criadas juntas, como diz a Bíblia – na mesma semana. E as formigas são portanto uma outra vívida lembrança da tática criadora de Deus.

Os animais rastejadores também incluiriam os répteis. O mundo dos répteis está cheio de maravilhas. Os camaleões, por exemplo, não só mudam de cor imediatamente para se confundir com o fundo da paisagem onde se encontram, mas também são capazes de movimentar um olho independentemente do outro e então ver duas cenas de uma só vez. Por que os camaleões têm essa habilidade, enquanto animais supostamente superiores na escala da evolução não têm? A ciência não pode explicar tal discrepância. A Bíblia diz que é porque esses animais maravilhosos não evoluíram, estas habilidades extraordinárias existem simplesmente do jeito que Deus as criou.

O basilisco é um lagarto que pode literalmente correr sobre a água. Os dedos de seus pés traseiros possuem abas que permanecem dobradas quando anda na terra. Mas se for perseguido por um predador, ficará ereto e correrá com suas pernas traseiras apenas, com o corpo fora d'água. Os dedos das abas se desdobram e seu pé se transforma num grande remo. Ao correr muito rapidamente, é capaz de correr sobre a superfície da água por uma distância considerável. Esta incrível compleição do basilisco evoluiu por acidente? A Bíblia diz que foi criado desta forma por Deus.

"Os répteis" incluem muitas outras espécies. E cada espécie daria um estudo maravilhoso. Todos vêm dotados de notáveis mecanismos de defesa – camuflagem inerente, armadura, defesas químicas e outros meios vitais de sobrevivência. Praticamente todos eles satisfazem uma função única e importante, cada um fazendo a sua parte para manter o ecossistema da Terra. O modo como funcionam juntos tão perfeitamente é a evidência clara de um Criador inteligente.

Quando percebemos o grande número de animais, insetos, répteis e todas as diversas criaturas que rastejam sobre a Terra, é fascinante pensar que Deus tem uma inteligência tão criativa para planejar e fazer formas de vida tão complexas e interligadas em um único dia. Mas ele fez.

ANIMAIS SELVÁTICOS

A última categoria nomeada em Gênesis 1.24,25 inclui todas as outras criaturas terrestres: "os animais selváticos". Não há dúvida de que inclui os

elefantes, os leões, os tigres, as girafas, os ursos, os lobos, os coiotes e outros grandes e altos animais que não se enquadram nas categorias de "animais domésticos" nem de "répteis". Os "animais selváticos" talvez incluam muitas espécies de dinossauros extintos hoje em dia.

O que aconteceu com os dinossauros? Deus em sua providência permitiu que estas espécies se extinguissem – provavelmente por ocasião do dilúvio de Noé. Jó, possivelmente o livro mais antigo de toda Bíblia, parece incluir a descrição de um dinossauro. Esta criatura, chamada hipopótamo, "come a erva como o boi" (Jó 40.15), "sua força está nos seus lombos" (v. 16) e "endurece a sua cauda como cedro" (v. 17). "Os seus ossos são como tubos de bronze, o seu arcabouço, como barras de ferro" (v.18). E é tão grande e poderoso que ninguém, somente o Criador pode matá-lo (v.19).

Os dinossauros devem ter morrido quando o clima da Terra mudou rigorosamente depois do dilúvio. Sabemos que a expectativa de vida humana diminuiu drasticamente no mundo pós-diluviano. Antes do dilúvio, era comum que o homem vivesse novecentos anos ou mais. Depois disso, a duração da vida humana diminuiu notavelmente quase que de imediato. Mudanças ambientais e atmosféricas graves podem explicar tal fato, e os mesmos tipos de mudanças também podem explicar a extinção de todas as espécies de dinossauros.

Atualmente, os elefantes são as maiores espécies terrestres. A tromba do elefante é uma das maravilhas do reino animal. Forte a ponto de levantar grandes troncos, porém bastante sensível para pegar um único amendoim, a tromba do elefante é o órgão com o qual ele bebe, respira e se alimenta. É também o seu meio principal de sentir objetos a fim de determinar seu tamanho, textura e temperatura. A tromba de um elefante comum pesa cerca de 130 quilos, segura até quinze litros de água, tem cerca de dois metros e inclui o nariz e o lábio superior do elefante. Nenhum outro animal pode agarrar ou pegar coisas com o nariz. Porém os evolucionistas acreditam que estas características notáveis se desenvolveram no elefante por simples acidente.

Os ursos são criaturas fantásticas também – capazes de hibernar em alguns climas por até sete meses. Mas a hibernação do urso é diferente do tipo de hibernação observada em outras espécies. Quando animais menores (como os esquilos e os musaranhos) hibernam, a temperatura de seus corpos cai para quase zero grau, e o batimento cardíaco diminui para apenas uma ou duas batidas por minuto. Ficam num estado frio e dormente do qual levam um tempo considerável para despertar. A hibernação do urso mais se parece com uma longa e profunda noite de sono. A temperatura do corpo do urso cai para apenas dez graus. O batimento cardíaco diminui, mas mantém um ritmo de pelo menos doze batidas por minuto. O urso, quando perturbado, pode despertar rapidamente

desse estado. Porém enquanto está dormindo, não come nem elimina alimento. No caso de muitos animais, permanecer meses sem eliminar nada provocaria um crescimento fatal de toxinas no sangue (Outros animais hibernantes eliminam durante a hibernação.). Mas o corpo do urso foi feito para se ajustar a estes longos meses de sono sem qualquer tipo de eliminação. Ele queima gordura armazenada para abastecimento, mas é como se não houvesse perda produzida pela queima desta gordura. Por razões que os biólogos não conseguem ainda explicar, o nível de ácido úrico e de outras toxinas no sangue do urso permanece essencialmente o mesmo de quando ele não está hibernando.

Todo o animal selvagem demonstra evidências de um projeto especial. Todos eles nasceram com inteligência instintiva que os permite sobreviver e se desenvolver no seu ambiente. Todos eles possuem capacidades notáveis que os separam dos outros animais. Não é de se admirar. Todos foram criados por um Criador que tudo sabe e que lhes concedeu essas características extraordinárias. Sua vasta sabedoria criativa pode ser vista claramente em tudo que fez (Rm 1.20).

Se quiser examinar o universo à noite e contemplar todas as maravilhas que ele abriga, você ficará face a face com a glória do Criador. E se examinar uma gota de água de um lago no microscópio, ainda verá mais evidências desta mesma glória. Sua criação está repleta de maravilhas, não importa qual seja o nível que examinar. Tudo nas Escrituras revela o dedo do Criador.

Gênesis 1.25 repete a frase conhecida que nos mostra a avaliação de Deus de sua própria criação: "E viu Deus que isso era bom". Isto é significativo. Tira qualquer possibilidade de deformidades ou mutações anteriores à queda de Adão no pecado. Elimina portanto a possibilidade da seleção natural e a sobrevivência do mais apto. Não havia *animais inaptos*. Todos eram bons, como Deus os criara. Não havia imperfeição. Não havia inferioridade. Tudo era *bom*.

A Bíblia ensina que não existia algo como a morte antes da queda de Adão. A morte é resultado do pecado: "assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte" (Rm 5.12). A maldição do pecado afetou adversamente toda a criação. O apóstolo Paulo escreveu: "Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que *toda a criação*, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora" (Rm 8.20-22, grifo nosso). Então, toda a criação – não apenas a humanidade – foi infelizmente afetada pelo pecado de Adão. Ele introduziu a morte no reino animal também.

Naturalmente, isto significa que, antes da queda de Adão, nenhum dos animais era carnívoro. Não caçavam nem matavam o outro para alimento. E a

Bíblia afirma isto em Gênesis 1.30. Além disso, nos fala de um tempo em que todo o reino animal voltará a ser herbívoro. Isaías profetizou:

> O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará. A vaca e a ursa pastarão juntas, e as suas crias juntas se deitarão; *o leão comerá palha como o boi*. A criança de peito brincará sobre a toca da áspide, e o já desmamado meterá a mão na cova do basilisco (Is 11.6-8, grifo nosso).

Obviamente, os animais foram feitos com instintos e habilidades que os satisfaziam bem sob a maldição do pecado. Mas no primeiro estado da Terra sem pecado, não utilizavam estas habilidades e instintos para caçar outros animais para comer. Era um paraíso perfeito no qual não havia a morte. E assim não houve evolução e nenhuma possibilidade de que a sobrevivência do mais apto pudesse ser algum tipo de força impulsora no desenvolvimento das espécies.

O primeiro ato de criação no sexto dia completa a morada terrestre que Deus estava fazendo para Adão. A Terra era um paraíso. Tudo era bom. E Deus agora estava pronto para o aspecto que iria coroar sua criação: uma criatura feita à sua própria imagem.

Capítulo 8

O HOMEM À IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS

Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra. E disse Deus ainda: Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso vos será para mantimento. E a todos os animais da terra, e a todas as aves dos céus, e a todos os répteis da terra, em que há fôlego de vida, toda erva verde lhes será para mantimento. E assim se fez. Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom. Houve tarde e manhã, o sexto dia.

Gênesis 1.26-31

Toda a criação até este ponto tinha sido um simples prelúdio do que iria acontecer no final do sexto dia. A criação da raça humana era o objeto central do propósito criador de Deus desde o início. Num sentido importante, tudo mais foi criado *para* a humanidade, e cada etapa da criação até este ponto tinha um único objetivo: preparar um ambiente perfeito para Adão.

A raça humana *ainda* está no centro do propósito de Deus para todo o universo físico. Sabemos disto porque a Bíblia diz que tudo mais irá perecer um dia. Tudo se apagará da existência. Segundo Jesus, haverá um tempo em que mesmo "o Sol escurecerá, a Lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados" (Mc 13.24,25). No final,

mesmo os céus se recolherão como um pergaminho quando se enrola (Ap 6.13,14): "... os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas" (2Pe 3.10). Na verdade, tudo que foi criado será destruído. Tudo no universo deixará de existir.

Exceto a humanidade. Deus criou o homem para glorificá-lo e apreciá-lo *para sempre*. E quando qualquer outro elemento deste universo não mais existir durante muito tempo, uma imensa multidão de redimidos da raça humana irá morar na presença do Senhor para sempre.

Em outras palavras, a manifestação da criação estabelece um teatro no qual a grande saga redentora pode ser terminada. O homem é a principal representação de que o próprio Filho de Deus se torna homem no clímax do drama da redenção. Este é o objetivo pelo qual todo o universo foi criado: para que a graça, a misericórdia e a compaixão de Deus pudessem ser abundantes sobre esta criatura que Deus faria à sua própria imagem. No final, o teatro é destruído. Esta é uma reflexão profunda e humilde.

Evidentemente, a criação da raça humana é a questão principal em Gênesis 1. Tudo culmina neste evento, e a Bíblia devota mais espaço para descrever a criação de Adão do que qualquer outro lado da criação. Na verdade, como seu ato final de criação é tão importante, todo Gênesis 2 se dedica a uma descrição ampliada do primeiro capítulo (Gn 2 não é uma história diferente nem um relato alternativo; é uma ampliação da descrição do sexto dia da criação em Gn 1.). Gênesis 1.26-31 simplesmente nos dá um relato básico sobre o sexto dia:

> Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra. E disse Deus ainda: Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso vos será para mantimento. E a todos os animais da terra, e a todas as aves dos céus, e a todos os répteis da terra, em que há fôlego de vida, toda erva verde lhes será para mantimento. E assim se fez. Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom. Houve tarde e manhã, o sexto dia.

É bom ter em mente que a criação de Adão ocorreu no mesmo dia em que os outros animais terrestres foram criados. Tudo isto aconteceu no período de 24 horas – uma revolução da Terra.

Adão, como podemos ver no texto, foi criado especial e pessoalmente por Deus. Não há modo de fazer justiça ao texto e manter a noção de que Adão evoluiu de outras formas de vida animal já existentes. Gênesis 2.7 é explícito: "Então, formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente". Gênesis 2 também descreve como a primeira mulher, Eva, foi feita da costela de seu marido (v. 22). Então, o homem e a mulher foram criados cada um individualmente – ambos por atos diretos de Deus.

As genealogias em Gênesis começam com a reafirmação desta verdade: "No dia em que Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez; homem e mulher os criou, e os abençoou, e lhes chamou pelo nome de Adão, no dia em que foram criados" (Gn 5.1,2). Esta passagem começa e termina com referências a um único *dia* no qual Deus fez a humanidade. Repetidamente, a Bíblia se refere a este dia significativo (cf. Dt 4.32). Era o sexto dia da semana da criação – e isto era o ato criador final e célebre de Deus.

Uma mudança importante no processo de criação ocorre neste ponto. O versículo 26 começa com palavras familiares: "E disse Deus". Esta é a mesma fórmula utilizada para introduzir todo o ato de criação anterior (cf. vs. 3, 6, 9, 11, 14, 20, 24). Mas de repente, há uma alteração maior na linguagem. Até este ponto, toda ocorrência de "E disse Deus" era seguida das palavras "Haja..." (vs. 3, 6, 14); "Produza a terra..." (vs. 11, 24); "Povoem-se as águas..." (v. 20); ou "Ajuntem-se as águas..." (v. 9) – sempre na linguagem do *fiat* – "que se faça". Estas expressões são impessoais, pois são ordens que não foram dirigidas para ninguém em especial. São ordens soberanas, de criação que imediatamente fizeram surgir coisas *ex nihilo*. Nunca antes Deus havia dito algo como "Façamos".

Mas agora, pela primeira vez, a expressão "E disse Deus" é seguida por um verbo com sujeito determinado (nós) e pronome pessoal: "*Façamos* o homem à *nossa* imagem" (v. 26, grifo nosso). Isto mostra a criação de Adão em termos que são exclusivamente pessoais. A Bíblia emprega deliberadamente estes pronomes a fim de enfatizar a relação íntima de Deus com este aspecto da criação. Isto estabelece uma relação entre Deus e o homem que não existe em nenhum outro aspecto da criação – nem com a luz, nem com a água, nem com os outros elementos nem mesmo com a Terra, nem com o Sol, nem com as estrelas, nem com os corpos estelares – e nem mesmo com os outros seres viventes que fez. Deus não tem nenhum relacionamento pessoal com quaisquer destas coisas no mesmo sentido com que teve com o homem. Todas estas coisas foram criadas

por Deus mediante seu decreto, e começaram a existir porque ordenou que assim o fosse. Mas nunca há uma sugestão de qualquer intimidade ou identificação pessoal entre Deus e estas coisas.

A relação de Deus com o homem é única em toda a criação. E assim em cada oportunidade, a Bíblia retrata claramente o envolvimento pessoal de Deus na criação do homem: "... formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente" (2.7).

Aqui em Gênesis 1.26, pela primeira vez na Bíblia, Deus se apresenta com pronomes pessoais. Significantemente, são pronomes no plural. Não é "Farei...", mas "Façamos o homem à nossa imagem," e assim somos introduzidos à pluralidade de relacionamentos na divindade. Aqui está a principal e inquestionável evidência da Trindade. A existência de múltiplas pessoas na divindade foi sugerida pela palavra em hebraico para Deus que é utilizada em 21 dos primeiros 22 versículos das Escrituras, porque *elohim* toma a forma de um nome plural no hebraico. Mas as expressões na forma plural do versículo 26 reforçam ainda mais esta questão. É sem dúvida uma revelação completa da doutrina da Trindade, mas é uma referência indubitável à pluralidade da divindade, e começa a formar a base do que mais tarde aprenderemos sobre a Trindade no Novo Testamento.

Existiu pelo menos uma outra sugestão à Trindade no versículo 2, quando nos é dito que o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas. Mas agora vemos mais claramente ainda que há uma espécie de comitê executivo divino – um conselho na divindade.

A mesma verdade é revelada mais claramente ainda no primeiro capítulo do evangelho de João, que começa com um eco de Gênesis 1.1: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez" (Jo 1.1-3). Este texto, naturalmente, se refere à segunda pessoa da Trindade, Jesus Cristo (cf. v. 14) que estava com Deus na criação e é o próprio Deus.

Ao colocar estas passagens juntas, vemos que todas as três pessoas da Trindade foram ativas na criação. O Pai estava supervisionando e ordenando a obra. O Verbo eterno estava "com Deus" e se envolveu em cada aspecto do processo de criação. E o Espírito pairava sobre as águas, o que também sugere um envolvimento mais íntimo e participativo no processo. Então, à luz do brilho do Novo Testamento nesta passagem, os pronomes no plural em Gênesis 1.26 assumem um significado de rica profundidade.

Esta é uma das muitas passagens do Antigo Testamento que indicam a comunicação entre as pessoas da Trindade. No Salmo 2.7, por exemplo, lemos:

"Proclamarei o decreto do SENHOR: Ele me disse: Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei". Aqui, quem fala é a segunda pessoa da Trindade – o Filho – e está citando as palavras ditas pela primeira pessoa da Trindade – o Pai. Esta é a determinação eterna que define a relação entre o Pai e o Filho dentro da Trindade.

Depois, no Salmo 45.7, o Pai está falando do Filho: "Amas a justiça e odeias a iniqüidade; por isso, Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo de alegria, como a nenhum dos teus companheiros" (Este versículo é citado em Hebreus 1.9, quando o orador é claramente identificado como o Pai, que fala para Cristo, o Filho.).

No Salmo 110.1, o salmista escreve: "Disse o SENHOR ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés". Nesta passagem, novamente o Pai ("o SENHOR") fala com o Filho ("meu Senhor") e lhe promete eterna soberania.

Isaías 48 inclui uma passagem ainda mais extraordinária. No versículo 12, o orador é claramente identificado como "o primeiro e também o último". (Esta é uma referência a Cristo – cf. Ap 22.13.) E no versículo 16, ele diz: "não falei em segredo desde o princípio; desde o tempo em que isso vem acontecendo, tenho estado lá. Agora, o SENHOR Deus me enviou a mim e o seu Espírito". Então, o orador é o Deus Filho, e fala claramente do "SENHOR Deus e seu Espírito" como pessoas diferentes na Deidade.

Encontram-se tais referências em todo o Antigo Testamento. Isoladas, não são suficientes para transmitir ao leitor comum do Antigo Testamento uma completa compreensão da doutrina da Trindade, mas são sugestões evidentes de que posteriormente seria claramente revelado mediante a encarnação de Cristo e a vinda do Espírito Santo no Pentecostes. Eram sinais que mostravam a pluralidade na Deidade.

Aqui em Gênesis 1, a expressão sugere tanto comunhão quanto aconselhamento entre as pessoas da Trindade. "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança" (v. 26). Isto significa também uma perfeita concordância e um objetivo claro. Na verdade, é uma etapa crucial em direção ao cumprimento da promessa feita "antes dos tempos eternos" (Tt 1.2) – uma promessa feita na eternidade entre as pessoas da Trindade. Encoberto nesta promessa, estava todo o plano redentor de Deus. Em resumo, o Pai prometera ao Filho um povo redimido para ser sua noiva. Tudo isto ocorreu na eternidade, antes que a criação tivesse início.[1]

"Criou Deus, pois, o homem" (v. 27). O homem passou a ser "alma vivente" [do hebraico, *nephesh*] (Gn 2.7). Como os animais, se moveu, respirou e era uma forma de vida consciente. Mas aí termina a semelhança. Ele era uma criatura que não era igual aos outros seres vivos. As formas de vida inferiores

jamais poderiam evoluir até ele. E a diferença desta criatura se reflete perfeitamente nos propósitos para os quais Deus o criou.

À IMAGEM DO CRIADOR

Primeiramente, o homem foi criado à semelhança de seu Criador. "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança" (v. 26) As duas frases ("à nossa imagem" e "conforme nossa semelhança") são expressões paralelas. A segunda simplesmente repete a primeira com um termo diferente, porém sinônimo. Não imagine que há uma diferença essencial entre "imagem" de Deus e sua "semelhança" – como se uma expressão se referisse às similaridades espirituais entre Deus e os homens e a outra designasse uma semelhança física. Alguns comentaristas têm suposto erroneamente que as duas expressões tem um significado duplo, mas não há essa distinção na língua hebraica. Estes são dois termos paralelos. Na verdade, a repetição é para ênfase. Este tipo de paralelismo é uma construção muito comum e característica no hebraico. É utilizada para ênfase, não para contraste. E neste caso, o paralelismo é utilizado para ressaltar a grande importância desta verdade: que o homem foi criado à semelhança de Deus.

O que isto significa? Antes de explorar esta questão, suponha que, qualquer que seja seu significado, é algo inefavelmente sublime e elevado. Não é um estado no qual criaturas inferiores podem evoluir. Não é algo que possa ser obtido por uma mutação aleatória no código genético. Não é algo que surgiu por um desvio no DNA de algum primata. É, afinal de contas, a própria essência do que faz a humanidade diferente de qualquer outro animal criado. É o que define a identidade única do ser humano. É a razão exata pela qual Deus teve interesse pessoal na criação desta espécie em particular. Isto explica por que a Bíblia coloca tanta ênfase no fato da participação de Deus na criação de Adão. Ele modelou sua criatura de uma forma especial – para carregar a marca de sua própria semelhança. O homem foi feito à imagem de Deus. Isto o coloca separado de todas as outras criaturas no universo físico.

O que é a imagem de Deus? A palavra hebraica para "imagem", *tselem*, vem de uma raiz que se refere à escultura. É a mesma palavra utilizada para se referir às imagens de escultura (Êx 20.4). Quase sempre parece levar a idéia de que o homem foi esculpido na forma de Deus. Sugere que Deus era, em essência, o modelo para o caráter pessoal do homem. Isto não é verdadeiro para nada mais no universo do tempo e do espaço.[2]

Evidentemente, como a imagem de Deus é exclusiva da humanidade, ela deve descrever alguns aspectos da natureza humana que não são compartilhados

pelos animais. Assim, isto não deve se referir apenas à aparência do homem ou a sua composição biológica. Na verdade, temos muitas características biológicas que são comuns a outros animais. Naturalmente, como compartilhamos o mesmo meio ambiente, é razoável esperar que tenhamos muitas características fisiológicas em comum com os animais. E nós temos. Nossos órgãos internos funcionam de modo semelhante, em muitos casos nossa estrutura esquelética tem muitas semelhanças, e mesmo o modo como parecemos no exterior tem algumas semelhanças evidentes com alguns dos primatas. Se "a imagem de Deus" fosse uma referência ao modo como somos constituídos fisicamente – se isto significa sugerir que temos uma semelhança física com o Criador – então, talvez fosse certo também sugerir que mesmo os chimpanzés têm *alguma* semelhança com Deus.

Mas isto evidentemente não é uma referência à parte física do homem. Não se está falando sobre biologia nem fisiologia. Certamente não é uma referência ao modo como parecemos como criaturas feitas de carne e osso. Afinal de contas, "Deus é espírito" (Jo 4.24). E "um espírito não tem carne nem ossos" (Lc 24.39).

Obviamente, trata-se basicamente dos atributos espirituais do homem – nossa autoconsciência, nossa consciência moral e nossa consciência dos outros – especialmente nossa consciência do próprio Deus (Os animais são conscientes, mas não são autoconscientes, moralmente cientes, ou capazes de ter um relacionamento verdadeiramente pessoal.).

Antes que a imagem de Deus no homem fosse desfigurada pelo pecado, Adão partilhava de um modo puro e sem mácula todos os atributos comunicáveis de Deus (aquelas qualidades da natureza divina que podem ser refletidas nas criaturas). Incluíam-se a santidade, a sabedoria, a bondade, a verdade, o amor, a graça, a misericórdia, a longanimidade e a justiça. A imagem de Deus no ser humano, sem dúvida, ainda inclui certas características que espelham algumas das virtudes de Deus que conhecemos graças à criação – como o gosto pela beleza, habilidades criativas e amor pela diversidade. Naturalmente, também deve incluir nossas faculdades racionais. Por exemplo, a imagem divina certamente engloba nossa habilidade de compreender princípios abstratos – especialmente conceitos morais como justiça, retidão, santidade, verdade e bondade. E a semelhança divina com o homem parece incluir os aspectos mais elevados de nossa inteligência e emoção – nossa habilidade para raciocinar e resolver problemas, e emoções como arrependimento, zelo, raiva, prazer e alegria (todas podem ser observadas em sua perfeição, sob vários traços que a Bíblia diz pertencer a Deus).

Mas acima de tudo, a imagem de Deus pode ser resumida pela palavra *pessoalidade*. Somos *pessoas*. Nossa vida envolve relacionamentos. Somos capazes de camaradagem. Somos capazes de amar outras pessoas num sentido similar a Deus. Compreendemos a comunhão. Temos uma capacidade espantosa para a linguagem. Podemos conversar. Sabemos o que é compartilhar pontos de vista, transmitir e distinguir atitudes, dar e receber amizade, perceber um sentido de fraternidade, comunicar idéias e participar experiências com outros. Os animais não podem fazer estas coisas do mesmo modo que as pessoas fazem.

É por isso que, quando Deus criou o homem, imediatamente disse que não era bom que o homem ficasse sozinho. A imagem de Deus é pessoalidade, que pode funcionar apenas no contexto de relacionamentos. A capacidade do homem para relacionamentos íntimos pessoais precisava de concretização. Mais importante, o homem foi criado para ter um relacionamento pessoal com Deus.

E isto nos leva de volta à expressão no versículo 26. Quando Deus disse: "Façamos o homem à nossa imagem, segundo a nossa semelhança", queria dizer que ele mesmo é um Deus de relacionamentos. E nos criou à sua própria semelhança para que pudéssemos ter um relacionamento com ele.

Douglas F. Kelly escreve:

> O próprio Deus nunca existiu como um indivíduo desacompanhado, sozinho, solitário ou "isolado". Ao contrário, sempre existiu na totalidade da família (cf. Ef 3.15: "de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra"). Ou como o grande Atanásio costumava dizer no quarto século: "O Pai nunca esteve sem o Filho". O maravilhoso mistério da origem da personalidade é de que um Deus existe como três pessoas em um ser ou "substância"(ou realidade). Esta única "substância" ou ser de Deus envolve inerentemente pessoalidade.[3]

E quando Deus nos fez à sua imagem, nos fez como pessoas – ou seja, nos fez para ter relacionamentos, especialmente com ele.

É impossível dissociar esta verdade do fato de que o homem é um ser ético. Todos os verdadeiros relacionamentos possuem ramificações éticas. E é neste ponto que os atributos comunicáveis de Deus entram em cena – embora nosso senso moral e ético seja desfigurado pela queda do homem no pecado. Ainda sabemos distinguir basicamente o certo do errado. Mesmo os ateus mais determinados ainda têm consciência do conceito de virtude e necessidade de moralidade.[4] Na verdade, um aspecto inerente da verdadeira humanidade é a sensibilidade moral. Sabemos instintivamente que há uma diferença entre o bem e o mal.

Tudo isto é o que nos faz distintos do resto da criação. É o que se relaciona, acima de tudo, com a parte invisível do homem – o espírito. É o que nos torna seres espirituais. É a parte de nossa natureza humana que os cientistas nunca encontrarão em nosso DNA. Não está programada em nossos cromossomos. É espiritual. E é esta *pessoalidade* verdadeira que nos faz semelhantes a Deus, mesmo em nosso estado decaído.

Fisicamente, somos feitos de elementos terrenos – o pó da terra. E nossos corpos, no final, tornarão ao pó. Isto não tem nada a ver com Deus. Mas nossa pessoalidade é eterna – e isto nos faz realmente semelhantes a Deus. O lugar da imagem de Deus está fundado em nossos seres imateriais.

Não devemos sugerir que nossa forma corporal seja totalmente desprovida de qualquer coisa relevante à imagem divina. Como João Calvino disse: "A imagem de Deus se estende a tudo em que a natureza do homem excede a de todas as outras espécies de animais... E embora a principal base da imagem de Deus estivesse na mente e no coração, ou na alma e suas forças, não há nem mesmo uma parte do corpo no qual alguns raios de glória não brilhem".[5]

A própria postura ereta do homem o distingue dos outros animais quadrúpedes e dos répteis. A postura natural dos animais dirige o olhar deles em direção à Terra. O homem, por outro lado, está naturalmente posicionado para olhar para cima, em direção aos céus, onde pode contemplar a glória de Deus lá exibida. Esta é uma das muitas maneiras que a glória se mostra mesmo na composição física de nossa raça.

Nossas línguas, com a habilidade de formar palavras e falar línguas com significado, também refletem nossa semelhança com Deus.

Mesmo nossos rostos, com olhos expressivos naturalmente e repletos de expressões significativas, são especialmente apropriados para os relacionamentos. Assim, conquanto o corpo humano não seja o centro nem a expressão principal da imagem de Deus no ser humano, até o corpo foi especialmente feito para servir de veículo através do qual esta imagem se manifesta.

Henry Morris escreveu:

> Podemos dizer apenas que, embora o próprio Deus não tenha um corpo físico, ele criou e formou o corpo humano de modo que o funcionamento físico deste corpo permitisse que o próprio Deus pudesse funcionar nesse corpo mesmo sem ter ele um corpo. Deus pode ver (Gn 16.13), ouvir (Sl 94.9), cheirar (Gn 8.21), tocar (Gn 32.32) e falar (2Pe 1.18), mesmo que ele tenha ou não tenha realmente olhos, ouvidos, nariz, mãos e boca... Então, há algo sobre o corpo humano que é exclusivamente apropriado à própria manifestação de Deus, e (uma vez que Deus conhece todas as suas obras desde o início do

> mundo – At 15.18) ele deve ter feito o corpo do homem com isto em mente. Conseqüentemente, ele o fez, não como o dos animais, mas com uma postura ereta, com um semblante voltado para o alto, capaz de ter expressões faciais que correspondem a sentimentos emocionais, e com um cérebro e uma língua capaz de elaborar um discurso articulado e simbólico.
> Ele sabia, naturalmente, que, quando se completasse o tempo, ele mesmo iria se tornar um homem. Neste dia, prepararia um corpo humano para seu filho (Hb 10.5, Lc 1.35), e ele seria "feito em semelhança de homens" (Fp 2.7), assim como o homem fora feito à semelhança de Deus.[6]

Não era só Adão que carregava a imagem de Deus, mas a mulher também – assim como toda sua descendência. Este fato se reflete no versículo 26: "Façamos o homem à nossa imagem... Tenha ele domínio". A palavra "homem" é utilizada coletivamente neste caso. Ela se refere claramente não só a Adão, mas a toda humanidade. E o texto das Escrituras afirma isto. Gênesis 9.6 proíbe todos os atos de assassinato: "porque Deus fez o homem segundo a sua imagem." E Tiago 2.9 nos proíbe mesmo de amaldiçoar o ser humano. Todos "foram feitos à semelhança de Deus".

A verdade de que o ser humano foi feito à semelhança de Deus é o ponto de partida para a compreensão bíblica da natureza humana. Ela explica nossas ânsias espirituais. Ajuda-nos a compreender a consciência humana. Estabelece nossa responsabilidade moral. Revela a própria essência do significado e propósito da vida humana. É repleta de significado prático e doutrinário.

Todavia a doutrina da evolução apagaria totalmente esta verdade da consciência coletiva da raça humana. É por isso que a luta contra a teoria evolucionista é algo que os cristãos não podem se permitir abandonar.

PARA PROPAGAR A VIDA

O segundo objetivo para o qual Adão e Eva foram criados foi encher a Terra. Gênesis 1.27,28 diz: "Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra". Aqui, vemos o plano perfeito de Deus para o casamento e a procriação. Desde o início, o projeto de Deus era um relacionamento permanente monogâmico entre os homens e as mulheres. Gênesis 2.24 evidência isto: "Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne".

A mentira evolucionista atacou até isto, na medida que a sociedade atualmente procura justificar e legitimar a fornicação, o divórcio fácil, os relacionamentos homossexuais e outras perversões que questionam a santidade e o caráter único do casamento.

Em nosso estudo sobre a criação, vimos em todo o reino vegetal e animal que Deus produziu todas as espécies vivas para procriar. Mas com a raça humana isto assume um significado sagrado. Lembre-se que de todas as criaturas terrestres, apenas o homem foi criado à imagem de Deus – e a própria essência desta imagem é a capacidade de ter relacionamentos. Aqui se estabelece o relacionamento do casamento como o primeiro e mais íntimo de todos os relacionamentos entre os seres humanos. Os dois "tornam-se uma só carne", unidos em um laço que foi preparado para suplantar qualquer outro relacionamento, mesmo que seja muito íntimo ("deixa o homem pai e mãe"). A ligação entre marido e mulher também foi concebida para ser duradoura, indissolúvel e indescritivelmente íntima ("deixa o homem pai ... se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne").

Assim, uma característica interessante e irônica na criação de Adão é o fato de que ele foi criado sozinho. Pela linguagem de Gênesis, parece que quando Deus criou as outras espécies viventes, ele as criou em grande número. Os animais marinhos enchiam as águas dos mares e os céus estavam repletos de aves. Embora as Escrituras não digam expressamente quantos de cada espécie Deus criou, o texto sugere que deveria haver inúmeros pares de cada uma delas.

Mas quando chegamos à criação dos seres humanos, a Bíblia é clara, ele fez apenas um par. Começou fazendo apenas um – Adão.

É claro que o plano de Deus desde o início era que Adão teria uma companheira ("que faz estas coisas conhecidas desde séculos" – At 15.18). Não temos a impressão de que Eva foi uma idéia tardia nem uma modificação do plano divino. Algumas pessoas interpretam erroneamente o relato da criação de Eva em Gênesis 2 e pensam que ela foi adicionada à criação como um apêndice ao plano original de Deus. Não é isto que o texto quer dizer. É verdade que Eva só foi criada *depois* de Deus instruir Adão a dar nome aos animais, e lhe deu tempo para iniciar o processo. (Um pregador sugeriu que Deus adiou a criação de Eva para que Adão não tivesse que lidar com uma segunda opinião toda vez que fosse dar nome a um animal. Eu não creio nisso.) Mas Eva fazia parte do plano de Deus desde o início. Sua criação em separado apenas destaca o fato de ela ser tão especial – e de ela ter se ajustado de uma forma tão exclusiva com Adão.

Uma coisa se destaca claramente. Depois de cada estágio da criação, Deus disse que sua obra era *boa*. "E viu Deus que isso era bom" é o refrão

constante a respeito da narrativa da criação (Gn 1.4, 10, 12, 18, 21, 25, 31). A única vez em que Deus disse que não era bom foi: "Não é bom que o homem esteja só" (2.18). Igualmente, isto não era para sugerir que Deus havia descoberto uma falha em seu plano original. Ao invés disso, a questão é que o plano original ainda não estava completo apenas com Adão. O homem tinha sido criado para ter relacionamentos e ainda precisava de uma companheira perfeita para o relacionamento do casamento.

A Bíblia diz: "Então, o SENHOR Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne. E a costela que o SENHOR Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher e lha trouxe" (2.21,22).

Adão, naturalmente, ficou maravilhado. "E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada" (v. 23).

Eva foi feita para ser *auxiliadora* de Adão (vs. 18, 20). Não estamos falando de ajuda doméstica – alguém para lavar sua louça, jogar fora seu lixo ou fazer sua cama. Adão poderia cuidar de tais tarefas sem uma esposa. Ele tinha de procriar, propagar a raça humana e povoar a Terra com pessoas. Obviamente, ele precisava de uma parceira para isso.

Quando Deus trouxe os animais para Adão que passou a lhes dar nomes, este começou a ver que estava sozinho em toda a criação. "Para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea" (v. 20). Ele já devia saber que não era simplesmente um animal esplêndido. Fora feito à imagem do Criador e precisava de uma companheira feita também à mesma imagem. Então Deus lhe fez uma companheira de sua própria costela. Em outras palavras, a estrutura genética de Eva derivou-se da de Adão, e por isso era perfeitamente harmônica com a dele.

A pesquisa genética tem demonstrado que um par de cromossomos humanos, identificados como X e Y, determinam o gênero de nossos filhos. Todos os machos possuem tanto cromossomos X como Y, todas as fêmeas possuem apenas um par de cromossomos X. Do ponto de vista puramente biológico, então, o cromossomo Y é o que determina o sexo masculino. Se o descendente herdar um cromossomo X do pai, se tornará uma mulher. Se o cromossomo for Y, será homem. O sêmen do pai é o fator determinante.

Assim, geneticamente é possível criar uma mulher de um homem. Entretanto, não seria possível extrair de uma mulher o código genético de um homem, porque a mulher não tem cromossomo Y. Isto se harmoniza perfeitamente com o que Deus fez aqui. A ciência, quando lida com fatos e não teorias, sempre concorda com o relato bíblico.

A ordem: "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra" (1.28) ecoa por todo o livro de Gênesis. Repete-se em Gênesis 9.1, depois do dilúvio. Também está no centro da promessa de Deus para Abraão (22.17,18). É uma expressão única e bela do amor de Deus pela humanidade, que nos criou com a capacidade de procriar e assim gerar mais criaturas à sua imagem. E não apenas Deus queria um mundo repleto delas, mas também criou o homem e mulher para participar da alegria de cumprir este objetivo. As próprias crianças são então uma benção do Senhor (Sl 127.3). Isto é, na verdade, uma das principais formas que Deus estabeleceu para trazer felicidade e prazer para a raça humana – o que entretanto traz à baila outra razão pela qual a humanidade era uma parte tão especial da criação.

PARA RECEBER A BÊNÇÃO DIVINA

Este é o terceiro objetivo para o qual Deus criou a raça humana. Fomos criados para sermos beneficiários da alegria e da benção provenientes da mão de Deus. Ele criou nossa raça para que pudesse derramar sua bondade sobre nós. Gênesis 1.28 diz que depois que Adão e Eva foram criados "Deus os abençoou".

"Abençoar" aqui se refere a algo mais do que uma consagração cerimonial. Deus não invocou simplesmente alguma fórmula verbal de bênção. O que se sugere aqui é que ele lhes concedeu contentamento. Ele os fez prosperar. Ele os fez felizes.

Esse ainda é o plano de Deus para a raça humana. Ele quer que nós tenhamos prazer nele e nas ricas misericórdias de sua criação. O apóstolo Paulo disse que Deus "tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento" (1Tm 6.17). O sábio do Antigo Testamento escreveu: "boa e bela coisa é comer e beber e gozar cada um do bem de todo o seu trabalho, com que se afadigou debaixo do sol, durante os poucos dias da vida que Deus lhe deu; porque esta é a sua porção" (Ec 5.18).

E no caso de Adão, todo o prazer e graça do mundo estavam num paraíso intocado pelo pecado e pelo mal. Ele tinha tudo que jamais desejara, num ambiente perfeito, com um clima perfeito, com a companheira ideal, e com permissão de Deus para gozar e usar tudo (com apenas uma restrição) livremente. "E disse Deus ainda: Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso vos será para mantimento. E a todos os animais da terra, e a todas as aves dos céus, e a todos os répteis da terra, em que há fôlego de vida, toda erva verde lhes será para mantimento. E assim se fez" (Gn 1.29,30).

Observe que Adão, como qualquer outra criatura no reino animal, era vegetariano neste momento. Não havia pecado e por isso não havia morte. Portanto não poderia haver carnívoros. Todos os animais eram mansos e mesmo as espécies atualmente carnívoras, eram então vegetarianos puros. Mas no mundo havia alimento em abundância e em grande variedade. Para qualquer lugar que Adão olhasse, o alimento estava literalmente pendurado em árvores. O mundo inteiro refletia a enorme generosidade e bondade de Deus. Afinal de contas, Deus poderia ter feito um céu marrom, a água marrom e um mundo sem cor – com nada para comer senão arroz puro. Mas em vez disso, ele encheu a Terra de uma enorme variedade de frutas e vegetais maravilhosos. Criou todas estas coisas para que delas nos agrademos.

E nos deu sentidos para apreciá-las. Imagine como seria entediante a vida se tivéssemos perdido a capacidade de sentir gosto e cheirar. Deus nos deu todas essas faculdades para nos abençoar – para permitir que aproveitássemos ao máximo tudo que ele fez. E Adão e Eva tinham total liberdade para usufruir de tudo que quisessem no jardim de Deus.

Entretanto, há novamente uma exceção significativa. Em toda a vasta variedade de frutas e vegetais criados por Deus, apenas uma árvore foi considerada proibida. " E o SENHOR Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (2.16,17). Eram livres para comer o que quisessem de quaisquer outras árvores – inclusive da árvore da vida. Mas eram proibidos de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. Comer do que era proibido iria levá-los ao julgamento de Deus e resultaria em sua morte.

Como iremos ver no capítulo 10, eles fizeram exatamente o que Deus havia proibido. Não somente atraíram sentença para si e toda a raça humana, mas também foram a causa da maldição sobre toda a criação. O que Deus fizera para que usufruíssem com prazer foi destruído pelo pecado. A morte entrou no mundo e, junto com a morte, a doença, os espinhos, o trabalho pesado e as dificuldades de todo o tipo (Gn 3.17-19). O pecado estragou aquele paraíso perfeito.

Mas Deus originalmente o fizera bom. Ele o fez para abençoar a humanidade. Este foi um de seus objetivos na criação. E mesmo neste mundo arruinado pelo pecado, ele ainda cumpre seu propósito. Sua criação, mesmo no estado decaído, está repleta de bênçãos para nós.

PARA GOVERNAR A CRIAÇÃO

Finalmente, a raça humana foi criada e recebeu ordem para exercer domínio sobre o resto da criação. Logo após ter dito "Façamos o homem à nossa

imagem, conforme a nossa semelhança", Deus disse: "tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra". No versículo 28, Deus reitera este propósito em suas instruções para Adão: "enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra". Deus pretendia que o homem fosse soberano no planeta. Ele foi literalmente instruído para subjugar o planeta, dominar e governar tudo que Deus colocou na Terra.

Naturalmente, estamos falando da toda a raça humana, coletivamente – não apenas Adão. Isto fica claro pela utilização do pronome plural [no texto em hebraico] no versículo 26: "dominem eles". E a esfera de ação do domínio da humanidade sobre a Terra era muito ampla também. Incluía todo o ser vivente. A ordem de Deus para Adão enumerava expressamente as criaturas na ordem de sua criação: "os peixes do mar, ... as aves dos céus, ... os animais domésticos, ... todos os répteis que rastejam pela terra" (v.26).

O primeiro passo do domínio envolve algo muito prático. Gênesis 2.19 registra isso: "Havendo, pois, o SENHOR Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, trouxe-os ao homem, para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a todos os seres viventes, esse seria o nome deles". Esta foi a primeira tarefa de Adão. Ele tinha que olhar as características de cada criatura e lhe dar um nome apropriado.

O ser humano foi feito à imagem de Deus, então era conveniente que Deus delegasse ao homem algo que fosse de sua própria prerrogativa suprema. Observe que o próprio Deus já tinha dado nome ao dia e à noite (v.5), ao céu (v.8), à terra e aos mares (v.10). É privilégio do Criador dar nome ao que cria, mas neste caso ele delegou esta tarefa a Adão. Foi a primeira tarefa de Adão como governante do mundo.

Adão recebeu outra responsabilidade. Ele era o jardineiro do Éden. Gênesis 2.15 diz: "Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar". Naturalmente, esta tarefa lhe fora dada antes que caísse no pecado. Isto significa que não havia ainda a maldição, assim não havia ervas daninhas, e o meio-ambiente era perfeito. Esta tarefa era fácil e prazerosa. Sem dúvida era uma fonte de grande alegria. E era o único trabalho que tinha de fazer – se esta ocupação pudesse mesmo ser chamada de "trabalho" num ambiente sem suor, ervas daninhas e maldições. O jardim estava cheio de todo o tipo de árvore frutífera criada por Deus. A água para o jardim estava disponível de imediato, num rio que corria por ele. E a única responsabilidade de Adão era certificar-se de que as árvores e plantas neste ambiente perfeito estivessem tendo o cuidado adequado. Era uma missão das

mais prazerosas que alguém poderia ter.

A responsabilidade de Adão de subjugar a Terra e dominá-la era perfeitamente complementada por sua tarefa de cuidar do jardim. Nas palavras de Douglas F. Kelly:

> O chamado para cultivar o jardim e classificar os animais nos oferece um balanço proveitoso e excelente do relacionamento da humanidade com o meio-ambiente que Deus colocou sob seu domínio. Este balanço saudável não pode ser encontrado fora da fé bíblica. As religiões orientais, como o Hinduísmo e o Budismo, por exemplo, tendem a negligenciar o desenvolvimento "do jardim" (considerando isto como um tipo de Deus, com o qual não devemos nos ocupar), como o fazem algumas formas de misticismo cristão; o industrialismo tecnológico, materialista tende a destruir "o jardim" por objetivos econômicos imediatistas, seja nas minas a céu aberto do oeste da Virgínia, nos montes de resíduos do interior da Inglaterra, ou nos rios inativos da Romênia; e os ambientalistas radicais ou os "Verdes" tendem a elevá-lo acima das necessidades verdadeiras e dos objetivos da sociedade humana, perdendo assim seu próprio significado e deixando de usufruir o que o homem poderia realizar com as notáveis capacidades da ordem criada. Mas o domínio de Gênesis ensina o homem tanto a respeitar e subjugar a natureza, como moldá-la numa direção que irá refletir a beleza, a ordem e a gloria de seu Criador.[7]

Assim, Adão recebeu o domínio sobre a criação de Deus e a responsabilidade de cuidar dela.

Infelizmente, quando pecou, Adão abdicou de alguns dos poderes concedidos por Deus. Quando se rendeu a Satanás, ele perdeu o domínio absoluto que Deus lhe havia concedido sobre toda a Terra. É interessante que Jesus tenha se referido repetidamente a Satanás como o "príncipe deste mundo" (Jo 12.31; 14.30; 16.11). Este deveria ser o papel do homem. Mas o pecado deliberado de Adão na verdade o fez perder o domínio para o diabo.

O próprio Cristo irá voltar para recuperar este domínio e se estabelecer como o príncipe deste mundo. Ele já venceu os poderes do mal na cruz: "e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz" (Cl 2.15). E diante do seu retorno à Terra, ele irá receber seu reino e estabelecê-lo em todo o mundo. E deste modo, na pessoa de Cristo, a humanidade irá finalmente ter o domínio completo que Deus planeja-

ra desde o princípio – e mais. Hebreus 2.8 celebra esta certeza: "Todas as coisas sujeitaste debaixo dos seus pés. Ora, desde que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou fora do seu domínio".

O escritor de Hebreus continua: "Agora, porém, ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas". Ainda vivemos num mundo sob a maldição do pecado, logo não podemos controlar o jardim de Deus como queremos. Ervas daninhas, pestes, bactérias, vírus nocivos e outros efeitos da maldição – sem falar na natureza decaída do homem – fazem com que a tarefa de subjugar a Terra esteja constantemente fora do alcance. É irônico o fato de que o homem, que um dia teve domínio sobre toda a criação, agora em seu estado decaído pode ser enfraquecido por minúsculos micróbios.

E apesar de tudo, a humanidade decaída tem conseguido manter o controle sobre a criação de uma forma impressionante, desenvolvendo tecnologia que nos permite cultivar apenas uma fração do potencial da terra cultivável e ainda assim, produzir colheitas suficientes para alimentar o mundo. A tecnologia nos permitiu viajar até a Lua, desenvolver extraordinárias redes de comunicação, viajar através de vastos continentes pelo ar em apenas algumas horas, construir represas para criar grandes reservatórios, desenvolver sistemas de força que aproveitam a energia no universo para o bem da humanidade e desenvolver tecnologia médica que prolonga a vida. Mesmo em seu estado decaído, o ser humano é uma criatura maravilhosa, ainda revestida da imagem de seu Criador.

Mas não vemos, no entanto, todas as coisas sujeitas a ele. Ainda há a guerra, doenças e pobreza. Grande parte da tecnologia que o ser humano desenvolveu tem criado novos problemas ao tentar resolver alguns antigos. O ser humano às vezes tem um efeito destruidor sobre seu próprio meio-ambiente. Além disso, ele é incapaz de controlar suas próprias tendências pecaminosas.

Cristo, o homem perfeito, fará o que o homem decaído é incapaz de fazer. Irá destruir as obras do diabo (1Jo 3.8) – e até mesmo destruir o próprio diabo (Hb 2.14). Esta vitória já foi selada quando Cristo ressurgiu dos mortos. Agora esperamos simplesmente a culminação deste fato. E isto ocorrerá no final dos tempos. "E, então, virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder. Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés. O último inimigo a ser destruído é a morte. Porque todas as coisas sujeitou debaixo dos pés" (1Co 15.24-27).

A Bíblia diz que os redimidos reinarão com Cristo (Ap 20.4) e a terra será restaurada como um paraíso. Os elementos da maldição serão revertidos. "O deserto e a terra se alegrarão; o ermo exultará e florescerá como o narciso. Florescerá abundantemente, jubilará de alegria e exultará" (Is 35.1,2). Os animais

voltarão a seu estado anterior à queda, de modo que não haverá mais carnívoros e mesmo os predadores mais ferozes não apresentarão mais perigo para a humanidade nem para qualquer outra espécie (Is 11.6-9).

Mesmo o pecado e a morte serão atenuados no reinado do milênio. "Não haverá mais nela criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus; porque morrer aos cem anos é morrer ainda jovem, e quem pecar só aos cem anos será amaldiçoado" (Is 62.20). Em outras palavras, a mortalidade infantil será eliminada e a expectativa de vida grandemente aumentada (Parece razoável pensar que muitos que entraram no reino vivos podem sobreviver durante todo o milênio.). Como nasceram no reino terrestre, herdam a natureza pecaminosa, os efeitos do pecado não serão completamente apagados. Parece que muitos serão redimidos. Mas aqueles que persistirem no pecado e na descrença serão julgados com a morte. E a expectativa de vida regular das pessoas será tal que se alguém morrer com cem anos (por causa do pecado voluntário e da descrença persistente), será considerado como alguém que morreu jovem tragicamente – como se morresse na infância.

Durante este reino do milênio, a humanidade irá finalmente provar o gosto do que a vida no Éden poderia ter sido. Com o reinado de Cristo e os efeitos do pecado minimizados, a vida na Terra será tão parecida com o paraíso como um mundo corrompido pelo pecado jamais poderia compreender.

E finalmente, quando o reino do milênio se completar, os céus e a terra passarão e serão substituídos pela nova criação (Ap 21.11). Este mundo, corrompido pelo pecado e pela tristeza de todo tipo, superará até mesmo o Éden em suas delícias. E o homem – o homem Cristo Jesus – terá domínio sobre tudo isso, com seus santos finalmente partilhando o domínio perfeito que foi originalmente criado para que o ser humano dele desfrutasse.

Capítulo 9

O DESCANSO DA CRIAÇÃO

Assim, pois, foram acabados os céus e a terra e todo o seu exército. E, havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera.

Gênesis 2.1-3

Agora a criação está completa. Detalhes adicionais sobre a criação de Adão e Eva compõem a maior parte do capítulo 2 de Gênesis. Mas Gênesis 2 começa com um relato sobre o sétimo dia, dando um fechamento à semana da criação: "Assim, pois, foram acabados os céus e a terra e todo o seu exército. E, havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera" (vs.1-3).

O dia sétimo é único. É um dia exaltado porque Deus o abençoou e o santificou. A palavra em hebraico traduzida por "santificou" no versículo 3 é *qedesh.* O significado de sua raiz é "santo" e transmite a idéia de ser separado. Esta é a primeira vez nas Escrituras em que se diz que algo é santo.

Douglas F. Kelly escreve: "Considerações gramaticais indicam que duas coisas estão implícitas na frase "ele o santificou": de um lado, ele o tornou santo (a origem *Piel* do verbo implica aqui em causalidade), e por outro lado, ele o declarou santo, ou consagrou-o (pois esta forma de verbo também carrega um sentido declarativo)".[1] Em outras palavras, o fato de Deus cessar suas atividades no sétimo dia naturalmente fez com que aquele dia se tornasse santo, e isto é reforçado pelo fato de ter declarado expressamente que aquele era um dia especial. Era um dia separado dos demais. Ele foi elevado acima de todos os outros dias e considerado santo.

Existem três razões para este ser um dia único, e essas três razões estão indicadas pelos três verbos na passagem. O primeiro verbo é "foram acabados" (v.1). A mesma palavra em hebraico *(kalah)* é usada novamente no versículo 2, onde ela é traduzida por "terminado". O segundo verbo no versículo 2 é "descansou" (em hebraico, *shabath*) e aparece novamente no versículo 3. O terceiro verbo está no versículo 3: "abençoou" (em hebraico, *barak*). Cada um desses verbos está associado com o sétimo dia explicitamente: "havendo Deus terminado no sétimo dia a sua obra" (v.2); "descansou nesse dia" (v.2); e "Abençoou Deus o dia sétimo" (v.3). Além disso, em cada caso Deus é o sujeito gramatical da frase: "Deus terminou... Ele descansou... Deus abençoou".

Portanto, a estrutura da passagem é simples e seu significado é revelado nos verbos que são empregados.

ELE TERMINOU SUA OBRA

Gênesis 2.1,2 indica que a exclusividade do sétimo dia tem origem, primeiramente, no fato de que Deus havia terminado sua obra de criação. "Assim, pois, foram *acabados* os céus e a terra e todo o seu exército... Descansou nesse dia *de toda a sua obra que tinha feito*". Toda a obra da criação estava completa. Não havia pontos soltos ou frouxos para serem ajustados ou consertados. Não havia problemas para serem consertados. Não havia necessidade de nenhuma modificação no plano original. Tudo havia sido completado em seis dias, exatamente como Deus havia planejado. E com a aurora do sétimo dia, Deus terminou sua criação. Por quatro vezes nos primeiros três versículos de Gênesis 2, o texto declara enfaticamente que Deus havia terminado *toda* a sua obra da criação.

Isto combate fortemente a doutrina evolucionista que sugere que a criação é uma obra ainda em processo. A ênfase bíblica é na total perfeição de tudo que Deus criou e no espaço de tempo extraordinariamente curto em que realizou tudo. A declaração das Escrituras é clara e diz que "foram *acabados* os céus e a terra e todo o seu exército" (v.1, grifo nosso). De maneira interessante, a própria ciência oferece evidências de que Gênesis 2.1 é verdade. A primeira lei de termodinâmica rejeita a possibilidade de uma criação em processo, e a segunda lei de termodinâmica elimina a possibilidade de que um universo ordenado tenha evoluído naturalmente do caos.

A primeira lei da termodinâmica trata da conservação de energia. Este princípio significa simplesmente que a energia não pode ser destruída, nem está sendo criada. Sistemas que usam energia não a utilizam totalmente, simplesmente a convertem em diferentes formas de energia – calor, movimento, som, luz

ou energia química ou eletromagnética (Lembre-se também de que o famoso teorema de Einstein, $E=MC^2$ – energia é igual à massa vezes a velocidade da luz ao quadrado – ensina que a matéria é apenas uma outra forma de energia. Isto quer dizer que a matéria, assim como a energia, não pode ser destruída, pode apenas ser convertida em outra forma de energia.).

A quantidade de energia dentro de qualquer sistema permanece constante a não ser que forças externas interajam com o sistema. A única maneira de *aumentar* a energia num sistema que utiliza energia é através de uma força externa para atuar naquele sistema – acrescentar calor, combustível ou força cinética ao sistema. Da mesma forma, a energia *diminuirá* num sistema apenas se for transferida para fora do sistema na forma de calor, luz ou alguma outra forma de energia. Isto significa que num sistema fechado (que não esteja sujeito a qualquer força externa ou troca externa de energia), a soma de todas as formas de energia sempre permanece constante.

O próprio universo natural é um sistema fechado assim. O universo, por definição, inclui toda a matéria e energia que existe. Não existe nenhuma energia natural fora do universo que possa ser acrescentada a ele; e não existe nenhum lugar fora do universo onde a energia possa ser dissipada. Portanto, no que diz respeito ao que a ciência pode determinar, a quantidade de energia e matéria no universo precisa permanecer constante. Em outras palavras, a energia no universo natural não está sendo criada nem destruída. De fato, não há absolutamente nenhuma evidência de uma criação ainda em andamento.

Mas de onde veio primeiramente toda a matéria e energia do universo? Se o universo natural é um sistema fechado, toda matéria e energia deve ter vindo de uma fonte sobrenatural, exatamente como a Escritura ensina.

A matéria e a energia não poderiam ser eternas? É possível que o universo seja simplesmente uma imensa máquina em movimento perpétuo, sempre evoluindo? Não. Essa possibilidade é eliminada pela segunda lei da termodinâmica.

A segunda lei de termodinâmica afirma que a quantidade total de entropia na natureza está aumentando. *Entropia* é a medida de acaso e desordem num sistema. Simplesmente a segunda lei da termodinâmica quer dizer que as coisas deterioram, acabam. Estragam, ficam gastas. Os sistemas que funcionam sozinhos sempre evoluem da ordem para o caos, e nunca ao contrário.

O que isto tem a ver com termodinâmica? Em termos não técnicos, a entropia mede a quantidade de energia "gasta" num sistema. Embora a energia não seja destruída quando é convertida de uma forma para outra, ela se torna menos útil conforme é convertida. Por exemplo, o calor é gerado e dissipado quando se liga um motor de carro. Aquele calor não realiza nenhum trabalho, e a medida daquela energia não produtiva é a medida da entropia do sistema. Todos os

sistemas, mesmo os fechados, estão sujeitos à segunda lei da termodinâmica. A entropia se aplica a tudo na natureza.

A segunda lei significa, por exemplo, que o calor nunca passa naturalmente de um corpo mais frio para um mais quente. A transferência de calor é sempre num único sentido e o processo é irreversível. Portanto, num sistema fechado, o calor passará de corpos mais quentes para os mais frios, baixando as temperaturas do primeiro e aumentando as temperaturas do último, até que um equilíbrio exato seja alcançado e o sistema se torne inerte.

Todos os sistemas de trabalho resultam numa disponibilidade decrescente de energia útil. *Tudo* chega à exaustão, fica gasto e desordenado se alguma força externa não for capaz de mantê-lo em funcionamento e em ordem. Este princípio exclui qualquer tipo de máquina de movimento perpétuo – mesmo numa escala cósmica. Em outras palavras, a matéria e a energia não podem ser eternas. Todas as coisas no universo material se deterioram (Hb 1.10-12; Mt 6.19). Tudo se dissipa e se desintegra. Se o universo fosse infinitamente velho, já estaria deteriorado. Portanto, todos os processos que citamos apontam claramente para um início. É um início que deve ter sido colocado em movimento por causas sobrenaturais – precisamente aquilo que as Escrituras ensinam.

A Bíblia diz que Deus criou tudo em seis dias, e Gênesis 2.2 diz que no sétimo dia terminou sua obra da criação. Não existe criação de matéria ou energia ainda em processo; em sua perfeita sabedoria Deus concebeu o universo de tal forma que sua criação estivesse completa e em funcionamento pelo tempo que servisse aos seus propósitos. Não é eterna nem auto-suficiente. É o produto do gênio criador de Deus.

E o veredicto do próprio Deus sobre sua obra da criação ao final do sexto dia está expresso em Gênesis 1.31: "Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom." Ao longo de todo o processo, quando cada estágio estava completo, a aprovação de Deus a respeito de sua própria obra era a mesma: "E viu Deus que isso era bom" (1.4, 10,12,18, 21, 25). Agora acrescenta-se ênfase ao texto: "*Eis* que era *muito* bom". Não havia imperfeições ou omissões. A obra estava completa em todos os sentidos. Deus se agradou dela. Semelhantemente Salomão escreveu: "Sei que tudo quanto Deus faz durará eternamente; nada se lhe pode acrescentar e nada lhe tirar; e isto faz Deus para que os homens temam diante dele" (Ec 3.14).

As palavras do Salmo 104.24 são uma descrição apropriada deste momento: "Que variedade, SENHOR, nas tuas obras! Todas com sabedoria as fizeste; cheia está a terra das tuas riquezas". Os céus e a terra agora estavam completos. Todo universo agora existia onde não havia nada somente uma semana antes. Era um vasto cosmo cheio de maravilhas incontáveis, cada uma delas

delas manifestava a glória e sabedoria de um criador bondoso e perfeito. Conforme escreveu Paulo a Timóteo: "Tudo que Deus criou é bom". Os céus estavam declarando sua glória e o firmamento anunciava as obras das suas mãos (Sl 19.1). E ele estava satisfeito. "A glória do SENHOR seja para sempre! Exulte o SENHOR por suas obras!" (Sl 104.31).

Em cada dia da semana da criação, Deus elaborou uma multidão de maravilhas, e cada dia da sua obra complementava perfeitamente as outras. Esta é toda a verdade sobre o relato bíblico da criação: Deus criou o universo inteiro com todas as suas maravilhas incalculáveis do nada, trazendo-os à total perfeição em seis dias. O período de tempo não é figurativo nem incidental. Deus realizou toda a sua obra criativa em uma semana – não em seis longas eras geológicas.

A impressionante excelência revelada na obra da criação de Deus é penalizada em grande escala se abandonarmos os dias de criação em favor de um processo evolucionista de longas eras.

Além disso, a ênfase que é dada a este sétimo dia ao longo das Escrituras é especialmente significativa para estabelecer o período de tempo da criação. Aquela primeira semana determinou os períodos de trabalho e descanso que Deus, mais tarde, determinaria ao povo de sua aliança. E a verdade sobre uma semana de criação literalmente de seis dias foi, então, escrita nos Dez Mandamentos: "Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o SENHOR abençoou o dia de sábado e o santificou (Êx 20.9-11).

Deus reiterou a mesma verdade novamente quando determinou as exigências específicas para o sábado: "Pelo que os filhos de Israel guardarão o sábado, celebrando-o por aliança perpétua nas suas gerações. Entre mim e os filhos de Israel é sinal para sempre; porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra e, ao sétimo dia, descansou, e tomou alento" (Êx 31.16,17). Todo o sentido é anulado se os dias podem ser transformados em períodos de tempo de duração indefinida.

ELE DESCANSOU

O descanso de Deus no sétimo dia é uma outra grande razão pela qual este dia foi um dia especialmente santificado. O versículo 2 nos diz: "E, havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito". Observe outra vez que ele duplica a ênfase na

total e completa obra de Deus, representada pela repetição da frase "a sua obra que *tinha feito*".

Tendo terminado sua obra em consumada perfeição, Deus descansou. Não fique com a impressão de que Deus estava exausto ou precisava recuperar suas forças. Conforme diz em Isaías 40.28: "O Criador dos fins da terra, nem se cansa, nem se fatiga?". Quando Deus trabalha, opera, sua energia não se dissipa. Ele não pode ficar fatigado e não precisa de rejuvenescimento. "É certo que não dormita, nem dorme o guarda de Israel" (Sl 121.4).

A palavra em hebraico traduzida por "descansou" em Gênesis 2.2 (*shabat)* significa simplesmente que ele se absteve da obra da criação. Tinha completado toda a criação, portanto não havia mais nada para criar. Então, cessou todo o seu trabalho.

Olhe novamente em Êxodo 31.17, onde se estabeleceu o sábado semanal como um sinal entre Deus e Israel para sempre: "Entre mim e os filhos de Israel é sinal para sempre; porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, e, ao sétimo dia, descansou, e tomou alento". Dizer que Deus tomou "alento" não implica em que tenha rejuvenescido, recuperado a energia perdida. Ao contrário, o sentido disto é que ele fez uma pausa para admirar suas obras e se deliciar nelas. Tomou alento através do encanto, prazer e satisfação naquilo que fizera. O "descanso" e o "alento" dos quais se fala é figurativo, descreve o fato de Deus cessar de trabalhar e seu repouso com o único propósito de apreciar o que havia feito. A imagem é como aquela de um mestre, de um artista que, tendo completado uma obra prima de arte, faz uma pausa para admirar e refletir sobre sua obra acabada.

Especificamente, Deus cessou a sua *atividade criadora*. Isto não significa que Deus interrompeu seu trabalho de provedor nem cessou seu trabalho de vez. Ele continuou a sustentar e governar sua criação, exatamente como sustenta, provê e governa sobre ela ainda nos dias de hoje. Jesus disse aos líderes judeus: "Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também" (Jo 5.17). Ele estava falando especificamente de boas obras, obras de caridade e atos de bondade para com as pessoas necessitadas que, segundo Jesus, sempre foram permitidas aos sábados (Mc 3.4). Estava ressaltando o fato de que o próprio Deus não havia cessado completamente de trabalhar no sétimo dia. Em outras palavras, Deus não havia abandonado o universo e deixado que ele corresse por sua própria conta, como o deísmo sugere. Ele simplesmente descansou do trabalho da criação, terminando permanentemente esse aspecto da sua obra.

O término de Deus de sua obra criadora é visto mesmo no atual funcionamento do universo. Henry Morris escreve:

> Os atuais processos do universo são, sem exceção, processos de *conservação* e *desintegração,* conforme formulado nas duas leis universais da termodinâmica. Os processos do período da criação, por outro lado, foram processos de *inovação* e *integração* (ou "criar" e "fazer"), que são exatamente o contrário.[2]

Isto é precisamente a razão da ciência nunca poder falar com real autoridade quando se refere à questão da origem do universo:

> A ciência só pode lidar com processos atuais, aos quais tem acesso. Deveria ser completamente claro para todos que não são propositadamente ignorantes que os processos de conservação e desintegração do universo nunca poderiam produzir um universo que exigisse processos de inovação e integração quase infinitos para a sua produção. Portanto, se realmente queremos *saber* qualquer coisa sobre esse período da criação (além do fato de que deve ter havido tal período, para produzir o universo, um fato que certamente exigiu as duas leis da termodinâmica), então, tal conhecimento só pode ser adquirido através de revelação divina.[3]

A Escritura é essa revelação, e a partir dela aprendemos que Deus criou tudo em seis dias; depois descansou da criação no sétimo dia.

Vale a pena observar que no contexto do relato da criação de Gênesis, não se faz qualquer menção a nenhum descanso de Adão. Na verdade, o homem não é nem mencionado em relação a este descanso do sétimo dia da criação. Além de tudo isso, não se instituiu aqui expressamente nenhuma ordem que obrigasse o descanso e adoração no sábado. Não havia restrições que controlavam o que Adão poderia ou não poderia fazer no sétimo dia da semana. Tudo isso veio mais tarde, com a entrega da lei a Israel (A palavra *sabbath* nem mesmo aparece nas Escrituras até Êx 16.23). As restrições da cerimônia do sábado, portanto, pertenciam à nação de Israel de uma forma particular.

De fato, não havia necessidade de se imporem restrições ao dia do sábado desde Adão. Na verdade, as exigências para a cerimônia específica delineada nas leis mosaicas do sábado teriam sido totalmente supérfluas no Éden.

Por exemplo, os israelitas eram obrigados a permanecer nos locais onde habitavam no dia de sábado (Êx 16.29). Mas o local de habitação de Adão era todo o Éden, e ele não deixou o lugar até que Deus o expulsou, depois que pecou (Gn 3.24).

Os israelitas foram proibidos de acender fogo no sábado (Êx 35.3), também foram instruídos a não cozinhar nenhuma comida naquele dia (Êx 16.23).

Mas Adão não precisava de fogo para se aquecer no Éden (nem ao menos precisava de roupas naquele ambiente perfeito – Gn 2.25); e sua comida era de frutas frescas, que podia pegar das árvores ao seu redor e comer livremente sem ter que cozinhar (Gn 2.16).

Os israelitas eram proibidos de fazer qualquer trabalho ou carregar qualquer fardo no sábado (Êx 20.10; Jr 17.27). Contudo, Adão vivia num paraíso onde nenhuma labuta (pelo que sabemos) foi necessária e carregar qualquer fardo seria algo totalmente desnecessário também. Não havia necessidade de estocar alimentos nem de construir abrigos, então que carga pesada precisaria carregar?

Os israelitas não deveriam comprar nem vender coisa alguma no sábado (Ne 10.31). Obviamente não havia nada para se comprar nem vender no Éden, todas as necessidades de Adão eram supridas naquele paraíso perfeito.

E os israelitas deveriam separar o sábado para se alegrarem no Senhor (Is 58.13,14). Mas antes de sua queda, toda a existência de Adão destinava-se à perfeita companhia com o Criador e ao deleite em seu Criador.

Portanto, tudo sobre a vida de Adão antes do pecado era precisamente o que as leis acerca do sábado pregavam. De certa forma, a observância do sábado pelo povo de Israel foi determinada para mostrar num microcosmo o que deveria ser a vida no Éden. E este aspecto da lei de Moisés era meramente um cerimonial para lembrar tudo o que aquilo que Deus havia estabelecido para a vida humana.

Uma vez que as restrições para o sábado eram de natureza cerimonial, foram abolidas sob a Nova Aliança assim como o resto da Velha Aliança e os mandamentos cerimoniais e sacerdotais (Cl 2.16,17). Cristo restaurou de forma mais perfeita ainda o descanso espiritual do sábado do Éden (Hb 4.10), portanto os cristãos não estão mais presos aos aspectos cerimoniais das leis do sábado que foram instituídas no Sinai. Aquelas coisas pertenciam somente à nação de Israel: "Pelo que os filhos de Israel guardarão o sábado, celebrando-o por aliança perpétua nas suas gerações. Entre mim e os filhos de Israel é sinal para sempre; porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, e, ao sétimo dia, descansou, e tomou alento" (Êx 31.16,17).

No entanto, a semana da criação estabeleceu um padrão permanente para o ritmo de toda a vida humana. Deus nos fez à sua imagem e programou tudo para que crescêssemos e prosperássemos mais e melhor de acordo com o padrão de trabalho e descanso que mais se parece com as suas atividades durante a semana da criação. Um dia de descanso em sete é uma proporção ideal. As pessoas logo apresentam sinais de fadiga quando perdem aquele dia de descanso por semana, e a produtividade sofre quando a semana de trabalho é encurtada.

De qualquer forma, a humanidade sempre registrou a passagem do tempo em unidades de sete dias, e é óbvio que este padrão começou na criação. Certamente antes da queda de Adão havia pouca ou nenhuma distinção entre trabalho e lazer, então o padrão de seis dias de trabalho e um dia de descanso teria pouca importância até depois de Adão pecar. É por isso que não há registro de que Deus exigia de seu povo qualquer cerimônia de observância do sábado até que a lei tivesse sido entregue no Sinai.

Observe também que há uma omissão significativa no registro bíblico do sétimo dia. Todos os registros dos outros dias terminam com palavras semelhantes: "Houve tarde e manhã, o ... dia" (cf. vs. 5,8,13,19,23,31). Mas tal expressão não é usada para fechar o sétimo dia. Isto não sugere, conforme alguns têm afirmado, que o sétimo dia foi uma longa era que cobre toda a história humana. A omissão não é de forma alguma uma indicação de que os dias da criação realmente foram épocas longas. Conforme temos visto repetidamente, a seqüência da criação, a linguagem de Gênesis e as afirmações claras encontradas em tais passagens como Êxodo 20.11 e 31.17 deixam claro que esses foram dias normais de vinte e quatro horas. Um outro dia certamente se seguiu ao sétimo dia. Mas a omissão da expressão no sétimo dia sugere que o descanso de Deus foi um descanso permanente de todas as suas obras de criação. Ele parou de criar e estava completamente satisfeito com o que havia criado.

Em outras palavras, o descanso que começou no sétimo dia poderia ter continuado por tempo indefinido se não tivesse sido interrompido pelo pecado de Adão. Tudo estava num estado de perfeição original. Não havia nenhuma degradação. Não havia doenças ou dor ou morte. Não havia trabalho, da forma como pensamos em trabalho num mundo decaído. Adão teria vivido em descanso perpétuo de sábado, se não tivesse caído em pecado. Tudo na criação era perfeitamente maravilhoso e Deus se agradava disso, tinha prazer na sua criação – assim como o tinham todas as suas criaturas. Que paraíso deve ter sido!

Somente o pecado poderia ter interrompido tal descanso e conforme veremos no próximo capítulo, isto foi precisamente o que aconteceu. Não sabemos quanto tempo o paraíso durou porque não sabemos quanto tempo levou até o homem pecar. Mas as Escrituras parecem sugerir que a queda veio quase imediatamente após a criação – antes de Adão e Eva terem concebido filhos. Então Deus interrompeu seu descanso para se encarregar da obra da redenção.

Resumindo, então, o que as Escrituras dizem sobre o descanso de Deus é que foi um descanso do trabalho da criação enquanto Deus se deliciava com a beleza de tudo que havia criado. Era caracterizado pela satisfação e deleite divinos. Ele estava satisfeito e revigorado pela excelência de sua obra. Tinha terminado sua obra criativa e estava perfeitamente satisfeito com ela. Aquele primeiro sábado foi o dia mais encantador na história do universo.

ELE ABENÇOOU O DIA

Isso nos leva ao terceiro verbo desta passagem: "E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou" (v.3). Ele consagrou o dia. Em outras palavras, separou-o como um memorial. Ele o tornou uma lembrança permanente da glória da criação e da inigualável glória do Criador.

Novamente, não há razão racional, nem razão cósmica, nem razão filosófica, nem razão matemática, nem razão científica para semanas de sete dias. Francamente, não há nenhuma outra explicação do porquê de nossos anos solares de 365 dias terem sido divididos em semanas de sete dias. O ano nem mesmo divide de modo exato por sete. Então, por que os nossos calendários são ordenados por semanas? Só há apenas uma razão: o próprio Deus estabeleceu essa ordem no padrão de sua criação. A cada semana de nossa vida passamos por um ciclo que foi preparado por Deus para nos fazer lembrar que ele criou o mundo em seis dias e descansou no sétimo. O sétimo dia é para lembrar que Deus é nosso Criador. É um memorial a uma criação completada.

Rejeitar uma criação de seis dias é perder a bênção do sétimo dia. Isso rouba de Deus a glória que é devida ao seu nome. Se tudo evoluiu do nada ou se a criação ocorreu durante longos períodos de tempo, não houve o sétimo dia. Então, qualquer visão desta passagem que não seja a visão literal da criação em seis dias perde totalmente a bênção do sétimo dia.

Por outro lado, se acreditamos no que a Bíblia diz, então cada sétimo dia é um memorial e um marco para nos lembrar que Deus criou o universo inteiro em uma semana. E por esse empreendimento glorioso, ele merece o nosso louvor.

O que isto significa em termos práticos? Sugere que o sábado deveria ser identificado em nossas mentes com o término da criação. Cada semana então termina com uma lembrança eterna de que Deus criou tudo num período de seis dias. É um dia para lembrar a glória do Criador. Na sociedade ocidental, onde o sábado geralmente significa um dia sem trabalho, é um dia ideal para apreciarmos sua criação e nos deleitarmos com ele na perfeição de sua obra. Assim como o domingo é separado para celebrar a obra completa do Salvador, o sábado deveria ser uma lembrança da obra terminada do Criador.

Não quero sugerir que estejamos limitados pelas exigências cerimoniais da lei mosaica com respeito ao sábado. Novamente, nada em Gênesis sugere que Adão – nem qualquer outro de Adão até Moisés – tenha recebido qualquer restrição cerimonial que proibisse qualquer tipo de atividade no sábado. Mas o texto simplesmente diz que Deus abençoou o dia. Ele o separou como um memorial. E o sétimo dia ainda é uma testemunha eterna e um marco que nos faz lembrar que Deus terminou a obra da redenção.

Quando Deus abençoou o sétimo dia, consumou sua bênção sobre toda a criação. Lembre-se, no final de Gênesis 1, Deus examinou tudo quanto fizera e viu que tudo era *muito bom*. Existe uma riqueza teológica nessa simples bênção. Ela testifica que Deus não é o autor do mal. Quando terminou a criação, tudo era bom. O mal ainda não podia ser encontrado em lugar algum.

Os filósofos lutam para explicar a origem do mal. Uma coisa é certa: Deus não é seu autor, criador ou causa. Tudo que ele criou era *bom*. O mal não fazia parte da sua criação.

Então quem criou o mal? Ninguém. O mal não é substância, ser, espírito ou matéria. Não é uma coisa criada. É simplesmente um desejo de perfeição moral em agentes morais que foram originalmente criados sem pecado. O mal não existe além das criaturas decaídas.

Como criaturas poderiam fazer pessoas sem pecado caírem em pecado? João Calvino lida com esta questão:

> O Senhor declarou que "tudo quanto fizera...era extremamente bom" [Gn 1.31]. De onde, então, vem essa maldade ao homem, de que teria que se afastar de seu Deus? De forma alguma podemos pensar que vem da criação. Deus colocou seu selo de aprovação naquilo que tinha vindo dele. Por sua própria disposição para o mal, então, o homem corrompeu a natureza pura que havia recebido do Senhor; e por sua queda levou toda a sua prosperidade com ele para a destruição. *Da mesma forma, deveríamos contemplar a causa evidente de condenação na natureza corrupta da humanidade – que está mais próxima de nós – em vez de procurar uma causa escondida e totalmente incompreensível na predestinação de Deus.*[4]

Deus, embora seja absolutamente soberano sobre todas as coisas, não é o autor nem quem instiga o pecado. Não planejou o pecado, não o encorajou, não o sancionou, não o desculpou, não o aprovou nem ainda o estimulou. Mas criou agentes morais com a capacidade de fazer escolhas morais e eles caíram (nas palavras de Calvino) por sua própria disposição para o mal.

Embora o pecado não seja parte da criação, também não é algo que escapou e pegou Deus de surpresa. O pecado não foi algo que contrariou ou frustrou o plano de Deus; ao contrário, era parte do plano de Deus desde o princípio. Ele tinha um *bom* propósito em permiti-lo, mas ainda assim não é ele quem instiga, nem é o autor dos atos maus de suas criaturas. Ao contrário, ele os fez agentes morais e lhes deu liberdade para agir e eles caíram em pecado por sua própria escolha (Examinaremos como isso aconteceu no capítulo 10.).

Em outras palavras, Deus é soberano sobre tudo e o mal não é de forma alguma uma brecha em sua absoluta soberania. Mas não teve o mesmo papel ativo na invenção do mal que teve na criação do bem. As próprias criaturas decaídas carregam total responsabilidade por seu pecado. No final, a criação de Deus era impecavelmente sem falhas. O mal estragou a perfeição *depois* de Deus ter terminado a criação.

O propósito soberano de Deus desde o princípio era rejeitar os atos de maldade de suas criaturas e destruir o mal para sempre, restituindo à sua criação uma glória que ultrapassa até mesmo a glória e perfeição do Éden.

Considere isto: A glória da obra *original* de criação de Deus é diminuída por qualquer teoria que estenda a criação por longos períodos de tempo, porque o processo evolucionista significaria que Deus gastou eras tentando consertar a criação até conseguir. Em outras palavras, a evolução em qualquer estágio do processo de criação desfaz a afirmativa bíblica de que tudo que Deus criou era "muito bom". Ao contrário, sugere que ele criou coisas num estado inacabado e então os completou através de processos naturais. Isto não é o que as Escrituras ensinam.

Você simplesmente não vai encontrar evolução em lugar algum de Gênesis. Não está lá. A totalidade do relato bíblico, desde o primeiro dia até o sétimo, ressalta a verdade de uma criação imediata e direta, totalmente realizada e completada com perfeição em uma semana. Qualquer outra interpretação simplesmente não faz justiça à linguagem clara das Escrituras. E até Adão pecar, toda a criação permaneceu num perfeito paraíso. O enfoque de Gênesis 3 trata de como esse paraíso foi perdido.

Capítulo 10

O PARAÍSO PERDIDO

Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim? Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais. Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal. Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu. Abriram-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira e fizeram cintas para si. Quando ouviram a voz do SENHOR Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do SENHOR Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim. E chamou o SENHOR Deus ao homem e lhe perguntou: Onde estás? Ele respondeu: Ouvi a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo, e me escondi. Perguntou-lhe Deus: Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses? Então, disse o homem: A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi. Disse o SENHOR Deus à mulher: Que é isso que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. Então, o SENHOR Deus disse à serpente: Visto que isso fizeste, maldita és entre todos os animais domésticos e o és entre todos os animais selváticos; rastejarás sobre o teu ventre e comerás pó todos os dias da tua vida. Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e

o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. E à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará. E a Adão disse: Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses, maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo. No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás. E deu o homem o nome de Eva a sua mulher, por ser a mãe de todos os seres humanos. Fez o SENHOR *Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher e os vestiu. Então, disse o* SENHOR *Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal; assim, que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente. O* SENHOR *Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado. E, expulso o homem, colocou querubins ao oriente do jardim do Éden e o refulgir de uma espada que se revolvia, para guardar o caminho da árvore da vida.*

Gênesis 3.1-24

Gênesis 3 é um dos capítulos mais importantes e vitais em toda a Bíblia. É o fundamento de tudo que se segue. Sem ele, pouca coisa a mais nas Escrituras ou na própria vida faria sentido. Gênesis 3 explica a condição do universo e o estado da humanidade. Explica por que o mundo tem tantos problemas. Explica o dilema humano. Explica por que precisamos de um Salvador. E explica o que Deus está fazendo na História.

Em outras palavras, a verdade revelada em Gênesis 3 é o fundamento necessário para uma cosmovisão verdadeira e precisa. Toda cosmovisão que não possui esse fundamento está totalmente errada e sem nenhuma esperança.

Quando Deus completou sua criação perfeita não havia desordem, caos, conflito, luta, dor, discórdia, deterioração nem morte. No entanto, hoje nossa vida está cheia dessas coisas o tempo todo. Francamente, achamos difícil imaginar como seria um mundo perfeito. Gênesis 3 explica como saímos daquele paraíso de perfeição inimaginável para o lugar em que vivemos atualmente.

A evolução não oferece nenhuma explicação para o dilema humano, muito menos qualquer solução para ele. Por que a existência humana é repleta de

tantos problemas morais e espirituais? A evolução nunca será capaz de responder a essa questão. Na verdade, evolução pura e naturalista não pode se responsabilizar por *nada* que seja moral ou espiritual.

Entretanto, somos evidentemente criaturas morais e espirituais e todos nós sabemos disso. Os conceitos de bem e mal são inatos na *psique* humana (Mesmo os evolucionistas mais ateus têm consciências.). Sabemos através de experiências amargas que não podemos nos livrar do mal. O pecado nos atrai de forma irresistível. *Não podemos* fazer tudo que sabemos que devemos fazer. Pior ainda, não conseguimos nos emendar. A evolução não oferece nenhuma explicação para este dilema nem nenhuma esperança de solução.

Ao invés disso, a teoria da evolução (se seguida de forma coerente) termina com uma negação da realidade do mal. Se a evolução naturalista está correta, e não existe Deus, também não pode haver nenhum princípio moral inviolável que governe o universo. E, portanto, não há nenhuma responsabilidade moral de qualquer tipo. Na verdade, se a evolução é verdade, as coisas são como são por mero acaso, por nenhuma razão transcendente. Nada sob tal sistema poderia ter algum significado moral real. As noções de bem e mal seriam conceitos sem nenhum significado. Não haveria nenhuma razão para condenar Hitler nem para aplaudir o bom samaritano.

Quem nos fez distinguir entre o bem e o mal? De onde provém a consciência humana? E por que a natureza humana é universalmente voltada para o mal? Os evolucionistas não têm nenhuma resposta.

As Escrituras dizem que fomos feitos à imagem de Deus, mas somos criaturas caídas, nascidas com uma tendência para o pecado. Herdamos nossa pecaminosidade de Adão. Quando ele pecou, jogou toda a raça num estado de queda irremediavelmente ligado ao mal. Essa, em poucas palavras, é a doutrina conhecida como "pecado original".

A descrição bíblica da queda da humanidade em pecado refuta a idéia fundamental da evolução. Ao invés de ensinar que o homem começou no final da escada moral e lentamente foi subindo, ascendendo por evolução social e psicológica, Gênesis 3 nos ensina o contrário. O homem começou no topo da ordem criada e, por causa do pecado de Adão, a história da humanidade é a história de um vergonhoso declínio moral e espiritual (cf. Rm 1.21-32). Atualmente a humanidade é *pior* do que antes (2Tm 3.13).

Quem pode negar que este mundo está impregnado do mal? A evidência disto tudo está ao nosso redor. E em particular, a depravação moral universal dos seres humanos é muitíssimo clara. G.K. Chesterton ironicamente se referiu à doutrina do pecado original como "a única parte da teologia cristã que pode realmente ser provada". Ele atacou os teólogos modernos que, "em sua

espiritualidade meticulosa, admitem a ausência do pecado divino, que não podem ver nem mesmo em sonhos. Mas negam essencialmente o pecado do homem, que podem ver nas ruas."[1]

A evidência da pecaminosidade de nossa raça está sempre ao nosso redor. É publicada nos jornais diariamente, é mostrada no noticiário da noite e amplamente condenada na história humana. Ninguém dentre os nossos conhecidos está livre do pecado. Mais ainda, se formos honestos conosco mesmos, algumas das provas mais persuasivas de nossa depravação sem esperança nos são apresentadas por nossas próprias consciências.

Como chegamos a esse estado? Gênesis 3 responde a essa pergunta com clareza e simplicidade. Nosso primeiro ancestral, Adão, deliberadamente desobedeceu a Deus. De alguma forma o seu pecado maculou toda a raça, e agora todos os seus descendentes herdaram uma paixão pelo pecado e um desprezo pela verdadeira retidão. E isto se manifesta em nosso comportamento.

De acordo com Romanos 5.12 e 1 Coríntios 15.22, quando Adão pecou, ele trouxe a morte e juízo não somente sobre si, mas sobre toda a raça humana. Cada um de nós herda o pecado e a culpa de Adão. E isso é o que está errado conosco. É por essa razão que temos uma natureza destrutiva, corrupta, rebelde, vil – um coração pecaminoso que corrompe todos os nossos pensamentos, emoções e desejos. "Por isso, o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus" (Rm 8.7,8).

Essa incapacidade de amar, obedecer e agradar a Deus é a verdadeira essência da depravação humana. E a única solução para essa situação difícil é a obra recriadora de Deus (2Co 5.17). Por isso Deus disse a Nicodemos: "Importa-vos nascer de novo" (Jo 3.7). "Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus (v.3). Isto é o que significa a salvação: Deus milagrosamente muda a natureza daqueles que redime, de forma que são atraídos à mesma retidão que anteriormente detestavam. Esta é a promessa central da Nova Aliança:

> "Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis" (Ez 36.25-27).

Portanto, nada que possamos fazer por nós mesmos nos livrará da ligação com o pecado. A transgressão de Adão teve um efeito catastrófico, não apenas sobre ele e o meio ambiente, mas também sobre sua prole, incluindo vo-

cê e eu. E não podemos ter consciência de nossa triste situação moral até que enfrentemos a causa do início de tudo.

Romanos 8.20-22 diz: "Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora". Em outras palavras, por causa do pecado, nenhuma parte da criação agora existe como Deus originalmente a criou. Ela "está sujeita à vaidade", o que significa que foi considerada incapaz de alcançar o propósito para o qual foi originalmente concebida. Foi corrompida – destituída pelo pecado e, portanto, sujeita à maldição de Deus ao invés de sua bênção. Foi escravizada à corrupção e colocada em ligação com os efeitos degradantes do pecado – incluindo a deterioração, degradação e morte. Toda a criação agora "geme e suporta angústias" – linguagem pitoresca que descreve o sofrimento e a dor causados pela contaminação do pecado. Todas essas coisas, de acordo com as Escrituras, são os efeitos da desobediência de Adão.

Isto argumenta claramente contra a evolução. Se Deus usou processos evolucionistas ou "de seleção natural" para criar o mundo primeiramente, então a morte, a deterioração, a mutação e a corrupção eram parte da criação desde o início. Se a morte e a seleção natural faziam parte dos meios que Deus utilizou para criar o mundo, então, na verdade, nada foi criado perfeito; tudo tinha defeitos em sua criação. Mas as Escrituras claramente atribuem tais coisas ao pecado de Adão. Elas são as conseqüências da maldição que sobreveio após o primeiro ato de desobediência.

O livramento deste estado também não virá de nenhum processo de evolução. Na verdade, toda a criação – incluindo a raça humana – agora está sujeita a um tipo de *involução*, a qual nenhum tipo de educação, esclarecimento, elucidação, ambientalismo, psicologia, civilização nem tecnologia jamais será capaz de reverter de alguma forma. O que é necessário é a *redenção* (Rm 8.23).

O restante de Gênesis é repleto de evidências da queda espiral da humanidade em completa e total degradação moral. Gênesis 3 é o momento decisivo. Antes dele, Deus olhou para o que criara e disse que tudo era "muito bom" (1.31). Mas depois de Gênesis 3, toda a história humana tem sido colorida pelo que é considerado muito *mau* (As únicas exceções são exemplos da obra redentora de Deus; não são exemplos da nobreza humana.).

Gênesis 4 registra o primeiro assassinato, um caso de fratricídio. Gênesis 4.19 contém a primeira menção de poligamia. O verso 23 relata um outro ato de homicídio. E a partir daí, a raça humana decai de modo tão gravemente que, em Gênesis 6.5, "Viu o SENHOR que a maldade do homem se havia multiplica-

do na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração". Então Deus destruiu toda a raça, exceto por uma única família.

Gênesis também registra os primeiros atos maus como homossexualidade (19.1-5), incesto (19.30-38), idolatria (31.30-35), estupro (34.1,2), assassinato em massa (34.25-29), prostituição (38.14-19) e outras numerosas formas de maldade.

Tudo isto é proveniente de um único ato de desobediência de Adão (Rm 5.19). O pecado de Adão contaminou não somente sua descendência, mas também todo o resto da criação. Como surgiu este mal? Gênesis 3.1-7 nos dá uma resposta clara.

> Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim? Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais. Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal. Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu. Abriram-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira e fizeram cintas para si.

Isto não é uma fábula ou mito. É apresentado como história e é tratada como história no restante das Escrituras (Rm 5.12-19; 1Tm 2.13,14; 2Co 11.3; Ap 12.9; 20.2).

O ACUSADOR

Muitos poderiam apontar a fala da serpente como uma evidência de que este relato é um mito. No entanto, o próprio Jesus fez alusão a ele como verdadeiro e histórico quando se referiu ao diabo como um homicida, mentiroso e o pai da mentira (Jo 8.44).

De acordo com Gênesis 3.1, a serpente era "mais sagaz que todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito". Não devemos pensar que Deus criou répteis com a capacidade de falar e argumentar. A "esperteza" que esta serpente em particular apresenta não é uma característica das serpentes

de um modo geral. O que é descrito aqui é algo mais que um mero animal; é um ser que conhecia Deus, uma personalidade que falou com muita inteligência e astúcia. Era um ser que se opunha a Deus. Era enganador, hostil e sua intenção era destruir a inocência moral do primeiro casal.

Aprendemos, comparando Escritura com Escritura, que esta serpente realmente era Satanás, disfarçado de um animal (Ap 12.9; 2Co 11.3). Satanás, o mestre dos disfarces, que tem até mesmo o poder de transformar-se em um anjo de luz (2Co 11.14), aparentemente tinha tomado a forma física da serpente ou tinha, de alguma forma, possuído o corpo de uma das criaturas do jardim.

O nome *Satanás* é uma transliteração da palavra em hebraico para "adversário". Nas ocorrências do Antigo Testamento, a palavra é freqüentemente utilizada com um artigo definido, sugerindo que não era originalmente um nome próprio, mas uma expressão descritiva ("o adversário"). O significado técnico do termo em hebraico pressupõe uma nuança legal que fala do adversário de alguém – aquele que traz uma acusação – num contexto legal. E, obviamente, esta descrição é perfeita para o papel de Satanás. Ele é o acusador de nossos irmãos (Ap 12.10). No livro de Jó vemos como ele trabalha por trás das cenas [illegible] Pedro, de tal forma que possa peneirá-lo como trigo na hora de maior vulnerabilidade de Pedro (Lc 22.31). Portanto, seu comportamento e sua atividade são sempre coerentes com o que vemos em Gênesis 3.

De onde vem o próprio Satanás e como podemos compreender seu caráter e sua obra, à luz do fato de que Deus havia declarado que toda a criação era boa?

Deus não fez Satanás perverso. Conforme vimos no final do capítulo anterior, tudo que Deus criou era bom e o mal não existia na sua criação. Em Gênesis 1.31, Deus enfaticamente declarou que tudo que havia feito era "muito bom". Satanás aparece repentinamente e inesperadamente em Gênesis 3.1. Isto significa que a queda de Satanás deve ter ocorrido em algum momento entre o fim da criação (marcada por aquele glorioso dia de descanso no sétimo dia) e os acontecimentos descritos em Gênesis 3 – o que parece ter acontecido logo após a criação de Adão e Eva, antes que tivessem filhos.

Gênesis, sob uma perspectiva terrena a respeito da história da criação, é silencioso sobre a queda de Satanás, que ocorreu nos céus. Em outro lugar nas Escrituras, entretanto, aprendemos que Satanás era um anjo que caiu quando se encheu de orgulho. Talvez o relato mais claro sobre a rebelião de Satanás seja dado em Ezequiel 28.11-19:

> Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: Filho do homem, levanta uma lamentação contra o rei de Tiro e dize-lhe: Assim diz o SENHOR Deus: Tu és o sinete da perfeição, cheio de sabedoria e formosura. Estavas no Éden, jardim de Deus; de todas as pedras preciosas te cobrias: o sárdio, o topázio, o diamante, o berilo, o ônix, o jaspe, a safira, o carbúnculo e a esmeralda; de ouro se te fizeram os engastes e os ornamentos; no dia em que foste criado, foram eles preparados. Tu eras querubim da guarda ungido, e te estabeleci; permanecias no monte santo de Deus, no brilho das pedras andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado até que se achou iniqüidade em ti. Na multiplicação do teu comércio, se encheu o teu interior de violência, e pecaste; pelo que te lançarei, profanado, fora do monte de Deus e te farei perecer, ó querubim da guarda, em meio ao brilho das pedras. Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; lancei-te por terra, diante dos reis te pus, para que te contemplem.

Embora isso seja endereçado como uma palavra profética contra o rei de Tiro, o contexto deixa claro que sua mensagem alcançou além daquele rei terreno e foi até a fonte sobrenatural de sua maldade, orgulho e autoridade corrupta. Esta era uma mensagem profética de Deus a Satanás.

O texto identifica claramente o objeto daquelas palavras de condenação quando diz : "Estavas no Éden, jardim de Deus" (v.13). As palavras não foram dirigidas a um simples homem mas a um ser angélico, "Tu eras querubim da guarda ungido" (v.14). Ele era o grande modelo de perfeição criada, "o sinete da perfeição, cheio de sabedoria e formosura" (v.12). O Senhor diz a ele: "Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado até o dia em que se achou iniqüidade em ti" (v.15). Este não pode ser ninguém mais além da criatura caída que se disfarçou como uma serpente no Éden. É aquela criatura angelical conhecida por nós como Satanás.

A passagem em Ezequiel afirma claramente que esta criatura certa vez foi um anjo, um dos querubins cujo papel era adoração celestial. Isto explica a referência no verso 13 "e todas as pedras preciosas te cobrias: o sárdio, o topázio, o diamante, o berilo, o ônix, o jaspe, a safira, o carbúnculo e a esmeralda; de ouro se te fizeram os engastes e os ornamentos; no dia em que foste criado, foram eles preparados". De fato, ele parece ter sido o mais alto dos querubins ("querubim da guarda ungido"), uma criatura cuja beleza e majestade eram insuperáveis. Ele deve ter sido o mais alto dos arcanjos.

Não se explica como o pecado surgiu nele, mas *onde* aquele pecado se originou fica claro: "se achou iniqüidade *em ti* " (v.15, grifo nosso). Não era uma falha da criação ("Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado."). O mal não era proveniente de seu Criador; e ainda não provinha do exterior da criatura; foi encontrado *dentro* dele. E como resultado, o Senhor diz: "se encheu o teu interior de violência, e pecaste" (v.16).

Como esta criatura poderia ter ficado insatisfeita com sua perfeição? O que poderia ter provocado a rebeldia contra seu Criador? O texto não oferece nenhuma explicação, a não ser para ressaltar a verdade de que a falha surgiu de dentro da própria criatura e de forma alguma foi o resultado de qualquer imperfeição na maneira como havia sido criada. Nem foi a sua queda um estado que lhe foi imposto contra sua própria vontade. Foi uma escolha que ele mesmo fez.

Isaías 14 derrama muito mais luz sobre a queda de Satanás. Tal qual na passagem em Ezequiel, é uma condenação profética dirigida a um rei terreno, o rei da Babilônia (v.4). Mas como a passagem em Ezequiel, contém expressões que parecem olhar para além de qualquer governante terreno e dirigem-se ao próprio Satanás. Os versos 12-15 dizem:

> Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo. Contudo, serás precipitado para o reino dos mortos, no mais profundo do abismo.

Lúcifer significa "aquele que brilha", um nome apropriado para um querubim da guarda ungido. E o pecado pelo qual é condenado é um pecado que surgiu de dentro de seu próprio coração. É um pecado de orgulho. Ele queria exaltar seu trono acima de todos os outros e "ser semelhante ao Altíssimo" (v.14). Literalmente tencionava usurpar o trono de Deus. Tudo isso sustenta a noção de que a criatura mencionada aqui é Satanás. Sabemos a partir de 1 Timóteo 3.6, por exemplo, que esta atitude de orgulho foi a razão para a queda e condenação de Satanás.

E no momento em que ele se levantou com orgulho, ele caiu. Jesus disse: "Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago" (Lc 10.18). Tão rapidamente quanto procurou subir, ele caiu. Embora seu desejo fosse ser igual a Deus, ele instantaneamente se tornou o mais diferente de Deus possível.

Ele não caiu sozinho. De acordo com Apocalipse 12.4, um terço dos anjos nos céus caíram com ele. Evidentemente, eles se tomaram demônios, ministros de Satanás e enganadores como ele (2Co 11.15,16). De acordo com Mateus 25.41, o fogo eterno está preparado para eles. O seu destino final é tão certo quanto a imutável fidelidade de Deus.

Por que Deus não os entregou todos às chamas eternas no momento em que caíram? A Escritura não responde explicitamente esta questão, mas fica claro que a Satanás e aos seus demônios foi dada a oportunidade de explorar cada porção de seu poder até que Deus os destrua no final da história da humanidade. A despeito de sua influência maligna e do caráter incorrigível de sua maldade, eles se encaixam de alguma forma no plano de Deus para demonstrar sua graça e misericórdia e prover salvação para a humanidade perdida. O tempo para sua destruição é estabelecido (Mt 8.29). Seu destino é absolutamente certo, mas até que os propósitos de Deus se cumpram, eles têm uma certa liberdade para avançar em seus desígnios malignos – talvez para provar no final que não há mal possível sobre o qual Deus não possa triunfar.

Lembre-se de que a salvação para a raça humana foi planejada e prometida antes que Satanás caísse – antes da fundação do mundo (Ef 1.4; Tt 1.1,2; 2Tm 1.9; Ap 13.8). Portanto, mesmo a queda de Satanás e sua ação malévola de enganar no Éden se encaixam no plano eterno de Deus.

Em outras palavras, Deus *permitiu* que Satanás se confrontasse com Eva. Este encontro no jardim não foi um acontecimento inesperado que de alguma forma se desviava do plano de Deus. Deus tinha planejado tudo desde o princípio.

A ESTRATÉGIA

A estratégia de tentar Eva é a mesma estratégia que ele sempre usa. Ele é um mentiroso e o pai da mentira (Jo 8.44). Mas vem disfarçado como aquele que traz a verdade – "um anjo de luz" (2Co 11.14).

Satanás só é coerente quando está mentindo. Tudo nele é engano. "Porque nele não há verdade. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio" (Jo 8.44). Mas aqui ele começa com o que parece ser uma pergunta muito inocente de um observador interessado, preocupado com o bem-estar de Eva. "É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?" (Gn 3.1).

"É assim que Deus disse...?" Esta é a primeira pergunta nas Escrituras. Antes disso, só havia respostas; nenhum questionamento. Mas sua pergunta foi maldosamente concebida para fazer com que Eva passasse a trilhar os caminhos de dúvida e descrédito no que Deus havia dito. Este tipo de dúvida é a verdadeira

essência de todo o pecado. O essencial em *toda* a tentação é lançar a dúvida na palavra de Deus e sujeitá-la ao julgamento humano. Isso era o que a serpente estava fazendo nessa passagem.

Na realidade, observe como Satanás astuciosamente torceu e deturpou a palavra de Deus. Deus havia dito: "De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás" (Gn 2.16,17). Deus havia enfatizado sua perfeita liberdade de comer de todas as árvores, exceto uma. A pergunta de Satanás inverteu a ênfase e reforçou a negativa, insinuando que Deus estava restringindo-os, cerceando sua liberdade. Observe também como as palavras da serpente contrastam brutalmente com a verdadeira ordem de Deus. Deus tinha dito: "De toda árvore do jardim *comerás livremente*" (grifo nosso). Desta forma, focalizava a atenção de Eva para a proibição e a preparou para o principal ataque à palavra de Deus.

O motivo de Satanás era a total destruição do primeiro casal, muito embora estivesse fingindo ter os melhores interesses no coração. Foi por isso que Jesus disse: "Ele foi homicida desde o princípio" (Jo 8.44). A serpente havia deliberadamente confrontado Eva quando ela estava isolada de Adão e mais vulnerável. Satanás planejou seu ataque inicial a ela sozinha ("a parte mais frágil" – 1Pe 3.7). Obviamente, seu objetivo era enganá-la por sua astúcia (2Co 11.3) enquanto estava desprotegida por Adão.

Se Eva ficou surpresa ao ouvir a serpente falar, as Escrituras não dizem. Afinal de contas, o Éden era novo e indubitavelmente repleto de muitas surpresas e o primeiro casal ainda estava descobrindo todas as maravilhas da criação. Naquele paraíso, Eva nunca havia conhecido o medo nem encontrado perigo de qualquer espécie. Então ela conversou com a serpente como se isto não fosse nada extraordinário. Não tinha razão para suspeitar de nada. Ela mesma era inocente, nunca tendo se deparado antes com "as ciladas do diabo" (Ef 6.11).

A estratégia de Satanás era retratar Deus como restrito, bitolado, impiedoso e proibitivo – como se ele quisesse limitar a liberdade humana e privar Adão e Eva de prazeres e contentamento. Satanás estava insinuando que o mal e a infidelidade eram parte do caráter de Deus. Estava sugerindo à Eva que Deus poderia ser cruel e sem afeto.

Mais ainda, o réptil Satanás insinua astutamente que *ele* está mais preocupado com o bem-estar de Eva do que Deus. Ele sugere que é a favor da liberdade, enquanto Deus é restritivo. O fato de Deus ter dado a Adão e Eva *tudo* mais para comer é deixado de lado e negligenciado. Assim ele lança suspeita sobre a bondade de Deus.

Eva não estava ciente das estratégias de Satanás, então responde ingenuamente – defendendo Deus de certa forma: "Do fruto das árvores do jardim

podemos comer" (Gn 3.2). Evidentemente, ela não sabia que esse era o inimigo sobrenatural de Deus. A Escritura diz que ela foi "enganada" (2Co 11.3; 1Tm 2.14). Satanás enganou-a, aproveitando-se de sua inocência.

Mas muito embora ela não conhecesse seu inimigo, deveria ter sido capaz de resistir a este ataque. Ela tinha vantagem suficiente para fazer isso. Ela conhecia Deus. Sabia que o caráter de Deus era bom – e tão somente bom. Ela só tinha bênçãos superabundantes e generosidade irrestrita de sua mão. Estava cercada por toda a criação que grandiosamente declarava a boa vontade de Deus. Também havia recebido uma ordem clara e objetiva de Deus. E mesmo aquela ordem para não comer de uma das árvores era uma restrição agradável, para o seu próprio bem.

Eva deveria ter suspeitado do réptil falante. Ela deveria ter descoberto mais a respeito de seu tentador antes que se entregasse às suas artimanhas. Acima de tudo, deveria ter negado enfaticamente a suspeita de que Deus havia recusado alguma bondade a ela e a seu marido.

Ao contrário, sua réplica foi apenas uma refutação parcial das alegações do réptil. Ela disse: "Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais" (vs.2,3).

Vamos analisar sua resposta. Observe primeiramente que ela omitiu a palavra *todas* quando disse "Do fruto das árvores do jardim podemos comer" – sugerindo que já estava começando a perder de vista a imensa bondade de Deus. Então ela continuou, relatando a restrição que Deus havia imposto a eles, sem defender a sua bondade. E pior de tudo, ela acrescentou algo às palavras da ordem de Deus, dizendo que ele havia dito: "nem tocareis nele para que não morrais". Aparentemente, começar a perceber a restrição era duro e ela acrescentou mais severidade a isso.

O seu coração já havia seguido o seu caminho. Ela não estava defendendo Deus e sua bondade. Não estava afirmando sua gloriosa majestade e santa perfeição. Ignorou o fato de que o desejo de Deus era apenas para o seu bem. Não se sentiu ofendida com o insulto da serpente sobre o caráter de Deus. E então ela ficou nas suas mãos. Ela já estava começando a acreditar mais em Satanás do que em Deus.

A queda foi inevitável no instante em que Eva começou a duvidar. O caminho para sua ação subseqüente foi determinado por aquela dúvida em seu coração. O que se seguiu foi meramente a evidência de que a maldade já havia entrado em seu coração.

Neste ponto, Satanás sabia que havia sido bem sucedido e ele insistia em uma completa vitória. Imediatamente ele sugere que sabe mais do que Deus.

Sua próxima afirmativa é uma declaração que contradiz categoricamente a palavra de Deus e impugna os motivos divinos: "É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal" (vs.4,5). Esta negação ousada afirmou definitivamente o que Satanás anteriormente havia apenas insinuado. Agora ele calunia abertamente não apenas a bondade de Deus mas também sua verdade.

A suspeita já havia criado raízes na mente de Eva. A majestade de Deus havia sido insultada; sua bondade havia sido contestada; sua fidelidade havia sido difamada. E ela não havia respondido com fé. Então Satanás continuou em direção ao seu golpe mortal.

"Deus é mentiroso", ele disse. "Ele enganou você, tirou sua liberdade e restringiu sua alegria e prazer." A mentira de Satanás ainda é a mesma nos dias de hoje: "Você pode ser livre. Fazer tudo aquilo que desejar. É a sua vida. Não há leis divinas; nenhuma autoridade absoluta; e acima de tudo, nenhum julgamento. Certamente não morrereis".

Neste momento Eva se viu diante de uma escolha clara. Ela poderia ou acreditar em Deus ou acreditar no diabo. Essa é a mesma escolha que tem confrontado a humanidade desde então. Quem está dizendo a verdade? Deus ou Satanás? Deus deseja impor restrições indevidas a você? Ele deseja tolher sua liberdade e minimizar sua alegria? Se Deus é assim, Satanás insinua, Deus não o ama. Ele não deve merecer crédito.

A mentira é a mesma ainda hoje. A autoridade de Deus é freqüentemente retratada como muito restritiva, destruidora da liberdade humana e em detrimento de nosso bem-estar. Nas palavras de E. J. Young:

> A psicologia moderna, podemos ouvir o tentador dizer, trouxe à luz os recessos mais profundos da alma humana. Essa alma é algo muito frágil, e restringi-la e obrigá-la pela imposição de lei categórica é danificá-la. A alma deve ser livre para se desenvolver e se expressar, e isto ela só pode fazer por meio do amor e da liberdade. Limite e restrição, como imposição de autoridade absoluta, devem ser abandonados, se quisermos que haja algum desenvolvimento da personalidade. Você desvirtuaria sua personalidade? Se sua resposta for afirmativa, continue submetendo-se a Deus e aos seus mandamentos.[2]

Satanás estava sugerindo à Eva que a única razão para que Deus fosse tão restritivo, ao proibi-los de comer daquela árvore, era porque havia uma fa-

lha em seu caráter. Seu amor devia ser defeituoso. Ele queria impedi-los de ser tudo o que poderiam ser, impedir que fossem rivais em sua grandeza.

E então, o que Satanás fingiu oferecer a eles foi precisamente o que ele mesmo tentou obter mas não conseguiu: "sereis como Deus" (v.5).

Satanás sabia por experiência própria que Deus não tolera rivais. Deus falou através de Isaías: "Eu sou o SENHOR, este é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem, nem a minha honra, às imagens de escultura" (Is 42.8). Deus não cede seu lugar legítimo a nenhum outro. Isto é o que o torna Deus. Sua glória supera a glória de todos os outros. Não há ninguém igual a ele e todos aqueles que fingem igualdade a Deus ou buscam reconhecimento como igual a ele, ele mesmo rejeita. Isto é porque ele é santo, não porque é egoísta.

Entretanto, Satanás insinuou que isso era um ciúme mesquinho da parte de Deus. Como se Deus devesse evitar que Adão e Eva se desenvolvessem ao máximo, para evitar que se tornassem uma ameaça ao Todo-poderoso. A insinuação é absurda, mas para Eva foi um pensamento encantador. Talvez ela tenha pensado que era uma aspiração nobre ser igual a Deus. Ela deve ter-se convencido de que era um desejo nobre.

A falsa promessa do réptil ("sereis como Deus") é a semente de toda falsa religião. Numerosas religiões, do Budismo ao Mormonismo, são baseados na mesma mentira. É uma distorção da verdade. Deus deseja que sejamos iguais a ele no sentido de compartilharmos dos seus atributos comunicáveis – santidade, amor, misericórdia, verdade, fidelidade e outras expressões de sua justiça. Mas o que Satanás tentou fazer – e o que ele tentou fazer com que Eva fizesse – foi intrometer-se num domínio, num reino, numa esfera que só pertence a Deus e usurpar seu poder, sua soberania e seu direito de ser adorado. E essas coisas são proibidas a qualquer criatura.

Observe como *Satanás* caracterizou a igualdade com Deus: "como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal" (v.5). Era uma meia-verdade perigosa. Se eles comessem o fruto, certamente conheceriam o mal, mas não como Deus conhece. Eles o conheceriam por experiência própria. O que Satanás lhes apresentou como uma estrada para a satisfação e a verdade era, na realidade, um desvio para a destruição. "Há caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá em caminhos de morte" (Pv 14.12).

A SEDUÇÃO

Tiago 1.13-15 diz: "Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta. Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e se-

duz. Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte". Esse processo já estava em andamento em Eva.

O pecado na mente começa a trabalhar as emoções. Isso incita o desejo, que produz a ação.

Gênesis 3.6 diz: "Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu". O objetivo de Eva havia se transformado em auto-satisfação e pela primeira vez, seu próprio interesse e satisfação a dominaram. *O pecado já havia sido concebido em seu coração.* Agora, aquele pecado estava começando a operar nela para trazer à tona a realização do ato malévolo. Mas ela já era culpada, pois havia pecado em seu coração. Jesus ilustrou este princípio quando disse: "Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela" (Mt 5.28).

Eva viu três aspectos do fruto proibido que a seduziu. Primeiro, "a árvore era boa para se comer". Nós não temos idéia do tipo de fruto que era. Freqüentemente é retratado como uma maçã, mas o texto não diz que era uma maçã. A variedade específica da fruta não é importante. O que é importante é que Eva foi seduzida pelo seu *apetite físico*. Esta não era uma fome legítima. Havia muita comida no jardim se Eva estivesse com fome. Era um apetite ilícito. Era uma luxúria da carne, provocada por um descontentamento egoísta e falta de confiança em Deus – como se ele estivesse escondendo alguma coisa boa dela.

Em segundo lugar, ela viu que "era agradável aos olhos". Esta sedução apelava para seu *apetite emocional*. A fruta excitava seu senso de beleza e outras paixões. Não que não houvesse muitas outras frutas atraentes no jardim. Havia uma rica variedade de cores, formas, tamanhos e todos pareciam bons. Mas Eva ficou concentrada *nesta* fruta porque Satanás havia plantado a idéia em sua mente que ela representava algo bom que Deus estava escondendo dela. À medida que a cobiça crescia em seu coração, o fruto proibido parecia cada vez melhor.

Em terceiro lugar, ela viu "a árvore desejável para dar entendimento". Isto era um apelo ao seu apetite intelectual. Um orgulho incipiente a fez sonhar com o "entendimento" que viria com o conhecimento do bem e do mal. Ela desejava aquele conhecimento e foi tentada pela falsa promessa de que a faria igual a Deus.

Assim foi seduzida pela "concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida" – tudo que há de mal neste mundo (1Jo 2.16,17). A tentação sempre vem através de uma ou mais dessas três categorias. Quando Satanás tentou Cristo, ele o incitou a transformar pedras em pães (Mt 4.3). Es-

te era um apelo à concupiscência da carne. O diabo também mostrou a Cristo todos os reinos do mundo e suas glórias, prometendo-lhe autoridade sobre eles (vs.8,9). Este foi um apelo à concupiscência dos olhos. E ele o colocou no pináculo do templo (v.5), atraindo-o para a soberba da vida. Por esta razão, Hebreus 4.15 diz: "[Ele] foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado".

O PECADO

Finalmente, como era presumível, a dúvida e a cobiça na mente de Eva abriram caminho para um comportamento malévolo. Quando o pecado penetra na mente, nas emoções e no desejo, ele *sempre* se manifesta na forma de ações pecaminosas.

Gênesis 3.6 diz: "tomou-lhe do fruto e comeu". Foi um ato simples com um grande impacto. Encorajada por seu próprio pecado – talvez aliviada pelo fato de que não tivesse morrido instantaneamente, "deu também ao marido, e ele comeu".

Adão aparece, de onde, não sabemos, e descobrindo que sua mulher já havia desobedecido ao mandamento do Senhor, compartilha com ela. Não há registro de como Adão foi induzido a fazer isso. Nós podemos supor que Eva relatou as palavras da serpente a ele. Ela também pode tê-lo induzido, contando quão agradável o fruto proibido era (As Escrituras afirmam que há prazeres transitórios no pecado – Hb 11.25). De qualquer forma, Adão não parece ter precisado ser convencido. É irônico que aquela que Deus havia dado a Adão para ser sua *auxiliadora* tivesse se tornado o instrumento de desgraça e morte para ele.

Mas a culpa de Adão foi maior, e não menor, que a de Eva. E através da Escritura, Adão é aquele que é culpado pela queda (Rm 5.12-19; 1Co 15.22). Eva foi tremendamente culpada, obviamente. Mas ela foi enganada; Adão desobedeceu deliberadamente (1Tm 2.14). Como representante da raça humana, ele carrega a total responsabilidade pela queda e seus atos foram determinantes para toda a sua descendência.

Como a culpa e a corrupção de Adão causada pelo seu pecado passaram a sua descendência? As Escrituras não dizem expressamente. Mas para nós é suficiente saber que isso aconteceu. Uma vez tendo Adão comido o fruto, o princípio de degradação e morte começou a governar a criação. E toda a raça humana foi lançada no mal. O próprio Deus teria que se tornar um homem e morrer de modo a desfazer isso.

Adão e Eva nunca poderiam ter imaginado o impacto de seu pecado. Talvez Satanás tivesse alguma idéia disso e se divertido com isso. Certamente Deus sabia e, mesmo assim, permitiu que isso acontecesse para que pudesse demonstrar sua glória em destruir o mal.

A VERGONHA

Agora que Adão e Eva conheciam o mal por experiência própria, suas mentes estavam abertas para uma nova forma de pensar. Eles estavam suscetíveis aos maus pensamentos. Eram levados por desejos do mal. Não desejavam mais a amizade com Deus da mesma forma que antes. E acima de tudo, tinham consciência de sua própria culpa.

A serpente lhes havia prometido eles esclarecimento – "se vos abrirão os olhos" (Gn 3.5). O que eles receberam foi uma caricatura horrivelmente distorcida de esclarecimento. Os olhos se abriram apenas num aspecto negativo. Seus olhos foram abertos para o significado de culpa, mas isso fez com que quisessem esconder seus olhos com vergonha. E na verdade, isso os levou a um estado de cegueira espiritual da qual nunca puderam se recuperar sem um milagre de regeneração divinamente programado.

O seu conhecimento do mal também era real – mas não era nada como o de Deus. Um oncologista saudável "conhece" um câncer, e com uma sabedoria e uma objetividade que ultrapassa o conhecimento que seu paciente tem por experiência. Mas a pessoa que está morrendo de câncer também "conhece" de uma forma íntima – mas que também é destrutiva. Adão e Eva agora tinham um conhecimento do mal que era como o conhecimento sobre o carcinoma de um paciente de câncer terminal. Este não era o tipo de esclarecimento que Satanás levou Eva a crer que obteria. Ela e Adão *não* se tornaram como Deus, mas o contrário.

O pecado destruiu instantaneamente sua inocência. Eles sentiram isto fortemente. Repentinamente estavam conscientes de sua culpa. Eles se sentiram expostos. Isto se manifesta na vergonha a respeito de sua nudez. Mesmo o dom sagrado de seu relacionamento físico estava contaminado com uma sensação de vergonha. A pureza desse relacionamento havia se perdido. Agora estavam presentes pensamentos impuros e maus que nunca tinham conhecido antes.

E nesse estado de vergonha consciente, "coseram folhas de figueira e fizeram cintas para si" (v.7). Este foi um esforço nobre para cobrir seu pecado e mascarar sua vergonha. Desde então, as roupas têm sido uma expressão universal da modéstia humana. É certo e adequado que o homem decaído queira cobrir sua vergonha. Nudistas e antropólogos estão errados quando tentam mos-

trar a nudez pública como uma volta à inocência e nobreza. A nudez não recupera a inocência do homem caído; apenas revela uma negação da vergonha que devemos sentir. É apropriado que aqueles que carregam a culpa do pecado devem cobrir-se. E o próprio Deus demonstrou isto quando matou animais para utilizar suas peles como vestimentas para o casal que havia caído (v.21).

Na verdade, isto foi o objeto gráfico de uma lição, mostrando que *somente* Deus pode prover uma cobertura adequada para o pecado, e que o derramamento de sangue é uma parte necessária do processo (Hb 9.22).

Assim como Lúcifer, Adão e Eva se afastaram tanto que já não havia nada de bom neles (Gn 6.5; Jó 15.14-16; Ef 2.1-3; Rm 7.18; 8.7,8). Nada na vida nem no mundo seria o mesmo novamente. O próprio Deus amaldiçoou a Terra, de tal forma que os espinhos agora cresciam naturalmente e as árvores frutíferas tinham que ser cultivadas. Agora uma multidão de tristezas, o aumento de dores no parto, sofrimentos, trabalho árduo, doença e morte assolavam toda a criação. Liberou-se uma avalanche de pecado que nunca mais iria parar.

Epílogo

BÊNÇÃOS DA MALDIÇÃO

Gênesis 3.8-21

Seria fácil considerar a queda de Adão como um final decepcionantemente amargo para a história da criação. A perfeição da gloriosa criação de Deus está destruída. A humanidade, criada à imagem de Deus, está decaída. A morte e a deterioração agora infectam todo tipo de vida. No final de Gênesis 3, Adão e Eva são expulsos do paraíso e enviados para um mundo hostil, maldito pelo pecado.

Mas Gênesis 3 não é apenas um final triste para a história da criação, é também o glorioso começo da saga da redenção que permeia o resto das Escrituras. Gênesis 3 contém a primeira promessa de um Libertador, e o resto da Bíblia se destina a contar a história de como Deus, por intermédio de seu Libertador, finalmente redime a humanidade decaída e o resto da criação do estado de maldição no qual se encontravam mergulhados em função do pecado de Adão. O registro da redenção se torna então o verdadeiro capítulo de desfecho do relato da criação – dando-lhe um final mais glorioso e edificante do que qualquer mente humana sequer poderia inventar.

Na verdade, a história da Nova Criação de Deus é mais esplêndida do que todas as belezas juntas da primeira criação. É uma história triunfante da divina graça – a misericórdia e bondade de Deus, sem que mereçamos nem tenhamos que dar nada em troca por isso, para os pecadores que não merecem nada além de condenação.

Deus não tem obrigação de redimir Adão nem qualquer descendência dele. É significativo que, quando Satanás liderou a rebelião dos anjos, aqueles que pecaram tenham sido sumariamente expulsos do céu e imediatamente condenados ao castigo eterno. Não se impôs nenhuma condição para sua redenção. Não lhes foi feito nenhum chamado ao arrependimento. Nenhum redentor foi enviado para salvá-los. Foram imediatamente e irremediavelmente condenados ao inferno.

Deus poderia ter feito o mesmo com a humanidade, e ninguém jamais poderia ter condenado sua justiça. Ele não deve misericórdia a ninguém. Na verdade, a justiça requer a punição de pecadores, e não sua redenção.

Mas as Escrituras ensinam que Deus é "perdoador, clemente e misericordioso, tardio em irar-se e grande em bondade" (Ne 9.17). E em sua graça, antes da fundação do mundo planejou redimir uma multidão inumerável de pessoas de seus próprios pecados (Ef 1.4,5; 2Tm 1.9,10). O esforço para realizar este plano começa em Gênesis 3, quando Deus confrontou Adão pela primeira vez depois de ter pecado.

A partir do momento em que pecaram, Adão e Eva ficaram conscientes de que algo estava bastante errado. Sentiram culpa e vergonha. É por isso que tentaram tão desesperadamente cobrir sua nudez cosendo roupas rudimentares de folhas de figueira. A Bíblia também acrescenta: "Quando ouviram a voz do SENHOR Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do SENHOR Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim" (Gn 3.8). Agora temiam o que antes lhes dava grande prazer: "a presença do SENHOR". Os pecadores sempre desprezam sua presença, porque sabem que não podem permanecer diante de tanta santidade.

Mas embora estivessem se escondendo, Deus já estava procurando por eles, com intento misericordioso. "E chamou o SENHOR Deus ao homem e lhe perguntou: Onde estás?" (v.9). Isto não significava que Deus não sabia onde estavam. Não há nada que ele não saiba. Ele sabe certamente o que está no coração do homem. "Ele, que conhece os segredos dos corações?" (Sl 44.21). "E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas" (Hb 4.13).

A pergunta de Deus para Adão não foi feita para obter informações, foi feita para sondar a consciência de Adão por amor a ele – para obter uma confissão.

"Ele respondeu: Ouvi a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo, e me escondi." É importante que a razão de seu medo estivesse nele mesmo, não em Deus, segundo a própria declaração de Adão. Observe que Deus veio até o jardim como sempre fazia antes – não com uma fúria abrasadora, mas gentilmente, com bondade, andando no frio do dia, ansioso para compartilhar sua bondade com suas criaturas e desfrutar da companhia deles.

Mas a possibilidade de estarem juntos não foi afastada pelo pecado e a pergunta de Deus para Adão foi feita para conseguir que Adão confessasse o que tinha acontecido. "Perguntou-lhe Deus: Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses?" (Gn 3.11).

A resposta de Adão tenta desviar a culpa: "Então, disse o homem: A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi" (v.12). Observe a acusação ligeiramente sutil a Deus. Adão insinuou que Deus era pelo menos parcialmente culpado porque, afinal de contas, foi ele quem criou Eva. E Eva devia ser responsável por induzir Adão a agir. Somente depois que estabeleceu uma falsa hierarquia de culpa, Adão finalmente disse: "Eu comi".

Era uma tentativa patética de fugir da responsabilidade pelo seu próprio pecado, mas é típica do pecador quando é defrontado com sua culpa. Adão pecara deliberadamente. Ao contrário de Eva, ele não foi enganado (1Tm 2.14). Ele deveria ter reconhecido sua culpa e confessado o que fizera, mas, ao invés disso, tentou de todo jeito minimizar sua culpa.

"Disse o SENHOR Deus à mulher: Que é isso que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente me enganou, e eu comi" (Gn 3.13). Literalmente falando, a confissão de Eva era verdadeira, mas os fatos não a isentavam da culpa. A serpente a enganara. Mas ela tinha desobedecido deliberadamente e de forma egoísta um mandamento claro de Deus.

A resposta de Deus ao pecado de Adão e Eva foi uma tripla maldição. Ele falou primeiro com a serpente, depois com a mulher e finalmente com o homem. Descreveu, uma de cada vez, as conseqüências do pecado para cada um:

> Então, o SENHOR Deus disse à serpente: Visto que isso fizeste, maldita és entre todos os animais domésticos e o és entre todos os animais selváticos; rastejarás sobre o teu ventre e comerás pó todos os dias da tua vida. Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. E à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará. E a Adão disse: Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses, maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo. No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás (Gn 3.14-19).

Essa maldição inclui um número significativo de detalhes. A serpente foi condenada a rastejar seu ventre no pó da terra. Aparentemente, antes dessa maldição, as serpentes tinham pernas como outros répteis. Agora seriam criaturas que rastejam, representam tudo que é repulsivo, temido e evitado

pelos humanos, "maldita és entre todos os animais domésticos e o és entre todos os animais selváticos".

Observe a implicação sutil: os animais domésticos e os animais selváticos também foram amaldiçoados. Na verdade, toda a criação foi afetada pelo pecado de Adão – "sujeita à vaidade" (Rm 8.20). Ervas daninhas e espinhos iriam, de agora em diante, infestar a terra. Dor, cansaço e suor iriam tornar a vida difícil. E isto não é de forma alguma uma lista exaustiva de efeitos negativos da maldição. Além dos problemas expressamente nomeados em Gênesis 3, um número de outros infortúnios tornou a vida humana difícil a partir daí. Por exemplo, vírus e germes nocivos, doenças, desastres e corrupção de todos os tipos também se originam da maldição divina. Calamidade, dor, brigas e outras dificuldades se tornaram inevitavelmente parte da vida humana. Insetos e outras criaturas ultrapassaram seus propósitos benéficos iniciais e se tornaram pestes desagradáveis. A própria natureza geralmente se torna destruidora, com enchentes, terremotos, secas, fomes e outros desastres naturais. Isto porque toda a criação "geme e suporta angústias até agora" (Rm 8.22), esperando pela consumação da obra redentora de Deus.

A mulher seria afligida com dores de parto. Esta dor seria uma lembrança perpétua de que a mulher ajudou a conceber o pecado na raça humana e o transmite para seus filhos. O Senhor também lhe disse que dali em diante teria de se sujeitar à autoridade de seu marido.

E então o Senhor disse a Adão que estava condenado a uma vida de trabalho e suor, cultivando a terra amaldiçoada, à qual voltaria um dia depois da morte.

Assim Adão e Eva foram desonrados e envergonhados e sua vida se tornou difícil. Mais precisamente, foram condenados à morte, do modo como Deus lhes havia prevenido anteriormente.

E mesmo assim, no meio de tudo isto, temos uma prova clara da graça divina para com Adão e Eva. As próprias palavras da maldição na verdade deram ao casal amaldiçoado muitos motivos para ter esperança. Vejamos algumas das bênçãos provenientes da maldição.

A CERTEZA DA SOBREVIVÊNCIA DA HUMANIDADE

Primeiramente, as palavras de Deus para Eva indicam claramente que a humanidade como uma raça iria sobreviver. Eva daria à luz a descendência de Adão. Mesmo que as dores acompanhassem o nascimento de filhos, a própria menção de que filhos nasceriam provava que Deus não iria destruir Adão e Eva, nem o futuro da raça humana juntamente com eles.

Isto era uma certeza notável. Lembre-se, a primeira advertência de Deus para Adão e Eva parecia sugerir que iriam morrer instantaneamente, se comessem o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal: "o dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gn 2.17). Como sempre, a palavra de Deus para Adão foi perfeitamente cumprida. Espiritualmente, nossos primeiros pais realmente morreram no mesmo dia em que dividiram o fruto proibido. Mas fisicamente, suas vidas foram graciosamente prolongadas.

Deus poderia simplesmente ter executado o casal imediatamente e de modo sumário no mesmo momento em que pecara. Ao invés disso, poupou a raça humana da aniquilação completa. De certa forma, a própria vida humana se tornou um processo de morte. Mas Adão e Eva não sofreram destruição instantânea (Na verdade, Adão viveu 930 anos – Gn 5.5). E como resultado, eles e sua descendência foram graciosamente presenteados com a oportunidade de arrependimento e salvação.

Assim que Adão e Eva ouviram as amargas palavras da maldição, uma tremenda onda de alívio deve ter passado por eles. Embora agora conhecessem o trabalho pesado e o sofrimento, tinham, entretanto, a promessa de uma posteridade para sua raça.

Na verdade, imediatamente depois de registrar as palavras da maldição, a Bíblia diz: "E deu o homem o nome de Eva a sua mulher, por ser a mãe de todos os seres humanos" (Gn 3.20). Obviamente, Adão concluiu das palavras de Deus grandes promessas para o futuro de sua raça. Tinha encontrado claramente motivo para esperança, mesmo na maldição.

A GARANTIA DA DESTRUIÇÃO DE SATANÁS

Uma segunda razão para esperança encontra-se nas palavras de Deus sobre a serpente. A maldição que Deus lançou contra o réptil inclui a profecia de que a descendência da mulher iria esmagar a cabeça da serpente. "Descendência" não se refere à descendência em geral, porque a expressão traduzida "Este te ferirá a cabeça" em Gênesis 3.15 se refere claramente a uma pessoa específica. Sabemos pelo resto das Escrituras – e pelo próprio cumprimento da promessa – que isto só pode ser uma referência a Cristo, o filho de Deus encarnado. Ele era a descendência da mulher. E embora a serpente fosse ferir seu calcanhar (o que causaria sofrimento e dor), ele iria esmagar a cabeça da serpente (o que significa um golpe fatal).

O verdadeiro significado da profecia vai além do simples réptil para um ser com espírito que habita na serpente. Em outras palavras, esta é a garantia da destruição definitiva de Satanás. Trata-se do triunfo final de Deus sobre

todo o mal. Era uma outra razão para que Adão e Eva tivessem esperança. Aquele que destruíra o paraíso iria ser destruído.

A profecia ecoou nas palavras de encorajamento de Paulo à igreja em Roma: "E o Deus da paz, em breve, esmagará debaixo dos vossos pés a Satanás"(Rm 16.20). A destruição de Satanás dá a todos os crentes razão para ter esperança. Sua queda não significa apenas o triunfo final de Deus sobre todas as obras do mal, mas representa especialmente a reversão total da queda de Adão. Em outras palavras, a promessa de salvação da maldição do pecado estava implícita na profecia sobre a destruição da serpente.

Hebreus 2.14 diz que esta é a própria razão pela qual Cristo se tornou humano: "para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo". A primeira epístola de João diz: "Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo"(1Jo 3.8). E bem no final da história da redenção, o próprio Satanás será "lançado para dentro do lago de fogo e enxofre", onde será atormentado "de dia e de noite, pelos séculos dos séculos" (Ap 20.10).

Tudo isto estava implícito na maldição e forneceu a Adão e Eva uma outra firme âncora para suas esperanças.

A PRIMEIRA PROMESSA DE UM REDENTOR

Mas a maior bênção que está ligada à maldição é a promessa do Cristo, o Redentor, a descendência da mulher – o único que poderia esmagar a cabeça da serpente. Vejamos o que está revelado sobre ele aqui.

Primeiramente, ele seria a descendência da *mulher*. Esta é uma linguagem significativa, porque normalmente quando se fala de descendência, fala-se da descendência dos pais. Isto parece ser uma sutil referência ao nascimento virginal de Cristo. Ele era descendente de uma mulher, particularmente, mas Deus era seu único Pai (Lc 1.34,35).

Em segundo lugar, haveria inimizade entre ele e a serpente. "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gn 3.15). Isto significa o conflito contínuo entre Satanás e Cristo. Satanás, o destruidor de almas humanas, se opõe a Cristo, o Salvador do mundo. O maligno odeia o Santo e, conseqüentemente, se colocou, juntamente com "sua descendência" – todos aqueles que pertencem ao seu reino (demônios e humanos) – contra a descendência da mulher.

Em terceiro lugar, a descendência da mulher iria sofrer. Satanás iria ferir seu calcanhar. Isto se refere ao sofrimento de Cristo na cruz. "Mas ele foi

traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniqüidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados" (Is 53.5).

E por fim, o Salvador iria triunfar. Iria terminar para sempre com a inimizade, esmagando a cabeça da serpente. Satanás, a serpente, fez o que pôde para destruir Cristo, mas no final deixou apenas um ferimento que iria sarar. Cristo ressurgiu dentre os mortos em triunfo, alcançou redenção para a raça decaída de Adão, destruindo as obras do diabo. E com este ato selou a derrota final de Satanás, esmagando a cabeça da serpente como prometido.

Lembre-se, o primeiro vislumbre de esperança de que tudo isso ocorreria resplandeceu, em todos os lugares, na maldição lançada por Deus depois que Adão pecou! E a partir daí, o resto das Escrituras simplesmente preencheu as lacunas no drama da redenção.

Como Cristo redimiu os pecadores de seu pecado? Em primeiro lugar, ele carregou seus pecados. Ele assumiu a culpa do pecado sobre si e foi punido por isso. É por isso que se permitiu que Satanás o "ferisse". Pedro escreveu: "carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados" (1Pe 2.24). Isaías, o profeta, prevendo a crucificação de Cristo, escreveu: "Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniqüidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados" (Is 53.4,5). O escritor do livro de Hebreus diz: "Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos" (Hb 9.28).

O apóstolo Paulo, numa linguagem surpreendente, diz: "Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós" (2Co 5.21). Deus tomou seu próprio filho, sem pecado e sem mácula, e lhe imputou a culpa de nosso pecado e depois o puniu por isso! Isaías escreveu: "Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar" (Is 53.10).

Então, não foi apenas a serpente que feriu a semente da mulher, mas o próprio Deus desferiu contra Cristo um terrível golpe, derramando sobre ele toda sua fúria contra o pecado na pessoa de seu inocente filho, que carregou um mundo de culpa que não lhe pertencia.

Este é o evangelho. São boas novas, e Deus começou a revelá-lo à humanidade decaída antes mesmo que terminasse sua primeira maldição contra o pecado!

Isto não é tudo. Como Cristo pagou a dívida do pecado no lugar de todos que nele crêem, seus pecados foram perdoados, e mais ainda: a própria justiça de Cristo – o mérito total desta vida sem mácula nem pecado – lhes é imputada.

Eles acreditam nisto pela fé. Este é o outro lado de 2 Coríntios 5.21: "Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, *fôssemos feitos justiça de Deus*" (grifo nosso). Assim, ele reverte completamente os resultados da queda de Adão. "Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos" (Rm 5.19).

Em outras palavras, estamos revestidos da justiça de Cristo. Há uma bela representação disso em Gênesis 3, quando, depois de lançar a maldição, Deus graciosamente dá a Adão e Eva roupas mais adequadas do que as folhas de figueira que eles coseram. Gênesis 3.21 diz: "Fez o SENHOR Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher e os vestiu". Ou seja, Deus sacrificou um animal – o primeiro sacrifício de sangue, simbolizando o custo da expiação por sangue – e cobriu suas vergonhas com a pele tirada daquele sacrifício.

De modo semelhante, Cristo, cujo sangue sacrificial foi derramado por nós na cruz, nos oferece sua própria justiça como vestimenta que cobre todos que nele crêem como Salvador.

Novamente, compreendemos esta justiça pura e perfeita de Cristo pela fé. Isto significa que não pode ser adquirida por mérito humano: "ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça... Deus atribui justiça, independentemente de obras" (Rm 4.5,6). Tentar ganhar justiça por intermédio de seu próprio mérito é o equivalente espiritual a fazer roupas com folhas de figueira. Nossa própria "justiça" é uma cobertura barata e ineficaz para o pecado. Esta auto-justiça é como vestir trapos de imundícia ao invés de vestes limpas (Is 64.6).

Aqueles que continuam na descrença, assim como aqueles que insistem em tentar obter mérito com Deus por intermédio de suas próprias obras, não encontrarão redenção como efeito da queda de Adão. "E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos" (At 4.12). Jesus disse: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6).

PREZADO LEITOR:

Não posso encerrar este livro sem desafiá-lo a examinar a si mesmo para ver se você está na fé (2Co 13.5) – vestido com a justiça de Cristo. E se você não está confiando somente em Cristo para a salvação, eu o exorto a deixar de lado sua descrença e auto-esforço e receber humildemente a salvação que ele lhe oferece livremente.

A criação e a queda são simplesmente o prelúdio da redenção. A redenção é o verdadeiro cerne da mensagem bíblica. Mesmo se você inicialmente pegou este livro por uma curiosidade despreocupada sobre o criacionismo bíblico, acredito que Deus o trouxe até aqui neste estudo por uma razão. Ele está lhe dando a oportunidade de se reconciliar com ele (2Co 5.18-20), e como embaixador de Cristo, lhe imploro que lhe responda com uma fé contrita e de todo o coração.

Simplesmente recorra a ele de onde você estiver. Peça-lhe que perdoe seus pecados, ofereça-lhe um coração limpo, e revista-se de sua justiça. Você não precisa nem mesmo falar alto para fazer isto, porque ele conhece o seu coração. E as Escrituras prometem que "todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (Rm 10.13). Se você invocá-lo com fé, vontade e com um coração quebrantado e submisso, ele promete ouvir e fazer um milagre inovador: "Se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas" (2Co 5.17). Minha oração para você é que você conheça a realidade da Nova Criação.

NOTAS FINAIS

Introdução

1. Michael Ruse é um evolucionista que testemunhou no infame julgamento do criacionismo em Arkansas, em 1980, (McLean X Arkansas). Durante o julgamento, ele alegou que o criacionismo é uma religião porque está fundamentada em hipóteses filosóficas que não foram comprovadas. Mas o darwinismo é uma ciência, afirma ele, porque não requer nenhuma pressuposição filosófica nem religiosa. Desde então, Ruse tem admitido que estava errado e agora reconhece que a evolução "se baseia na metafísica" – fundamentada em crenças não comprovadas que não são mais "científicas" do que o conjunto de crenças no qual o criacionismo se baseia. Veja Tom Woodward, "Ruse Gives Away the Store: Admits Evolution Is a Philosophy." Encontra-se em http://www.origins.org/real/ri9404/ruse.html.
2. Carl Sagan, *ABC News Nightline*, 4 de dezembro de 1996.
3. Carl Sagan, *Pale Blue Dot* (Nova York: Random House, 1994),9.
4. Thomas Huxley, "Evolution and Ethics", The Romanes Lecture, 1893. Apesar de tudo, Huxley continuou tentando justificar a ética como um resultado positivo das mais elevadas funções racionais da humanidade e apelou para sua audiência para que não imitasse "o processo cósmico" nem fugisse dele, mas ao invés disso, que o combatesse – ostensivamente mantendo alguma aparência de moralidade e ética. Mas o que ele não podia fazer – o que ele e outros filósofos de sua época nem mesmo se incomodaram em tentar fazer – era oferecer qualquer justificativa, partindo do princípio da legitimidade da moralidade e da ética propriamente dita, baseada simplesmente em princípios naturalistas. Huxley e seus companheiros naturalistas não podiam oferecer nenhuma outra bússola moral do que suas próprias preferências pessoais e, como era de se esperar, todas as suas filosofias abriram as portas para uma subjetividade moral total e finalmente para a amoralidade.
5. Stephen Jay Gould, *Ever Since Darwin* (Nova York: Norton, 1977), 26.
6. Edward J. Young, *Studies in Genesis One* (Phillipsburg, N.J.: Presbyterian & Reformed, s.d.),99.
7. Ibid.

8. Marvin L. Lubenow, *Bones of Contention: A Creationist Assessment of Human Fossils* (Grand Rapids: Baker, 1992), 188-89.
9. Douglas F. Kelly, *Creation and Change* (Fearn, Ross-shire, U.K.: Christian Focus, 1997).
10. John Ankerberg and John Weldon, *Darwin's Leap of Faith* (Eugene, Oreg.: Harvest House, 1998).
11. Phillip E. Johnson, *Reason in the Balance: The Case against Naturalism in Science, Law, and Education* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1995).
12. Henry Morris, *The Genesis Record* (Grand Rapids: Baker, 1976).
13. Ken Ham, *Creation Evangelism for the New Millennium* (Green Forest, Ark.: Master Books, 1999).

Capítulo 1 - Criação: Acredite ou não

1. Ingrid Newkirk, citada em Katie McCabe, "Who Will Live and Who Will Die?" *The Washingtonian*, agosto de 1986, 114.
2. Ingrid Newkirk, citada em Chip Brown, "She's a Portrait of Zealotry in Plastic Shoes", *Washington Post*, 13 de novembro de 1983, B-10.
3. Ibid.
4. Les U. Knight [pseud.], "Voluntary Human Extinction", *Wild Earth* 1,2,(verão de 1991), 72.
5. Eles "defendem" o canibalismo, por exemplo, com slogan "Eat people, not animals" (Coma pessoas, não animais) – com a intenção de mostrar que, segundo o ponto de vista deles, comer qualquer animal é o equivalente moral do canibalismo.
6. O fato de que nós podemos levar adiante este diálogo racional, e os animais não, é por si só uma razão para acreditar que o homem está muito acima dos animais – possui sensibilidade e qualidades humanas, o que está totalmente ausente no reino animal. Veja o Capítulo 8 para uma discussão mais completa sobre esta questão.
7. Jacques Monod, *Chance and Necessity* (Nova York: A.A.Knopf, 1971), 112-13, citado em Ankerberg and Welson, *Darwin's Leap of Faith*, 21.
8. As Escrituras nos ensinam que estes eventos "aleatórios" são na verdade dirigidos pela soberana providência de Deus (Pv 16.33; Mt 10.30). Deus acaba por controlar ele mesmo todos os fatores que determinam a virada da moeda. Seja o que for, nada acontece por "acaso".
9. George Wald, "The Origin of Life, "*Scientific American* maio de 1954, 46.
10. Ibid.,48.
11. Herbert Spencer, *First Principles* (Londres: Williams and Norgate, 1862), capítulo 3.
12. Spencer sustentou que a consciência humana é uma manifestação de uma energia cósmica infinita e eterna; por conseguinte, a consciência é fundamentalmente uma realidade material, e não espiritual. Muitos evolucionistas modernos ainda sustentam este ponto de vista.
13. A "solução" de Spencer para este dilema foi considerar força como eterna.
14. Interessantemente, Spencer fala de força como "o mais importante de todos" (Ibid.,parágrafo 50).

15. Morris, *The Genesis Record*, 18.
16. Ankerberg e Weldon incluem um longo parágrafo que documenta as tentativas evolucionistas de calar e marginalizar seus colegas que não seguem a linha naturalista. Veja *Darwin's Leap*, capítulo 6, "Professional Objectivity and the Politics of Prejudice", 93-111.
17. Douglas F. Kelly, *Creation and Change*, 15-16.
18. Francis Schaeffer, citado em Kelly, *Creation and Change*, 17.

Capítulo 2 – Como aconteceu a criação?

1. *Fiat* é uma palavra do latim que significa "faça-se".
2. Um debate completo sobre as evidências geológicas da criação e do dilúvio está muito além do escopo deste livro. Mas muitas fontes excelentes que esquematizam detalhadamente estas evidências estão disponíveis em The Institute for Creation Research (http://www.icr.org) e em Answers in Genesis (http://www.answeringenesis.org). Veja também John Woodmorappe, *Studies in Flood Geology* (Santee, Calif.: Institute for Creation Research, 1999); John C. Whitcomb and Henry M. Morris, *The Genesis Flood* (Grand Rapids:, 1961); e John C. Whitcomb, *The World that Perished* (Grand Rapids: Baker, 1990).
3. Veja Rebecca Gibson, "Canyon Creation", *Creation Ex Nihilo* (setembro-novembro de 2000), 46-48.
4. Douglas F. Kelly, *Creation and Change*, 164-65.
5. Ken Ham, "Did Adam Have a Belly Button?" (Green Forest, Ark.: Masta Books, 1999) Veja também Gary Parker, "Did Adam have a belly button?" Encontra-se em http://www.answeringenesis.org/docs/1260.asp.
6. Hugh Ross, *The Fingerprint of God* (New Kensington, Pa.: Whitaker House, 1989), 96.
7. Mark Van Bebber e Paul S. Taylor, *Creation and Time: A Report on the Progressive Creationist Book by Hugh Ross* (Gilbert, Ariz.: Eden Communications, [ano]), 86-89
8. Ross, *The Fingerprint of God*, 160.
9. Van Bebber and Taylor, *Creation and Time*, 105-110. Veja também Danny Faulkner, "The Dubious Apologetics of Hugh Ross", encontra-se em http://www.answeringenesis.org/docs/4149.asp e Dr. Bolton Davidheiser, "A Statement Concerning the Ministry of Dr. Hugh Ross", encontra-se em http://www.ldolphin.org/bolton.html.
10. Hugh Ross, *Creation and Time* (Colorado Springs: NavPress, 1994), 56 (grifo nosso).
11. Ibid., 57.
12. Ross, *The Fingerprint of God*, 145.
13. Ibid., 56.
14. Ibid., 143.
15. Ibid., 159.
16. Morris, *The Genesis Record*, 45.
17. Young, *Studies in Genesis One*, 53.
18. Ross, *The Fingerprint of God*, 160.

Capítulo 3 – A luz no primeiro dia

1. Ross, *The Fingerprint of God*, 141.
2. Agostinho, *A Cidade de Deus*, 11:6.
3. Ibid.
4. Ibid.,12:10.
5. Ross, *The Fingerprint of God*, 160.
6. Morris, *The Genesis Record*, 41.
7. Ibid.,52.
8. Kelly, *Creation and Change*, 93.
9. Ibid., 52.
10. Novation, citado em Kelly, *Creation and Change*, 88.

Capítulo 4 – Quando ele demarcou os fundamentos da Terra

1. *Gregg Easterbrook*, "Science and Religion: Academics Ponder the Ties Between Faith and Fact," *Los Angeles Times*, 14 de março de 1999, 1.
2. Michael Behe, *Darwin's Black Box: The Biochemical Challenge to Evolution* (Nova York: Free Press, 1996), 39.
3. O autor utiliza uma argumentação em cima da palavra *kind*, utilizada na versão em inglês. Depois ele contrapõe com *genus* e *species*, que tive que traduzir como *gênero* e *espécie* (N. T.).
4. No original *species* (N. T.).
5. No original, *genus* e *species* (N. T.).
6. Para uma discussão interessante sobre este problema, veja Don Batten, "Ligers and wholphons? What next?" Encontrado em http://www.answersingenesis.org/home/área/magazines/docs/v22n3_liger.asp
7. No original *kind* (N. T.).
8. Morris, *The Genesis Record*, 64.
9. Ibid

Capítulo 5 – Luzeiros nos céus

1. Richard Stenger, "Sun aims powerful flares at Earth"(1° de março de 2000). Encontrado em http://www.cnn.com/2000/TECH/space/03/01/sunspots.
2. Ken Ham, "How can we see distant stars in a young Universe?" Encontrado em http://www.answeringenesis.org/docs/405.asp.
3. Easterbrook, "Science and Religion" 1.
4. C.S. Lewis, *God in the Dock* (Grand Rapids: Eerdmans, 1970),52-53.
5. C.S. Lewis, *Miracles* (Nova York: MacMillan, 1947), 21.

Capítulo 6 – Enxames de seres viventes

1. Kelly, *Creation and Change*, 208.
2. Alguém pode levantar a questão de como os paguros conseguiram obter suas carapaças antes da queda de Adão, quando não havia morte, e portanto não havia eliminação de conchas de gastrópodes. Neste ambiente, naturalmente, o caranguejo não teria necessidade de qualquer proteção dos predadores. Assim, viveram certamente fora das conchas. Mas o Criador onisciente desenvolveu nestas espécies a capacidade de adquirir a forma ideal de proteção, quando necessária.
3. Lane P. Lester, "Genetics: No Friend of Evolution." Encontrado em http://www.answeringenesis.org/docs/1356.asp.
4. Ibid.
5. A.E. Wilder Smith, *The Scientific Alternative to Neo-Darwinian Evolutionary Theory* (Costa Mesa, Clif.: Word For Today, 1987), 14-15.

Capítulo 8 – O Homem à Imagem e Semelhança de Deus

1. Para uma discussão mais completa sobre esta promessa eterna entre os membros da Deidade, veja meu livro *The Murder of Jesus* (Nashville: Word, 2000), 78-80 [publicado pela Editora Cultura Cristã com o título *A Morte de Jesus*].
2. Os anjos também podem ter algum traço da imagem de Deus, porque a Bíblia diz que o povo redimido em seu estado glorificado será "como os anjos nos céus" (Mc 12.25). Freqüentemente, também se referem aos anjos nas Escrituras como "os filhos de Deus"(Jó 1.6), sugerindo que eles também carregam consigo a semelhança com Deus. Mas no universo material, apenas a humanidade carrega esta distinção.
3. Kelly, *Creation and Change*, 220.
4. A referência no texto é para a questão levantada na nota da introdução – a falta de qualquer fundamento para a moralidade no naturalismo.
5. John Calvin, *Institutes of the Christian Religion,* Henry Beveridge, trad.(Grands Rapids: Eerdmans, s.d.), 1.15.3,p.164.
6. Morris, *The Genesis Record*, 74-75.
7. Kelly, *Creation and Change*, 224.

Capítulo 9 – O Descanso da Criação

1. Kelly, *Creation and Change*, 237.
2. Morris, *The Genesis Record*, 80-81.
3. Ibid, 81.
4. John Calvin, *Institutes of the Christian Religion*. Ford Lewis Batles, trad. (Filadélfia: Westminster, 1940), 3.23.8, p.957

Capítulo 10 – O Paraíso Perdido

1. G.K. Chesterton, *Orthodoxy* (Londres: Lane, 1909), 22.
2. Edward J. Young, *Genesis 3* (Edimburgo: Banner of Truth, 1966), 34-35.

ÍNDICE REMISSIVO

N/O/P

Q/R/S

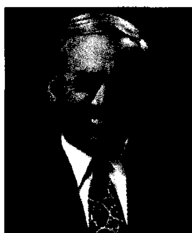
T/U/V

W/X/Y/Z

Um desafio a todos os cristãos que fazem ressalvas ao relato bíblico da criação e cortejam os falsos ensinamentos dos naturalistas, que negam o Criador, ensinando que o universo é obra do acaso, e não de Deus.

Você entende aquilo em que acredita a respeito da criação? Você poderia defender seus pontos de vista diante daqueles que negam o relato de Gênesis? Neste livro, você encontrará respostas para questões difíceis. Aprenda o que a Bíblia diz sobre como nosso universo começou.

"Graças à teoria da evolução", afirma o expositor bíblico John MacArthur, "o Naturalismo é atualmente a religião dominante da sociedade moderna. Menos de um século e meio atrás, Charles Darwin popularizou o credo dessa religião secular. O Naturalismo agora substituiu o Cristianismo como a principal religião do mundo ocidental, e a evolução se tornou seu dogma principal."



John MacArthur, Jr., pastor da Grace Community Church em Sun Valley, na Califórnia, e presidente do Master's College and Seminary, é autor de numerosos *bestsellers*, entre os quais *A Morte de Jesus, Como Ser Crente em um Mundo de Descrentes, Como Obter o Máximo da Palavra de Deus, Justificação pela Fé Somente* (Colab.), *Sola Scriptura* (Colab.), *O Poder da Integridade, Princípios para uma Cosmovisão Bíblica, Sociedade sem Pecado,* todos da Editora Cultura Cristã.

Criacionismo/Apologética/Vida cristã



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Junior, 394 – Cambuci
01540-040 – São Paulo – SP – Brasil
C.Postal 15.136 – São Paulo – SP – 01599-970
Fone (0**11) 3207-7099 – Fax (0**11) 3209-1255
www.cep.org.br – cep@cep.org.br